RACHEL REID

RIVALIDADE ARDENTE

Heated Rivalry



Alt


4
HOLLANDER
C
8

RACHEL REID

RIVALIDADE ARDENTE

Tradução
Carlos César da Silva

Alt

Rachel Reid é autora *best-seller* da série de romances de hóquei Game Changers, além de outros títulos. Ela mora na Nova Escócia, no Canadá — sempre morou lá e, ao que tudo indica, provavelmente sempre vai morar. Tem dois diplomas sem graça e dois filhos muito interessantes.

SUMÁRIO



Pular sumário [»»]

Rivalidade ardente

Meu jantar com Hayden

Este livro é dedicado ao Matt, o Frog do meu Toad.

Prólogo

Outubro de 2016
Montreal

Shane Hollander estava à beira de perder a cabeça — pelo menos, do mais perto disso a que se permitia.

Tinha suportado dois tempos e doze minutos de um dos jogos de hóquei mais frustrantes que já havia jogado. Deveria ter sido uma vitória gloriosa em casa para os Montreal Voyageurs contra seus arquirrivais, os Boston Bears. No entanto, a partida tinha sido uma humilhação de lavada: o placar estava em 4 a 1 para o time de Boston e restavam menos de oito minutos. Shane tivera nada mais, nada menos do que cinco oportunidades belíssimas de marcar ponto. Dera passes que nunca deveriam ter sido desperdiçados. Mas foram. E os Bears se aproveitaram dos erros dos Voyageurs.

Um jogador mais que qualquer outro. O homem mais odiado de Montreal: Ilya Rozanov. A rivalidade quase centenária entre os times da NHL de Montreal e Boston tinha, ao longo das últimas seis temporadas, se personificado entre Hollander e Rozanov. A animosidade intensa entre os dois era evidente até mesmo para os torcedores dos assentos mais distantes e baratos.

Hollander se abaixava no círculo do *face-off* naquele momento, de frente para Rozanov, enquanto o juiz se preparava para soltar o disco depois do segundo gol do russo naquela partida.

— Tá aproveitando a noite? — perguntou Rozanov, animado. Seus olhos cor de mel reluziam como sempre faziam quando ele enchia o saco.

— Vai se foder — rosnou Hollander.

— Ainda dá tempo de um *hat trick*, acho — ponderou Rozanov, sua fala quase incompreensível com o sotaque pesado e o protetor bucal. — Quer que eu faça agora, ou espero até o último minuto? Assim teria mais emoção, sim?

Hollander cerrou os dentes no próprio protetor bucal e não respondeu.

— Cale a boca, Rozanov — mandou o juiz. — É meu último aviso.

Rozanov parou de falar, mas conseguiu encontrar um jeito ainda mais eficiente de tirar Hollander do sério: *deu uma piscadinha*.

Logo em seguida, ganhou o *face-off*.

— Caralho! — Jean-Jacques Boiziau, o gigante haitiano-canadense da defesa dos Voyageurs, atirou o taco na parede do vestiário do time.

— Chega disso, J.J. — falou Shane, mas não havia ameaça substancial por trás de suas palavras. Para deixar claro que não estava no clima de brigar nem de discutir com ninguém, ele seguiu para sua cabine.

O parceiro de ala esquerda de Shane, Hayden Pike, se sentou ao lado dele, como sempre.

— Você tá bem? — perguntou Hayden baixinho.

— Aham — respondeu Shane, com a voz chocha. Ele tombou a cabeça para trás até ela tocar a parede gelada, e fechou os olhos.

Usar a palavra "passional" para descrever os torcedores de hóquei de Montreal seria um baita de um eufemismo. Chegava a ser absurdo o quanto a cidade amava os Voyageurs. A arena deles era um dos piores lugares para times visitantes irem jogar, porque encaravam não só um dos melhores times da liga, mas também a torcida mais barulhenta — que não tinha problema algum em deixar claro para os jogares o escopo de sua decepção.

Porém, quando os torcedores de Montreal ficavam devastados pra valer, como naquela noite, recorriam a um silêncio quase absoluto. E esse era o som de que Shane Hollander menos gostava.

— Sabe o que seria irado? — perguntou Hayden. — Sabe aquele filme, *Uma Noite de Crime*? Em que deixam as pessoas, tipo, infringirem leis e tal por uma noite, sem consequências?

— Acho que sim — disse Shane.

— Cara, se isso existisse mesmo, eu aniquilaria o Rozanov.

Shane riu. Não tinha como discordar que estraçalhar a cara convencida do russo seria no mínimo um pouco satisfatório.

O treinador entrou no vestiário e comunicou sua decepção com uma calma impressionante. Estavam bem no início do campeonato — tinha sido a primeira partida regular contra Boston na temporada — e vinham trabalhando bem na maior parte dos jogos. Aquilo tinha sido apenas uma pedra no sapato. Iriam superar.

E então chegou a hora de encarar a imprensa. Naquele momento, Shane preferiria ver uma matilha de lobos famintos adentrando o recinto, mas ele sabia que não havia meio de se esquivar dos repórteres. Era sempre especificamente com ele que queriam falar depois de todas as partidas, e sobretudo depois de jogos em que enfrentava Rozanov.

Shane tirou a camisa do time, ensopada de suor, para que a camisa de treino por baixo, com a marca da CCM, fosse vista pelas câmeras. Fazia parte de seu contrato de patrocínio.

Um semicírculo de câmeras, luzes e microfones se formou ao redor dele.

— Boa noite, pessoal — cumprimentou Shane, cansado.

Eles fizeram suas perguntas entediantes, e Shane deu respostas entediantes. O que é que poderia dizer? Eles tinham perdido. Era um jogo de hóquei, um time perdeu, e esse time foi o dele.

— Quer saber o que o Rozanov acabou de dizer sobre você? — indagou um dos jornalistas, ávido.

— Aposto que foi algo legal.

— Falou que queria que você tivesse jogado hoje.

A multidão de repórteres fez silêncio. Esperando.

Shane riu pelo nariz e sacudiu a cabeça.

— Bem, nós vamos jogar em Boston daqui a três semanas. Podem avisar a ele que eu *com certeza* vou estar lá.

Os jornalistas riram, felizes da vida por terem recebido material para publicar acerca da rixa Hollander vs. Rozanov naquela noite.

Uma hora mais tarde — depois do banho, de trocar de roupa e de até que enfim ficar sozinho —, Shane pegou o carro e foi embora. Não para a cobertura em Westmount, mas para o lugar do qual ninguém sabia.

Shane só passava algumas noites por ano no pequeno condomínio no Plateau. Era aonde ia quando queria garantir privacidade total.

Parou no estacionamento minúsculo atrás do prédio de três andares, entrou pela porta dos fundos e subiu depressa a escada até o último andar. Sabia que os outros dois estavam desocupados porque era dono deles também. Shane alugava o térreo para uma butique de utensílios de cozinha finos, que havia encerrado o expediente horas antes.

O apartamento do terceiro andar parecia ser bem o que era mesmo: um imóvel para exibição, decorado por um designer de interiores profissional. Tecnicamente, era o apartamento que seria usado como modelo para vender este e o de baixo. Isso se Shane tivesse interesse em vendê-los. O que, ele disse a si mesmo, sem dúvidas faria. Em breve.

Vinha se dizendo isso havia mais de três anos.

Shane foi até a geladeira de aço inoxidável e pegou uma das cinco garrafas de cerveja — as únicas coisas no refrigerador impecável. Tirou a tampa e se sentou no sofá de couro preto na sala de estar.

Ficou em silêncio, tentando ignorar a maneira como seu estômago se embrulhava em noites assim. Bebeu a cerveja depressa, torcendo para o álcool pelo menos ajudar a entorpecer a decepção que sentia consigo mesmo. A repulsa de sua própria fraqueza. Ele precisava abafar tudo porque sabia que não faria nada para consertar esse caos. Fazia seis anos que tentava.

A batida na porta veio quase quarenta minutos depois. Tinha se passado tanto tempo que Shane por pouco não convencera a si mesmo a ir embora. Botar um ponto-final naquela babaquice. No entanto, é claro, não tinha feito isso. E, mesmo se a batida tivesse demorado horas mais, Shane ainda assim estaria sentado naquele sofá, à espera.

Ele abriu a porta.

— Caralho, por que demorou tanto? — perguntou, resmungando.

— A gente saiu pra comemorar. Tivemos uma grande vitória hoje, sabe como é.

Shane recuou para deixar o russo alto e sorridente entrar no apartamento.

— Vim embora assim que deu — falou Rozanov em um tom menos provocativo. — Não queria chamar a atenção, né?

— Claro.

E foi a última palavra que Shane falou antes de a boca de Rozanov se chocar com a sua.

Shane agarrou a jaqueta de couro dele com as duas mãos e o puxou para mais perto, beijando-o até perder o fôlego.

— Quanto tempo você tem? — indagou Shane depressa quando eles se soltaram para respirar.

— Umas duas horas?

— Merda. — Ele beijou Rozanov mais uma vez, com força e sede. Meu deus, como precisava daquilo. Daquela coisa péssima e absurda.

— Você tá com gosto de cerveja — falou Rozanov.

— E você tá com gosto daquele chiclete horrível que você masca.

— É o que me ajuda a não fumar!

— Cala a boca.

Eles agarraram e direcionaram um ao outro até chegarem ao quarto, onde Shane jogou Rozanov com força na parede e continuou a beijá-lo. Sentiu o deslizar familiar da língua do rival em sua boca, e passou a própria língua sobre dentes que tinham sido consertados e substituídos sabe-se lá quantas vezes.

Ele queria muita coisa naquela noite, mas os dois não tinham tempo para tanto assim. Rozanov o agarrou e o empurrou para a cama; Shane observou o outro homem largando a jaqueta no chão e tirando a camisa. Havia uma corrente de ouro presa, torta, ao redor do pescoço de Rozanov; o crucifixo brilhante estava colado na clavícula esquerda logo acima da famosa (e ridícula) tatuagem de um urso-cinzento rosnando ("Pela Rússia! Eu fiz antes de jogar pelos Bears!") no peito. Shane faria piada dela mais tarde. Naquele instante, só conseguia assistir a Rozanov se despindo, e tarde demais se deu conta de que deveria estar fazendo o mesmo.

Os dois tiraram tudo, e Rozanov caiu em cima de Shane, beijando-o e movendo a mão para baixo para agarrar o pau, já vergonhosamente duro. Shane se arqueou para o toque, fazendo sons bobos e desesperados.

— Relaxa, Hollander — disse Rozanov, roçando a orelha de Shane com os lábios —, vou te comer do jeito que você quer, sim?

— Sim. — Shane suspirou, sendo tomado por uma mistura de alívio e humilhação.

Rozanov deslizou por seu corpo, beijando, chupando, lambendo, até chegar ao pau de Shane. Não se demorou mais com provocações. Botou tudo na boca, e Shane se sentiu grato por estarem sozinhos no prédio, porque seu gemido ecoou pelo quarto escassamente decorado.

Ele se ergueu sobre os cotovelos para conseguir observar. Parte dele queria se reclinar na cama e fechar os olhos, se deixar acreditar que era *qualquer outra pessoa* que não Ilya Rozanov lhe dando tanto prazer. Mas a maior parte dele queria ver *exatamente* quem era.

Rozanov era um homem estonteante. Cachos castanho-claros que sempre estavam desgrenhados caíam sobre seus olhos cor de mel e as sobrancelhas escuras e grossas. O maxilar firme e o queixo pontudo estavam cobertos de barba por fazer. Seu sorriso era levemente torto e moroso, e os dentes, brancos de um jeito nada natural devido ao fato de a maioria não ser de verdade.

O nariz era torto, por ter sido quebrado mais do que apenas algumas vezes, mas essa porra só servia para lhe dar um quê ainda mais sisudo. E para um russo que morava em Boston, sua pele era muito mais dourada do que tinha qualquer direito de ser.

Shane o odiava pra caralho. Mas Rozanov chupava bem pra caramba, e ele, por algum motivo, estava disposto.

Shane odiava *aquilo*, mas havia pelejado muito para proteger o que tinha, e continuaria a fazê-lo contanto que Rozanov estivesse disposto. Com a vida que levavam, não era algo fácil de se conseguir. Talvez, quando começaram, sete anos antes, os dois não esperassem que suas vidas, a famosa rivalidade, chegariam ao ponto em que se encontravam atualmente. Talvez já devessem ter parado àquela altura. Contudo, apesar de ser bem errado, também era confortável. Era familiar. E era o mais perto de algo seguro que qualquer um dos dois teria um dia.

Era só isso.

Rozanov continuou com a boca talentosa no pau de Shane, que pegou o lubrificante de cima da cômoda bem equipada e o jogou na cama. Rozanov pegou a bisnaga sem parar o que estava fazendo e botou um pouco nos dedos para começar a abrir Shane.

Essa nunca era a parte favorita de Shane, porque ele sempre se sentia vulnerável pra cacete. Se sentia fraco e ridículo todas as vezes que ficavam juntos daquela maneira, mas a sensação sempre aumentava quando Rozanov enfiava os dedos nele. Em consequência, a preparação costumava levar um tempinho.

Rozanov, por outro lado, sempre parecia em plena tranquilidade. Ele era bom naquilo, e sabia. Tirou o pau da boca com uma lambida na cabeça

que deixou Shane todo arrepiado e falou:

— Relaxa, sim? Não é muito tempo, mas é suficiente.

Shane respirou fundo e expirou devagar. Odiava tanto aquela voz no gelo e nas entrevistas que via na televisão, em que Rozanov o ridicularizava com um tom irritante de provocação. Porém, ali, na cama, o timbre de Rozanov era paciente e gentil, a voz era suave e o sotaque ia se enrolando com elegância na língua estrangeira.

Shane relaxou enquanto Rozanov o abria com dedos firmes e plantava beijos de língua na parte interior de suas coxas. Quando ficou pronto, Shane deu uma camisinha para Rozanov sem dizer nada antes de se virar e ficar de quatro. Não conseguia olhar para ele. Naquela noite, não. Não depois da derrota humilhante.

Rozanov pareceu entender. Entrou em Shane com cuidado, não com a selvageria que adotara tantas vezes antes. Seus movimentos eram lentos e cautelosos. Shane sentiu as mãos grandes em seus quadris e na cintura, segurando-o firme enquanto Rozanov botava para dentro. Sentiu até mesmo os dedos de Rozanov roçando gentilmente na sua lombar.

— Pronto. Isso que você queria, sim?

— Sim. — Porque era mesmo. Era o que sempre queria.

Rozanov começou a meter, e Shane gemeu. Nunca levava muito tempo para começar a gemer, arquejar e pedir por mais.

— Cacete, Hollander. Você ama isso.

Shane respondeu ficando, sem sombra de dúvidas, vermelho feito um tomate. Mas não dava para negar.

Se não soubesse que o prédio estava vazio fora eles dois, Shane teria se preocupado com a barulheira que fazia enquanto Rozanov o comia. Mas se sentia seguro ali, então se soltou. Gritou a cada metida, e talvez tenha dito o nome de Rozanov diversas vezes.

Shane torcia *mesmo* para que ninguém pudesse ouvir os dois.

Quando Rozanov se inclinou para pegar o pau de Shane com a mão escorregadia, Shane ficou desesperado pelo êxtase e começou a jogar o quadril para trás. Era naquele ponto em que sempre se lembrava de por que não podia abrir mão daquilo. Era bom demais.

— Vai gozar pra mim, Hollander?

Hollander *ia, sim*. Dito e feito. Socou o colchão e praguejou alto, cobrindo a mão de Rozanov com seu prazer.

Rozanov acelerou atrás dele, fazendo espasmos percorrerem pelo corpo de Shane a cada metida. Quando começou a ser demais para Shane, Rozanov parou e gritou ao pulsar dentro dele.

Depois, ficaram deitados de barriga para cima, um ao lado do outro, e Shane sentiu a culpa e a vergonha que sempre batiam quando acabava.

— Bem, *alguma coisa* você ganhou hoje — brincou Rozanov.

— Porra, vai se foder. — Shane levantou o braço para dar o dedo do meio, mas, enquanto o olhava de cima, Rozanov agarrou seu punho e puxou Shane para cima de seu peito. O sorrisinho brincalhão de Rozanov sumiu enquanto sustentava o contato visual, e Shane de repente se sentiu sem ar.

— Continua com essa tatuagem idiota aí, pelo visto — disse Shane depressa para se distrair do que quer que estivesse acontecendo.

— Aw — respondeu Rozanov, e o sorrisinho irritante foi voltando para seu rosto. — O urso sentiu sua falta.

Shane riu pelo nariz.

— Sentiu *mesmo* — insistiu Rozanov. — Dá um beijinho nele.

Shane revirou os olhos, mas baixou mesmo a cabeça para o peito de Rozanov. Só que, em vez de botar os lábios na tatuagem, ele prendeu o mamilo de Rozanov de leve entre os dentes e puxou.

— Porra — falou Rozanov, sugando o ar por entre os dentes.

Como pedido de desculpas, e também porque Shane sabia que o excitaria ainda mais, ele passou a língua no mamilo sensível. Rozanov enfiou os dedos no cabelo de Shane e guiou a boca dele de volta à sua. Depois de um beijo longo e estranhamente carinhoso, Shane levantou a cabeça e viu que Rozanov estava, mais uma vez, olhando para ele de um jeito muito sério. Engoliu em seco, mas não disse nada enquanto Rozanov fazia cafuné. Torceu para o medo que sentia não estar aparente em seu rosto.

— Você é muito lindo — disse Rozanov de repente, e de um jeito bastante fatual.

Shane não soube ao certo como reagir. Não eram muito de *dizer coisas* um para o outro. Não daquele jeito.

— O Homem Mais Atraente da NHL, de acordo com a *Cosmopolitan* — brincou Shane. Era só assim que sabia falar com Rozanov, fora quando gritava obscenidades a ele.

— Um bando de idiotas — reclamou Rozanov; o feitiço ia se quebrando. — Me botaram em quinto lugar. Quinto!

— E é pra agradecer.

Rozanov rolou na cama, prendendo-o ao colchão. Shane olhou para ele, rindo.

— Tenho que ir — anunciou Rozanov, e sua voz soava verdadeiramente triste por isso. — Banho primeiro, mas depois preciso voltar para o hotel.

— Eu sei.

Tomaram banho juntos, e Shane ficou de joelhos porque não podia deixá-lo ir embora sem sentir seu gosto antes. Rozanov soltou um murmúrio de aprovação enquanto pairava sobre Shane na ducha espaçosa. Suas mãos firmes acariciaram a cabeça de Shane e os dedos compridos se envolveram no cabelo molhado. Shane olhou para cima e viu Rozanov o observando com aquele sorrisinho torto. Shane imediatamente fechou os olhos e sentiu as bochechas corando e, para sua vergonha, o próprio pau ficando duro.

Já era ruim o bastante o tanto que amava ser comido, amava ter um pau na boca. Mas ter que ser *aquele* filho da puta — a ponto de, nas ocasiões extremamente raras em que não era, Shane acabar passando vontade…

Então talvez não fosse *só* o caso de a situação ser conveniente. Mas essa era uma coisa em que Shane não queria pensar.

Ele levou Rozanov até o limite e depois tirou a boca, levando o clímax no queixo e nos lábios, provavelmente no pescoço também. A evidência foi lavada rapidamente, se esvaindo pelo ralo, e Shane caiu sentado, apoiado na parede do chuveiro. Ele esfregou as mãos no rosto e puxou os joelhos para o peito. Ouviu Rozanov arquejando em russo.

— Caralho — soltou Rozanov, ainda parado com a cabeça tombada para trás, na parede de azulejo de frente para Shane. — Tem praticado, Hollander?

— Não — grunhiu Shane.

— Não? Está se guardando para mim?

Shane não respondeu, o que foi basicamente uma confirmação.

Rozanov riu.

— Você precisa trepar, Hollander. Ficar esperando por uma foda rápida que só acontece de tempos em tempos não é saudável.

— Eu *não fico* esperando — retrucou Shane. Não era mentira. Ele obviamente não era cem por cento hétero, mas transar com mulheres não era *repulsivo*. Só não era tão bom quanto com homens.

Com um homem em particular.

Mas mulheres eram uma escolha segura, fácil e *amplamente disponível*. E talvez, se continuasse tentando, podia ser que acabasse encontrando uma com quem quisesse passar mais do que apenas uma noite. Alguém que finalmente poderia botar um fim a… ao que quer que *aquilo ali* fosse.

Rozanov desligou a água e estendeu a mão. Shane revirou os olhos, mas a aceitou, deixando Rozanov ajudá-lo a ficar de pé. Peito a peito, Shane observou a água escorrendo do cabelo de Rozanov para seu ombro e em direção ao umbigo.

Rozanov colocou a mão no rosto de Shane e o puxou para cima. Olhou para ele cheio de carinho, com um sorrisinho nos lábios, e então o beijou.

— Eu arruinei você — comentou Rozanov quando se separaram. — Ninguém mais serve.

— Puta que pariu, vai se foder.

— Que boca suja.

— Não me diga.

— Preferia quando ela estava em mim.

— Cacete, Rozanov. — Shane empurrou o outro homem para a parede do chuveiro e o beijou com agressividade. Era sempre assim. Empurrões, palavrões trocados e uma luta por controle até um dos dois ceder e eles se permitirem ao prazer que tanto desejavam.

— Preciso mesmo ir — falou Rozanov, mas seus dentes ainda raspavam o maxilar de Shane.

— Eu sei.

— Desculpa.

— Por quê? Não ligo. Acho que já acabamos por aqui de qualquer forma, não acabamos?

Rozanov parou de beijá-lo e olhou para ele, pensativo.

— É, acho que sim.

Saíram do box e se vestiram depressa. Shane tirou a manta de cima da cama e a jogou na máquina de lavar. Ia deixar o lugar um brinco, como o havia encontrado.

— Três semanas, então — disse Rozanov, parado à porta, pronto para ir embora.

— Isso.

Rozanov assentiu, e Shane pensou que ia ser só isso, mas então o outro homem sorriu e perguntou:

— Fui eu hoje?

— O que foi você?

— A sua distração. No gelo hoje à noite.

Shane levou um momento para entender o que estava sendo sugerido.

— Vai. Se. Foder.

O sorriso de Rozanov se alargou.

— Não conseguiu nem jogar de tanto pensar no meu pau, né?

— Boa noite, Rozanov.

Ele soprou um beijinho ao sair pela porta, deixando Shane furioso e estranhamente aliviado. Foi bom ter se lembrado do fato de que, na verdade, não gostavam um do outro.

Shane pegou outra cerveja na geladeira e se sentou no sofá para esperar a manta terminar de lavar. Estava tarde e ele estava exausto, mas não ia dormir ali. Deveria mesmo conversar com um corretor a respeito de vender o prédio.

Iria vender o edifício, ficar na bosta do quarto de hotel quando o time jogasse em Boston e não escapuliria durante a noite para ir à cobertura de Rozanov. Iria colocar um ponto-final nessa história e seguir em frente.

Shane percebeu, ao bolar o plano, que estava passando os dedos nos lábios, que ainda formigavam com a lembrança da boca de outro homem pressionada neles.

Sabia que fazer planos para terminar aquilo era inútil. Contanto que lhe fosse oferecido, Shane jamais conseguiria dizer não.

PARTE UM

Capítulo um

Dezembro de 2008
Regina

Ilya Rozanov desbravou o frio mordaz do estacionamento do hotel até o ônibus do time. Como a maior parte dos colegas, era sua primeira vez na América do Norte. Supusera que isso o deixaria mais perturbado, mas Saskatchewan não tinha nada a ver com Nova York. Ali, não havia nada para chamar a atenção que não fosse o frio e o hóquei, e essas eram duas coisas com as quais os russos tinham bastante familiaridade.

Faltavam dois dias para o Natal, só que, para os melhores jogadores adolescentes de hóquei, o Natal significava os Campeonatos Juniores Mundiais de Hóquei. Para Ilya, significava uma oportunidade de finalmente descobrir qual era a de Shane Hollander.

O canadense de dezessete anos era um fenômeno e tanto. Ilya estava cansado de ouvir o nome dele, que causara tanto rebuliço no mundo do hóquei que até em Moscou era difícil escapar do falatório em relação a Hollander. Ele e Ilya estavam elegíveis para a escalação de entrada na NHL que aconteceria em junho, e os rumores apontavam que os dois seriam a primeira e a segunda escolha. Por outro lado, a respectiva ordem dessas escolhas dependia de a quem você perguntava.

Ilya sabia a resposta *dele*.

Nunca tinha conhecido Shane Hollander. Nunca tinha jogado contra ele. Mas já estava determinado a destruí-lo.

E começaria levando a Rússia a uma vitória com medalha de ouro, bem ali no próprio país de Hollander. Em seguida, voltaria com o time a Moscou para o campeonato. Depois, com certeza, seria o primeiro escalado da seleção. Aquele era o ano de Ilya Rozanov. Desde que tinha

doze anos, era esperado que 2009 fosse o ano em que irromperia no palco do mundo. Nenhum farsante canadense ia mudar isso.

O time russo chegou no rinque para o treino agendado na cola do horário reservado ao time adversário. Ilya parou com alguns dos colegas para ver os canadenses se exercitando. As camisas de treino não tinham nomes, então só conseguiu identificar Hollander quando o treinador assistente o mandou chispar para o vestiário. O cronograma do rinque de treinamento era bastante apertado.

Foram para o gelo assim que a máquina de nivelamento terminou o trabalho. O rinque era pequeno, e meio qualquer coisa. Os jogos de verdade aconteceriam em uma arena bem maior no centro da cidade. Havia algumas poucas pessoas sentadas nas arquibancadas, vendo o time russo praticar. Alguns olheiros, sem dúvida, além de familiares que de fato tinham vindo da Rússia, assim como alguns torcedores de hóquei fanáticos ali da região.

Na metade do treino, Ilya viu um rapaz sentado algumas fileiras acima do banco de penalidade, usando um boné e uma jaqueta escrito TIME CANADÁ. Ele estava entre um homem e uma mulher, provavelmente seus pais. Era difícil de enxergar ali do rinque, mas Ilya pensou que talvez fosse Hollander. A mãe dele era japonesa ou algo do tipo, não era? Ele tinha quase certeza de que havia lido algo a respeito em algum lugar…

— Quer se juntar a nós, Rozanov? — gritou o treinador em russo, do outro lado da pista. Ilya se virou e ficou envergonhado ao ver o restante do time ao redor do treinador.

Ele não gostou que Hollander — *se é* que era Hollander mesmo — estivesse ali assistindo. Ou talvez tivesse gostado, sim. Podia ser que Hollander estivesse nervoso com a ideia de ter que encará-lo mais para a frente no torneio. Talvez estivesse se sentindo ameaçado.

E deveria mesmo.

Depois do treino, Ilya tomou banho e se vestiu depressa. Voltou para o rinque e ficou atrás do vidro para observar a arquibancada. Hollander e os pais tinham ido embora. O time eslovaco assumira o gelo para a vez deles de treinar.

Ilya deu de ombros e foi até uma máquina de guloseimas. Comprou uma lata de Coca-Cola e ficou se perguntando se deveria dar uma escapulida para fumar um cigarro antes de voltar para o ônibus.

Fechou o zíper do casaco escrito TIME RÚSSIA até o queixo e saiu por uma porta lateral. Estava frio pra cacete. Ele se recostou na parede do prédio de tijolos, enfiou a Coca no bolso do casaco e pegou um cigarro e o isqueiro.

— Você só deveria fumar ali — indicou alguém. Ilya levou um instante para traduzir todas as palavras.

Ele se virou e viu a pessoa que agora definitivamente reconhecia como Shane Hollander. O cara tinha uma aparência bem distinta. Algumas de suas feições claramente vinham da mãe — o cabelo preto e os olhos bastante escuros —, mas o pai era de alguma descendência anglo-europeia qualquer. A pele, no entanto, era impecável. De um jeito que chegava a distrair. Lisa e bronzeada com — e essa era a característica mais chamativa — um respingar de sardas escuras no nariz e nas maçãs do rosto.

— Como? — perguntou Ilya. Até mesmo uma pergunta simples soava idiota no sotaque dele.

— A área de fumantes é pra lá. — Hollander apontou para um canto distante no estacionamento, ao lado de um amontoado enorme de neve. Onde parecia estar ventando muito.

Ilya se recostou na parede e acendeu o cigarro. *Paisinho de merda.* Já não bastava não poder fumar em local fechado nenhum, ainda precisava ficar na porra da neve para dar um trago?

— Me admira você fumar — comentou Hollander.

— Ok — respondeu Ilya, soltando a fumaça em um suspiro demorado por entre os lábios. Veio um silêncio desconfortável, e aí Hollander voltou a tentar puxar assunto.

— Eu queria mesmo te conhecer — falou ele, estendendo a mão. — Shane Hollander.

Ilya o encarou, depois sentiu os lábios se repuxando um pouco.

— Sim — disse. Ele apertou o cigarro entre os lábios e cumprimentou Hollander.

— Você é um jogador muito bom de se assistir.

— Eu sei. — Se Hollander estava esperando Ilya retribuir o elogio, ele que esperasse sentado.

Quando Ilya não disse mais nada, Hollander mudou de assunto.

— Seus pais vieram com você?

— Não.

— Ah. Isso deve ser difícil. Com a chegada do Natal e tudo.

Ilya teve dificuldade de traduzir tantas palavras, depois falou:

— Está bem.

Hollander enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta.

— Frio, né?

— Sim.

Os dois se apoiaram na parede juntos, lado a lado. Ilya virou a cabeça para olhar para Hollander, que era uns bons dez centímetros mais baixo que ele. O cara era interessante de se ver. As bochechas estavam rosadas por causa do frio, e a respiração saía em nuvens brancas por entre os lábios cor-de-rosa.

— Ano que vem vai ser em Ottawa. A cidade onde eu nasci — falou Hollander.

Ilya terminou o cigarro e jogou a bituca no chão. Decidiu fazer um esforço, já que o cara parecia tão determinado a conversar com ele.

— Ottawa é mais animado?

Hollander riu.

— Do que aqui? Não sei… Um pouco. Mas é frio igual.

— Seus pais estão aqui.

— Para o campeonato? Aham. Vieram, sim. Eles sempre tentam me ver jogar, onde quer que seja.

— Legal para você.

— Pois é. Eu sei. Eles são incríveis mesmo.

Ilya não tinha mais nada a acrescentar, então ficou em silêncio.

— Acho melhor eu ir nessa. Estão me esperando — falou Hollander. Ele se afastou da parede e se virou para encarar Ilya. Os olhos de Ilya foram direto para as malditas sardinhas. Hollander estendeu a mão de novo e disse:

— Boa sorte no torneio.

Ilya aceitou o cumprimento e sorriu.

— Você não vai ser tão amigável quando a gente derrotar vocês.

— Isso não vai acontecer.

Ilya sabia que Hollander acreditava de verdade nisso. Que ele venceria a medalha de ouro e seria a primeira escolha da NHL porque era a porra do príncipe do hóquei.

Talvez Hollander esperasse que Ilya lhe desejasse boa sorte também, mas Ilya só soltou a mão e se virou para voltar ao rinque.

No carro, Shane contou aos pais que tinha conversado com Ilya Rozanov.

— E como ele é? — perguntou a mãe.

— Meio babaca — respondeu Shane.

*

Quando o último jogo do torneio acabou, o time canadense teve que sofrer mais uma humilhação. Os russos pararam um pouco de comemorar e se enfileiraram para que os adversários pudessem cumprimentar uns aos outros — uma demonstração de espírito esportivo que, naquele momento, Shane não sentia no coração.

Para começo de conversa, o time russo tinha jogado *sujo*. Tinha odiado jogar contra eles.

Em segundo lugar, Ilya Rozanov era bom pra caralho. Chegava a dar raiva. E, ao longo do torneio, a imprensa tinha se esforçado muito para construir uma rivalidade entre os dois. Shane tentava ignorar os jornalistas, mas era possível que estivessem botando lenha na fogueira de seu ódio.

Quando chegou a Rozanov na fila de cumprimentos, viu os flashes das câmeras ao redor deles. Fez questão de olhar o russo bem nos olhos quando, com a voz rígida, disse:

— Meus parabéns.

Rozanov deu um sorrisinho e falou:

— Vejo você na escalação.

Colocaram uma medalha de prata ao redor do pescoço de Shane, mas, pelo tanto que ele não a queria, não teria feito diferença se o adorno fosse um rato morto. Com respeito, suportou ouvir o hino nacional da Rússia, pestanejando para conter as lágrimas que se recusava a deixar cair, e então finalmente teve permissão de sair do gelo.

Não era para ter sido daquele jeito. Ele deveria ter levado o ouro ao país jogando onde nasceu. Era o que a nação esperava. Toda a torcida do Canadá estivera sobre seus ombros de dezessete anos, e ele decepcionara a todos.

Em cada *face-off* que havia tido contra Rozanov, o russo lhe encarara bem nos olhos e sorrira. Não era qualquer um que conseguia abalar Shane com facilidade, mas aquele sorrisinho sempre o desconcertava.

Vai ver era só isso, depois de uma vida jogando num nível acima de todo mundo, Shane finalmente tinha encontrado alguém a sua altura.

Ele tinha certeza de que era só isso mesmo.

Capítulo dois

Junho de 2009
Los Angeles

— **Shane, pode chegar** um pouco mais perto de Ilya, por favor?

Ele sentiu o braço de Ilya Rozanov roçar no seu quando se aproximou do oponente como o fotógrafo requisitara.

— Perfeito. Beleza, rapazes, sorriam.

Os olhos de Shane foram bombardeados por flashes de câmeras. Ele estava colado em Rozanov, que parecia ter crescido mais alguns centímetros desde janeiro. À direita de Rozanov, estava um defensor estadunidense que tinha sido escolhido em terceiro lugar pelo Phoenix.

Rozanov tinha sido escolhido em primeiro.

Shane tinha passado os seis meses desde o Campeonato Mundial Júnior um tanto… obcecado… por Ilya Rozanov. Os dois até que tinham bastante em comum, em termos de carreira. Ambos eram capitães de seus respectivos times, e haviam levado seus times ao campeonato naquela temporada. Os dois tinham sido indicados como os MVPs da liga e dos *play-offs*, ou seja, como os jogadores mais valiosos, e ambos tinham sido os maiores pontuadores de suas respectivas ligas. A única diferença entre os dois era que Shane tinha uma medalha de prata em casa, e Rozanov tinha uma de ouro.

E agora Shane tinha ganhado o segundo lugar mais uma vez. Depois de uma vida inteira sempre chegando em primeiro quando se tratava de hóquei.

Era um desgraçado mesmo.

Mas não era o fim do mundo. Shane fora escalado pelos Montreal Voyageurs, que, além de serem a franquia mais lendária da liga, também

ficavam baseados a uma hora de carro de sua cidade natal, Ottawa. Era adequado para Shane, que era fluente tanto em francês quando em inglês, e que sempre tivera muito respeito pelos Voyageurs, apesar de ter crescido sendo torcedor de Ottawa. Mas não adiantava; ser escolhido em segundo lugar doía.

Para piorar o drama do dia, Rozanov tinha sido escalado pelos arquirrivais de Montreal, os Boston Bears. Shane sabia que não havia mais para onde correr — sua carreira seria inescapavelmente ligada à de Rozanov. Se um dos dois tivesse sido escalado pela Conferência Oeste, talvez a rivalidade nunca tivesse deslanchado. Mas as coisas iam ficar intensas.

O que não significava que Shane agora tinha que ser mal-educado com Rozanov.

— Parabéns — falou, virando para trocar um aperto de mão com Rozanov quando os fotógrafos acabaram.

Com um sorriso inegavelmente prepotente, Rozanov disse:

— Obrigado.

Rozanov não parabenizou Shane. O que fez foi dar a porra de um tapinha no ombro dele, como se estivesse consolando uma criança que tinha vacilado na Liga Infantil. Shane se desvencilhou, e estava prestes a dizer uma coisa definitivamente menos educada do que "parabéns", mas os dois foram puxados em direções opostas para darem entrevistas.

Shane só foi ver Rozanov de novo quando voltou ao hotel. O saguão estava abarrotado de rapazes atléticos vestidos de terno, mas até mesmo nessa multidão Rozanov se destacava. Era um dos homens mais altos ali, e arrumado daquele jeito — com o terno azul-marinho colado no corpo —, parecia modelo de revista.

Shane se sentiu baixinho. Tinha feito dezoito anos no mês anterior, mas se sentia como uma criança.

Rozanov também tinha feito dezoito. Uma semana antes. Uma informação que Shane sabia porque era obcecado por ele.

Naquela noite, em seu quarto de hotel particular (seus pais orgulhosos estavam do outro lado do corredor), Shane não conseguiu dormir.

Tinha sido um dia exaustivo e, sim, ele tinha sido escalado pela NHL. Conseguira a coisa pela qual tinha se esforçado a vida toda. E ser escolhido em segundo não era motivo de ficar amuado.

Ele não estava amuado. Não muito. Só… incomodado. Com alguma coisa.

Suspirou e se levantou da cama. Botou moletom, tênis e desceu para a academia do hotel. Talvez conseguisse desligar a mente com um pouco de exercício.

A academia estava vazia, felizmente. Shane subiu em uma das duas esteiras e começou a correr em um ritmo lento. Não colocou fones de ouvido, só se deixou levar pelo barulho da máquina.

Não percebeu quando mais alguém entrou. Só reparou que não estava mais sozinho quando o outro homem subiu na esteira ao lado.

Ilya Rozanov lhe cumprimentou com um movimento ligeiro de cabeça, se virou para encarar a parede branca na frente da academia e começou a correr ao lado de Shane.

Shane tentou ignorar a presença de Rozanov. Não tinha nada esquisito naquilo; o cara provavelmente tivera dificuldade de dormir também. Ou vai ver ele sempre ia à academia depois da meia-noite. Ou então o fuso-horário podia estar bagunçando seu sono. Ou talvez…

Rozanov aumentou a velocidade da máquina. Não olhou para Shane. Como Shane era pirracento e competitivo, aumentou a velocidade também… indo ligeiramente mais rápido.

Em um minuto, Rozanov fez o mesmo, aumentando a intensidade e esperando em silêncio Shane alcançá-lo. Shane olhou para o cara e viu um sorrisinho em seus lábios. Shane meneou a cabeça e se segurou para não sorrir também. Depois, aumentou a velocidade da esteira.

Continuaram assim, presos em uma batalha silenciosa, até ambos estarem testando os limites de suas máquinas. Assumiram uma velocidade de corrida absurda por muito mais tempo do que era confortável, e o corpo todo de Shane queimava em protesto. Porém, ele não queria parar, nem mesmo desacelerar, até Rozanov fazê-lo. O cara *fumava*, cacete. Shane com certeza conseguiria superá-lo.

Mas Rozanov não demonstrava sinal algum de desistência.

Mantiveram o ritmo por mais um ou dois minutos, e Shane até que enfim apertou o botão de emergência, depois desceu da máquina cambaleando. Se apoiou na parede dos fundos, arquejando para recuperar o fôlego, antes de escorregar para o chão. Rozanov parou a própria máquina e ficou segurando a barra de apoio.

— Porra — arfou Shane. Rozanov riu e se acomodou no chão junto com ele, encaixando-se no canto, à frente de Shane. A regata cinza de Rozanov estava ensopada de suor. Os dois ficaram sentados com as pernas abertas; os tênis de Rozanov quase tocavam o tornozelo de Shane.

Rozanov passou a mão pelo cabelo úmido em um movimento que foi mais interessante a Shane do que deveria ter sido. Rozanov era tão… *masculino*. Shane tinha cara de criança e era baixo, além de que não conseguia criar barba por nada e mal tinha pelo no peito. Rozanov tinha quase a mesma idade dele, mas parecia ter cruzado uma linha mágica à vida adulta.

Shane rapidamente voltou seu olhar ao chão, e torceu para o rubor do exercício disfarçar o vermelho nas bochechas.

— Que porra de dia, hein? — falou Rozanov.

— É. Demais.

— Tudo o que você sonhava?

Shane olhou de cara fechada para ele.

— Quase.

Rozanov sorriu de volta.

— Desculpa ter arruinado seu grande dia.

— Vai se foder.

— Montreal é legal, sim?

— Sim.

— Boston também?

— Aham. É, sim. Só fui algumas vezes, mas é uma cidade bacana.

Rozanov assentiu.

Ficaram em silêncio por um momento, e então Rozanov deu uma batidinha no tornozelo de Shane com a sola do tênis.

— Ei. A gente vai se ver muito.

Shane levou um minuto.

— Ah. Sim. Montreal e Boston se enfrentam bastante.

— Vai ser interessante.

Rozanov deu um longo gole na garrafa de água. Shane disse para si mesmo que só ficou olhando a forma como sua garganta pulsava porque tinha se esquecido de levar uma garrafa de água própria. Foi só quando o pomo de adão de Rozanov parou de mexer e seus lábios ganharam cor e brilho que Shane percebeu que estava encarando. Os lábios repuxaram

para cima um pouco, e Rozanov estendeu o braço, oferecendo a garrafa a Shane.

— Ah, tá de boa. Valeu.

Rozanov balançou a garrafa para ele, e Shane a aceitou. Ele precisava de água. Seria tolice recusar.

As pontas dos dedos deles se tocaram por um instante. Shane segurou a garrafa longe dos lábios e rapidamente jogou água na boca. Rozanov o observou.

Foi a primeira vez que Shane sentiu. Foi como se a atmosfera na academia tivesse ficado mais densa. Tudo dentro dele zunia e se inquietava, como se ele estivesse prestes a pular de um avião.

Ele não sabia se Rozanov sentia algo. Porém, naquele momento, Shane queria… *alguma coisa*. Não conseguia nem dar nome ao que quer que fosse.

Devolveu a garrafa de água, e dessa vez pôde jurar que Rozanov deixou os dedos tocarem seu punho de propósito. Foi um momento que pareceu durar para sempre, mas provavelmente durou menos de um segundo.

Shane queria que Rozanov o tocasse de novo.

Shane queria tocá-lo também.

Talvez Shane quisesse *beijá-lo*.

Shane se levantou num sobressalto.

— Vou pra cama. Acho que… a gente se vê por aí, né?

Rozanov levantou o rosto, ainda sentado no chão.

— Você vai me ver bastante.

Shane assentiu e foi embora o mais rápido possível. Esperou até voltar para o quarto antes de se deixar surtar.

Que porra foi aquela?

Ele nunca… meu deus, ele tinha *namorada*. Ele não era…

Uma namorada que você que está torcendo para que termine com você. Ela nem viajou para vir te ver ser escalado.

Bem, isso era verdade. Mas ela havia acabado de começar em um novo emprego de verão…

E essa foi a primeira vez no dia inteiro em que você pensou nela. Você nem ligou para ela.

Tá, tudo bem. Talvez não estivesse dando certo com ela, mas, falando assim, parecia até que era a única garota com que ele já tinha… feito

coisas.

Você tá meia-bomba agora. Por ter ficado de conversa no chão da academia com outro cara.

Ok, isso ele não conseguia explicar.

Mas ele *poderia* entrar no banho e bater uma, tentando pensar na namorada ou em *qualquer* garota. Em qualquer coisa que não naqueles lábios avermelhados e úmidos e naquela barbinha escura e nos olhos cor de mel…

Pelo resto da vida, Shane Hollander teria que conviver com o fato de que tinha terminado seu dia de escalação para a NHL batendo uma enquanto pensava em Ilya Rozanov.

Capítulo três

Dezembro de 2009
Ottawa

Ilya observou os números vermelhos iluminados no relógio do quarto do hotel indo de 23h56 a 23h57.

O cômodo estava totalmente escuro. Seu colega de quarto estava no fim do corredor, junto a metade do time, assistindo às comemorações estadunidenses da Véspera de Ano-Novo na televisão.

Ilya também tinha ido lá. Assistira à apresentação do Black Eyed Peas, comera batatinha e fizera piadas com os colegas.

Depois, só quis ficar sozinho.

23h58.

O fato de que Ottawa era a terra natal de Shane Hollander era escancarado. A cidade tinha uma fissura pelo cara. O rosto e as sardas dele estavam por toda a parte: nos jornais, na televisão, nos ônibus, em banners, na lateral de prédios.

Era óbvio que Hollander era da capital do Canadá. Era óbvio que a cidade era tão inofensiva e sem graça quanto ele.

Os times ainda não tinham se enfrentado, e provavelmente não iriam antes do jogo da medalha de ouro. Seria uma decepção e tanto se a final acabasse não sendo entre Canadá e Rússia.

23h59.

Ilya se mudaria para Boston naquele verão. Para os Estados Unidos. Ele nunca tinha passado mais do que algumas semanas por vez fora da Rússia. E sua carreira na NHL estava prestes a começar. Seria rico e famoso. Seria dono de si, longe da família.

Meia-noite.

— Feliz Ano-Novo — murmurou para si mesmo.

Se sentou na cama e abriu o pacote de chiclete de nicotina que estava na mesa de cabeceira. Botou um na boca e franziu o cenho enquanto mastigava. Ilya ouvia os fogos de artifício do lado de fora, e seus colegas de time comemorando nos quartos ao redor dele.

Queria era um cigarro de verdade. Queria comer alguém.

Queria descer para a academia do hotel e encontrar Shane Hollander em uma esteira.

Mas Shane Hollander não estava hospedado naquele hotel. Shane Hollander provavelmente estava curtindo o Ano-Novo com os amigos e a família em sua cidade natal perfeita que tanto o amava.

Naquela noite na academia do hotel em Los Angeles, seis meses antes, Ilya por pouco não tinha passado vergonha. Talvez até tivesse conseguido disfarçar com seu charme ensimesmado de sempre, mas chegara muito perto de flertar com Hollander. Ou possivelmente de prendê-lo contra a parede e devorar sua boca.

A questão era que ele não tinha lá tanta certeza de que Hollander teria odiado.

A menos que Ilya fosse muito ruim lendo pessoas — o que estava longe de ser verdade —, Hollander provavelmente teria correspondido ao beijo.

E, cacete, essa ideia tinha consumido Ilya desde o dia da escalação.

Ilya já devia ter transado, em uma estimativa fraca, com umas dezenas de mulheres desde então. Porra, certamente não tinha motivo para ficar obcecado pelo arquirrival. Ou pelas sardas dele. Ou os olhos escuros. Ou a forma como as bochechas ficavam coradas quando ele se esforçava demais.

Merda. *Enfim*. A Rússia seguia invicta no torneio. O Canadá também. Só um time ficaria até o final. Ilya tinha coisas mais importantes em que pensar além de sardas e garotos canadenses educadinhos.

Shane estava feliz da vida por seu segundo e último Campeonato Mundial Júnior estar sendo sediado na cidade onde tinha nascido. Ele passara o Natal com a família e o Ano-Novo com os colegas de time no hotel. Seus pais foram a todos os jogos, como sempre, e ele tinha conseguido visitar muitos amigos.

Passara todo o torneio com um ótimo humor, e jogara hóquei muito bem.

Era a noite antes do jogo da medalha de ouro, no qual o Canadá enfrentaria a Rússia pelo segundo ano consecutivo.

E Shane enfrentaria Ilya Rozanov.

Não tinha visto Rozanov nem uma vez o torneio inteiro. Os times vinham treinando em rinques diferentes e ficando em hotéis separados. O jogo seria a primeira partida entre Canadá e Rússia.

Mas Shane tinha assistido a todos os jogos da Rússia. E estudado gravações em vídeo de Rozanov no rinque. Dessa vez, acabaria com a raça dele.

Shane já quase tinha se esquecido de como havia sido quando Rozanov tocara sua mão com os dedos ao lhe passar a garrafa de água naquela academia de hotel seis meses antes. Ele mal pensara na pele ruborizada do russo ou na forma como seus cachos úmidos caíam em seus olhos cor de mel.

Tinha sido pura… adrenalina. A energia remanescente da euforia da competição, quando haviam se esparramado no chão depois de extenuarem o corpo na esteira. Fora um erro no cérebro dele, carregado de emoções da montanha-russa que tinha sido o dia da escalação. Estivera cansado e confuso e seu cérebro transformara tudo em algo ridículo, sem mais nem menos.

Então Shane tinha voltado à vida de sempre depois daquela noite. Bem, havia terminado com a namorada, mas já tinha passado da hora mesmo.

Uma outra coisa mudara também: Shane se pegara *reparando* em homens. Não nos colegas de time, nem nos amigos, nem nada do tipo. Só… tipo um cara na Starbucks do aeroporto. Ou o cara no corredor de cereais no supermercado em Kingston algumas semanas antes.

Ou o cara que apareceu no *Friday Night Lights*.

Mas não era como se não gostasse de mulheres. Elas gostavam *muito* dele, e se atiravam nele agora que ele estava prestes a se tornar uma superestrela milionária. Então, sim, vinha ficando com garotas. Várias, inclusive.

Tipo, pelo menos duas. Desde que terminou com a namorada.

Não sexo-*sexo*. Mas coisas sexuais.

Com certeza tinha sido mamado por duas garotas diferentes desde julho. E gostado. Com a cabeça tombada para trás. E os olhos fechados.

E definitivamente não havia pensado nos lábios cor-de-rosa e úmidos de Ilya Rozanov nem em seu sorrisinho torto.

— Tá ficando cansado do segundo lugar? — Rozanov sorriu.

— Eu vou ganhar essa partida — grunhiu Shane.

— "Eu"? Cadê o espírito de equipe?

— Na cabeça da minha rola.

Rozanov arqueou a sobrancelha, e eles se abaixaram para o *face-off*.

— Vai ver tá na medalha de prata… — falou.

Shane fez questão de ganhar o *face-off*. E fez questão de estar onde precisava para marcar um gol quarenta segundos depois.

E fez questão de seu time ganhar o jogo.

*

Apesar da condescendência e das provocações que gostava de fazer, Ilya levava o hóquei muito a sério. E detestava perder.

No entanto, dessa vez tinha perdido. E ia voltar à Rússia com uma medalha de prata. Não estava nada orgulhoso disso.

Para começo de conversa, nem voltar para a Rússia ele queria. Queria era ficar na América do Norte e começar a próxima fase de sua vida. Não queria nem ouvir o pai — que provavelmente nem tinha assistido aos seus jogos — humilhando-o por não levar uma medalha de ouro para casa. Não queria morar com o pai, nem depender de ninguém nunca mais. Queria ser rico, famoso, amado e ter uma garagem imensa, cheia de carros esportivos. Queria roupas caras, mulheres lindas e boates da moda. Queria se livrar do peso de sua família e de seu país. Queria ser ele mesmo.

No gelo, na fila para cumprimentar os adversários no fim do jogo, Hollander olhara bem fundo nos olhos de Ilya. Tinha sido só por um segundo, mas foi como se tudo ao redor deles tivesse congelado e se calado. A mão úmida e suada de Hollander tinha envolvido a mão úmida e suada do adversário, e, quando fizeram contato visual, ele tinha apertado os dedos de Ilya, bem pouco.

Aquela expressão, aquele aperto, dissera tantas coisas a Ilya.

Eu sei.

O pódio era para ser individual, mas sempre estaremos lá juntos. Vamos continuar subindo até ninguém mais conseguir nos alcançar, mas vai ser sempre juntos.

Os olhos de Hollander não carregavam nem um traço de desculpas, mas também não estavam se vangloriando. E, quando Ilya apertou a mão do último canadense na fila, estava sorrindo consigo mesmo. Porque logo, logo, a verdadeira batalha entre ele e Shane Hollander começaria.

E, porra, ele mal podia esperar.

Capítulo quatro

Julho de 2010
Toronto

Shane assinara um lucrativo contrato de patrocínio com a CCM, uma das maiores empresas de equipamentos de hóquei. Ele ainda não tinha jogado nem uma partida pela NHL, então ficou muito animado.

Em seguida, descobriu que também tinham feito um contrato com Rozanov.

E *depois* descobriu que queriam lançar uma campanha de publicidade com os dois. Juntos.

Foi assim que Shane se viu em um rinque escuro e quase totalmente vazio no subúrbio de Toronto em uma quarta-feira de julho. Faltava pouco mais de um mês para se apresentar ao acampamento de treinamento. Ele não via Rozanov desde o Campeonato Mundial Júnior no começo de janeiro.

Holofotes tinham sido instalados ao redor do gelo, criando uma iluminação bastante dramática. O dia teria duas partes: primeiro, fariam uma sessão de fotos, tanto separados quanto juntos, depois patinariam e fariam manobras com os tacos para os anúncios de TV.

Shane estava se acostumando com sessões de fotos, e a ter câmeras apontadas para ele num geral. Mas aquela parecia ser uma produção maior do que o tipo com que estava acostumado. Era como se fosse estrelar um filme.

*Co*estrelar.

Ele deu algumas voltas no gelo enquanto esperava a equipe de filmagem terminar de arrumar tudo. Estava usando aparatos da CCM dos pés à cabeça, é claro, incluindo a camiseta preta customizada com um logo

da empresa imenso no peito, onde normalmente ficaria o do time. Seu nome e número, 24, estavam nas costas.

Shane estava maquiado, o que era estranho. Ele não deveria suar nem um pouco antes de fazerem a sessão de fotos. Decidiu que era melhor parar de patinar e ficar sentado no banco, esperando. Observou a equipe montando a iluminação.

Depois de alguns minutos, sentiu a presença inconfundível de Rozanov na extremidade do banco. Ele se virou e o viu, enorme, lindo e também maquiado.

— Que bonitinho — provocou Rozanov. — Que nem uma boneca.

— Você tá maquiado também.

Rozanov se apoiou sobre os painéis e sorriu.

— É, mas eu não sou bonitinho.

Shane revirou os olhos. Já tinha sido chamado de "bonitinho" algumas vezes, geralmente durante partidas, e odiava. Bem que *queria* ter odiado dessa vez.

Com a maquiagem, o cabelo cuidadosamente estilizado e a iluminação dramática, Rozanov não estava nada bonitinho. Estava era *estonteante*. Mais uma vez, Shane ficou embasbacado e irritado pelo tanto que Rozanov tinha um ar de *homem*. O maxilar definido emoldurava as bochechas que não eram mais cheinhas com a juventude como as de Shane insistiam em ser. E seus olhos resplandeciam como… coisas. Shane não conseguia pensar em uma joia com tantos tons de dourado e verde.

A sessão de fotos levou muito mais do que o esperado. Boa parte foi só ficar no gelo segurando tacos da CCM em diversas posições. Eles fizeram algumas fotos juntos, mas a maioria foi deles separados. Terminaram com uma foto posada dos dois agachados na posição do *face-off*. Sustentaram essa pose pelo que pareceu uma eternidade, com os rostos a centímetros de distância, encarando os olhos um do outro.

— Tentem não rir, rapazes — mandou o diretor. — Sei que vai ser difícil.

Rir não era a preocupação de Shane. O que precisava era relaxar os olhos para as feições de Rozanov ficarem turvas e ele conseguir se impedir de encarar os lábios do homem.

— Um pouco mais de intensidade nos seus olhos, se possível, Shane.

Shane aguçou a vista e fez o possível para dar uma encarada em Rozanov, como se fosse um jogo de verdade. Porém, num jogo de verdade, só precisaria sustentar aquela pose por alguns segundos. Aquilo ali era esquisito.

Ele viu os lábios de Rozanov tremelicarem, e então o russo gigante riu pelo nariz e desatou a gargalhar. Shane fez o mesmo, e começou a dar risadinhas.

— Só mais alguns segundos, gente. Por favor.

— Foi mal — disse Shane, tentando ordenar sua expressão e voltá-la a uma carranca feroz. Não adiantou de nada. Assim que olhou para Rozanov, os dois começaram a rir novamente.

— Está bem, acho que já conseguimos o suficiente mesmo. Vamos dar um intervalo, depois fazemos as captações de vídeo.

— Foi culpa sua — falou Shane enquanto patinavam até o banco.

Rozanov fez que não.

— Culpa da sua cara. Me fez rir.

Shane bateu com o ombro nele.

A gravação foi muito mais fácil. Os dois botaram capacetes e viseiras da CCM e patinaram pelo gelo exibindo manobras por cerca de uma hora — talvez com um tanto mais de competitividade do que o necessário. Shane não via a hora de assistir ao comercial final. Com música e narração, provavelmente ficaria foda pra caralho.

O diretor agradeceu aos dois, e os jogadores de hóquei foram liberados para irem tomar banho e se trocar no vestiário decadente.

Shane tirou a roupa depressa e foi para a ducha, que, como na maioria dos rinques, era no estilo comunal, com fileiras de chuveiros um de frente para o outro em ambos os lados de um corredor. Se fosse ligeiro, talvez conseguisse sair antes de Rozanov entrar.

Mas não deu sorte.

Shane tinha acabado de molhar o cabelo quando Rozanov entrou nas duchas e foi para baixo de um chuveiro *quase bem em frente ao dele*. Os olhos de Shane pousaram sobre a tatuagem de urso imensa no peitoral esquerdo de Rozanov. Era absurda de ridícula. Ele também reparou no crucifixo de ouro, que imaginou que o russo nunca tirasse. A corrente acariciava a base do longo pescoço de Rozanov, e a cruz se acomodava confortavelmente sobre seu peitoral musculoso.

Shane verteu os olhos para o chão depressa. Tinha tomado banho com centenas de caras ao longo da vida, em vestiários iguaizinhos àquele. Era tudo parte do jogo. Nunca havia *olhado* para nenhum de seus companheiros antes. Era algo simplesmente… inconcebível.

Ele ergueu os olhos de novo, e viu que Rozanov tinha ficado de costas para ele. Só restou a Shane observar, sem reação, os músculos nus e fortes expostos. Seus olhos vagaram pelos ombros largos de Rozanov e desceram pelas costas definidas até a cintura fina e a…

Shane ficou todo corado. Ele não poderia… por que ia querer dar uma secada na bunda de outro cara? Que coisa mais esquisita.

Mas era uma bunda *muito* impressionante. Não que a estivesse comparando a outras. É que era… perfeita. E, quando Rozanov esfregou água no rosto, os músculos em sua bunda flexionaram, e Shane ficou absorto.

E excitado. *Nitidamente* excitado. Em uma ducha. Com Rozanov.

Só teve tempo de olhar horrorizado para o próprio pau que endurecia antes de perceber que Rozanov tinha se virado.

O russo deu uma conferida na virilha de Shane e arqueou uma sobrancelha.

— Vai à merda — grunhiu Shane. — Não é nada.

— Gostou do que viu, Hollander?

— Não. Não é… Eu estava pensando em outra coisa. — Shane queria morrer. Sabia que não estava falando com convicção nenhuma.

— Outra coisa?

Shane deveria ter saído da ducha naquele momento. Já estava limpo o suficiente. Aquilo era tortura.

Mas Rozanov sorria para ele de um jeito que *não* ajudava em nada a… situação de Shane. E, ao que parecia, Shane tinha perdido a habilidade de se mexer. Rozanov o estava provocando, mas não esmurrando sua cara.

E *também* não estava indo embora.

Shane queria pelo menos conseguir se forçar a desviar o olhar de Rozanov, mas estava enfeitiçado. O russo parecia só o estar avaliando com curiosidade, e talvez gostando do efeito que *sabia* que tinha sobre Shane.

Mais uma coisa pra você jogar na minha cara, pensou Shane.

De tão ocupado morrendo de vergonha, não percebeu de pronto que o pau de Rozanov também estava começando a inchar.

O sorriso tinha sumido do rosto de Rozanov. Seus olhos estavam cheios de uma intensidade muito mais cálida do que a que Shane ficara encarando durante a sessão de fotos.

Shane precisava dar o fora dali. A situação estava bizarra demais. Ele não podia, de jeito nenhum, fazer… o que quer que aquilo fosse.

Mas Rozanov deixou a mão escorregar pelo abdômen e agarrou o próprio pau, mexendo-o lentamente da cabeça à base.

Shane arquejou. Tão alto que nem o fluxo de água conseguiu esconder.

— No que é que você estava pensando? — perguntou Rozanov num timbre baixo.

Shane engoliu em seco. Sua voz estava árida.

— Em você — respondeu, baixinho.

Rozanov ouviu, e sorriu. Movimentou a mão pelo pau mais uma vez.

— Quer me tocar, Hollander?

Na real, Shane só queria ver Rozanov batendo uma. Mas…

— Aqui não — gaguejou Shane. — Alguém pode entrar.

Rozanov assentiu e soltou o membro, depois se virou e fechou a torneira. Com o coração palpitando, Shane esperou até o russo ter saído da ducha antes de fechar a sua também. O que raios estava acontecendo? Rozanov não poderia mesmo estar sugerindo que ele e Shane… que os dois…

Puta que pariu. Shane precisava dar o fora dali. Cogitou se seria possível abrir um buraco na parede da seção de duchas e escapar por ele. Qualquer outra coisa seria melhor do que encarar Rozanov de novo.

Shane respirou fundo algumas vezes para se estabilizar. Ele conseguiria. Poderia conversar racionalmente com Rozanov e botar um ponto-final naquela brincadeira. Determinado, enrolou a toalha na cintura, bem apertado, e voltou ao vestiário.

Rozanov já estava quase todo vestido e sentado, sem camisa, em um dos bancos.

— Olha — falou Shane para o chão —, isso foi… a gente pode só fingir que nunca aconteceu, beleza?

— É o que você quer?

A resposta de Shane deveria ter sido muito mais rápida.

— Aham. Quer dizer… é. Claro.

Rozanov ficou de pé e atravessou o cômodo até ficar bem de frente para Shane.

— Você mente tão mal.

Shane fechou a cara para ele.

— Qual é o número do seu quarto? — indagou Rozanov.

— 1410 — respondeu Shane, depressa demais.

A boca de Rozanov repuxou para cima.

— Se eu bater na porta do quarto 1410 hoje… talvez por volta das nove?

Shane se esforçou para manter a voz estável.

— Talvez eu abra.

Rozanov sorriu.

— Talvez eu bata.

Shane passou a noite surtando pra caramba no quarto de hotel.

Considerou suas opções. Poderia ir embora. Simplesmente sair por algumas horas para não estar presente quando Rozanov batesse à porta. Seria a coisa sensata a se fazer.

Shane poderia ficar e só ignorar o chamado do russo, o que talvez fosse um tanto satisfatório — ter um pouco de poder sobre Rozanov.

Poderia abrir a porta, convidá-lo a entrar, e eles poderiam conversar sobre aquele… mal-entendido ridículo. E aí os dois poderiam tomar cada um seu rumo para sempre.

Ou… poderia abrir a porta e passar a noite explorando o corpo de Rozanov com a boca.

Shane corou só de pensar. Ele não podia *querer* isso de verdade, né?

De um jeito ou de outro, se firmara na segunda opção: conversaria com Rozanov. Os dois deixariam tudo para trás o quanto antes para que as coisas não ficassem estranhas quando a temporada começasse. Ajeitou o quarto, embora já estivesse perfeitamente arrumado. Trocou a camisa para uma melhor, sem motivo algum. Escovou os dentes, passou fio dental e usou enxaguante bucal. Porque se ia conversar com Rozanov, seria grosseria estar com mau hálito.

Deu um jeito no cabelo. Botou o celular no modo silencioso.

Decidiu ligar a televisão, só para não passar a impressão de ter ficado sentado encarando a porta.

Ligou no jogo de beisebol e deixou o som baixinho. Apagou as luzes do teto e ligou todos os abajures. Deu uma conferida no espelho. Mais uma vez.

A batida veio sete minutos depois das nove. Shane conferiu pelo olho-mágico só para garantir que Rozanov não estava pregando uma peça nele nem nada do tipo.

Era só Rozanov. Sozinho.

Shane desligou a TV, porque deixá-la ligada de repente lhe pareceu burrice. Abriu a porta e deu espaço para Rozanov entrar.

O cara também parecia ter se esforçado um pouco com a própria aparência. Estava com uma camisa de botão preta, e a corrente de ouro piscava para Shane da gola bem aberta. O cabelo, que geralmente era um alvoroço de cachos, tinha sido um tanto domado, mas uma mecha já tinha escapado e estava caindo de um jeito adorável sobre a testa.

— Pensei que talvez você tivesse dado pra trás — falou Rozanov com toda sua típica franqueza irritante.

— Não — respondeu Shane. — Assim, eu só quero conversar. Sobre… você sabe o quê.

— Eu sei. Sim.

— Hum, quer… se sentar? Talvez?

Rozanov deu um passo em direção a ele.

— Não quero, não.

Ele estava tão perto que Shane conseguia sentir o calor de seu corpo. Ou talvez fosse coisa de sua cabeça.

— Não sei se é uma boa ideia — disse Shane, com a voz fraca.

— O quê? — perguntou Rozanov, botando o nó do dedo embaixo do queixo de Shane e erguendo seu rosto. — Isso?

Ele levou a boca à de Shane, que foi inundado de pânico. Estava rígido encostado em Rozanov, com os lábios colados e os olhos arregalados. Mas o russo persistiu. Shane sentiu a ponta da língua de Rozanov contornando seus lábios, buscando a deixa para entrar. Os dedos compridos se espalharam em seu cabelo, e Shane enfim se rendeu. Abriu os lábios, fechou os olhos e Rozanov intensificou o beijo, passando a língua por entre seus lábios e envolvendo a de Shane.

Shane nunca tinha beijado um homem, e, em alguma parte de seu cérebro atordoado, se perguntou se era a primeira vez de Rozanov também. Porque o cara certamente parecia saber o que estava fazendo.

Shane sentia como se fosse feito de alarmes. Como se seu pânico, de alguma forma, fosse acordar o hotel inteiro. Se a questão fosse só estar beijando um cara, talvez até conseguisse se recompor. Mas beijar *aquele* cara em particular era tão absurdo e errado errado errado…

Só que seu pau parecia não concordar com isso, muito menos quando Rozanov colocou o joelho entre as pernas dele e esfregou a coxa na ereção de Shane — que arquejou. Rozanov tombou a cabeça dele ainda mais para trás, usando o próprio peso e atacando com tudo a boca de Shane.

Shane não sabia o que fazer. Hesitante, passou as mãos pelo peito de Rozanov. Ouviu o cara soltar um gemidinho quando os dedos de Shane tocaram seus mamilos, e aquele som singelo o fez perder o que lhe restava de autocontrole.

Ele retribuiu o beijo de Rozanov, forte e frenético e desejoso por mais, porém sem saber exatamente pelo que pedir. Rozanov o guiou até ficar contra a parede e começou a abrir os botões da camisa de Shane. Quando terminou, pegou a mão de Shane e a levou à virilha. E, ah, Shane estava com a mão no pau de Ilya Rozanov. Ele conseguia sentir o tamanho da ereção sendo apertada na calça jeans do russo, e sentiu o próprio pau ficando ainda mais duro enquanto dava tudo de si para não surtar.

Apalpou Rozanov sobre o tecido, e uma ideia bastante clara do que queria surgiu em sua mente. Ele queria que a barreira de jeans sumisse. Queria ver o pau de Rozanov, queria segurá-lo e senti-lo encostado em seu corpo, o que era *estranho*. Não era para desejar isso. Não deveria desejar *nada* daquilo.

No entanto…

Com um objetivo em mente, Shane abriu a braguilha de Rozanov e enfiou a mão dentro da calça. Quando envolveu a mão no membro grosso e macio, Rozanov respirou fundo e parou de beijá-lo. Os dois baixaram o rosto para ver a forma como a mão de Shane se movia debaixo da cueca de algodão de Rozanov. Shane via a cabeça do pau saindo pelo elástico, e sentiu uma vontade repentina e selvagem de beijá-la. De passar a língua na ponta e sentir o gosto.

Puta merda. Isso era muito gay.

Rozanov, por outro lado, parecia tranquilo. Estava tirando a própria camisa e depois movendo a mão para acariciar o rosto de Shane — que olhou para cima e viu Rozanov o observando com olhos escuros, a boca aberta e os lábios inchados. Seu rosto era desejo puro.

Shane ficou imóvel, e Rozanov passou o polegar por seus lábios, depois o enfiou na gentilmente na boca dele. Shane fechou os olhos e chupou o dedo, deixando a língua se enrolar nele. Ficou chocado com a naturalidade com que fez isso; com o quanto amou a sensação. Sentiu Rozanov estremecer, e Shane se sentiu tonto. Não sabia mais quanto tempo aguentaria de pé. Ficou se perguntando se Rozanov deixaria que… se ele queria que Shane…

Shane soltou o polegar de Rozanov e, devagar, ficou de joelhos.

— Puta que pariu — ele ouviu Rozanov suspirar.

Shane sabia que não teria mais volta, mas eles provavelmente já tinham ultrapassado esse limite de qualquer forma, então ele que fizesse o que bem entendesse. Com as mãos trêmulas, baixou a calça e a cueca de Rozanov, depois preencheu a boca com o pau grosso e rígido. Respirou fundo e, com muito cuidado, pressionou a língua na cabeça.

— Isso, Hollander… — sibilou Rozanov.

Tinha gosto de… pele. Shane passou lentamente a língua pela cabeça, sem ter a mínima ideia do que fazer. Gostava de ser excelente em tudo. Sua única experiência com esse tipo de coisa tinha sido como receptor, então tentou imitar o que algumas das garotas tinham feito. Meteu Rozanov mais fundo na boca, e foi tão *estranho*. Meio que continuou assim por um momento, sua língua achatada pelo peso do pau de Rozanov. Ele sabia que devia estar ridículo de se ver.

A expressão de Rozanov, no entanto, não sugeria que ele estava vendo algo ridículo. Segurou o rosto de Shane com a mão grande e o observou com os olhos baixos. Murmurou algo em russo e depois disse:

— Olhe só pra você.

O rosto de Shane corou. Uma imagem lampejou em sua mente de os papéis sendo invertidos. Como é que Rozanov seria de joelhos, com Shane preenchendo sua boca? Será que chegaria a descobrir?

Gemeu involuntariamente, o que fez Rozanov estremecer. Ele passou o polegar pelas maçãs do rosto de Shane, que fechou os olhos e começou a mover a boca. Chupou e lambeu, deixando-se acostumar à sensação de ter

um pau na boca. Sua mente estava a mil, preocupado com a técnica e com o que exatamente tudo aquilo significava. Contudo, foi então que Rozanov enfiou os dedos no cabelo dele, e Shane se lembrou de que aquilo era *sexy* pra caralho. Que tinha fantasiado justamente aquilo, sozinho no quarto, embora tivesse morrido de vergonha logo depois.

Suspirou ao redor do pau de Rozanov e balançou a cabeça um pouco, se deixando levar com o deslizar do membro rígido na língua. Tinha certeza de que estava fazendo um péssimo trabalho, e seus medos se confirmaram quando Rozanov de repente gritou:

— Para! Para. Para.

Shane tirou o pau da boca depressa e olhou para Rozanov, que estava fazendo careta com os olhos fechados.

— Foi mal — disse Shane. — Eu não… eu nunca tinha…

Rozanov riu.

— Tudo bem. Foi… — Ele abanou a mão no ar como se estivesse tentando fisicamente pegar a palavra estrangeira pela qual estava procurando. — Foi… demais.

— Ah. — *Sério?* Shane achava que mal tinha feito coisa alguma.

— Só… ah… muito, hum…

Desconcertante? Intenso? Errado? Shane conseguia pensar em algumas palavras, mas não quis dar palpite quanto ao que Rozanov estava sentindo.

— Demais — concluiu ele. Depois soltou um som de frustração. — Não. Não consigo pensar a palavra.

Shane se levantou, porque se sentiu um idiota de ficar de joelhos se não ia mais fazer nada lá embaixo. Quando ficou de pé, olhou com curiosidade para Rozanov.

— Você tem… pensado nisso?

Rozanov abriu um sorrisinho torto e deu de ombros.

— Gosto de problema.

Shane riu.

— Bem, acho que encontramos.

— Você nunca fez isso — falou Rozanov, sem rodeios. — Com um homem.

— Não. Você já?

Rozanov o encarou, e Shane sabia que o russo estava decidindo se deveria ou não confiar nele, e então devia ter se dado conta de que já era

tarde demais de qualquer maneira, e assentiu.

— Na Rússia. Filho do meu treinador.

Shane gaguejou.

— Puta que pariu. Você *gosta mesmo* de problema! Ele era do time?

— Não. Não jogava hóquei.

— Alguém chegou a… descobrir?

Rozanov fez que não.

— Ele nunca ia contar. Eu nunca ia contar. Era seguro.

— Seguro — repetiu Shane. Não lhe parecia seguro de jeito algum.

— Só diversão. Nada sério. Eu estava… Como é mesmo?

— Curioso?

Rozanov sorriu.

— Sim. Curioso. E *você* me deixa curioso.

— Ah.

Ele chegou mais perto e, com um sotaque carregado, sussurrou no ouvido de Shane:

— *Eu* te deixo curioso?

Rozanov fazia Shane se sentir de muitas maneiras: confuso, furioso, assustado, excitado e, sim, curioso.

— Óbvio — respondeu Shane, um tanto irritado.

— Gostou de chupar meu pau?

— Ah, *essas* palavras você sabe, né?

Rozanov lambeu debaixo da orelha de Shane, que arquejou.

— Gostou? — perguntou Rozanov de novo.

Shane engoliu a saliva e o orgulho próprio.

— Sim.

— Quer que eu me deite na cama e te deixe continuar?

— Me *deixar*?

Rozanov riu com os lábios no pescoço de Shane.

— Sou um cara legal.

Shane o empurrou, e, com a calça ao redor dos joelhos, Rozanov cambaleou para trás. Ele riu caindo de costas na cama.

Agora que havia um pouco de distância entre eles, Shane podia assimilar todo o esplendor do corpo quase nu de Rozanov. O russo parecia estar gostando da atenção, e espreguiçou os braços musculosos sobre a cabeça, sorrindo e arqueando o torso comprido. Tinha pelos castanhos no

peito e descendo pelo umbigo até a ereção pulsante, que ainda estava úmida com a saliva de Shane.

Rozanov se sentou e terminou de tirar a calça, junto com os tênis e as meias. Os olhos de Shane se fixaram no jeito que os músculos de seu abdômen flexionaram quando ele se curvou para a frente, e nas coxas grossas e fortes.

Mais uma vez, Shane se sentiu bastante jovem. Um garoto. Percebeu que ainda estava quase todo vestido, e não sabia se deveria mudar isso ou não.

Rozanov tomou a decisão por ele.

— Isso aqui é um pouco… injusto. — Ele gesticulou entre os dois.

— Quer que eu…

— *Da.* Sim. Deixa eu te ver.

— Você já me viu. No chuveiro.

— Quero ver melhor.

Shane tirou as roupas depressa. Se despir na presença de outros caras não era incomum para ele, mas não havia nada de familiar naquele cenário. Ficou de cueca por um momento, depois tentou não corar ao tirá-la.

Shane ficou parado com os braços estendidos. *E aí?*

Rozanov sorriu e indicou o próprio peito.

— Tão lisinho.

— Escuta aqui…

— Como um nadador.

— Eu não… É natural, ok?

— Sim. Vem cá. — Rozanov deu batidinhas na cama.

Shane soltou o ar e foi até a cama. Deitou-se ao lado de Rozanov, sem saber o que fazer em seguida.

— O que você quer? — indagou Rozanov.

— Não sei.

— Não? — perguntou Rozanov, se esticando para beijar Shane. — Nada?

— Eu…

— Que tal… — Rozanov encostou a mão na ereção de Shane e fechou os dedos ao redor dela. — Tudo bem assim?

Shane assentiu. Estava estranhamente tudo bem em Ilya Rozanov — um cara, um jogador de hóquei, seu *rival* — agarrar o pau de Shane.

— Relaxa — pediu Rozanov, beijando-o de novo. Ele acariciou Shane com cuidado, sem lubrificante, e Shane ficou entorpecido. As palavras de Rozanov, suaves e carregadas de sotaque, suas mãos gentis e seus beijos autoconfiantes estavam trabalhando em equipe para fisgá-lo.

Tonto com sensações e inebriado pelo tesão, Shane empurrou o ombro de Rozanov de leve até ele deitar as costas na cama. Em seguida, antes que pudesse mudar de ideia, Shane desceu pelo corpo dele e enfiou o pau na boca de novo. Não estava mais confiante nas próprias habilidades dessa segunda vez, mas sabia o que queria. Queria fazer Rozanov gozar. Queria desmantelá-lo.

Deixou o queixo cair e engoliu Rozanov o mais fundo que conseguiu. Estava com medo de mordê-lo sem querer, então manteve a boca provavelmente mais aberta do que o necessário e usou muito a língua. Foi sem jeito e muito babado, mas conseguia ouvir os sons de incentivo que Rozanov soltava. Quando Shane subiu o olhar, viu que Rozanov tinha se apoiado sobre os cotovelos e estava assistindo a ele fazer seu primeiro boquete com grande interesse.

Shane envolveu a base do pau de Rozanov com a mão e a subiu para encontrar a própria boca. Quando Rozanov arqueou o corpo e gemeu, Shane repetiu o movimento, masturbando-o com intensidade e pressa.

— Hollander… caralho. — Rozanov começou a falar em russo, e Shane não sabia o que ele estava dizendo, mas imaginou que seria melhor sair do caminho, porque não tinha certeza se estava pronto para levar uma jatada na boca.

Tirou o pau da boca bem a tempo. Rozanov usou a própria mão para substituir a boca de Shane e se masturbou com força até seu êxtase respingar por todo o abdômen.

Shane ficou encarando, embasbacado. Foi coisa mais gostosa que já tinha visto na vida.

Rozanov jogou o peso na cama, ofegante.

— Nada mal, Hollander.

Shane continuava encarando a lambança na barriga de Rozanov. Seu próprio pau estava duro feito pedra. Pensou em bater uma até gozar em Rozanov. Pensou em Rozanov botando a boca nele…

— Ok. Bom. Boa noite — disse Rozanov, se mexendo para se levantar.

O queixo de Shane caiu, e ele estava prestes a ficar furioso quando reparou no sorrisinho brincalhão e torto.

— Vai se foder — falou.

— Você queria mais alguma coisa? — indagou Rozanov, fingindo inocência.

Shane o fulminou com o olhar. Rozanov riu e pegou alguns lencinhos da cômoda para limpar um pouco do abdômen.

— Deita — instruiu.

Shane obedeceu. Rozanov subiu em cima dele e o beijou.

— Você me acha um cuzão — falou Rozanov.

— Você *é* um cuzão.

— Eu jamais ia te deixar desse jeito.

— Ah, não?

Ele o beijou novamente.

— Não.

Enquanto se beijavam, Rozanov abaixou a mão e pegou o pau de Shane, que arquejou na boca dele.

— Deixa eu te mostrar — murmurou Rozanov — como se faz.

Ele desceu os beijos pelo corpo de Shane, o que foi tão gostoso que Shane se esqueceu de se sentir ofendido. Quando alcançou o pau, Rozanov o cumprimentou com uma lambida demorada usando toda a superfície da língua, como se fosse uma casquinha de sorvete ou algo do tipo.

— Puta merda. — Shane estremeceu.

Rozanov lambeu e chupou a cabeça, brincando com a língua na ponta e já levando Shane para perto do limite. Ele agarrou a manta da cama do hotel e tentou se controlar. Rozanov era surpreendentemente bom naquilo. Quantas vezes será que o desgraçado tinha ficado com o filho do treinador? Shane achou que deveria estar prestando atenção — talvez fazendo anotações —, mas seu cérebro tinha ido dar uma voltinha.

Shane abaixou a mão para afagar os cachos castanho-dourados de Rozanov. Ele passou os dedos pela barba curta da bochecha, pelo contorno definido do maxilar. No passado, Shane tinha curtido ver garotas gostosas o chupando, mas aquilo ia muito além de qualquer experiência que já houvesse tido. Ver aquele cara enorme e lindo, que sabia exatamente o que

fazer com a língua e os lábios e — puta que pariu, os *dentes* — mamando como se pudesse ganhar uma medalha pela performance…

— Ah, cacete. Rozanov! Eu vou…

Esperava que Rozanov fosse sair de perto, mas ele o chupou com mais intensidade, e Shane gozou em sua boca.

Um fluxo de aleatoriedades saiu dos lábios de Shane.

— Puta que pariu. Desculpa. Meu deus. Foi mal mesmo. Caralho. Uau. Cacete.

Rozanov tirou a boca sem pressa nenhuma, e se limpou com o dorso da mão. Riu da tagarelice de Shane.

— Desculpa? Por que desculpa?

Shane se engasgou com uma gargalhada histérica.

— Sei lá! Eu só… eu não esperava que você fosse…

Rozanov deu de ombros, como se Shane o estivesse agradecendo por entregar uma correspondência.

— Eu não me importo.

Shane se sentiu idiota por nem ter tentado… terminar o trabalho direito em Rozanov. O cara estava determinado a superá-lo em absolutamente tudo.

Rozanov se sentou na beirada da cama com as costas viradas para Shane. Ele girou o pescoço e massageou o maxilar. Shane se sentou e jogou as pernas para o outro lado da cama. Agarrou o colchão com as duas mãos e encarou o chão. Sentiu o pânico irrompendo de novo.

Ouviu Rozanov soltar um suspiro, o que fez Shane rir por algum motivo. Estava começando a se dar conta do quanto aquela situação era absurda.

— Você está rindo.

— Ué, sim… essa coisa toda foi meio doida.

— Quero um cigarro — falou Rozanov.

— Não pode fumar no hotel.

— Eu sei. País idiota. — Rozanov suspirou. — Não tem problema. O time mandou eu parar. Estou tentando não fumar.

— Ah. Que bom. Fumar faz mal.

— É mesmo? — Shane conseguia *ouvir* Rozanov revirando os olhos.

— Então, hum… — falou Shane, ainda de costas para Rozanov. — Isso não vai sair daqui, né?

— Você acha que vou contar para as pessoas?

Shane duvidava muito.

— Não.

— Não — ecoou Rozanov.

A cama balançou quando o russo se levantou.

Shane sentiu uma vontade irracional de pedir para ele ficar. Imaginou a si mesmo pegando no sono nos braços de Rozanov e *que porra é essa?* O que tinham acabado de fazer tinha sido, acima de qualquer coisa, um grande erro. Em termos de ficadas despretensiosas, Shane não podia mesmo ter escolhido uma pessoa menos apropriada. E mesmo se esquecendo disso, não havia motivo para fingir que aquilo era qualquer coisa além de uma foda rápida e desapegada. E por que é que Shane ia *querer* fingir o contrário?

Não queria. Queria que Rozanov fosse embora de seu quarto. Queria se esquecer de que aquilo tinha acontecido. N*ão* queria tocá-lo. Puxá-lo de volta para a cama. Fazer tudo o que haviam acabado de fazer mais duas ou três vezes.

Quando Rozanov terminou de se vestir, lançou um de seus sorrisos tortos e brincalhões para Shane, que conseguiu vestir a cueca de novo, mas fora isso continuou pelado.

— Meu voo é amanhã cedo — disse Rozanov. Talvez houvesse um tom de desculpa no comentário. Ou vai ver Shane estivesse imaginando coisas.

— Beleza.

Rozanov assentiu.

— A gente se vê por aí.

— Aham — respondeu Shane, sem jeito. — Te vejo no rinque, eu acho.

— Sim.

Shane queria beijá-lo mais uma vez, porque sabia que jamais teria outra chance. Mas Rozanov já estava abrindo a porta.

— Adeus, Hollander.

— Tchau — respondeu Shane para a porta fechada.

Capítulo cinco

Setembro de 2010
Montreal

Shane era um homem de rotina.

Acordava às seis todo dia e saía imediatamente para correr dez quilômetros. Voltava para o (novo) apartamento para fazer séries de puxada alta, flexão e agachamento. Em seguida, se alongava antes de ir fazer uma vitamina e preparar um bagel, que comia assistindo ao *SportsCenter*. Em sequência, ia tomar um banho.

O resto do dia seria ditado por qualquer que fosse o cronograma agendado. Era muito raro que tivesse um dia sem nada programado.

Shane havia completado seu primeiro acampamento de treino da NHL, e garantido uma vaga na escalação dos Montreal Voyageurs na temporada de 2010–2011. Isso não era surpresa alguma, mas ainda se sentia orgulhoso pra caramba de si mesmo. Os jogos que antecediam a temporada começariam no dia seguinte. A cidade de Montreal já o recebera de braços abertos. Ele estava animado.

Na televisão, os âncoras do *SportsCenter* estavam falando de Ilya Rozanov.

Shane não tinha visto nem falado com Rozanov desde o… encontro… no quarto de hotel de Toronto dois meses antes. Gostaria de poder dizer que também não tinha pensado no adversário, mas seria uma mentira deslavada.

De repente, o rosto de Rozanov preencheu a tela. Shane sentiu o próprio rosto corando um pouco, o que era ridículo, porque estava sozinho e não na presença daqueles olhos mel brilhantes, nem daquele sorriso brincalhão e torto.

Estava assistindo à televisão, absorto, mas sem ouvir uma palavra sequer da entrevista. Só saiu de seu torpor quando Rozanov disse, sem sombra de ironia:

— Os Bears vão ficar felizes comigo nessa temporada. Vou marcar cinquenta gols.

— Cinquenta gols? — indagou a entrevistadora, impressionada.

— Tá de brincadeira comigo, né — falou Shane em casa.

— Sim. Até o fim de fevereiro — afirmou Rozanov.

Shane riu pelo nariz. Estava sem palavras com a audácia do cara. Todo cheio de si antes mesmo de a temporada começar, antes de ter qualquer ideia de quanto tempo no gelo ele teria com os Bears, dizendo que marcaria cinquenta gols na temporada? Sendo um novato de dezenove anos?

Shane tinha toda a intenção do mundo de marcar pelo menos o mesmo número de gols, mas ele é que não ia ficar *anunciando* isso aos quatro ventos. Meu deus, o que é que seus novos colegas de time iam pensar dele? Achariam que era um babaca prepotente, isso sim. E se Shane não cumprisse o prometido, ia ficar com cara de tacho.

Mas aí tinha Rozanov, ousado como ninguém, tranquilamente declarando sua intenção de realizar a proeza que talvez quatro ou cinco novatos tinham conseguido fazer. No máximo. Na história.

Era ridículo. De dar nos nervos.

— Você se sente pressionado a jogar melhor que Shane Hollander nesta primeira temporada? — indagou a entrevistadora.

— Quem?

Vai. Tomar. No. Seu. Cu. Rozanov.

Rozanov olhou bem para a câmera, e Shane congelou. *Ele não consegue te ver, bestão.*

Shane viu Rozanov dar uma piscadinha para a câmera, e semicerrou os olhos. Quando os times finalmente se enfrentassem, ia calar a boca daquele filho da mãe.

A oportunidade surgiu um mês depois.

A euforia que levou ao primeiro encontro entre Hollander e Rozanov pareceu, para Shane, um pouco excessiva. Os dois só tinham dezenove

anos, e suas respectivas carreiras na NHL tinham meras semanas de existência. Shane não sabia ao certo o que as pessoas esperavam que fosse acontecer.

O time de Montreal receberia Boston. Shane saiu para almoçar com os pais no dia da partida. Eles apareciam em todos os jogos em casa, mas naquele dia viajaram de Ottawa um pouco mais cedo porque sabiam o quanto o filho estava nervoso.

— A liga está sempre em busca de um ângulo para o marketing, Shane — falou o pai. — É só um jogo como qualquer outro.

— Sei disso. — Ele pegou o macarrão com o garfo. Não conseguia imaginar o que os pais diriam se soubessem que o verdadeiro motivo pelo qual estava nervoso era ter que encarar Rozanov. A pressão era o de menos. Ele vivia pelo hóquei, e era extremamente bom no esporte. Em outras circunstâncias, Shane estaria ansioso pela oportunidade de se provar contra um rival.

Você teve mesmo que deixar as coisas estranhas, né, Hollander?

— O Drapeau vai começar hoje? — perguntou a mãe de Shane. — Ele não estava bem do lado esquerdo no último jogo. Está com dor?

— Tá bem, sim — respondeu Shane com um sorriso fraco. Em uma nação de torcedores de hóquei fervorosos e bem instruídos, Yuna Hollander era a número um. Os pais dela haviam emigrado do Japão, mas Yuna tinha nascido e crescido em Montreal. Ela estava feliz da vida pelo filho ter sido escalado por seus amados Voyageurs.

Shane era o filho único de Yuna e David Hollander, e eles haviam lhe dado todo o apoio do mundo. Shane os amava, e sabia o quanto era sortudo. Ele definitivamente não estaria naquele patamar sem os pais.

Sabia bem que a maioria dos jogadores na liga não podiam contar com os pais para irem a quase todos os jogos locais, mas não tinha vergonha de admitir que se sentia grato pelos seus morarem tão perto. Havia jogado hóquei na liga júnior em Kingston, perto o bastante de Ottawa a ponto de os pais irem à maioria dos jogos lá também. Sendo sincero, Shane nunca tinha sentido necessidade de se distanciar deles. Vai ver era porque era filho único, ou talvez fosse porque sabia quanto tempo, dinheiro e energia seus pais tinham dedicado para fazê-lo chegar aonde estava.

Além disso, Shane gostava deles.

— Você precisa botar uma luminária do lado do sofá no apartamento — comentou a mãe, do mais absoluto nada.

— O quê?

— Sua sala de estar, filho. É escura demais. Quer aquela do escritório de casa? Não precisamos dela.

— Não, tudo bem, mãe. Fiquem com ela. Eu compro uma.

— Yuna! Ele não precisa dos nossos cacarecos velhos! Nosso filho é milionário!

— A luminária é boa, ué! — rebateu ela. — Não se faz mais coisas de casa tão boas como antigamente.

— Se tiver dinheiro pra bancar, fazem qualquer coisa — disse o pai.

— Da próxima vez que vierem pra cá, a gente pode sair para comprar uma luminária, mãe.

Isso pareceu agradá-la.

— Você já chamou algum amigo para ir ver o apartamento? — perguntou.

— Um. O Hayden. Sabem, o…

— Hayden Pike. O novato. Ala esquerda. Jogou para Drummondville na liga de Quebec — recitou a mãe. — Sei quem é, sim.

— Isso. Ele foi lá para ver como tinha ficado uma noite dessas, antes de sairmos com os outros caras.

— Ele parece ser um cara bacana — comentou a mãe. — Vi uma entrevista dele.

— Ele é de boa. Todo mundo tem sido ótimo até agora, na real.

O pai riu.

— Claro que sim! São sortudos pra caramba por terem você.

Shane revirou os olhos.

— Sou só mais um cara no time, pai.

Os pais se entreolharam, mas não disseram nada. Shane deixou o assunto para lá, porque sabia o quanto os dois estavam orgulhosos.

— Enfim — disse o pai —, do que a gente estava falando? Rozanov? Não estamos preocupados com o Rozanov, né?

— Ele joga sujo, aquele ali — resmungou a mãe.

— Ele joga *bem*, a questão é essa. — Shane suspirou.

— Não tão bem quanto você, meu filho. Em aspecto nenhum — afirmou a mãe.

— Ele é maior que eu.

— E você é mais rápido.

— É, pode ser.

— E é um líder. Um bom rapaz. Enquanto o Rozanov é um babaca.

Shane riu.

— É. Eu sei.

Ele chupa rola melhor do que eu. O pensamento surgiu na mente de Shane, e ele rapidamente pegou o copo d'água, quase o derrubando.

A mãe semicerrou os olhos.

— O que deu em você, Shane? Geralmente você não fica tão nervoso assim.

— Nada! É só que eu quero ganhar hoje. Só isso.

Devia ter sido a coisa certa a se dizer, porque ela sorriu.

— E você vai. Aquele Ilya Rozanov que se foda, né? Esse pode ser seu mantra hoje.

Ou não.

Shane forçou um sorriso.

— Aham. Ele que se foda.

— Tá, que se foda — disse o treinador LeClaire. — Rozanov, vai pra pista e assume o *face-off* contra o Hollander. Vamos dar a eles o que eles querem.

Rozanov passou por cima dos painéis e foi até o círculo do *face-off*. Estava no gelo com Hollander pela primeira vez em um jogo da NHL.

— Shane Hollander — falou casualmente quando chegou até o oponente.

— Rozanov.

Ilya deixou os lábios se curvarem em um sorrisinho. O rosto de Hollander enrijeceu, e ele sacudiu a cabeça de leve.

A multidão estava barulhenta pra cacete. Aquela cidade era insana.

— Vai decepcionar a torcida, Hollander?

— De jeito nenhum.

Se curvaram para o *face-off*.

Ilya desejou não estar com o protetor bucal, porque teria adorado fazer algo sexy com a língua para distrair Hollander.

Ele provavelmente deveria estar mais focado no disco e menos em pentelhar Hollander, porque perdeu o primeiro *face-off* deles. E isso era algo que jamais recuperaria.

*

Ilya olhou feio para o teto de seu quarto de hotel em Montreal. Estava furioso consigo mesmo — não com o time, mas *consigo mesmo* — por ter perdido a primeira partida contra Hollander.

Não sabia o que fazer com a raiva. Não era o melhor momento para seu celular tocar.

Era o desgraçado de seu irmão, Andrei.

— O que foi? — perguntou Ilya, mandando lembranças para a educação. Não era como se Andrei estivesse ligando só para jogar conversa fora.

— Jogou hoje?

— Sim — respondeu Ilya, com a voz tensa. Ele tinha colegas de time da República Checa cujas famílias assistiam a todos os jogos pela internet.

— Ah. E ganhou?

— O que você quer?

Andrei ficou em silêncio. Ilya sentiu um aperto no peito.

— O pai está…?

— Bem. Por que não estaria?

Ilya travou o maxilar. Seu irmão podia fingir tanto quanto quisesse que não tinha nada de errado com o pai dos dois, mas estava ficando cada vez mais óbvio que não era o caso. Ele decidiu ignorar as mentiras por ora.

— Está precisando de dinheiro, então? — indagou Ilya. Era a única outra razão possível para Andrei estar ligando.

— Olha… não é muita coisa. Tipo… uns vinte mil?

— Vinte mil! *Dólares*?

O irmão riu.

— Rublos que não é. Claro que é dólar.

— Pra quê, porra?

— Pra vida, ué — respondeu o irmão, vagamente. — Você sabe como são as coisas por aqui.

Ele sabia como *seu irmão* era. Das duas uma: ou estava fazendo um péssimo investimento, ou já tinha feito um péssimo investimento. Isso ou apostas. Ou alguma outra coisa que um policial realmente não deveria estar fazendo.

— Te dei dez mil uns dois meses atrás. Cadê a porra desse dinheiro?

— Usei na vida, Ilya. Já falei.

— Na vida. Conta outra.

— Ah, não vem chorar miséria pra mim. Eu sei quanto custou sua contratação.

— Não duvido que saiba mesmo. — Provavelmente era a única parte da carreira de Ilya que Andrei se dera ao trabalho de acompanhar.

— Eu não estaria pedindo se não fosse importante, Ilya.

Ilya revirou os olhos para o celular. Poderia dizer não. *Deveria* dizer não. Não devia merda nenhuma ao irmão.

Só que, se dissesse não, seu pai ligaria logo em seguida para dar um sermão sobre família e sobre ser um bom filho. E, por mais que Ilya odiasse Andrei, o babaca ainda assim era seu irmão. Mas seria a porra da última vez.

— Te mando o dinheiro. Mas não peça mais.

— Pode mandar agora? Que horas são aí?

— O quê? Não! Vai se foder, cara, eu mando amanhã. Vou dormir.

— Falou. Boa noite, então.

— De nada.

Andrei desligou. Ilya jogou o celular na cama.

Ligou a televisão, e lá estava o rosto de Shane Hollander preenchendo a porra da tela. Todo suado, corado e feliz. Respondendo perguntas em um francês perfeito de merda. Ilya não conseguia nem falar uma frase em inglês sem parecer um vilão de desenho animado. Odiava o sotaque. Odiava sua família de merda.

Shane Hollander estava falando francês, ofegante, sorridente e ensopado de suor, com o cabelo espetado em todas as direções. Suas bochechas estavam cor-de-rosa, e seus lábios estavam vibrantes e úmidos. Ele estava todo orgulhoso do próprio desempenho.

Ilya disse a si mesmo que a sensação em seu estômago não passava de inveja, mas ficou morrendo de medo de ser algo muito, muito pior.

Capítulo seis

Janeiro de 2011
Nashville

Ilya passou o cartão pela terceira vez, finalmente conseguindo abrir a porta do quarto de hotel. Lá dentro, se jogou de costas na cama king com os braços estendidos, sentindo uma leveza agradável pelos drinques que tinha consumido no jantar das estrelas, os melhores jogadores da liga.

Ele esperava estar em um time com Hollander, já que haviam jogado na mesma conferência, mas a liga decidira mudar as coisas naquele ano e fazer os norte-americanos formarem um time e os europeus, outro. Não era muito difícil cogitar o motivo. A liga estava se esbaldando na rivalidade entre Rozanov e Hollander.

Faltava pouco para Ilya terminar de cumprir sua promessa de marcar cinquenta gols até o fim de fevereiro. Já tinha marcado trinta e oito.

Hollander, por sua vez, tinha marcado quarenta e um.

Maldito Hollander.

Ilya o vira no saguão mais cedo naquela noite, mas tinha sido só isso. Nem uma troca de palavras. Ele nem mesmo tinha recebido um aceno de cabeça.

Ficou se perguntando o que Hollander devia estar fazendo naquele momento.

Ficou se perguntando se tinha alguma mulher bonita no bar do hotel àquela hora.

Será que Hollander estava em seu próprio quarto, deitado na cama?

Será que estava se perguntando o que Ilya estava fazendo também?

Porra, por que era tão difícil deixar Shane Hollander para lá? Eles tinham ficado *uma vez*. Meses antes. Tinha sido um erro, obviamente. Um

erro gigantesco e ridículo. Ou, no mínimo, algo que deveria ser esquecido. Nada de mais.

No gelo, era fácil de se concentrar na partida. Na verdade, Ilya *amava* jogar contra Hollander. Nunca diria isso na cara dele, mas Hollander era bom pra caralho. Ele o desafiava de maneiras às quais não estava acostumado. Ilya adorava roubar o disco de Hollander. Amava empurrá-lo nos painéis. Amava patinar ao redor dele. Amava provocá-lo, porque seus olhos ficavam diminutos de raiva, e seus lábios cor-de-rosa se curvavam em uma tentativa adorável de rosnar. Que nem um gatinho irritado.

Tá. Não era assim tão fácil se concentrar na partida.

E, depois dos jogos… e todos os dias entre os jogos… quando Ilya precisava ver Hollander ser entrevistado com seus modos educadinhos de merda e o sorriso jovial fofo. Quando Ilya o via jogando contra outros times, e observava a forma como ele se movimentava com uma graça impecável e calculada. Quando Ilya o ouvia alternando entre um inglês perfeito e um francês irretocável nas coletivas de imprensa. Quando Ilya pensava na voracidade da boca dele naquele quarto de hotel em Toronto…

Ele nem sequer tinha o número de Hollander.

Os dois se veriam na noite seguinte.

Shane deveria ter previsto a coletiva de imprensa.

Na manhã de sábado, o dia da Competição de Habilidades das Estrelas, recebera uma ligação de alguém que trabalhava no escritório de relações públicas da NHL dizendo que havia uma coletiva de imprensa curta agendada para aquela tarde. Às duas. Seriam somente ele e… Ilya Rozanov.

— Por quê? — indagara.

— É seu primeiro Jogo das Estrelas! Vocês dois estão tendo uma temporada de estreia incrível! Além do mais, a imprensa ama a ideia de botar vocês dois juntos.

Shane corara um pouco ao ouvir isso.

Então, naquele momento, estava sentado detrás de uma mesa elevada, encarando uma sala cheia de repórteres e de câmeras. Essa parte era bastante familiar, e não causava estresse algum a Shane. O russo enorme a seu lado — que estava sentado tão perto que os antebraços dos dois quase

se tocavam sobre a mesa — era o único responsável pela boca seca de Shane e o gaguejar (provavelmente) perceptível.

— Ilya — falou um repórter —, você anunciou no começo da temporada que marcaria cinquenta pontos até o fim de fevereiro. Já foram trinta e oito. Acha que vai cumprir a promessa?

Rozanov levou um instante para responder. Shane ficou se perguntando se ele estava pensando em quais palavras estrangeiras falar.

— Sim — disse Rozanov por fim. Risos se espalharam pela sala quando ficou claro que ele não ia se aprofundar na resposta.

— Shane, você marcou quarenta e um gols este ano, até agora. Acha que vai superar os cinquenta do Rozanov?

— Eu não penso muito nesse tipo de coisa — falou Shane com cuidado. — É um esporte em equipe, e fico feliz quando meu time vai bem. Só tento contribuir para as vitórias.

Rozanov estava usando um boné, e sua cabeça estava baixa, então os repórteres não viram sua reação, mas Shane conseguiu *sentir* ele revirando os olhos a seu lado.

— Ilya, como é jogar com um time de europeus nessa partida de Estrelas?

— Bom. Perfeito. As conversas no vestiário fazem mais sentido do que de costume.

Mais risos.

Shane observou a forma como Rozanov estava lentamente esfregando o nó do dedo indicador com o polegar. Era possível que ele nem se desse conta de que estava fazendo aquilo. Rozanov tinha mãos bonitas…

As perguntas não paravam, e todas eram exatamente o que Shane esperava. Ele fez o melhor que pôde para respondê-las, e até arriscou um olhar para a silhueta de Rozanov a seu lado. Os cachos saíam de debaixo do boné do Jogo das Estrelas, e seu maxilar estava coberto de barba por fazer. Ele estava usando uma camisa com gola V, e Shane via o brilho da corrente onde ela desaparecia sob o tecido.

Shane virou a cabeça abruptamente de volta aos repórteres.

Deu um gole na água e se reclinou na cadeira. Só que agora tinha uma visão ainda melhor de Rozanov, e da forma como o russo estava curvado para a frente sobre a mesa. Shane viu os músculos em suas costas e nos ombros, tensionados debaixo do tecido fino da camiseta.

— Shane?

— Desculpe, pode repetir? — Shane olhou para a frente.

— Só uma pergunta rápida da *Toronto Star*: você gostaria de jogar em um time de Estrelas *com* o Ilya no futuro?

— Ah. Sim. Claro. Assim… — Ele respirou fundo. — Ilya é um excelente jogador.

— Ilya? A mesma pergunta?

— Se o Hollander não se importar de eu começar no centro. Sim.

Shane fez graça revirando os olhos, e todos riram. Ele bateu as mãos e as apoiou na mesa, inclinando-se sobre o microfone para esperar a pergunta seguinte. Os cotovelos de Rozanov também estavam sobre a mesa. O cotovelo esquerdo quase resvalava no direito de Shane — que podia jurar que havia uma corrente elétrica no espaço curto entre eles dois. Era como se os pelos em seu braço estivessem eriçados.

— Já faz três temporadas que tanto Montreal quanto Boston ficam de fora dos *play-offs*. Vocês se sentem pressionados a restaurar o legado dos times de vocês, mesmo cedo assim na carreira?

Shane coçou o braço e franziu o cenho. Virou a cabeça e viu que Ilya estava olhando para ele, e o rosto do russo mostrava que esperava que Shane respondesse primeiro. Vai ver Rozanov só tinha entendido cerca de metade das palavras. E, para ser sincero, Shane achou a pergunta meio burra.

— Hum — disse. — Não posso falar pelo Rozanov, nem de como são as coisas em Boston, mas sei que os torcedores de Montreal amam o time e com certeza esperam que a gente vire o jogo e volte para os *play-offs* para ganhar algumas taças. E, sabe, eu me sinto da mesma forma. Então… acho que minha resposta é que não sinto pressão nenhuma além da que eu já coloco em mim mesmo.

Ele esperava que a resposta tivesse sido satisfatória. Infelizmente, o repórter não reparou que Ilya estava com dificuldade de entender a pergunta, e disse:

— Ilya?

— Ah — falou. — O mesmo que o Hollander disse. Sim.

Ele lançou um de seus sorrisos brincalhões para a imprensa, e todo mundo riu de novo. Shane olhou para ele, e Rozanov fez contato visual e deu uma piscadela. Shane franziu os lábios para reprimir um sorriso.

Debaixo da mesa, ele sentiu o pé de Rozanov dando batidinhas no seu. Era o contato mais casto do mundo, mas ainda assim fez o coração de Shane parar.

A coletiva de imprensa acabou. Ambos se levantaram em meio ao caos de dezenas de pessoas guardando seus equipamentos de gravação. Shane ofereceu a mão a Rozanov, que o cumprimentou. Quando Shane soltou, Rozanov passou lentamente os dedos pela palma de Shane.

— Te vejo mais tarde, Hollander — disse em um tom que era muito mais sugestivo do que deveria ter sido.

Shane engoliu em seco.

— Aham. Até mais tarde.

Shane se deu um momento no gelo para assimilar tudo. A Competição de Habilidades das Estrelas da NHL era sediada na noite anterior ao Jogo das Estrelas, e era uma chance para os melhores jogadores da liga se exibirem e tentarem se provar como o patinador mais rápido, ou o atacante mais certeiro. Era só uma noite tranquila e divertida que ninguém levava a ferro e fogo, mas, cacete, ele estava *lá*. Era um novato e já era uma Estrela da NHL. Tinha o direito de se sentir um pouco orgulhoso de si mesmo.

Todos os jogadores de ambos os times estavam no gelo naquele momento, abarrotados na frente de seus respectivos bancos. Alguns jogadores se ajoelharam para esperar a chamada de seus eventos. Outros estavam de pé, conversando com seus companheiros de time daquele fim de semana. A liga tinha dispensado a sutileza em sua vontade de ver Shane e Rozanov se enfrentando em um dos eventos da competição. E esse evento acabou sendo a competição de precisão de tiro.

Rozanov foi primeiro. A rede tinha quatro alvos de espuma — um em cada canto — presos aos postes do gol. Com o disparar do cronômetro, o objetivo era quebrar todos os quatro alvos com tiros da linha azul, o mais rápido possível. O recorde da liga girava em torno de sete segundos.

Quando o apito tocou, Rozanov não perdeu tempo. Quebrou os dois alvos superiores com os dois primeiros tiros, depois errou o seguinte, e acertou os dois alvos de baixo com o quarto e o quinto tiro.

Oito segundos.

Shane sacudiu a cabeça e viu Rozanov fazer graça para a multidão. O russo patinou pelo gelo segurando o taco como se fosse um rifle, celebrando as habilidades enquanto fingia atirar na arquibancada.

Shane patinou até a linha azul para substituir Rozanov, que parou bem à sua frente.

— Lamento, Hollander.

— Acha que não consigo bater o seu tempo?

Rozanov deu uma piscadinha e uma leve trombada em Shane ao passar por ele. Shane ouviu a reação encantada da multidão.

Foda-se. *Ele* que se fodesse. Shane ia conseguir. Era capaz de superar Rozanov de olhos fechados.

O apito soou, e Shane se concentrou nos alvos. Viu cada um se partir com quatro tiros perfeitos.

Seis. Vírgula. Sete. Segundos.

A multidão foi à loucura. Shane lançou os braços sobre a cabeça e comemorou provavelmente mais que o necessário, prejudicando o espírito esportivo, mas que se fodesse, a sensação era *ótima*.

Deu um sorrisinho para Rozanov ao patinar de volta até seus colegas de time. Rozanov não estava mais sorrindo, mas o semblante em seu rosto era…

Shane corou e voltou a atenção ao time.

Agora que sua contribuição à competição tinha acabado, Shane podia só relaxar e curtir enquanto assistia aos demais se enfrentando. Gostaria de dizer que sua movimentação gradual na fila em frente ao banco até onde os times se encontravam não era deliberada, mas seria mentira. E parecia que não era o único fazendo um esforço para chegar mais perto.

Shane se apoiou despretensiosamente nos painéis ao fim do banco, fingindo se concentrar nos jogadores competindo pelo tiro mais forte, em vez de no homem que estava a alguns metros dele.

— Bom trabalho, Hollander — falou Rozanov com a voz arrastada.

— Valeu.

— Se divertiu ontem à noite?

— Ontem à noite?

— Com seus colegas de time. Saiu para jantar? Encheu a cara?

Shane baixou o olhar para o gelo.

— Ah. Sim. Foi legal. Hum… e vocês?

— Muito bom. Nada de canadenses nem estadunidenses de merda. Foi perfeito.

— Ah.

Ele voltou o olhar ao rosto de Rozanov. Ninguém usava capacetes para a competição de habilidades, já que não havia contato físico de fato, e Shane conseguiu admirar o perfil do maxilar definido e os cachos abertos.

— Vou cedo para a cama hoje. Acho — comentou Rozanov do nada.

A boca de Shane ficou um pouco seca.

— Ah, é?

— Sim.

Ficaram em silêncio, vendo a movimentação no gelo. Música alta tocava, e a multidão gritou quando mais um recorde foi quebrado.

Rozanov se abaixou. Sua respiração passou sobre a orelha de Shane quando ele disse, em voz baixa:

— 1221.

Um arrepio percorreu o corpo de Shane, e antes de acabar, Rozanov foi embora. Shane o viu patinando pelo gelo para ir conversar com um colega de time, também russo.

Shane ficou torcendo para não estar corando.

— O que o Rozanov queria? — indagou Liam Casey, um defensor do time de Pittsburgh.

— Nada, não — falou Shane depressa. — Só encher o saco, sabe?

— Que cara cuzão.

— Pois é — falou ele.

Ilya não se surpreendeu nem um pouco quando veio a batida à porta.

Estava tarde. Já passava da meia-noite. Fazia quase duas horas que tinha voltado para o quarto.

Hollander irrompeu para dentro do quarto assim que Ilya abriu a porta. Ele se virou e fechou a tranca como se alguém pudesse entrar a qualquer momento.

O cara parecia aterrorizado.

— Tem um fantasma lá fora? — perguntou Ilya, achando graça.

— Não. Vai se foder. Isso aqui é perigoso pra caralho, e você sabe disso.

— Ah, é? Não estamos fazendo nada.

Hollander olhou feio para ele. Seus olhos escuros eram uma mistura de raiva e desejo. Ilya decidiu parar de bancar o desinteressado.

— Você veio mesmo assim — falou.

— É — disse Hollander, com a voz tensa e cheia de uma coragem forçada. — Acho que vim.

Ilya assentiu, depois Hollander praguejou baixinho e avançou para beijá-lo. Ele agarrou a camisa de Ilya no punho firme e o puxou para mais perto.

Ilya gemeu com o deslizar lento da língua de Hollander na sua. Puxou com força o cabelo na nuca dele, tombando-a para intensificar o beijo.

Os dois se separaram, e Hollander o encarou com olhos selvagens e o cabelo em um alvoroço escuro, implorando em silêncio por instrução.

— Ajoelha — indicou Ilya baixinho, só para ver o que ele faria.

Esperando que Hollander mandasse ele se foder, a respiração de Ilya ficou presa na garganta quando viu o rapaz afundar com fluidez ao chão, erguendo o rosto para olhar para Ilya de baixo. Os olhos ônix, sempre tão aguçados, estavam anuviados de desejo. Hollander se inclinou para a frente para esfregar o nariz e passar a boca no volume da calça de moletom de Ilya.

— Cacete, Hollander — sussurrou Ilya, gentilmente puxando o cabelo do canadense enquanto ele plantava beijos quentes de língua no tecido esticado sobre sua ereção. Ilya se sentiu tonto e menos em controle do que queria estar enquanto Hollander enfiava os dedos no elástico da roupa de Ilya e puxava a calça até libertar o pau.

Hollander não hesitou. Passou a língua pela extensão antes de colocar os lábios ao redor da cabeça e chupar. Ilya não conseguiu nem fazer um comentário espertinho. Só arquejou e deixou a cabeça cair para trás, completamente inebriado pela intensidade da vontade de Hollander. Ele não tinha a menor capacidade de conjurar palavras em inglês naquele momento.

Hollander levantou a mão e a passou por baixo da camisa de Ilya com os dedos espaçados. Subiu o tecido até Ilya entender o recado e a tirar. Com cuidado, ele removeu a calça de moletom sem que a boca de Hollander sequer o deixasse escapar, e colocou uma das mãos atrás da cabeça do canadense. Teve o cuidado de não o segurar com muita força. Não era questão de controle — Ilya só queria tocá-lo. Deixar as mechas

sedosas de cabelo passarem por seus dedos enquanto Hollander cedia ao que evidentemente vinha desejando.

As mãos de Hollander perambulavam enquanto ele chupava. Seu toque era leve e curioso, os dedos quase fazendo cócegas em Ilya ao explorar suas coxas e quadris, dando a volta até a bunda. Ilya se perguntou até onde Hollander estava disposto a ir. Ficou pensando se ele já tinha feito alguma coisa com outro homem desde o último encontro dos dois. Os movimentos desesperados e sem prática de sua boca e o leve tremor de suas mãos sugeriam que não era esse o caso.

A ideia de que Ilya provavelmente era a única pessoa que já o tinha visto daquela forma — que era a única pessoa no mundo inteiro que sabia como era ter aqueles lábios rosados lindos ao redor da pica…

Ilya disse um palavrão em russo e se afastou. Agarrou Hollander pela frente da camisa e o puxou para cima, beijando-o com força antes de jogá-lo na cama. Queria saber quanto ele lhe daria naquela noite.

Hollander o encarou de baixo, com os lábios corados, úmidos e entreabertos. Seu cabelo estava bagunçado. Ilya só ficou imóvel e o observou tirando os tênis, sem nunca quebrar o contato visual. Hollander estava ofegante, como se não fosse uma das pessoas mais em forma do planeta.

Ilya mordeu o lábio e assistiu a Hollander tirando a camisa. Em segundos, Ilya o estava cobrindo na cama com o corpo, beijando-o com voracidade.

Ilya sempre tinha sido assim. Amava sexo, e amava mais quando havia perigo envolvido — quando era alguém com quem ele *sabia* que não deveria estar. Quer fosse o filho do treinador, a namorada do irmão, a irmã do colega de time… Ilya não conseguia resistir a uma péssima ideia.

E Shane Hollander era uma ideia *terrível*. A *pior*. Aquilo era errado de todas as formas possíveis. Dois homens. Dois jogadores da NHL, que logo, logo seriam as duas maiores estrelas da liga. Dois arqui-inimigos em times opostos que se odiavam havia quase um século.

Além do mais, Ilya odiava esse sujeito. Odiava sua cara bonitinha, o maldito inglês perfeito, o maldito francês perfeito, os pais que o amavam, os modos educadinhos e o sorriso de um milhão de dólares. Odiava o quanto Hollander era sério. O quanto era *honesto*. Ele era tudo que a liga queria de suas estrelas.

Ilya beijou a boca imbecil dele e engoliu seus arquejos idiotas e sentiu seus dedos irritantes no cabelo. Afastou-se para olhar para o rosto horrível e as sardinhas ridículas.

Puta que pariu.

Ilya voltou a beijá-lo para não ter que pensar nele. Queria comer Hollander. Cacete, será que Hollander daria para ele?

Se beijaram com euforia, rolando na cama e alternando a vez em cima um do outro, tirando o que restava das roupas de Hollander no processo. Ilya foi descendo beijos pelo corpo dele e o botou na boca. A cintura de Hollander arqueou sobre a cama, quase forçando Ilya a sair de cima dele, mas Ilya continuou no lugar. Ele chupou e aproveitou os sons desesperados que arrancava.

Deixou os dedos descerem para baixo das bolas de Hollander. Deu batidinhas com um dedo no buraco apertado e esperou uma reação. O corpo de Hollander enrijeceu na cama, então Ilya circulou o dedo levemente no ânus; só uma sugestão casual.

Sentiu Hollander ficando tenso. Estava em completo silêncio àquela altura. Ilya tirou a boca dele e olhou para seu rosto.

— Já fez isso? — perguntou.

Hollander balançou a cabeça, negando.

— Quer?

— Não sei.

— Você está com medo.

— Não! Não, eu não tô *com medo*.

— Tudo bem se estiver.

Hollander suspirou alto.

— *Não tô* — repetiu.

— Você já se tocou — perguntou Ilya, mexendo o dedo em círculos de novo — aqui?

— Pelo amor de deus — murmurou Hollander.

— Você está com vergonha.

— Óbvio, né!

— Você não brinca com a bunda? Isso te torna gay?

— Puta que pariu…

— Quer saber o que te torna ainda mais gay?

— Rozanov… cala a boca, porra…

— Chupar meu pau. Coisa que você estava fazendo um minuto atrás.

Hollander se sentou.

— Eu já brinquei, beleza? Eu… eu tenho um… negócio.

— Um negócio?

— Um dildo! Tá feliz?

Hollander sorriu tanto que sentiu dor nas bochechas.

— De que cor?

— Vai se foder!

— É grande?

— Vou embora.

Hollander fez menção de sair da cama. Ilya rapidamente o cobriu e o prendeu de volta, segurando-o pelos punhos. Hollander não se esforçou muito para se soltar, e parou por fim quando Ilya o beijou.

— Quero te comer, Hollander — falou Ilya no pé do ouvido dele.

Hollander estremeceu, e Ilya teve certeza de que ele ia dizer sim, mas…

— Eu… não. Não posso. Aqui, não.

Ilya ponderou com a resposta, e assentiu. Ali, não. Não em um hotel, cercados por seus colegas da NHL. Pela imprensa. Por torcedores. Não naquele momento, já que os dois teriam que fazer o mínimo de barulho possível quando Ilya entrasse nele pela primeira vez…

— Está bem — concedeu Ilya, mordiscando o pescoço de Hollander. — Na próxima, então.

Hollander riu pelo nariz, mas sorriu com esperança.

— Na próxima?

Ilya deu de ombros.

— Vamos jogar em Montreal daqui a duas semanas.

— Isso não quer dizer que daria pra… Tipo, *como* que a gente faria isso? *Aonde* iríamos?

— Você não tem casa?

— Tenho.

— Então pronto…

— Tá, mas e aí? Você vai sair de fininho do seu hotel? O que vai dizer aos seus colegas de time?

— A verdade, ué! Que eu vou sair para transar! Como em todas as cidades em que a gente joga.

Hollander franziu o cenho.

— Ah.

— É. Ah.

— Então… depois do jogo você quer que eu fique esperando por você em casa? — A voz de Hollander estava tensa, como se ele estivesse irritado com alguma coisa.

Ilya revirou os olhos. Não fazia ideia de por que os dois estavam perdendo tempo de conversinha.

— Sim! Espera eu chegar. Vou pra sua casa e te como.

Hollander ficou constrangido de novo.

— É apartamento — balbuciou.

— Meu deus! Tá bom! Eu te como no seu apartamento, então. Podemos voltar ao que interessa agora?

— Sim. — Hollander franziu o cenho. — Mas…

— Mas?

— No banho. A água vai abafar… os sons.

Hollander riu sem humor, mas *de fato* era uma boa ideia.

— Sim — falou, saindo da cama e ficando de pé —, mas vai logo, porra.

Hollander o empurrou ao passar, e chegou primeiro ao banheiro. Ligou o chuveiro, e, enquanto esperavam a água esquentar, Ilya o beijou encostado na porta fechada até Hollander o empurrar para conseguir puxá-lo para o chuveiro. Ele fez Ilya bater na parede de azulejos e colocou a mão ao redor de seu pau enquanto o beijava. Ilya sorriu com a boca colada na dele. Esse era o Shane Hollander que ele queria: competitivo, agressivo.

— Suas mãos são tão macias — comentou Ilya. — Parecem de mulher.

— Vai se foder.

Ilya riu. Hollander o masturbou com mais vigor, tentando provar que suas mãos eram bem fortes e masculinas.

Ilya mordeu o próprio lábio e desistiu de provocar o rival. Por ora. Também pegou o pau de Hollander e masturbaram um ao outro depressa debaixo da água, deixando o fluxo abafar as baixarias em inglês e em russo que soltavam.

Hollander se vestiu rápido quando terminaram. Ilya botou a toalha ao redor da cintura e esperou para ouvir o que Hollander diria.

— Hum…

Ilya não disse nada. Só esperou.

— Eu sei que a gente falou… de Montreal… mas…

Ilya cruzou os braços e se recostou na parede.

— Acho melhor não — concluiu Hollander.

— Não?

— Não. Tipo… meio óbvio, né?

Ilya observou Hollander passando a mão pelo cabelo úmido, nervoso.

— É uma ideia idiota — falou Hollander, mais para si mesmo do que para Ilya. — Isso tudo é idiota. Não sei por que a gente fez isso. De novo.

Ilya foi devagar até Hollander, depois levou a mão ao rosto dele e puxou sua cabeça para o lado com delicadeza, para olhar bem em seus olhos.

— Me dá seu celular.

— Meu celular? — perguntou Hollander, com a voz fraca.

— Sim.

Hollander tirou o aparelho do bolso e o entregou a Ilya, que pegou e adicionou seu contato com o nome "Lily". Hollander debochou quando viu.

— E eu vou ser quem? — perguntou ele ao pegar o celular de Ilya em cima da cômoda. — Shannon?

— Jane — disse Ilya.

— Jesus Cristo — murmurou Hollander enquanto digitava.

— Não, só Jane.

Hollander o fuzilou com os olhos ao devolver o aparelho.

— E só pra você saber, isso não é um sim — garantiu.

— Vai ser.

Hollander sacudiu a cabeça, mas Ilya sabia que ele estava relutando contra um sorriso.

— Boa sorte amanhã — disse Hollander.

— Beleza.

Hollander se virou para abrir a porta, mas parou.

— Ei, hm… quer dar uma olhada no corredor pra ver se a barra tá limpa?

Ilya não conseguiu traduzir as palavras.

— Só… vai lá dar uma olhada para ver se o corredor está vazio. Não quero que ninguém me veja saindo do seu quarto, né!

Ilya abriu a porta o suficiente para esgueirar a cabeça para fora.

— Vazio.
Hollander soltou um suspiro.
— Ok. Bem, então tchau.
— Boa noite.
Hollander assentiu. E foi embora.

Capítulo sete

Fevereiro de 2011
Montreal

Cinquenta minutos na esteira e Shane ainda não conseguia fazer o cérebro se aquietar.

Tinha uma bela de uma academia no apartamento, que ficava perto do rinque de treino dos Voyageurs em Brossard. Alguns jogadores mais novos dividiam apartamentos ou casas com outros colegas de time mais novos, mas Shane preferia morar sozinho. Ele vivia sob os holofotes desde os dezesseis anos, o que o fazia querer aproveitar quaisquer momentos de privacidade que conseguia arranjar. Além do mais, estava andando na corda bamba com os colegas de time; seu… status… no mundo do hóquei tinha uma tendência a deixar seus colegas com uma inveja que não era difícil de entender. Ele tinha certeza de que qualquer tensão só pioraria se morasse com algum deles.

Era para Shane estar se concentrando na partida daquela noite contra Toronto enquanto extenuava o corpo na esteira. Em vez disso, ficava pensando na promessa de um certo russo de ir para *a casa* de Shane e…

Havia muito a processar. Tinha gozado com Ilya Rozanov em um quarto de hotel. *De novo*. Ilya Rozanov queria dar uma escapadinha do hotel do time, da próxima vez que fossem para Montreal (o que seria na semana seguinte!) para encontrar Shane em seu *apartamento* para que pudesse fodê-lo.

Ilya Rozanov queria *comer* ele.

Shane se sentia ao mesmo tempo assustado e inegavelmente excitado. Era inegável o quando a ideia o excitava ao extremo.

Mas isso não mudava o fato de que era uma ideia muito, *muito* ruim.

Shane havia aceitado o fato de que estava mais do que ok com a prospecção de ter encontros sexuais com um cara. Tudo bem. Vinha suspeitando disso a respeito de si mesmo já havia um bom tempo, e talvez Rozanov só calhasse de ser o primeiro homem a ver isso nele e a oferecer uma chance de experimentar algumas coisas. Então talvez Shane precisasse, na verdade, ficar com *outro* cara.

Mas, porra, quem é que poderia ser?

Ele estava falando de *Montreal*. Ele era *Shane Hollander*. Se sua carreira decolasse como queria, a situação só ia ficar ainda mais impossível. Não queria de jeito nenhum que rumores acerca de sua sexualidade — independentemente de qual fosse — se espalhassem. A NHL agora gostava de bancar a inclusiva, mas Shane sabia como a banda tocava no gelo e no vestiário. Nunca tinha existido um jogador da liga que fosse abertamente queer, e comentários homofóbicos eram tão recorrentes que Shane não conseguia imaginar isso acontecendo. O primeiro a se assumir teria que ser corajoso demais. Com certeza não seria ele.

De uma coisa ele tinha convicção sobre Rozanov: ele não ia contar para ninguém. Tinha tanto a perder quanto Shane.

Do ponto de vista de Shane, havia três escolhas: esquecer isso de transar com homens e ficar só com mulheres mesmo; tentar encontrar caras, ou talvez *um cara só*, que pudesse ser discreto e… paciente; ou deixar rolar o que quer que estivesse rolando com Rozanov e tentar não ficar muito encafifado com isso.

Obviamente, a primeira opção era a mais sensata. Sem dúvidas, a mais segura.

E também a menos atrativa.

Merda.

Shane desacelerou a esteira para uma velocidade que lhe permitisse esfriar o corpo e pegar a garrafa de água.

É. Não. Beleza. Tinha mesmo que botar um ponto-final na patacoada com Rozanov. Tinha chegado à NHL e estava bem no início do que ele torcia para ser uma carreira impressionante. Um escândalo gigante provavelmente não seria bem começar com o pé direito. E Shane não conseguia ver uma maneira de os dois manterem as coisas no sigilo se continuasse acontecendo.

Por que é que estava sequer *pensando* nisso? Um relacionamento a longo prazo com Ilya Rozanov? Era isso mesmo que alguma parte burra de seu cérebro estava cogitando?

Não. Definitivamente botar um ponto-final. Shane só estava… vivendo como quem tem dezenove anos. Era jovem, estava subindo pelas paredes e estranhamente solitário para um atleta de seu naipe. Só porque Rozanov estava *oferecendo*, Shane não precisava aceitar.

Satisfeito com sua decisão, saiu da esteira e foi até o bar. Não teria erro. Rozanov mandaria mensagem pedindo o endereço, e Shane responderia "não".

Semana seguinte
Montreal

Lily: Preciso do seu endereço.
Shane: Não.

Shane sorriu para o celular — orgulhoso com sua resposta imediata e firme à mensagem de Rozanov.

Lily: Vai se foder. O que foi?
Shane: Não é da sua conta.
Lily: Beleza. Azar o seu.

Shane parou de sorrir. Se jogou no sofá e acendeu a luminária nova. Os Bears chegariam na cidade dali a dois dias, jogariam à noite, e então…

Shane mordeu o lábio, pensativo. Não era que não quisesse… *ver* Rozanov. Sendo sincero, não tinha parado de pensar nisso desde o fim de semana das Estrelas. Só não queria o arquirrival indo à sua casa. Era um limite denso demais a se ultrapassar.

Mandou outra mensagem. A gente pode se encontrar em outro lugar?

Shane sentiu um rubor de vergonha quando clicou em enviar. Meu deus, por que só não deixou quieto? Tinha conseguido rejeitar Rozanov. Por que devolver poder a ele?

Lily: Tipo onde?
Shane: Sei lá!

Lily: Descobre então. E me avisa.

Shane odiava a pose relaxada de Rozanov em relação a tudo aquilo. Porra, não era justo. Quase emendou um "Quer saber? Deixa pra lá", mas em vez disso se levantou e guardou o celular no bolso.

Ele ia dar um jeito.

Shane: 1822.
Lily: ?
Shane: Número do quarto.
Lily: Tá... onde fica?
Shane: No mesmo hotel onde você tá.
Lily: Até já.

Shane se sentou na beirada da cama king do hotel. Depois, se levantou. Em seguida, voltou a se sentar.

Que coisa mais ridícula. Por que é que estava fazendo aquilo? Pegando um quarto no mesmo hotel que o time de Boston (vários andares acima, mas ainda assim) para poder ficar com o cara de quem *ele nem sequer gostava*? Se fossem pegos, poderia ser devastador para a carreira dos dois.

No mínimo, seria *muito* constrangedor.

Shane se levantou e foi para o espelho. Conferiu os dentes e botou uma mecha de cabelo de volta no lugar.

Houve uma batida forte na porta, e ele se virou, assustado pelo barulho, e atravessou o cômodo depressa para abrir.

— Tá tentando chamar a atenção de *todo* mundo? Eu, hein.

Rozanov entrou no quarto. A aba do boné estava baixa sobre a cabeça, cobrindo os olhos. Shane fechou e trancou a porta sem demora.

— Você está nervoso — afirmou Rozanov. Não era uma pergunta.

— Não — mentiu Shane.

— É só sexo, Hollander — falou Rozanov.

— Eu sei.

Rozanov tirou o boné e os cachos caíram rebeldes ao redor do rosto sorridente. Ele estava usando uma camiseta cinza-chumbo com o logo da Nike no peito e calça preta de corrida. Shane estava usando calça azul-escura e um suéter de caxemira listrado, sentindo-se um pateta.

— Roupa bonita — disse Rozanov. Seu tom saiu neutro, como se estivesse apontando um fato, não fazendo um elogio. *Roupa bonita. Está frio lá fora. Esse hotel é grande.*

— Valeu — respondeu Shane, porque precisava dizer *alguma coisa*. — Acho que exagerei nas roupas.

— Sim. Nós dois, na verdade — falou Rozanov, tirando a camisa antes de se abaixar para tirar os tênis de cano alto.

Os olhos de Shane se fixaram na cruz de ouro que balançava no espaço entre os joelhos e o peito; a corrente fina reluzindo na nuca.

Quando Rozanov ficou de pé de novo, Shane não conseguia mais se lembrar de por que exatamente aquela era uma má ideia.

— Vem cá — chamou Rozanov.

— Não. Vem cá *você*.

Rozanov sorriu e balançou a cabeça, indo em direção a Shane.

Shane também devia ter dado um passo à frente, porque meio que se esbarraram. Um segundo depois, ele estava pressionado contra a parede, e Rozanov atacava sua boca. Shane o empurrava de volta, e se lembrou de que Montreal tinha ganhado o jogo naquela noite. Rozanov devia estar pelo menos um pouco puto por isso, e Shane sentia que talvez o russo estivesse descontando nele — e não via problema nenhum nisso. Fincou os dedos no bíceps de Rozanov e o puxou para perto. Colocou o pé ao redor de seu tornozelo, o que lhe rendeu um grunhido. De repente, o russo levantou as coxas de Shane e o prendeu contra a parede para que ele não tivesse alternativa senão envolver a cintura do homem mais alto com as pernas.

O que teria irritado Shane, mas ele só arquejou e beijou Rozanov com ainda mais voracidade.

— Eu poderia te comer exatamente assim — grunhiu Rozanov. — Encostado na parede. Ia gostar, sim?

Será que Shane ia gostar? Provavelmente.

— Hoje não — continuou Rozanov, botando a boca mais perto da orelha de Shane. — Hoje vou pegar leve com você.

Shane queria mandar ele ir se foder, mas Rozanov estava beijando seu pescoço, raspando os dentes pela pele sensível, então, o que ele fez foi jogar a cabeça para trás na parede, como o putinho sedento que, pelo visto, ele era.

Sentiu Rozanov rir com os lábios em seu pescoço, e depois Shane se sentiu sendo afastado da parede e carregado — *carregado!* — para a cama que nem a porra de uma criança!

— Me bota no chão, cuzão.

— Shhh.

— Eu sei andar!

As mãos enormes de Rozanov agarraram a bunda de Shane enquanto eles atravessavam o cômodo. Shane afastou a cabeça dos ombros de Rozanov e viu o sorrisinho torto e os olhos devassos.

— Me larga.

Rozanov se virou e derrubou Shane na cama. Shane o fitou de baixo. Estava prestes a reclamar, mas se distraiu com o corpo alto, de peito nu e musculoso que pairava sobre ele. De repente, Shane se sentiu muito pequeno em sua própria cama, o que era ridículo — ele tinha 1,78m e também era formado por músculos sólidos. No entanto, Rozanov olhava do alto para Shane, que ainda estava vestido, como se estivesse tentando decidir de onde tirar a primeira mordida, e Shane se sentiu… vulnerável.

E meio que *curtiu* isso.

Rozanov tirou a calça de corrida e ficou na beirada da cama com apenas a cueca preta, a corrente de ouro e a tatuagem de urso idiota à mostra. Os olhos de Shane foram direto para a cueca e a extensão rígida presa ali embaixo. Ele também reparou na forma como as coxas enormes de Rozanov explodiam pelo tecido, nos músculos duros que se esgueiravam pela cueca justa.

Rozanov se abaixou e botou um joelho sobre a cama bem no meio das pernas abertas de Shane, perigosamente perto da virilha. Shane levantou a cabeça com os olhos arregalados, e Rozanov desceu sobre ele, encontrando sua boca novamente. Duas mãos enormes pousaram no peito de Shane, acariciando-o sobre o suéter.

— Que macio — murmurou Rozanov.

— É caxemira — respondeu Shane, idiota.

— Sim. Tira.

Ele tirou. Rozanov afastou o corpo e ficou assistindo a Shane tirar a roupa até ficar só de cueca.

Shane se deitou, esperando Rozanov cobri-lo novamente, pressionar o peso do corpo nele, mas Rozanov só passou os dedos de leve nas pernas de

Shane, fazendo cócegas em sua pele e arrepiando todos os pelos. Ele desenhou uma trilha até onde a pele de Shane desaparecia na perna da cueca, depois parou. Shane sentiu que havia uma corrente elétrica percorrendo seu corpo. Ele via o próprio pau pulsando, implorando por atenção. Mordeu o lábio e esperou.

Rozanov abaixou a cabeça e beijou o abdômen de Shane. Fez isso repetidas vezes, os lábios quase com a mesma gentileza e provocação dos dedos pouco antes. Shane respirou fundo. Como é que Rozanov era tão bom naquilo?

A boca do russo encontrou um dos mamilos de Shane e mordiscou de leve antes de lamber. Shane estremeceu, e Rozanov prendeu sua coxa para segurá-lo no lugar. Mais uma vez, Shane admirou o tamanho daquelas mãos.

Quando Rozanov voltou à boca de Shane, *até que enfim* mexeu a mão para apalpar a ereção do canadense sobre a cueca. Shane fez um som vergonhoso na boca de Rozanov.

— Trouxe tudo? — perguntou Rozanov.

— Trouxe — respondeu Shane. Tinha certeza de que havia trazido tudo. Lubrificante e camisinhas, certo?

— Bom garoto.

— Vai se foder, vai.

— Sim.

Ele meteu a mão na cueca de Shane e tirou a ereção ali de dentro. Shane deslizou a mão para o meio dos corpos para esfregar a parte da frente da cueca de Rozanov.

Rozanov o beijou com intensidade e roçou o pau no de Shane, sustentando o próprio peso sobre uma das mãos apoiada ao lado da cabeça dele.

Shane gemeu ao sentir a cintura e a pélvis de Rozanov se esfregando nele.

Esse cara vai me comer.

Seu corpo todo enrijeceu. Rozanov percebeu.

— Relaxe — sussurrou no ouvido de Shane. — Você vai gostar.

— É — respondeu Shane, com a voz tensa. — É só que…

Rozanov saiu de cima dele por um instante para tirar a cueca em um gesto rápido. Shane fez o mesmo. Quando voltou os olhos a Rozanov, ficou

chocado com o tamanho daquele pau. Já tinha visto antes, é claro, e sabia que era de um tamanho decente, mas olhando o membro naquele instante, sabendo que, de algum jeito, era para aquilo tudo *entrar* nele…

A ansiedade devia estar estampada em sua cara, porque Rozanov riu.

— Vai caber.

Shane corou muito, o que fez Rozanov rir ainda mais.

— Confia em mim. Cadê as coisas?

Shane, grato por ter algo a fazer fora ficar encarando, horrorizado, o pau de Rozanov, se esticou e abriu a gaveta da mesa de cabeceira.

— Eu peguei, hum, lubrificante. Comprei na internet. Dizem que é o melhor que tem para… isso.

— Dar o cu?

Shane revirou os olhos.

— É assim que você conquista todo mundo que você come?

— Sou muito encantador. — Ele pegou a bisnaga da mão de Shane e a inspecionou.

— Tem camisinha também — falou, pegando uma tira da cômoda.

Rozanov arqueou uma sobrancelha.

— Tem certeza de que vai ser suficiente?

— Olha aqui…

Rozanov deu aquele maldito sorrisinho torto e safado, e Shane riu também. Observou Rozanov aplicar uma boa quantidade de lubrificante nos dedos, e depois segurar o pau de Shane.

— Ai — falou Shane. — Tá gelado! Podia ter aquecido um pouco!

— Shhh. Relaxa.

Shane estava com uma respostinha na ponta da língua, mas ela se dissolveu enquanto Rozanov esfregava o polegar na cabeça de sua pica.

Os dois observaram a provocação de Rozanov até que uma gotinha de baba saísse. O russo espalhou o líquido pela cabeça do pau de Shane, que se agarrava à cama com os dedos.

Com a outra mão, Rozanov delicadamente acariciava e puxava as bolas de Shane. Ele agia com autoconfiança, mas também com cuidado. A combinação estava fazendo Shane pulsar de anseio.

— Por favor — sussurrou.

— Por favor o quê? — perguntou Rozanov com a sobrancelha erguida.

— Não sei — respondeu Shane com toda a sinceridade.

— Por favor para eu te tocar… aqui? — indagou Rozanov, descendo os dedos para baixo do saco, passando pela pele lisa que levava a…

— Isso — disse Shane, fechando os olhos e deixando a cabeça tombar para trás no travesseiro.

— Sabe como é que funciona, Hollander?

Para falar a verdade, não.

— Aham. Sei, sim. — Ele abriu um olho. — Você já fez isso antes?

— Sim.

— Com… o filho do treinador?

Rozanov deu de ombros.

— Sim, ele foi uma das pessoas.

— Ah.

— Tiveram garotas também, Hollander. Você nunca fez isso com mulher?

Shane nunca quis fazer nada complicado demais com mulheres. Nem nada que… fosse fazer as coisas demorarem demais.

— Não.

Rozanov parou de mexer as mãos.

— Você já transou antes, sim?

— Já! Meu deus!

— Ok. — Rozanov voltou a masturbar Shane e deslizar os dedos por seu ânus.

— Acha mesmo que eu nunca transei? — Shane estava ultrajado.

Rozanov deu de ombros.

— Já transei muito, Rozanov. Muito mesmo.

— Tudo bem.

Shane não gostava de como Rozanov parecia estar achando graça.

Mas *gostou* quando ele botou mais lubrificante nos dedos e começou a passá-los em seu cu. Respirou fundo e estremeceu da cabeça aos pés.

— Relaxa aí, sr. transão — falou Rozanov. — Vou te deixar prontinho para mim.

Shane queria olhar feio para ele, mas, na verdade, estava encantando com o nível de cuidado que Rozanov estava demonstrando. Porém, continuava pelo menos trinta e cinco por cento aterrorizado.

Rozanov continuou alisando o cu de Shane enquanto masturbava seu pau com movimentos lentos. As sensações combinadas eram maravilhosas.

Shane sentiu que estava liberando boa parte da tensão que vinha retendo, e aproveitou um pouco o ânimo agradável que percorria seu corpo. Estava tão bom que quase se esqueceu de sentir vergonha de pensar no lugar onde Rozanov o estava tocando.

— Bom? — perguntou Rozanov.

— Humm… — zuniu Shane.

Em seguida, ele sentiu a pontinha do dedo de Rozanov entrando, e travou em resposta.

— Foi mal. — Shane fez careta, depois respirou fundo.

Ele sabia, *sim,* como aquele lance funcionava. Já tinha, *sim*… brincado um pouco. Consigo mesmo. Com o dildo previamente mencionado. Mas foram momentos a sós. Em particular. Aquilo ali era…

— Está bem — falou Rozanov com um grunhido baixo e apaziguador. — Vamos devagar, sim?

— Obrigado — balbuciou Shane.

A outra questão a respeito dos momentos a sós com o dildo era que Shane não tinha… levado muito jeito. Pelo menos tinha certeza de que havia feito alguma coisa de errado. A sensação não tinha sido necessariamente *ruim*, mas também não tinha sido nada de mais.

Rozanov abaixou a cabeça e botou o pau de Shane na boca. Shane se sentiu relaxando; cada lambida fazia com que se esquecesse de ficar nervoso. Respirava lenta e calculadamente enquanto Rozanov colocava o dedo um pouco mais fundo, e então…

Ah.

Shane arqueou e arfou.

— Puta que pariu!

Rozanov tirou a boca dele e sorriu.

— Bom, sim?

Ele passou o dedo mais uma vez no que só podia ser a próstata de Shane — que meio que já tinha brincado com ela antes, sozinho. Contudo, Rozanov parecia saber exatamente onde ela ficava e o que fazer.

Shane fechou os olhos com força e mordeu o lábio. Se não fizesse isso, ia acabar passando vergonha por algum motivo, como por gemer, por exemplo. A combinação da boca de Rozanov em seu pau e o dedo dentro dele era diferente de tudo o que já tinha sentido antes. E, se as coisas

continuassem assim, não tinha a menor condição de aguentar até Rozanov começar a comê-lo.

— Você tem que… caralho. Só… espera um minuto — pediu Shane, com a voz rouca.

Rozanov parou no mesmo instante.

— Tudo bem? — perguntou.

— Aham. Sim… muito bem. Bem *demais*.

— Ah.

Rozanov usou a trégua como oportunidade para tratar de sua própria ereção com alguns movimentos leves. Shane o observou e reparou mais uma vez no quanto o pau de Rozanov parecia absurdamente grande.

— A gente não precisa — assegurou Rozanov, percebendo o teor no semblante de Shane.

— Eu quero — respondeu Shane depressa. Depressa demais.

Rozanov assentiu e se esgueirou para pegar o lubrificante e as camisinhas. Se aprontou, depois voltou a atenção a Shane, que sentiu dois dedos tocando seu cu antes de entrarem. Dessa vez, ardeu menos.

— Vai batendo — instruiu Rozanov, indicando o pau de Shane, que assentiu e obedeceu.

O russo soltou um grunhido baixinho que mais pareceu um rosnado.

— Vira.

Shane ficou de quatro na cama, porque era assim que funcionava, né? Tinha quase certeza de que era. Uma vez assistiu aproximadamente quarenta segundos de pornô gay antes de morrer de vergonha e fechar o notebook. Naquele momento, queria ter aguentado um pouco mais, nem que só por objetivos científicos.

Sentiu as mãos de Rozanov agarrando suas coxas e puxando-o para trás, até ficar com joelhos na beirada da cama. Rozanov botou um pé no colchão, ao lado do joelho de Shane, e colocou a mão bem firme no quadril do canadense.

Em seguida, Shane sentiu; a cabeça enorme do pau de Rozanov roçando seu cu. Ele fechou os olhos e se preparou para a dor.

Quando Rozanov fez pressão, foi com paciência e cuidado, mas o corpo todo de Shane estremeceu mesmo assim. A dor estava presente, mas não tão forte quanto o esperado. A pressão era a sensação mais gritante. Ele se sentia preenchido de um jeito que parecia impossível, e não conseguia

imaginar como é que Rozanov ia se mover depois de entrar por completo. Shane foi tomado pela repentina e amedrontadora ideia de que Rozanov iria ficar *preso* dentro dele. Ai, meu deus, precisariam ligar para a emergência ou algo do tipo!

Shane se obrigou a respirar fundo e afugentar da mente imagens de médicos tentando separá-los enquanto todos os colegas de time de Rozanov assistiam.

— Tudo bem? — repetiu Rozanov, passando a mão lentamente pelas costas de Shane para acalmá-lo.

— Aham — respondeu Shane, numa voz que soava tensa.

Rozanov tirou o pau um pouquinho e meteu de novo, ainda mais fundo dessa vez.

— Caralho. — Shane arquejou. — Nossa.

Levando isso como um incentivo, Rozanov repetiu o movimento. E mais uma vez.

Então, ajustou os quadris um pouco e, na metida seguinte, atingiu a próstata de Shane, fazendo um rompante de prazer tomá-lo de assalto.

— Meu deus. Isso! Caralho. Continua assim.

— Eu vou. Porra, não precisa se preocupar.

Shane já não estava mais sentindo dor, e não estava assustado. Começou a jogar o corpo para trás enquanto Rozanov metia, o que o russo entendeu como um convite para ir mais forte. Seus movimentos ficaram mais rápidos, fazendo a cama balançar e os braços de Shane tremerem enquanto tentava se manter erguido. Era mais do que Shane tinha achado que fosse aguentar, mas ele queria. Estava adorando.

Os dedos de Rozanov estavam tão apertados na cintura de Shane que deixavam marcas. Ele puxava o corpo do canadense para si a cada metida. Shane levou a mão à boca para morder os nós dos dedos e não gritar.

Era por isso, percebeu ele, que as pessoas ficavam tão doidas quando se tratava de sexo. Nunca, nunca mesmo, tinha sentido aquilo com ninguém. E, é claro, Ilya Rozanov, no auge de seus dezenove anos, fodia com a autoconfiança e a habilidade de, tipo, um deus do sexo.

Shane arriscou tirar a mão da boca para segurar o pau. Queria ter colocado uma toalha ou algo do tipo ali embaixo — daquele jeito, ia acabar gozando em toda a roupa de cama do hotel. Sabia que ia se sentir mal por isso, mas não o suficiente para fazer algo a respeito naquele momento.

— Isso. Goza, Hollander — rosnou Rozanov, que não dava a mínima para a coitada da equipe de limpeza do hotel.

— Caralho — disse Shane por entre os dentes. E gozou tanto que boa parte voou e o acertou no peito. Estava tão entorpecido pelo próprio orgasmo que quase não percebeu quando Rozanov ficou tenso e imóvel atrás dele. O russo grunhiu e gozou *dentro do corpo de Shane*. Na camisinha, mas mesmo assim. O corpo de Shane tinha feito aquilo acontecer, e ele não conseguia assimilar essa informação.

Em seguida, para seu desespero, Rozanov caiu em cima dele, amassando Shane e fazendo a lambança de seu peito sujar a roupa de cama que, até então, não estava assim tão imunda.

— Agora a cama tá toda suja — reclamou Shane antes que pudesse se deter.

— O quê? — falou Rozanov, sonolento. — Cala a boca.

Shane fechou os olhos e aproveitou o peso do outro rapaz.

Depois de um tempo, Rozanov saiu de cima e foi se limpar no banheiro. Shane se virou de costas com cuidado, já sentindo a dor que faria com que fosse difícil sentar-se no dia seguinte.

Com Rozanov seguramente fora do quarto, Shane sorriu feito bobo para o teto. Estava talvez mais feliz do que deveria pelo fato de sua experiência sexual mais satisfatória até ali ter sido com Ilya Rozanov.

O sorriso sumiu quando começou a ponderar como é que iria sentir algo parecido de novo. Porque não dava para deixar Rozanov continuar comendo ele. Óbvio que não. E não sabia ao certo como encontrar outros homens para assumirem a tarefa sem correr nenhum risco.

— Ducha, Hollander — falou Rozanov ao sair do banheiro. — Vou me vestir e ir embora.

— Ah — disse Shane. *Claro* que ele ia embora. O que é que Shane esperava? Se levantou. — Ah, ok. Bem…

Rozanov colocou a mão no ombro de Shane de uma forma bem condescendente. Seus lábios se curvaram para cima em um sorrisinho irritante.

— Foi divertido — falou.

— É, hum… Valeu, eu acho.

Rozanov assentiu, depois se virou para pegar as roupas espalhadas. Shane foi para o banheiro e fechou a porta.

Quando saiu, de banho tomado e com uma toalha na cintura, Rozanov já tinha partido. Não havia nem rastro dele fora a roupa de cama suja. Shane fez careta, depois arrancou a manta de cima e a jogou no chão. Não era difícil pensar que as camareiras deviam lidar com situações bem piores o tempo todo.

Ele deixaria uma gorjeta generosa.

Largou a toalha ao lado da roupa de cama suja e se vestiu. Não ia passar a noite ali. Fez questão de tirar tudo que tinha levado para o quarto, deixou uma nota de cinquenta dólares para a camareira sobre a cômoda e saiu para voltar ao seu apartamento. Sozinho.

Capítulo oito

Junho de 2011
Las Vegas

Não poderia ter sido mais acirrado.

Era a noite da Premiação da NHL em Las Vegas, e todo mundo só vinha falando de quem ganharia o prêmio de Estreante do Ano. Tanto Shane Hollander quanto Ilya Rozanov tinham marcado mais de cinquenta gols. Na verdade, cada um dos dois tinha marcado exatamente 67. Ambos tinham ajudado seus times a chegar aos *play-offs* pela primeira vez em anos, embora ambos tenham sido eliminados na primeira rodada. Eles haviam sido os jogadores da liga mais comentados durante toda a temporada, despertando debates acalorados entre os torcedores e a imprensa acerca de quem era melhor.

Shane sabia que era impossível encontrar uma resposta definitiva a essa pergunta, mas ser escolhido como Estreante do Ano com certeza seria muito bom.

Rozanov provocava algo nele. Shane não era o tipo de cara que precisava ser o melhor jogador do time — ele simplesmente *era*. E talvez fosse só isso. Talvez Shane só estivesse meio entediado antes de Ilya Rozanov aparecer.

O russo era muitas coisas, mas entediante não era uma delas. No gelo, ele frustrava Shane, e fora dele, o fazia corar. Shane queria dar uma tacada na boca dele e depois fazer a dor passar com um beijo. Queria se esquecer de Rozanov, e queria jogar todas as partidas contra ele. Queria…

Queria ganhar a porra do prêmio de Estreante do Ano.

Queria esfregar a vitória na cara de Rozanov.

Queria *se* esfregar na cara de Rozanov.

A banda de rock canadense enfim terminou a música e uma celebridade subiu no palco, segurando um envelope.

Chegara o momento.

A mãe de Shane botou a mão no braço dele. Estava tão nervosa quanto o filho. Talvez mais.

Shane deu um sorrisinho fraco para ela e esperou.

A recepção na sequência do evento foi caótica como qualquer um esperaria de um salão de bufê em um hotel de Las Vegas cheio de jogadores de hóquei. A maioria dos caras estavam bebaços, mas Shane não teria conseguido ficar bêbado *nem* se tivesse idade para pedir um drinque em Nevada, porque estava tendo que lidar com um desfile de pessoas lhe dando batidinhas nas costas e os parabéns. Algumas até bagunçavam seu cabelo.

A única pessoa que Shane não vira naquela noite foi Ilya Rozanov.

Em segredo, Shane o procurara a noite toda. Havia passado metade do tempo olhando por sobre o ombro da pessoa com quem estava conversando. Não chegou a ter nem um vislumbre dos cachos castanho-dourados, que deveriam ter sido fáceis de identificar, devido à altura de Rozanov.

Ficou se perguntando se o russo tinha simplesmente voltado para o quarto.

A ideia o irritou. Que infantilidade da porra. Se Rozanov tivesse ganhado, Shane estaria lá, pronto para dar-lhe os parabéns. Se Rozanov queria passar sua primeira premiação da NHL se lamentando no quarto do hotel, isso não era problema de Shane.

Ou talvez só quisesse sair de fininho para se embebedar no quarto e depois descer para a festa. Rozanov também não tinha idade para pedir bebidas ali.

— Por acaso você viu o Roz? — perguntou alguém de repente.

Shane estremeceu. Foi como se tivessem lido sua mente.

— Não! — respondeu, rápido demais. E mais corado do que o necessário. Respirou fundo. — Por que eu saberia onde o Rozanov se meteu?

O cara — atacante de Toronto — deu de ombros.

— Achei que talvez vocês dois pudessem estar sentados juntos na mesa das crianças, sei lá.

— Não — respondeu Shane. — Não vi ele. A noite toda.

— Bom, então tá bem. Parabéns, carinha. — O homem apertou o ombro de Shane e passou reto por ele.

Estava quente no salão. Gente demais. Alguns caras tinham tirado o paletó e a gravata. Estava ficando mais difícil tolerar a atmosfera do lugar sem a ajuda de álcool.

Shane passou o olhar pelo ambiente para tentar encontrar os pais. Viu o pai curvado em uma cadeira, bebendo o que Shane tinha certeza de que era uma Sprite. A mãe dele parecia ter alugado os ouvidos de um goleiro.

— Vou sair pra tomar um ar — disse Shane ao pai. — É rápido. Eu já volto.

— Está bem — respondeu, exausto. — Já, já vou tentar convencer sua mãe de que já deu nossa hora mesmo.

— Boa sorte. — Shane sorriu.

Assim que saiu do ambiente, sentiu o alívio do ar-condicionado que fluía desimpedido pelo corredor praticamente vazio. Se apoiou contra a parede por um minuto e soltou o ar.

Ponderou em qual quarto Rozanov devia estar.

Não, pensou. *Ele é um criação e não merece… nada.*

E será que Rozanov estava mesmo tão abalado? Geralmente era tão de boa e recomposto. Shane na verdade esperava que ele desse as caras na festa só para mostrar para todo mundo o quanto não ligava de ter perdido.

Sabia onde Rozanov não poderia estar: nos cassinos. Nos bares. Poderia estar no quarto. Dele ou de… outra pessoa. Ou no próprio quarto, mas acompanhado.

Shane franziu o cenho. Pegou o celular no bolso do paletó para ver a hora. Quase duas da manhã. Não que o tempo significasse alguma coisa em Las Vegas.

Era a primeira vez de Shane lá. Havia chegado na noite anterior, e ainda não tinha saído para explorar os pontos turísticos. Provavelmente nem daria tempo, porque seu voo de partida seria na tarde do dia seguinte. Disseram para ele, quando fez o check-in, que o terraço do hotel tinha uma vista espetacular da cidade. Irrequieto e nada disposto a voltar para a festa, decidiu ir ver se era verdade.

Pegou o elevador e subiu. Tinha um trio de garotas bêbadas falando alto no elevador com ele. Shane se encolheu no canto do fundo e manteve o olhar fixo nos números dos andares, que brilhavam à medida que o elevador subia.

— Ai, meu deus! Hoje é seu casamento? — perguntou uma das meninas de repente.

— Como é?

— O paletó — falou ela. — Você se casou hoje?

— Ah. Não.

— Ele não tem *anel* — sibilou uma das amigas.

Todas começaram a gargalhar.

Shane voltou os olhos aos números acima das portas. O elevador era devagar demais para o seu gosto.

— Você vai pro Estra-feeeera? — indagou a primeira garota, soluçando.

— Pra onde?

— Pro Es-tra-tos-fe-ra — repetiu, mais devagar.

— Hum.

— Estratosfera — disse uma das amigas. — O bar do terraço.

— Tem um bar no terraço?

Todas riram de novo.

— Você é tão fofo — comentou a amiga. As outras duas assentiram e riram mais. — Vem pro bar com a gente!

— Não posso. Foi mal. — Meu deus, era a subida de elevador mais lenta de sua vida.

Quando enfim chegaram ao topo, as garotas já tinham se esquecido dele. Saíram cambaleando do elevador e viraram à direita, provavelmente na direção do bar. Shane foi para a esquerda.

Havia muito barulho vindo do bar. Música alta e vozes regadas a álcool. Do outro lado do terraço, tinha um cantinho silencioso com vista para a cidade. Era um espaço que Shane supôs que deviam usar para casamentos, mas estava vazio.

Quase vazio.

Shane não o viu, a princípio. Todo de preto em seu terno e de cabeça baixa sobre a mureta, Rozanov passava despercebido na escuridão. Mas então levantou a cabeça e soltou uma nuvem de fumaça.

— Não vale a pena pular — disse Shane, indo ficar atrás dele.

Rozanov se virou. Nem sequer pareceu surpreso ao ver Shane. Deu mais uma longa tragada no cigarro e, com a voz tensa, falou:

— A festa acabou, então?

— Não. Só precisava tomar um ar.

Rozanov expirou. A fumaça rondou seu rosto, depois subiu para o céu do deserto.

— Que noite empolgante para você.

— É, acho que sim.

Rozanov revirou os olhos.

— *É, acho que sim.*

— Nós dois podíamos ter levado.

— Mas quem levou foi você.

— É, mas sei lá. Vai saber como eles decidem essas coisas. — Shane não sabia ao certo por que estava dizendo aquilo. Não precisava se desculpar por nada. O troféu era merecido, porra. — E aí você tá só chorando as pitangas aqui a noite toda? Te incomoda tanto assim eu ter vencido?

Rozanov deu mais uma tragada e se voltou à paisagem, falando algo que Shane não conseguiu ouvir.

— Como é? — perguntou Shane, indo ficar ao lado dele na balaustrada.

— Nem tudo é sobre você, Hollander. — Ele não olhou para Shane ao falar. A voz não denunciava raiva, apenas… cansaço. E tristeza.

Shane analisou o perfil dele. Sua própria raiva foi embora, e percebeu que estava *preocupado* com Ilya Rozanov, o que era uma sensação esquisita.

— O que foi, então?

Rozanov jogou a bituca do cigarro no chão e pisou nela para apagar. Deu uma risada, sem humor algum.

— O que você quer, Hollander?

— Nada. Só preciso tomar um ar. Apreciar a vista.

— Bem — disse Rozanov, abanando a mão no ar na frente deles —, aqui está a vista.

Os olhos de Shane se voltaram para o manto de luzes da cidade que se espalhava lá embaixo, mas logo voltaram ao rosto de Rozanov. Ele viu a tensão no maxilar, a rigidez no olhar.

— Volto para Rússia. Daqui a três dias.

— Ah.

Passaram um bom tempo em silêncio. Shane não sabia se Rozanov tinha mais a dizer ou não, mas decidiu não pressionar. Não era como se os dois fossem amigos.

— Melhor eu voltar — falou Shane depois de vários minutos olhando para a cidade. — Vai ver meus pais ainda estão na festa.

— Seus pais — disse Rozanov. — Ah, sim.

— Acho que… acho que a gente se vê na próxima temporada.

Shane estendeu a mão. Rozanov a fitou, depois virou a cabeça para a esquerda e a direita, olhando ao redor deles.

Um milésimo de segundo depois, Shane se viu sendo puxado da balaustrada e pressionado contra uma parede. A boca de Rozanov estava firme na sua, e suas mãos agarraram os braços dele com urgência, apertando os dedos em seus bíceps.

Shane se sentiu tomado pelo pânico. Aquilo era perigoso pra caralho. E uma burrice. E confuso. E…

Shane correspondeu ao beijo com o mesmo grau de raiva. Porque, porra, qual era a desse cara? Por que fazer esse tipo de coisa? Passar a noite toda escondido na porra de um terraço, fumando a merda de um cigarro no escuro que nem o pior dos clichês de um mocinho sombrio. Fazer Shane se sentir mal por ganhar um prêmio que ele mereceu. E aí, num impulso, empurrá-lo contra a parede e beijá-lo como se fosse morrer se sua boca não estivesse na de Shane. Beijá-lo até os sentidos de Shane serem tomados por músculos rígidos, pelo gosto de cigarro e pelo calor da língua de Rozanov deslizando em sua boca.

Puta que pariu.

Shane agarrou as lapelas de Rozanov e o empurrou para trás. Não podiam continuar ali. De jeito nenhum.

Frenético, Shane olhou ao redor. Não tinha ninguém ali. Mas, pelo amor de deus, *poderia* ter tido.

Rozanov chegou mais perto para outro beijo, mas Shane se esquivou.

— Não. De jeito nenhum. Aqui não. Qual é *seu problema*, cara?

Rozanov deu aquele sorrisinho torto que fez coisas absurdas com o estômago de Shane.

— Não podemos — disse Shane, do fundo do coração, mas ainda assim doeu. — Preciso ir nessa. Você deveria ir pra cama, Rozanov.

O sorriso desapareceu.

— Até a próxima temporada — falou Rozanov. Em seguida, se virou e foi em direção aos elevadores.

Shane esperou alguns minutos para que não descessem juntos.

A próxima temporada. A temporada seguinte seria diferente. Ele ia dar fim àquela estupidez entre os dois e se concentrar em seu rendimento.

PARTE DOIS

Capítulo nove

Dezembro de 2013
36 mil pés acima da Pensilvânia

Tap. Tap. Tap. Tap.

Ilya conseguia ouvir o som do pé de Ryan Price tamborilando no chão, mesmo com um assento vazio entre eles. Embora Ilya estivesse de fones, e assistindo a um filme bastante barulhento da saga *Velozes e Furiosos*.

Ele olhou para o lado. O joelho de Price não parava de balançar, sacolejando o romance em brochura que estava equilibrando, aberto e virado para baixo, sobre a coxa. Price segurava ambos os apoios de braço com os olhos fechados. Não estava com uma cara nada boa.

E com certeza ia derrubar aquele livro no chão. E perder a marcação da página.

Ilya suspirou, pausou o filme e tirou os fones. Não conhecia Price muito bem. Ninguém conhecia, na verdade; ele tinha entrado para o time no começo da temporada. Era um defensor imenso, mas sua verdadeira posição no rinque era de *enforcer*, para intimidar os oponentes. Seu dever era fazer com que ninguém interferisse com os jogadores mais talentosos. Ilya conseguia cuidar de si mesmo, mas, com caras como Price em sua cola, ele não precisava.

Ilya adorava falar merda durante os jogos, provocar os adversários, e aí Ryan Price entrava em cena para levar porrada por ele. Ilya só saía ganhando nessa.

— Price — chamou. — Seu livro.

Nem uma resposta.

— Price — repetiu. Nada, então Ilya se esticou e cutucou o braço dele. — Você está bem?

Price arregalou os olhos e teve um sobressalto, fazendo o livro cair no chão. Ilya viu a queda, consternado. Tinha fracassado.

— Foi mal. Eu estava batendo o pé?

— Sim.

— Foi mal — disse Price novamente. — Eu só, hum, fico nervoso viajando de avião. Às vezes.

— Ah. — Ilya se abaixou e pegou o livro. Conferiu a capa antes de devolver. *Anne de Green Gables.* Não era um livro infantil para meninas ou algo assim? — Você perdeu a página onde parou.

Price deu um sorrisinho.

— Não tem problema. Já li antes. É só pra… Eu trago pra voos meio que para me reconfortar.

Ilya não conseguia decifrar o cara. Ele era ainda mais alto que Ilya e muito mais musculoso, com cabelo ruivo caindo nos ombros e uma barba que lhe dava um quê de membro de uma gangue de motoqueiros. Ele podia fazer um cara desmaiar com um único soco. Alguns dos oponentes mais casca-grossa da liga morriam de medo de encarar Price em uma briga.

— É porque a protagonista também é ruiva? — perguntou Ilya. Ele não entendia Price, mas pelo menos podia tentar ajudar o cara a se acalmar. — *Anne de Green Gables?*

Price o encarou como se não fizesse ideia do que ele estava falando, depois riu. Foi um som baixo e inquieto, mas ainda assim uma risada.

— É, talvez.

Ilya tinha quase certeza de que era a quarta temporada de Price na NHL, mas ele já tinha jogado em três outros times. O cara ficava na dele no vestiário, intimidava no gelo e claramente surtava em aviões, então Ilya supôs que não fosse fácil para ele fazer amigos.

— Você fica assim toda vez? — perguntou Ilya. Não conseguia conceber como isso devia ser. Price não podia estar em um ramo pior se odiava viajar de avião.

Price sacudiu a cabeça.

— Toda vez, não. Assim… tá, eu sempre fico nervoso, mas nem sempre desse jeito. — Suas bochechas coraram, como se estivesse arrependido de admitir que estava com mais medo do que de costume. Estavam uma rota de Raleigh, na Carolina do Norte, a Montreal, o que não era um voo lá muito longo, mas haviam tido uma decolagem turbulenta. Talvez essa

tivesse sido a diferença. Ilya não queria tocar no assunto, e deduziu que Price também não estava muito a fim.

Então, gesticulou para o iPad.

— *Velozes e Furiosos 5: Operação Rio*. Já viu esse?

— Aham, acho que já. É o que tem a cena da perseguição no cofre de banco?

— Sim. O melhor. — Ilya baixou a mesinha do assento desocupado no meio deles e botou o iPad em cima. Só tinha um par de fones, mas sempre botava legendas, porque ajudava a melhorar seu inglês.

Entregou os fones a Price, imaginando que uma distração completamente imersiva poderia ajudar o cara.

— Ah, hum… — Price passou a mão pelo cabelo volumoso.

— Dá nada. Eu te conto se o piloto anunciar que o avião vai cair.

A piada era arriscada, mas compensou. Price riu e pegou os fones.

— Valeu.

Assistiram ao filme, Price ouvindo e Ilya lendo, e a perna de Price continuou quieta pelo restante da viagem. Ele até pediu uma Coca-Cola para a comissária de bordo, o que só podia ser um bom sinal.

Quando Ilya se cansou de ler o diálogo do filme, encarou a escuridão pela janela. Para ser sincero, *ele mesmo* estivera tentando *se* distrair com o filme, porque ir para Montreal sempre o deixava à flor da pele. Não por nervosismo, era… alguma outra coisa. Expectativa, talvez. Não queria dizer que era empolgação.

O time jogaria no dia seguinte a segunda partida da temporada. Montreal tinha ido para Boston jogar contra eles na abertura da temporada, em outubro. Boston ganhara na prorrogação, e Hollander estava de péssimo humor quando deu as caras no quarto que Ilya havia reservado no hotel no fim da rua de onde os Voyageurs estavam hospedados.

Ilya adorava quando Hollander estava irritado. Gostava de quando Hollander descontava as frustrações em seu corpo. Amava ouvir Hollander xingando-o enquanto fodia sua boca.

Era o tipo de pensamento dos quais Ilya vinha tentando se distrair com o filme de *Velozes e Furiosos*. Porque pensar nessa desgraça de rolo com Hollander o deixava bem enojado consigo mesmo. Também o deixava

desconfortavelmente excitado, o que só trazia *ainda mais* asco de si mesmo.

É. Saudável pra cacete.

— Roz, tá acordado?

Ilya ergueu a cabeça e viu o rosto de Cliff Marlow no vão entre os assentos à frente. Cliff era um ano mais novo, meio idiota, e provavelmente o melhor amigo de Ilya.

— Não — respondeu Ilya, sério.

— Tô conversando com uma mina de Montreal. A gente tem trocado mensagem no Instagram há algumas semanas. Gostosa pra caralho. Dá uma olhada. — Ele esticou o celular na cara de Ilya. De fato, tinha uma mulher gostosa na tela.

— Boa.

— Ela quer me ver depois do jogo amanhã à noite. Curte jogadores de hóquei e disse que pode levar uma amiga. Você topa?

Ah, não, valeu, vou estar ocupado comendo o Shane Hollander em um quarto de hotel.

— A gente tem que dormir cedo amanhã à noite porque viaja cedo na manhã seguinte, sim? — relembrou Ilya.

— É, eu sei, mas… — Cliff olhou com pesar para o celular. — Eu preciso ver ela, cara. E se eu só… não. Quer saber, Ilya? Vou mandar a real pra você: eu provavelmente vou burlar o toque de recolher. Não é como se eu fosse perder o ônibus pro aeroporto.

Ilya revirou os olhos.

— Sou assistente do capitão do time, seu imbecil. Não me conta dos seus planos de desrespeitar as regras.

— Pensei que aquele A fosse de "arrombado".

— Engraçadinho.

— Então você não vai comigo amanhã?

— Não, mas divirta-se.

— Você já foi mais divertido, Roz.

— Eu *sou* divertido, seu merda. — *Vou passar uma hora me divertindo antes de voltar a tempo do toque de recolher.*

Cliff assentiu para Price, que estava assistindo ao filme com atenção e pareceu nem o notar. O rosto de Cliff formou um ponto de interrogação, e Ilya não fazia ideia de qual era a pergunta. Então Cliff, sendo o babaca que

era, botou a mão do lado do rosto para bloquear a visão de Price e mexeu os lábios para falar: *Esquisitão, né?*

Ilya deu de ombros. Talvez Ryan Price fosse mesmo estranho, ou talvez só não fosse exatamente o que as pessoas esperavam que ele fosse. Ilya não tinha o direito de culpar ninguém por isso.

Noite seguinte
Montreal

— Tô te falando, cara — disse J.J. —, se o desgraçado do Rozanov vier com gracinha pra cima de você hoje, vou acabar com ele.

Shane vestiu as ombreiras e começou a prendê-las no lugar.

— Se você atacar o Rozanov, é de *você* que o Ryan Price vai atrás.

— O Price que se foda também. Mando aquele cabeça de vento filho da puta de volta pro lugar de onde ele veio.

— Nova Escócia, acho.

— Só tô dizendo que — J.J. apontou a proteção de queixo para Shane, de modo a enfatizar o que ia falar — se o Rozanov te encher o saco, acabo com ele. Com ou sem o Price.

Educadamente, Shane ignorou o medo que J.J. estava tentando não demonstrar. J.J. era um dos maiores jogadores da liga e sabia se cuidar em uma briga, mas Ryan Price tocava o terror.

Price era só mais uma das coisas que elevavam a potência da tensão nos jogos contra Boston. Montreal era uma cidade que vibrava com a empolgação por seu time de hóquei o inverno todo — dava para *sentir* a eletricidade no ar em todo dia de jogo local. E sempre que Boston vinha para uma partida, Shane sentia a cidade tão tensa quanto ele. Cada célula de seu corpo zunia com a necessidade de ir para o gelo e encarar Rozanov. E, quando os jogos acabavam, ele pulsava com um tipo diferente de necessidade.

Uma gargalhada alta interrompeu os pensamentos de Shane. Hayden botou o celular na cara dele.

— Olha só o que a torcida tá fazendo lá fora.

Era um vídeo, postado no Twitter, de um grupo de pessoas fora da arena queimando o que parecia ser uma efígie de Ilya Rozanov.

— Bem, isso já é exagero — comentou Shane.

J.J. pegou o celular.

— Rá! Tá acontecendo agora?

— Foi há alguns minutos — disse Hayden.

— Coisa linda de se ver.

Hayden pegou o celular de volta e analisou a tela.

— Mas o boneco não é tão feio quanto o verdadeiro.

Vai nessa, Hayden.

— Provavelmente já queimaram efígies minhas em Boston também — disse Shane.

— Já, sim, cara! Peraí, deixa eu catar aqui no YouTube…

— É, não precisa. Tô tentando me concentrar em ganhar uma partida de hóquei agora. Nada de YouTube, por favor.

O assessor de imprensa do time, Marcel, entrou no vestiário, e Shane suspirou.

— Shane — chamou Marcel. — A NBC quer falar com você. Tudo bem?

— Aham. Já vou.

A emissora sempre queria conversar com Shane antes dos jogos, principalmente antes de uma partida contra Boston. A caminho do corredor fora do vestiário, tentou pensar em maneiras novas e empolgantes de responder à pergunta "O que Montreal precisa fazer para ganhar hoje?".

— Última pergunta, Shane: O que Montreal precisa fazer para ganhar hoje?

Shane encarnou sua melhor expressão pensativa para passar a impressão de que não tinha esperado por aquela pergunta.

— Botar o disco na baliza, dar tiros certeiros, ficar longe do banco de penalidade… — *Marcar mais gols que o outro time antes do fim do jogo.* — Estamos em boa forma hoje, todo mundo está saudável, então acho que vai ser difícil para Boston.

— Obrigado, Shane, e boa sorte hoje!

— Eu que agradeço, Chris.

Shane tentava não criar rancor por essas entrevistas. Sempre que tinha uma para fazer, o que acontecia com frequência, pensava nas crianças que

assistiam. Quando era pequeno, amava ver seus jogadores favoritos dando entrevista na televisão antes dos jogos.

De volta ao vestiário, pegou o celular para mandar uma mensagem rápida para os pais. Sempre falava com eles antes das partidas.

Viu que tinha uma mensagem à espera, e não era dos pais.

Lily: Quantas vezes você consegue gozar em uma hora?

Puta. Que. Pariu.

Aquilo era jogo baixo, até mesmo para Rozanov. Os dois nunca trocavam mensagens *antes* das partidas. Muito menos para falar putaria daquela forma.

De jeito nenhum que ia responder. E de jeito nenhum estava ficando duro na jock strap.

Caralho. Ele *estava* duro. E digitando para responder.

Ilya quase se engasgou quando viu a resposta de Hollander.

Jane: Sei lá. Umas duas vezes?

Quanta pureza! Tão honesto e meigo.

Ilya: Você não leva o menor jeito pra falar putaria por mensagem.
Jane: Pra um estrangeiro você tá bem ligeirinho com as palavras, hein.
Ilya: Sua mãe tá me ensinando.

Certo, foi idiotice da parte dele. Mas Hollander amava a mãe, e isso provavelmente o incomodaria.

Jane: Chega. Te mando mensagem depois do jogo.

Alguns segundos se passaram.

Jane: Se você tiver sorte.

Ilya riu pelo nariz. Hollander provavelmente estava todo orgulhoso de si por esse fecho.

Ilya: Você tá duro agora?

Nenhuma resposta. Ah, fazer o quê. Ilya sabia que estava ultrapassando um limite com as mensagens, mas era divertido pra cacete provocar Hollander. Conseguia imaginá-lo naquele instante, no vestiário de Montreal, corado, enfiando o celular na bolsa ou algo do tipo para que ninguém visse.

Torcia para a irritação de Hollander se estender até mais tarde, quando fossem se encontrar em um quarto de hotel.

Ilya franziu o cenho para o prédio de três andares com aparência dilapidada ao qual o taxista o levou. Conferiu o endereço mais uma vez e confirmou que era o que Hollander havia lhe passado. *Que merda é essa?*

A única instrução de Hollander fora para Ilya dar a volta pelos fundos do edifício, mandar mensagem e esperar à porta. Foi o que Ilya fez, tentando não pensar em ser assassinado em um estacionamento escuro e vazio atrás de um prédio sinistro. Se Hollander tivesse a capacidade de ser pelo menos um pouquinho diabólico, Ilya suspeitaria que estava prestes a ser alvo de uma pegadinha.

A porta dos fundos se abriu um minuto depois de Ilya mandar a mensagem, e o que revelou foi Hollander, que, todo nervoso, olhou ao redor como esperasse que uma equipe da S.W.A.T. fosse aparecer do nada.

— Entra aqui — falou. Ilya passou por ele e adentrou uma escadaria mal iluminada; Hollander trancou a porta.

— Que lugar é esse? — indagou Ilya.

Em vez de responder, Hollander o empurrou com força com as duas mãos.

— Foi muita filha da putisse da sua parte me mandar mensagem antes do jogo, seu cuzão!

Ilya deu um sorrisinho.

— Você *ficou* de pau duro, não ficou? Por quanto tempo? O jogo todo?

Hollander o fuzilou com os olhos, e então disse:

— Me segue.

Então guiou o caminho subindo muitos degraus até o andar superior, depois usou uma chave para destrancar outra porta. Ela se abriu e relevou

um loft enorme e, ao que parecia, apenas parcialmente terminado. O gesso nas paredes parecia recente, e elas ainda não haviam sido pintadas. Havia uma escada apoiada em uma delas, e uma caixa de ferramentas aberta ao lado. A área da cozinha tinha uma bancada e armários novos, mas nada de eletrodomésticos.

— Você mora aqui? — Ilya nunca fora à casa de Hollander. Até então, sempre tinham se encontrado apenas em quartos de hotel. A ideia o deixou animado.

— Não. Quer dizer, não moro aqui, mas sim, sou o proprietário.

— Vai se mudar para cá?

— Não. É só um investimento, ou algo do tipo. E pensei que talvez pudesse ser um lugar seguro pra… isso aqui.

Hollander era fofo pra cacete quando ficava envergonhado.

— Você comprou um prédio pra gente ter onde trepar, Hollander?

Ilya presumiu que o canadense estava tentando passar um ar de sério, mas o rubor nas bochechas atrapalhava tudo.

— *Não*. É um *investimento*. Vou mandar reformar, depois vender os apartamentos. Já tenho gente interessada em alugar o espaço comercial no térreo.

— Uau. Um homem de negócios.

Hollander cruzou os braços, o que não lhe deu de jeito nenhum um quê mais intimidador.

— Chega de perguntas. A gente não tá aqui pra conversar.

— Sim. Onde você me quer? Naquela escada? Ou na pilha de madeira ali?

— Aqui, seu babaca.

Hollander atravessou o cômodo e abriu mais uma porta. Essa levava a…

… a um quarto totalmente finalizado. E, tipo, muito bonito.

— Eu, hum, meio que priorizei o quarto. E o banheiro. Pra que a gente pudesse…

Mas Ilya não deixou Hollander terminar a frase. Agarrou os braços dele, o guiou de costas até a parede mais próxima e o beijou. Hollander tinha comprado a porra de *um prédio* para os dois.

Ilya passou o verão todo com a certeza de que aquele seria o ano em que Hollander botaria um fim nas coisas. Porém, tinha pensado o mesmo

no verão anterior, quando a temporada dos dois como novatos acabou com Hollander afastando Ilya depois de um beijo em um terraço em Las Vegas. Contudo, quando os times se encontraram pela primeira vez naquela segunda temporada, Ilya lhe mandara por mensagem o número de um quarto de hotel, e Hollander aparecera vinte minutos depois.

— Você estava fumando — resmungou Hollander naquele momento, interrompendo o beijo.

— Só um.

— Você não deveria estar fumando.

— Você não deveria estar falando. — Ilya empurrou o peito de Hollander e o derrubou de costas na cama. Tirou um instante para olhar para ele; para as bochechas coradas e o cabelo bagunçado, o pedaço de pele exposta onde a camisa havia subido. E então, Ilya atacou.

Se beijaram do jeito combativo de sempre por um tempo — Hollander fazendo os dois rolarem para prender Ilya por baixo e atacar sua boca, antes de Ilya virá-los e recuperar o controle. Camisas foram tiradas, depois calças, e por fim meias e cuecas.

— Uma hora — murmurou Ilya. Ele estava por cima, mordendo e lambendo a clavícula de Hollander. — Depois preciso ir embora.

— Então vai logo, porra.

Ilya sorriu com os lábios encostados na pele de Hollander. O canadense era tão pirracento. Ilya ergueu o corpo e se sentou na cintura de Shane, uma perna para cada lado, fazendo questão de apertar bem as coxas. Pegou o próprio pau e se masturbou de leve, pensativo.

— Quer isso aqui, Hollander?

E, por deus, Ilya conseguia *ver* a guerra que acontecia na cabeça de Hollander. Era evidente o quanto queria mandar Ilya ir se foder e morrer, mas, mais que isso, dava para ver o modo como Hollander esticou a língua para fora da boca para umedecer o lábio inferior.

— Morrendo de vontade, sim, Hollander? — Ilya foi mais para a frente, chegando mais perto do rosto de Hollander. De sua boca. O peito de Hollander subia e descia embaixo de Ilya, e ele olhava para o russo com aqueles olhos escuros e intensos. — Está bem — falou Ilya, apaziguando. Deu batidinhas com a cabeça da pica nos lábios de Hollander. — Você pode. Engole.

— Eu te odeio.

— Sim. Eu sei. Me mostra o quanto.

— *Caralho* — sussurrou Hollander, aparentemente para si mesmo. Em seguida, abriu a boca e lambeu a gotinha na ponta da cabeça do pau dele.

Ilya esticou a mão e agarrou a cabeceira. Parecia ser robusta, firme. Imaginou que logo, logo descobriria o quanto.

Hollander provocou a cabeça do pau de Ilya por um longo e torturante momento, mas, cacete, que espetáculo de se ver. Ilya observou Hollander fechando os olhos enquanto mamava a cabecinha, lambendo em círculos e brincando com a língua na parte de baixo, depois fazendo pressão na ponta. Era bom pra caralho, mas não chegava nem perto de ser o suficiente.

Hollander grunhiu, aparentemente tão frustrado com o ângulo quanto Ilya, e o empurrou para o colchão antes de meter o pau de volta na boca. Dessa vez, Hollander devorou a pica, subindo e descendo a cabeça em um ritmo que Ilya *não* ia conseguir aguentar por muito tempo. Não se ainda quisesse comer Hollander no tempo curto que tinham.

Só que Hollander não dava trégua. Apertava as bolas de Ilya com a pressão certa, e o russo conseguia sentir a ereção de Hollander se esfregando em sua coxa.

— Hollander… — alertou. Estava intenso demais, rápido demais.

Hollander gemeu, ou talvez tivesse tentado formar uma palavra com a boca no pau de Ilya, mas tudo o que conseguiu foi provocar vibrações das quais Ilya *realmente* não precisava naquele momento.

— Porra. *Porra*. Você precisa parar. Se quiser que eu te coma…

Hollander tirou a boca imediatamente, mas depois ficou imóvel.

— Merda. Cacete. Puta que pariu.

Ilya sentiu um jato na coxa. Hollander estremeceu algumas vezes, depois escondeu o rosto no ombro de Ilya.

— *Puta que pariu*.

— Hollander?

— Foi mal — grunhiu ele. — Não acredito que eu acabei de… você nem *me tocou*!

E Ilya só… riu. Porque era engraçado pra caralho.

— Não ri, porra.

— Fazia tempo, é? — provocou Ilya.

Hollander manteve a cabeça encostada no ombro de Ilya, escondendo totalmente o rosto.

— Cala a boca.

Mas Ilya gargalhou mais ainda. Até Hollander se juntar a ele, e aí os dois estavam abraçados, rindo até terem que secar os olhos.

— Você poderia ganhar a competição de tiro mais rápido assim.

Hollander deu um soco leve no peito dele. Ilya rolou para o lado, jogando Hollander no colchão.

— Pena. Queria te comer. Ainda quer?

— Acho que não consigo. Tô envergonhado demais pra ficar duro de novo.

— Isso é um desafio?

— Não. Mas será que eu posso… terminar o que eu estava fazendo?

Ilya se deitou de costas de novo e cruzou os braços atrás da cabeça.

— Vai fundo.

E Hollander foi, mas dessa vez muito menos frenético, sem pressa. Ilya aproveitou cada segundo.

Seria mentira se dissesse que Hollander tinha a boca mais talentosa que já o chupara. Mas ele era tão… dedicado a agradar. Tão determinado a ser bom naquilo. Por Ilya.

Havia uma certa doçura na forma como Hollander o chupava naquele momento — como se não estivesse só tentando acabar logo, apesar de já ter gozado. Ele genuinamente parecia gostar de dar prazer a Ilya.

E prazer era uma coisa que não faltava a ele quando estava com Hollander. Não queria dizer que era melhor do que com outras pessoas, mas era… diferente. E não só porque se tratava de um cara. Ilya não ficava com um homem fora Hollander havia… caramba. Mais de um ano. Quase dois, talvez? Mas a questão não era essa.

Hollander olhou para ele, e Ilya sorriu e lhe fez cafuné. A hora estava correndo, e Ilya precisava mesmo ir embora, então segurou gentilmente a cabeça de Hollander e o guiou para que chegasse no ritmo de que precisava e… pronto. Sim. Puta que pariu…

— Está bom, Hollander. Continua assim. Me faz gozar.

Hollander gemeu e, mantendo o ritmo que Ilya tinha estabelecido, enfincou os dedos nas coxas dele. A pressão familiar e eufórica do orgasmo

iminente tomou conta do corpo de Ilya — o êxtase que ele não via a hora de ter. Fechou bem os olhos.

— Vou gozar. Ai, caralho, Hollander.

Hollander tirou a boca, botando a mão no lugar.

— Quero ver.

Segundos depois, Ilya explodiu. Gritou muito mais alto do que o normal quando o orgasmo fervente avassalou seu corpo.

— Puta que pariu, Hollander — sussurrou Ilya, arquejando, quando conseguiu falar de novo. — Morri. Você me matou.

Hollander se sentou e encarou a lambança no abdômen de Ilya.

— Foi uma delícia.

— Sim.

— Que bom que a gente tá em um prédio vazio onde ninguém poderia ter te ouvido gritar.

E então Ilya sentiu a rara e indesejada sensação de suas bochechas ficando quentes de vergonha. Não costumava berrar daquele jeito quando gozava.

Não queria pensar no assunto, então só disse:

— Preciso ir.

— Tudo bem.

Quinze minutos mais tarde, estavam esperando ao pé da escada pela chegada do táxi.

— O prédio é legal — falou Ilya, porque odiava o silêncio. — Não quer morar aqui?

— Não, mas as reformas talvez demorem um pouco, então provavelmente ainda vou conseguir usar pra… isso. Por um tempinho. — Mais silêncio, e então Hollander acrescentou: — Você deve estar animado para as Olimpíadas. Na Rússia.

— Sim. — Ilya estava *mesmo* animado. Mas pensar nas expectativas de seu país de origem, ou nas de seu pai, fazia seu estômago embrulhar. E o deixava com vontade de fumar.

— Sonho com as Olímpiadas desde que era criança — comentou Hollander. — Mal posso esperar.

— Pelo quê? Uma medalha de bronze?

— Vai se foder.

Ilya riu.

— Ei, lembra de quando você gozou do nada?

Hollander revirou os olhos, mas Ilya percebeu que ele estava tentando não rir.

— Ai, meu deus. Vai pro inferno.

— Foi um truque incrível.

— Seu táxi deve ter chegado, né?

Ilya botou a mão na porta, mas antes de abri-la, se abaixou e deu um beijo rápido em Hollander.

— Boa noite, Hollander.

— Boa noite.

Ilya passou o caminho todo até o hotel sorrindo no táxi.

Capítulo dez

Fevereiro de 2014
Sóchi, Rússia

— Shane Hollanderrrrrrr!

Shane quase teve um sobressalto com o som do próprio nome sendo berrado atrás dele. Virou-se e viu dois rostos familiares se aproximando: Carter Vaughan (berrando) e Scott Hunter (sem berrar). Scott era capitão do time de hóquei masculino da delegação dos EUA, e Carter era colega de time dele tanto lá quanto em Nova York, onde jogavam para os Admirals.

Shane caminhava sozinho em uma praia de Sóchi. Tinha o restante do dia e a noite de folga, e não sabia direito o que fazer. Seus pais haviam considerado viajar para a Rússia, mas, no fim das contas, decidiram não ir. Para começo de conversa, organizar a viagem e a hospedagem era um pesadelo. Shane teve que convencê-los de que não valia o perrengue, e ressaltou que tinham o visto competir em torneios internacionais desde que ele era adolescente. E, talvez fosse pura precaução exacerbada, mas foram publicadas muitas matérias até a data dos Jogos tratando de possíveis preocupações de segurança, e ele queria que os pais ficassem bem.

Shane não fizera a menor ideia do que esperar antes de chegar em Sóchi. Nunca viajara para a Rússia, e não sabia ao certo se aquele espetáculo exagerado era a melhor das representações da pátria de Rozanov. Muitas vezes, percebia que estava pensando na pressão que Ilya estava sentindo. Para Shane, que nem estava em seu país de origem, jogar nas Olimpíadas já era uma emoção e um estresse e tanto.

— E aí? — cumprimentou ele quando Carter e Scott o alcançaram. — Vocês sabiam que aqui ia ter praia? Que lugar doido, né?

Carter riu.

— Não! Tem palmeiras e tudo aqui. Achei que o inverno na Rússia ia ser frio pra caralho.

— Parabéns pela vitória ontem — comentou Scott. Que era muito gente boa. Carter também, mas Scott era, tipo, um anjo que mandava muito bem no hóquei. E até *parecia* um anjo: tinha cabelo loiro, olhos azuis e o porte de um soldado de alto nível da marinha estadunidense que também era modelo e possivelmente bombeiro.

— Valeu. Estava no papo, mas eu aceito os parabéns.

— Esses primeiros jogos são todos fáceis. Contra quem a gente joga agora mesmo, Scotty? Fiji?

Scott franziu o cenho para ele.

— Dinamarca. E não quero ninguém com o rei na barriga.

— Sim, senhor — provocou Carter.

Carter não tinha nada a ver com Scott, com a pele escura e os olhos castanhos, mas era tão bonito quanto. A diferença era que Carter *sabia* que era atraente. Ele era o tipo de cara que fazia uma sala cheia de gente comer na palma da sua mão, mas em um bom sentido. Todo mundo o amava.

— E o que vocês acharam das acomodações? — indagou Shane.

— Tá zoando? — disse Carter. — Eu tô dormindo em um *berço*…

— É uma cama de solteiro — corrigiu Scott.

— Dane-se. Uma cama de solteiro enfiada no meio de outras duas camas de solteiro. Sendo que uma delas tem um babaca que ronca a noite inteira.

— Eu não ronco.

— E a outra tem o Sully, o Eric Sullivan, e eu nem conheço o cara, mas ele consegue ser ainda maior que o Scott. Eu quero é encontrar o Four Seasons de Sóchi.

Shane riu.

— Eu tô num quarto com o J.J. e o colega de time dele, o Greg Huff.

— Bem, o Huff não ocupa muito espaço — falou Carter —, mas o J.J. é um gigante.

— Pois é, ele também não curtiu as camas.

— E seus planos pra hoje à noite? — perguntou Scott.

— Pensei em assistir a um pouco da patinação de velocidade.

Scott se animou.

— Ah, é? Deve ser legal. Eu vi que o programa curto de patinação artística masculina vai ser hoje à noite também.

— Ah, verdade. Acho que vai lotar.

— Aqueles caras têm muita coragem de estarem aqui, sabe.

— Coragem? — perguntou Scott.

Carter abaixou o tom de voz e olhou ao redor pela praia.

— É, cara… por causa da questão dos gays e tal, né? Alguns deles estão real arriscando a própria vida aqui. É muita coragem mesmo.

— É — comentou Scott, olhando para o mar. Shane sabia das regras da Rússia contra a homossexualidade, mas vinha tentando não pensar muito a respeito desse tipo de coisa. Só queria curtir as Olimpíadas, ganhar a medalha de ouro e ir para casa. Mas agora estava pensando em Dev, um cara com quem tinha treinado um pouco, que vinha de Ottawa e estava no time masculino de patinação de velocidade, e que Shane sabia que era gay. Ele estava ali. Será que estava morrendo de medo? Provavelmente.

— Devia ter vôlei de praia nesses jogos! — comentou Carter, animado. — Feminino. É exatamente disso que as Olimpíadas de Inverno precisam, né?

Shane assentiu, mas estava pensando em Dev.

E em Rozanov.

Rozanov sabia se cuidar. Era o território dele. Com certeza saberia ficar em segurança.

— Tá com a gente ainda, Hollander?

Shane piscou e olhou para Carter e Scott.

— Foi mal, o que vocês disseram?

— A gente ia dar uma conferida no McDonalds da vila dos atletas. Talvez seja divertido. Quer vir?

— Hm, acho que vou… — Mandar mensagem para Rozanov? Tentar vê-lo de alguma forma? Garantir que não foi preso por mamar um saltador de ski ou algo do tipo? — Descansar de boa no meu quarto. O fuso ainda tá bagunçando com a minha cabeça, sabe?

— Você consegue descansar naquela lata de sardinha? — Carter riu. — Boa sorte, então. Você tem meu número?

— Tenho, sim. Até mais tarde, gente.

Shane tentou não andar rápido demais ao ir embora, mas de repente se sentiu desesperado para fazer contato visual com Rozanov. O único problema era que não fazia ideia de onde encontrá-lo.

Mandou mensagem. Tá aproveitando?

Pronto. Despretensioso e casual. Nada além de um amigável "E aí, nós dois estamos nas Olimpíadas! Divertido, né? A propósito, você por acaso tá na cadeia?".

Esperou a noite toda por uma resposta, mas não recebeu nada.

As Olimpíadas eram uma merda.

Ilya tinha passado a semana toda nervoso. Dias e dias sorrindo para a imprensa russa e socializando com oficiais do governo que lhe davam arrepios. Homens e mulheres que apoiavam o líder do país sem questionar, e que esperavam que Ilya fizesse o mesmo. Ilya não tivera tempo algum para se divertir; mal lhe sobrara tempo para se concentrar em sua performance no rinque.

E dava para ver.

O time de hóquei russo estava caótico. Aquele tipo de torneio internacional sempre era constrangedor, com os jogadores sendo combinados para formarem um "time dos sonhos" de fenômenos que não sabiam como jogar uns com os outros, mas esse grupo em específico não tinha salvação. Era ego demais. Pressão demais, ali no país natal deles, deixando os temperamentos à flor da pele tanto no vestiário quanto no gelo. Penalidades idiotas rolavam soltas, e os gols eram mínimos.

Já não iam conseguir uma medalha, o que era uma baita humilhação. Ilya só queria que tudo acabasse logo para ir… para casa.

Quando foi que começou a pensar em Boston como sua casa?

Naquela noite, a presença de Ilya tinha sido requisitada (exigida) em um baile ridículo, que não passava de uma chance do governo se exibir para dignitários estrangeiros. Era exatamente o tipo de evento que ele não suportava.

Para piorar tudo, seu pai estaria presente. O homem, que só tinha falado com ele naquela semana para deixar claro o quanto Ilya havia decepcionado a Rússia, ostentaria o filho famoso pelo salão de festas como se morresse de orgulho dele.

Mas, antes de qualquer coisa, Ilya deveria ir ao quarto de hotel do pai. Queria ter a força necessária para se recusar a fazê-lo.

Não tinha. Então, bateu à porta cinco minutos antes das seis, porque qualquer hora depois de cinco minutos de antecedência já era tarde demais aos olhos do pai.

A porta se abriu, e ali estava Grigori Rozanov, em toda sua glória intimidadora. Estava totalmente trajado com seu uniforme da polícia, e Ilya conseguia ver a carranca rígida escondida no meio da barba grisalha que cobria o rosto do pai. Ele era quase cinquenta anos mais velho que Ilya.

Grigori abriu espaço para deixar Ilya entrar no quarto, esperou o filho tirar o sobretudo de lã, e então deu início à inspeção. Os olhos do pai analisaram Ilya, que ficou parado feito uma criança assustada esperando o castigo. Não havia nada — *nada* — de errado com o paletó de Ilya. Era preto no estilo clássico, com medidas irretocáveis, e a gravata-borboleta estava impecável. Ele até mesmo aparara a barba, deixando-a mais curta pela primeira vez em anos. Porém, alguma coisa o pai ia encontrar.

— Você precisa cortar o cabelo — foi o que Grigori finalmente decidiu criticar. Ilya havia deixado o cabelo crescer na temporada anterior, mas o penteara para trás naquela noite.

— Sim, senhor.

O pai franziu o cenho para o cabelo por mais um minuto, como se pudesse afugentá-lo da cabeça do filho à base do medo, depois atravessou o quarto em direção ao bar. Serviu vodca em dois copos, e deu um para Ilya.

— O ministro quer conhecer você hoje.

Ele se referia ao ministro do Interior. Seu chefe.

— Vai ser uma honra — mentiu Ilya. Queria beber a vodca em uma golada só e servir mais quatro ou cinco doses.

— Você *deveria mesmo* achar uma honra ele querer conhecê-lo. Depois do vexame de ontem.

Ilya mordeu a parte interna da bochecha.

— Perder para a Letônia — continuou o pai. — Como foi que você permitiu que isso acontecesse? Como não está constrangido?

— Eu *estou* constrangido, pai.

O homem abanou a mão no ar.

— Não tanto quanto deveria. Não ensinam disciplina na liga estadunidense. Você está desleixado. É uma pena, porque tinha um futuro muito promissor quando era mais novo.

Só tenho vinte e dois anos. Sou um dos melhores jogadores de hóquei do mundo.

— Jogo melhor hoje em dia do que antes. O time só não tem funcionado bem junto.

Foi a coisa errada a se dizer.

— Você é o capitão, não é? De quem é a culpa se o time não está indo bem?

Do treinador, ué?

Em vez de responder, Ilya encarou o chão e esperou o pai mudar de assunto.

Grigori chegou mais perto, botou a vodca na mesa e, mesmo sem necessidade, começou a ajustar a gravata de Ilya.

— Argh. Quem foi que colocou isso para você? Sua mãe? Ela não sabe fazer isso direito.

Ilya ficou imóvel. O ar ficou preso em sua garganta, e ele engoliu em seco antes de dizer, com a voz mais comedida possível:

— Não, pai. Minha mãe morreu. Lembra?

E então foi Grigori quem ficou paralisado, e Ilya viu a confusão em seus olhos antes de ele piscar e sacudir a cabeça.

— Sim, é claro. Eu sei. Estava pensando na sua madrasta.

— E onde está a Polina hoje? — perguntou Ilya, ignorando a mentira óbvia do pai.

— Em casa. — Sem mais explicações. Tudo bem, então. Ilya não ligava mesmo.

Seu pai soltou a gravata-borboleta de Ilya e afofou as lapelas.

— É melhor irmos — disse Ilya.

Grigori franziu o cenho.

— Sim…

— Para o baile — emendou Ilya. — Das Olimpíadas. Você vai me apresentar ao ministro.

Com os olhos em chamas, Grigori ergueu a cabeça.

— Eu sei! — Ele deu as costas ao filho e abriu a porta do armário. Tirou o sobretudo de um cabide e o vestiu.

Ilya não gostava do pai, mas odiava vê-lo se deteriorando. Ponderou se as coisas ficariam mais fáceis quando o cérebro de Grigori cedesse de vez e ele não tivesse mais que sofrer com o constrangimento de ficar perdendo e recobrando a lucidez.

— Fique junto, Ilya. E comporte-se hoje. Tente redimir a vergonha que trouxe ao seu país.

Ele não facilitava a compaixão alheia.

— É claro. Eu vou.

Enquanto Ilya acompanhava o pai pelo corredor até os elevadores, sentiu o celular vibrando no bolso, e deu uma rápida olhada na tela.

Jane: Tá aproveitando?

A última coisa de que Ilya precisava era de Shane Hollander tentando puxar assunto. Ali, não. Naquele momento, não.

Ignorou a mensagem e enfiou o aparelho de volta no bolso.

Shane avistou Rozanov no topo da arquibancada inferior durante a partida entre a Suécia e a Finlândia. Ele estava sozinho, usando um casaco de lã preto comprido em vez da jaqueta do time. A gola estava para cima, e suas mãos estavam enfiadas nos bolsos.

Shane estava usando a jaqueta do Time Canadá e um gorro de tricô. Quando veio o intervalo da partida, saiu do assento e deu a volta no perímetro até chegar ao lado de Rozanov.

— E aí — falou Shane.

Rozanov olhou para ele e sacudiu a cabeça.

— Aqui, não — repreendeu com a voz tensa.

— Não, eu não tô… Só queria ver… como você tá.

— Bem. Agora vai. Vai se sentar.

Shane franziu o cenho. Rozanov parecia exausto. Suas olheiras estavam escuras, e o rosto estava muito pálido. Porém, a mudança mais perceptível — e alarmante — estava em seus olhos. A faísca descontraída que sempre fazia os olhos de Rozanov dançarem tinha… sumido. Se apagado.

— Eu…

— Não somos… nada. Aqui, não, Hollander. — Rozanov olhou ao redor, como se estivesse procurando ameaças. Foi a primeira vez que

Shane o viu desconfortável.

— Tá tudo bem? — perguntou, falando o mais baixo possível por sobre o barulho da arena.

— Por favor, sai daqui.

— Você não respondeu minha mensagem, e pensei que… — De repente, todas as maneiras com que Shane podia terminar aquela frase pareciam idiotas. *Pensei que talvez você estivesse em perigo. Pensei que talvez estivesse na cadeia. Pensei que talvez estivesse… triste.*

— Não, não respondi sua mensagem chata. Agora você sai daqui?

Rozanov estava sendo babaca, o que não era novidade, mas parecia estar falando da boca para fora. Na verdade, Shane apostaria que Rozanov queria muito que ele ficasse. Parecia estar precisando de um abraço.

Porém, era óbvio que Shane não o abraçaria ali, então só assentiu e saiu andando. De qualquer forma, não era como se tivesse tempo para pensar em Rozanov. O Canadá ia jogar nas quartas de final na noite seguinte, contra os Estados Unidos — ou, se a Finlândia perdesse aquele jogo, contra a Suécia.

Rozanov e seu time já eram. E Shane sabia que a sensação devia ser péssima. O time da Rússia tinha sido simplesmente… terrível. E não foi culpa de Rozanov, mas Shane sabia que ele se massacraria pela derrota. Caramba, o próprio Shane faria o mesmo se tivesse sido com seu time.

Quando Shane enfim voltou a seu assento, Rozanov tinha sumido.

Capítulo onze

Junho de 2014
Las Vegas

No fim da temporada, a liga pediu para Rozanov e Hollander apresentarem uma categoria juntos na Premiação da NHL. Como a liga era engraçadinha que só ela, pediram para os dois apresentarem o prêmio de Maior Espírito Esportivo.

De terno, Shane estava esperando nos bastidores. Sozinho. Ninguém fazia ideia de onde Rozanov tinha se metido. Estava marcado para os dois subirem juntos no palco dali três minutos.

— Cadê o Rozanov? — indagou uma diretora, em pânico.

— Não sei — respondeu Shane. — A gente, hum, não é de se falar muito.

A mulher saiu pisando duro, praguejando.

Shane não tinha mentido. Ele não falava com Rozanov fora do gelo desde a breve troca de palavras nas Olimpíadas. A humilhação de não ter chegado nem à disputa pela medalha de bronze parecera suficiente para fazer Rozanov não querer nem olhar mais para Shane, muito menos falar com ele. Tocá-lo. Beijá-lo.

Shane se sentiu mal por ele, mas então Rozanov transformou a vergonha da derrota horrível das Olimpíadas no combustível que impulsionou tanto ele quanto os Bears a conquistarem a Taça Stanley.

Shane assistira ao jogo final com Hayden e mais alguns outros caras que tinham ficado em Montreal depois da eliminação do time na terceira rodada. Shane ficara mordido de inveja, mas também se sentira inegavelmente orgulhoso quando viu Ilya Rozanov levantar a taça sobre a cabeça e *rugir*. Lágrimas escorreram pelo rosto do russo enquanto ele

gritava e gritava, e Shane vira que era mais do que só o orgulho de ser o melhor jogador do melhor time da NHL naquele ano. Tratava-se de uma questão muito mais pessoal; Rozanov havia provado algo a alguém.

Surpreso, Shane viu que ele próprio tinha derramado lágrimas ao ver a emoção escancarada de Rozanov. Foi como se, a cada balançada da taça sobre sua cabeça, Rozanov estivesse dizendo "Vai tomar no seu cu, eu consegui! Você que se foda" para alguém.

Talvez para Shane. Mas provavelmente não era o caso. Ele torcia para que não fosse o caso.

A última vez que tinham conversado *de verdade* tinha sido quase seis meses antes, e Shane não tinha falado muito na ocasião. O que fizera foi deixar Rozanov botá-lo de joelhos no meio do quarto de hotel e foder sua boca até os olhos de Shane lacrimejarem.

Shane puxou o colarinho, tentando conter o rubor.

— Tá me procurando? — perguntou uma voz familiar atrás dele.

Shane se virou e ficou cara a cara com Ilya Rozanov, gato pra caralho de terno. Ele tinha deixado o cabelo crescer ao longo da última temporada, e, naquela noite, os fios estavam penteados para trás, presos em um coquezinho. Estava com um jeitão de modelo europeu.

— Porra, Rozanov. Qual foi? A gente precisa entrar no palco em uns cinco segundos!

— Cinquenta. Relaxa.

— Você não liga para o fato de todo mundo aqui nos bastidores ter ficado à beira de um ataque cardíaco procurando você?

— Não muito.

Shane cerrou as mãos na lateral do corpo.

— Onde foi que você se meteu, hein?

— Eu estava ocupado.

— Ah, é? Com quem?

Rozanov só sorriu.

— Está na hora.

E saiu para o palco, deixando Shane cambaleando feito tonto atrás dele, tentando alcançá-lo. *Filho da mãe. Nem uma mensagem em cinco meses e agora ele vem todo gostoso e irritante como se nada tivesse mudado?*

Foram até o pódio e recitaram a ladainha tosca sobre a importância de ter respeito pelos colegas no rinque. Shane não precisou fingir *nem um*

pouco odiar Rozanov naquele momento.

Os dois receberam muitas risadas. O fato de que Shane estava praticamente falando por entre os dentes deve ter deixado tudo ainda mais cômico.

— Ei — falou Rozanov —, antes de darmos o prêmio, posso tirar uma selfie?

— O quê?! — indagou Shane. Tudo fazia parte do roteiro.

— Vai ser rápido. Quer dizer, quando é que isso vai acontecer de novo, né?

— Tá, mas vai logo.

Rozanov botou o braço ao redor dos ombros de Shane e o puxou com força para perto. Todo mundo riu. Rozanov estendeu o celular e tirou, como Shane percebeu, ao menos seis fotos rápidas.

— Me passa seu número. Eu te mando depois.

— Nem morto — respondeu Shane, na lata.

Risos.

Rozanov demorou para tirar o braço dos ombros de Shane. Quando o fez, deixou os dedos roçarem a nuca, fazendo os pelos ali se eriçarem.

Shane também sentiu o pau inchando um pouco, e xingou Rozanov mentalmente.

Leram os nomes dos indicados, entregaram o troféu ao vencedor, e Shane saiu do palco o mais rápido que pôde. Continuou andando até encontrar um banheiro nos bastidores. Entrou, e deixou a porta destrancada.

Menos de trinta segundos depois, Rozanov entrou e trancou a fechadura. Prendeu Shane contra a parede. Shane estava *fulminando*; encarou Rozanov bem nos olhos e esperou ele tomar a iniciativa.

— E aí? — falou Rozanov.

— E aí o quê?

Ele gesticulou para o chão.

— Não vai me chupar?

Shane semicerrou os olhos.

— Vai se foder! Por que *você* não *me* chupa?

— Humm. — Ele parrou o dedo pelo maxilar tenso de Shane com tanta delicadeza que o canadense fechou os olhos e abriu os lábios involuntariamente. — Se você pedir com jeitinho.

Shane queria mandar ele ir para a puta que pariu. Mas, em vez disso, para seu próprio constrangimento, se ouviu dizer:

— Por favor.

Rozanov arqueou a sobrancelha.

— Quer que eu me ajoelhe nesse chão de banheiro sujo? Vai ter que pedir com mais jeito que isso, Hollander.

— Por favor — disse Shane por entre os dentes. — Fica de joelhos e chupa meu pau. Por favor.

Rozanov levou a mão à ereção de Shane apertada na calça do terno, fazendo com que ele arquejasse e tombasse a cabeça para trás na parede. Rozanov chegou mais perto e roçou os lábios na orelha de Shane.

— Não.

Soltou Shane e foi para trás.

— O quê? — gaguejou Shane.

— Não. Não vou fazer nada com você aqui. A gente vai sair, sentar a bunda na poltrona e depois ir para a festa. *Só aí*, quando você já tiver passado a noite toda esperando, vai aparecer no meu quarto do hotel. E pode ser que eu faça mais do que só chupar seu pau.

Shane se sentiu tonto. E irritado. E meio que impressionado pelo inglês de Ilya. O vocabulário do russo tinha melhorado muito.

— Você vai mesmo me deixar assim?

— Sim. Por enquanto.

— Tá — grunhiu Shane.

— Own — disse Rozanov com uma pena fingida. — Vamos fazer um acordo: se você ganhar o prêmio de MVP hoje, eu te chupo, te como… o que você quiser.

Shane engoliu em seco.

— E se *você* ganhar?

Um sorrisinho sacana se espalhou pelo rosto de Rozanov.

— Eu te conto depois.

Ele botou a mão na maçaneta e estava prestes a ir embora quando se virou de repente e agarrou a frente do paletó de Shane. Beijou-o com força e então o soltou.

— Boa sorte hoje — falou.

Em seguida, foi embora.

Shane foi embora da festa o quanto antes. Queria ter força de vontade para ficar até mais tarde e fazer Rozanov esperar. Queria ter coragem de dar um bolo nele.

Passara horas inquieto, meia-bomba e zunindo de vontade. Tinha bebido algumas cervejas, o que já era mais do que o costume, e seu cérebro só conseguia se concentrar no desejo de gozar o quanto antes.

Rozanov lhe mandara uma mensagem com o número do quarto, e Shane o vira saindo de fininho da festa alguns minutos antes. Não tinham se falado desde o banheiro nos bastidores.

Rozanov havia ganhado. Claro que sim. E agora cabia a Shane descobrir o que exatamente ele ia querer.

Os dois tinham feito… tudo? Shane tinha quase certeza de que já haviam feito de tudo àquela altura. Mamadas: confere. Punhetas: claro. Penetração: sim, mas só com Shane como passivo. Shane não conseguia imaginar Rozanov querendo mudar isso. Pelo menos, esperava que não.

Ele mandou mensagem para Rozanov quando se aproximou da porta, e ouviu um clique logo antes de chegar. Entrou depressa.

Rozanov tinha uma suíte enorme reservada no cassino de Las Vegas onde a premiação havia acontecido. Ele estava no meio do cômodo, já livre de boa parte das peças do terno. Estava só com a calça preta e a camisa desabotoada pela metade. Seus pés estavam descalços. Shane tinha tirado a gravata-borboleta e a guardado no bolso quando abrira alguns dos botões da camisa mais cedo naquela noite, mas ainda tinha um caminho a percorrer para alcançar Rozanov.

— Veio me dar os parabéns? — indagou o russo.

— Acho que sim.

Rozanov estendeu os braços, como se quisesse dizer "Bem, tô esperando".

— Meus parabéns — disse Shane, com a voz neutra.

— Obrigado. Agora tira a roupa.

Parte de Shane esperava que Rozanov o ajudasse naquela tarefa, mas ele obedeceu, colocando cada peça descartada sobre o encosto do sofá. Rozanov não tirou mais nada — só se apoiou na mesa de vidro e cruzou os braços, observando Shane.

— Será que não é melhor… Quer dizer. Tem janela. — Tinha *muitas* janelas.

— É o 16º andar.

— Tá, mas…

Rozanov se afastou da mesa e gesticulou para Shane segui-lo até o quarto.

Shane estava só de cueca. Quando chegou ao quarto, Rozanov já fechava as cortinas.

— Na cama — instruiu, sem olhar para Shane.

Shane fez o melhor que pôde para transparecer tranquilidade e conforto na cama gigante, como se não estivesse morrendo de nervosismo pelo que quer que Rozanov tivesse planejado. Esperou Rozanov se juntar a ele, mas o russo saiu do cômodo.

Passou um tempão na sala e, quando voltou, estava segurando um copo com um líquido transparente. Ele se sentou em uma cadeira encostada na parede no fim da cama e deu um gole.

— Hum. Estou impressionado com esse hotel. Essa vodca não é tão fácil de encontrar.

— Entendi — disse Shane, impaciente.

— Bate uma.

— O quê?

— Se exibe pra mim. Deixa eu te ver.

— Deixar você… *o quê?*

— É minha noite especial, Hollander. Quero te assistir.

Cada centímetro de pele de Shane ficou vermelho.

— E-eu nunca…

Rozanov sorriu.

— Imaginei que não. Então… — Ele gesticulou com a mão que não estava segurando o copo — me mostra. Como você se masturba, Shane Hollander?

Puta que pariu.

Shane queria protestar, mas como sua cueca não escondia *nem um pouco* do quanto seu pau tinha ficado duro no último minuto, sentiu que seu argumento seria fraco.

— Me dá um pouco dessa vodca então — pediu. — Tô sóbrio demais pra isso.

Rozanov fez que não.

— Você pode tomar a vodca depois. Como recompensa.

— Vai. Se. Foder.

Rozanov riu.

— É das boas! Sério. Olha pro coitado do seu pau, Hollander. Dá um pouco de atenção pra ele, sim?

Shane o encarou, mas Rozanov só cruzou as pernas compridas e se reclinou na cadeira, todo confortável.

— Fecha os olhos — sugeriu. — Finge que tá sozinho. Como você começa?

Shane soltou o ar e fechou os olhos. Tentou ignorar o russo sorridente no canto ao levar a mão trêmula para o abdômen. Esfregou a pele em movimentos lentos, deixando os nervos despertarem.

Ouviu Rozanov se mexendo na cadeira. Os lábios de Shane se curvaram um pouco; talvez ainda lhe restasse um pouco de poder.

Com a palma estendida, passou a mão sobre o volume na cueca em movimentos lentos e deliberados. Soltou um gemidinho baixo e nada modesto, depois deslizou a mão mais para baixo para tocar as bolas.

Se Rozanov queria a porra de um show, era um show que ia receber.

Shane se esfregou por cima do tecido por alguns minutos, fazendo questão de enfatizar o formato de sua ereção. Já estava gostando daquilo; já havia deixado o medo para lá.

Abriu os olhos e encarou Rozanov, que estava com lábios entreabertos e o olhar fixo na virilha de Shane.

— Vai, Hollander — falou em um grunhido baixo. — Me mostra.

Shane arqueou a cintura, entrelaçando os dedos no elástico da cueca e a deslizando pelas coxas. Seu pau se libertou, duro e reluzente.

— Bate uma — mandou Rozanov. — Goza para mim.

Shane botou os dedos ao redor do pau, mas, em vez de se masturbar, só passou o polegar na ponta algumas vezes.

— Tem lubrificante na gaveta — disse Rozanov. — Do lado da cama.

— Hmm. Pega pra mim. — *Isso. Vai se foder, Rozanov.*

Rozanov se levantou sem reclamar e pegou o lubrificante. Estendeu a bisnaga para Shane, mas, quando tentou pegar, ele afastou a mão. Riu da carranca do canadense e depois jogou a embalagem na cama.

— Quer saber — perguntou Rozanov, voltando para a cadeira — como é?

— Como é o quê?

Ele se inclinou para a frente, sorrindo que nem um tubarão.

— A Taça. Quer saber como é segurar a Taça Stanley?

— Ah, *vai se foder*.

Rozanov riu.

— Enfim, não dá mesmo pra descrever. É impossível.

— Logo, logo, vou descobrir por conta própria — grunhiu Shane.

— Claro que vai. Agora me mostra como você gosta de fazer, Hollander.

O pedido, pensou Shane, foi quase que carinhoso. Cheio de consideração. Ele terminou de tirar a cueca e pegou a bisnaga. Fez cena despejando o lubrificante direto no pau.

Se Rozanov pensava que ele ia ficar de conversinha, não o conhecia muito bem. Shane se surpreenderia se emitisse duas palavras durante a coisa toda.

Ele se masturbou com movimentos lentos, morosos. Fechou os olhos de novo e deixou o prazer incendiar cada partezinha do corpo. Com a outra mão, brincou com as bolas. Arqueou o corpo um pouco para cima, arquejando e gemendo.

Shane se perguntou se Rozanov ia começar a bater uma também. Abriu um pouco o olho e, pelo visto, Rozanov estava satisfeito só de observar. No entanto, estava inclinado um pouco mais para a frente, e parecia um tanto vermelho.

Shane abriu os dois olhos. Queria se levantar da cama e engatinhar até onde ele estava sentado. Queria acariciar seu pau por cima da calça. Queria botar a boca no volume que dava para ver dali.

Os pensamentos fizeram a mão de Shane acelerar. Ele soltou um "ah" entrecortado e, com as pernas esparramadas e os joelhos flexionados, firmou os pés na cama.

— Se abre pra mim — disse Rozanov. — Usa os dedos.

Ah, caralho. Shane ao mesmo tempo se sentiu constrangido e animado. Pegou o lubrificante.

— Isso. Deixa eu ver você se abrindo para mim.

— Vai me comer? — Shane conseguiu falar.

— Vamos ver.

Shane começou.

Não dava para negar que era vergonhoso estar esparramado na cama daquele jeito, com dois dedos enfiados até a metade no próprio cu

enquanto Ilya Rozanov bebia sua vodca tranquilamente, assistindo a tudo como se a cena fosse virar tema de prova depois.

A única coisa que poderia deixar aquilo tudo mais humilhante seria…

— Por favor — sussurrou Shane. *Implorou.*

— Por favor o quê?

— Eu… Eu preciso…

Dava para ver que Rozanov estava perdendo a pose. Shane via a forma como o pomo de adão dele balançava quando engolia em seco, como passava os dentes sobre o lábio inferior.

— Do que você precisa, Hollander?

— *De você.* Me come. Por favor.

Rozanov sugou o ar, ficou de pé e botou o copo na mesinha. Lentamente, abriu os últimos botões e deixou a camisa cair no chão atrás de si. Foi até a ponta da cama, e Shane engatinhou até ele, bem como se imaginara fazendo. Andou de quatro pelo colchão até seu rosto encontrar o volume na calça social de Rozanov. Esfregou o rosto e a boca, e Rozanov meteu os dedos no cabelo de Shane, murmurando algo em russo.

Shane não sabia se Rozanov estava dizendo algo encorajador ou reverente. Podia ser que estivesse o chamando de puto. Ele se sentia mesmo meio putinho naquele momento. Se sentia *selvagem*. Queria o pau de Rozanov em seu corpo todo, de uma só vez. Queria gozar naquele exato momento, e queria segurar o orgasmo por horas. Queria beijar Rozanov e talvez também esmurrá-lo por ser um filho da puta arrogante do caralho.

E se odiava por querer isso. Porém, não o bastante para parar. Nunca o bastante para parar.

Abriu o zíper da calça de Rozanov e a baixou até os tornozelos, junto com a cueca. Botou a boca ao redor da pica e gemeu de alívio.

— Tão gostoso para mim. Olha só para você.

Shane deixou outro gemido humilhante escapar; se odiava por amar tanto o que estava fazendo.

Rozanov o deixou mamar por alguns minutos abençoados antes de empurrar Shane para a cama. Ele girou o dedo no ar.

— Vira — mandou.

Shane obedeceu, empinando a bunda, sedento demais. Ouviu o barulho de uma camisinha sendo aberta, depois viu a embalagem vazia cair no chão. Rozanov respirava pesado enquanto passava lubrificante no pau e,

porra, Shane amava quando Rozanov perdia a habilidade de manter a compostura.

Rozanov o comeu com força, uma das mãos firme apertando o espaço entre as escápulas de Shane — pressionando-o no colchão. Shane fez mais barulho do que pretendia, e ficou implorando por mais, embora provavelmente fosse uma coisa impossível de se pedir. Embora fosse vergonhoso se sentir tão desesperado assim por Ilya Rozanov.

Gozou tanto que realmente *berrou*. Não tinha outra palavra para descrever. E, mais uma vez, fez uma lambança na roupa de cama do hotel.

Suas orelhas ainda zuniam com os efeitos do próprio orgasmo quando sentiu Rozanov ficando imóvel atrás dele, e então gritando. Em seguida, o russo deitou a testa nas costas de Shane, e ambos os homens ofegaram, tentando recuperar o fôlego.

— Cacete, Hollander — ofegou Rozanov, se deitando de costas ao lado dele. O cabelo tinha saído do rabo de cavalo e estava empapado num topete úmido sobre a testa.

Com cuidado, Shane se virou na cama, deixando a parte molhada dos lençóis no meio dos dois.

— E a vodca?

Rozanov riu.

— Tá bem. Me dá só um minuto.

Shane sorriu. Sabia que depois se sentiria pelo menos um pouco envergonhado e constrangido quando pensasse naquela noite — mas, naquele momento, estava feliz da vida.

Depois de um tempo, Rozanov de fato se levantou da cama e foi se limpar no banheiro. Em seguida, levou uma toalha úmida e um copo de vodca gelada para Shane. Para si, um cigarro e um isqueiro.

Ficou sentado com as costas na cabeceira, uma perna dobrada e a outra estendida. Ainda nu, exceto pela corrente de ouro e o crucifixo. Acendeu o cigarro, e Shane nem tinha forças para dar um sermão. Ainda mais considerando o quanto Rozanov ficou sexy.

Em vez disso, só deu um gole na vodca, que tinha um gosto péssimo. Shane não tinha o costume de beber nada além de cerveja. Pelo menos o destilado era frio em sua língua.

— Vai voltar logo? — perguntou Shane, só para puxar papo.

— Voltar?

— Pra Rússia. Pra passar o verão lá.

Rozanov exalou uma longa lufada de fumaça.

— Sim.

— Ah.

Eles ficaram em silêncio por um momento, depois Shane não se aguentou:

— Por quê?

Rozanov deu de ombros.

— É minha casa.

— Mas… você *gosta* de ir pra lá?

Rozanov não respondeu. Deu mais uma tragada no cigarro e fechou os olhos.

— É melhor eu dormir — disse por fim.

— Ah. É. É melhor eu… Eu preciso ir mesmo.

— Sim.

Ah. E lá estava a vergonha pela qual Shane estivera esperando. Se limpou no banheiro, e depois foi para a sala pegar as roupas. Vestiu a calça e a camisa e carregou o restante do terno. Rozanov nem sequer saiu do quarto.

— Até mais — gritou Shane.

— Tchau, Hollander — respondeu Rozanov do outro cômodo.

E Shane foi embora. Se deu conta, quando voltou para o próprio quarto, que eles nem tinham se beijado. Percebeu também, horrorizado, que se arrependia de não o ter feito.

PARTE TRÊS

Capítulo doze

Outubro de 2016
Filadélfia

Ilya estava com um homem preso sob o peso de seu corpo.

O homem era enorme, quase tão grande quanto o próprio Ilya, e devolvia a pressão cheio de agressividade. Ele encaixou o joelho no meio das coxas do sujeito, mantendo-o firme no lugar.

— Vai se foder, filho da mãe — grunhiu o homem.

Ilya se apoiou ainda mais sobre ele.

— Já chega, Rozanov, solta ele — mandou o árbitro. — Vou te dar uma punição se não se afastar agora mesmo.

Ilya largou a camisa do outro cara e levantou as mãos, fingindo inocência.

— Arrombado — grunhiu o outro homem. Ele empurrou o russo antes de sair patinando para longe dos painéis, onde Ilya o havia prendido.

— Mas que grosseria — gritou Ilya.

Dava para ouvir as vaias e provocações da multidão enquanto patinava até o banco.

Vai tomar no seu cu, Rozanov!

Rozanov, seu mariquinha de merda!

Volta pra Rússia, seu lixo!

E por aí vai.

Ilya sorriu consigo mesmo. Ele amava aquilo. Amava estar viajando, decepcionando os times locais pela América do Norte. Amava os insultos, as vaias e, acima de tudo, o som de uma multidão que, de tão arrasada com o rendimento do time dele, nem se dava ao trabalho de vaiar. Uma torcida sem reação, humilhada. Esse era o som favorito de Ilya.

A multidão ainda assim era barulhenta na Filadélfia. Não era uma cidade fácil de silenciar. Teria que se esforçar ainda mais naquela noite para conseguir a quietude gloriosa e devastada pela qual tanto ansiava.

Ilya se sentou no banco ao lado de Brad Hammersmith, um atacante veterano que devia ter uns cem anos de idade.

— Tá fazendo amigos, é? — perguntou Hammersmith.

— Estou jogando hóquei.

Hammersmith riu pelo nariz.

Um defensor da Filadélfia patinou perto do banco quando a partida parou.

— Continua com essas gracinhas pra você ver o que te acontece, Rozanov — ameaçou.

— Eu sei o que vai acontecer. Meu time vai ganhar.

— Chupa minha rola, Rozanov.

Vai ser a melhor mamada da sua vida, querido. Ilya deu um piscadinha para ele.

— Bichinha — grunhiu o outro jogador.

Ilya deu de ombros. Era parcialmente verdade mesmo.

Talvez, tipo, uns trinta por cento.

Naquele momento, as telas do placar mostravam um destaque do jogo de Montreal enfrentando Ottawa naquele momento. Hollander tinha acabado de marcar um gol. Claro que tinha.

Ilya assistiu à filmagem de Hollander fazendo um passe rápido e marcando com a precisão impossível pela qual era conhecido. Ilya o viu abraçar os colegas de time e a forma como seu rosto se alegrou com um sorriso largo e jubiloso. Ilya se pegou sorrindo um pouco também em seu banco na Filadélfia.

Bem, agora ele ia ter que fechar a noite marcando *dois* gols.

Outubro de 2016
Montreal

— A Jackie tá grávida.

Shane parou de repente no meio do ecossistema do golfo de São Lourenço, no museu de ciências *Biodôme* de Montreal.

— *De novo*? — rebateu.

Hayden riu.

— Caramba, valeu, hein.

— Foi mal! Quis dizer: parabéns.

Hayden olhou para ele achando graça.

— É, você parece mesmo estar felizão por mim.

Shane gesticulou para o carrinho no qual Hayden empurrava o filho de um ano, e depois para as gêmeas de três anos que bisbilhotavam o interior de um aquário.

— É que assim…

— Tá. — Hayden suspirou. — Eu sei. Mas a Jackie tá feliz. Quer dizer… ela anda entediada pra caralho, sabe?

A pessoa responsável por uma criança que caminhava ainda meio engatinhando ali perto olhou feio para eles.

— Foi mal — disse Hayden depressa. Em seguida, para Shane, afirmou: — Tenho que prestar atenção no que falo. A Jackie sempre repete isso.

— São os ossos do nosso ofício — disse Shane.

— Sei que eu… Ei! Jade, meu bem, não joga água na sua irmã! Preciso de um cofrinho de multa por palavrões em casa ou algo do tipo.

— Você vai ficar liso de um dia pro outro.

Como um homem sem filhos ou esposa, Shane era minoria entre seus colegas de time. A maioria dos caras tinha se casado bem antes dos 25. Hayden se casara com Jackie aos 21 anos, depois de namorá-la por apenas um ano. Shane estava presente na noite em que tinham se conhecido. Hayden o arrastara junto com alguns outros amigos para uma balada, onde Hayden conhecera sua futura esposa, e Shane fora embora para ter uma das transas mais constrangedoras de sua vida com uma mulher muito paciente chamada… Olivia? Ophelia?

Mas Jackie era ótima. Hayden tinha feito bem ao se casar com ela. E os filhos dos dois eram uma fofura, apesar da escolha *questionável* de chamar as gêmeas de Jade e Ruby.

— Valeu por ter vindo com a gente — agradeceu Hayden, se abaixando para pegar a chupeta que o filho, Arthur, tinha derrubado no chão. Hayden deu uma passada na camisa e a enfiou de volta na boca do pequeno. Shane

fez uma cara de nojo, que Hayden não viu. — A irmã da Jackie veio nos visitar e as duas queriam sair para fazer compras e o caralho a quatro.

— Olha lá a multa, hein — respondeu Shane.

— Ah, é. Fazer compras e *saracotear*. Enfim, é difícil sair com esses três monstrinhos, então agradeço a ajuda.

— É um prazer, cara.

Shane estava se divertindo de verdade. O museu era um ótimo lugar para ir sem atrair uma multidão. As pessoas ficavam tão distraídas com os animais, e tentando não perder os próprios filhos de vista, que não se davam ao trabalho de olhar para os demais adultos presentes. Além do mais, Shane estava usando um boné e uma jaqueta preta simples para passar ainda mais despercebido. Até então, tinha funcionado.

— Ai, cacete… quer dizer, caramba… parece que a Ruby tá tentando roubar uma estrela-do-mar. — Hayden virou o carrinho para Shane. — Aqui, fica cuidando do Arthur só por um segundo, tá?

Ele zarpou na direção do aquário e das gêmeas antes que Shane pudesse responder.

Shane se ajoelhou em frente ao carrinho e sorriu para o menininho sonolento.

— Oi, amiguinho — falou. — Tá se divertindo?

Arthur esticou as mãozinhas e segurou a aba do boné de Shane.

— Bora lá ver os pinguins! — disse Hayden. Ele tinha voltado carregando uma gêmea em cada braço.

— Pinguins! — gritaram as meninas ao mesmo tempo.

— Pinguins! — repetiu Shane, batendo palminhas e tentando imitar a empolgação das gêmeas.

Hayden revirou os olhos.

— Beleza, crianças. Sigam seu irmão mais velho Shane.

Ele botou as duas no chão, e elas seguraram as mãos de Shane, que sentiu o coração apertar. As mãos delas eram *tão pequenas*.

Na sala da Antártida, Hayden e Shane conseguiram se sentar em um banco com o carrinho estacionado ao lado. As gêmeas saíram correndo até o vidro para observar os pinguins.

— Mas então, a Jackie tem uma amiga… — começou Hayden.

Ah, não. De novo isso.

— Não — rebateu Shane.

— Eu sei, mas escuta. Ela é linda e muito gente boa. É instrutora de ioga. Você curte ioga, não curte?

— Tenho certeza de que ela é ótima, mas realmente não tô interessado em sair com ninguém no momento.

— Por que caral… quer dizer, por que você diz isso? Você é jovem, rico, famoso… tem essa aparência aí e tal.

Shane o encarou com um olhar de flerte.

— Hayden, você me acha bonito?

— Olha aqui, meu chapa, se eu fosse mulher, babaria por você.

Shane riu. Na verdade, conseguia pensar em cenários bem piores do que ter Hayden Pike babando por ele. Mas ele é que não ia dizer isso. Além do mais, Hayden era seu melhor amigo. Nunca tivera nada além de sentimentos platônicos por ele, apesar do cabelo loiro, dos olhos verdes e da covinha no queixo.

— Então, a amiga — retomou Hayden. — O nome dela é Samantha. Acho que você ia mesmo gostar dela.

Shane escondeu o rosto nas mãos, quase derrubando o boné.

— Por favor, para de tentar arrumar mulher pra mim, Hayd.

— Só quero te ver feliz! E quero que você tenha uns cem filhos para saber pelo que eu passo!

Shane esfregou as mãos no rosto e levantou a cabeça, vendo Jade e Ruby empurrando uma à outra na frente do vidro.

— Caralho, preciso ir separar aquilo — grunhiu Hayden, já indo em direção às duas.

Shane suspirou.

— Manda seu pai deixar minha vida amorosa em paz, tá, Arthur?

Mas Arthur tinha pegado no sono.

Shane se imaginou contando a Hayden que gostava de homens. Sabia que Hayden não o criticaria nem nada do tipo. Podia até não ser o cara mais *desconstruído* do mundo, mas também não era preconceituoso. No pior dos casos, a confissão deixaria as coisas estranhas entre os dois. Talvez não, mas Shane não queria arriscar. Na realidade, nem havia motivo para isso. Provavelmente *ia* conhecer uma garota legal um dia e sossegar o facho, e aí sua atração ocasional por homens perderia a relevância.

Sua imaginação continuou correndo solta, criando um cenário no qual contava a Hayden que vinha ficando com Ilya Rozanov desde a temporada

de estreia dos dois. A expressão hipotética no rosto de Hayden fez Shane rir alto pelo nariz. Ele rapidamente cobriu a boca e se virou para olhar para Arthur, como se quisesse sugerir que o bebê adormecido tinha feito o som.

— Com licença, você é o Shane Hollander?

Shane levantou o rosto e viu duas adolescentes o observando.

— Hum… — falou baixinho.

— Ai, meu deus, é você *mesmo*! A gente pode tirar uma selfie?

— Tá, hum, bem escuro aqui — comentou Shane, tentando estabelecer contato visual com Hayden. Se começasse a tirar fotos com torcedores ali, nunca mais ia ter fim.

— Por favor? — As meninas fizeram biquinho.

Shane se impediu de bufar. De qualquer forma, não estava fazendo nada no momento.

— Claro. Qual seu nome?

As garotas se alegraram.

— Ai, meu deus, obrigada! Eu te amo tanto! Meu nome é Emma.

— E o meu é Jessica.

— Muito prazer, Emma e Jessica.

Todos se organizaram para caber na tela do iPhone de Emma. Enquanto ela tirava fotos, Hayden voltou.

— Xiii — falou.

Shane só levou um segundo para perceber que Hayden se referia às dezenas de cabeças que se viravam na direção da sessão de fotos improvisada.

E, de fato, assim que as meninas agradeceram e saíram, um homem e o filho abordaram Shane. Ele acabou passando vinte minutos preso na sala da Antártida tirando fotos com torcedores e assinando quaisquer objetos que por acaso tivessem ali. Depois de Shane dar sua desculpa para ir embora, encontrou Hayden perto da saída.

— Que babacas — resmungou Hayden.

— São *torcedores*, Hayden.

— Que nem me reconheceram!

Shane riu e deu um tapinha nas costas dele.

— Tiro uma selfie com você, se quiser.

— Eu nunca deveria ter virado seu amigo.

Shane sorriu e deixou a porta aberta para que Hayden conseguisse passar com o carrinho.

— Sério! — continuou Hayden. — Meu ego não aguenta, cara! É como ser amigo do sol ou algo do tipo. Espera… tá todo mundo aqui? Quantos filhos eu tenho?

— Três. A Ruby tá logo atrás de você.

— Beleza. — Hayden soltou o ar. — Não acredito que vamos ter mais um.

— Tem certeza de que vai ser um só dessa vez?

Hayden o encarou com o mais puro terror.

— Nem brinca, Hollander.

Outubro de 2016
Washington

Ilya se espreguiçou em seu quarto de hotel e se entreteve vasculhando as diversas opções de customização no Audi Spyder 2017. Já tinha um Spyder 2015, então não era como se *precisasse* de um novo.

Mas o dele não era Amarelo Vegas…

A televisão estava ligada na ESPN, mas ele não estava prestando muita atenção. Ao menos não até ouvir o nome *Shane Hollander*.

Era só uma daquelas matérias toscas da qual redes de esportes que trabalhavam 24h por dia dependiam para ocupar o tempo de transmissão, um vislumbre na vida de Hollander longe do rinque para os torcedores.

Na TV, Hollander estava em algum tipo de cais cercado pelas águas azuis tranquilas de um lago enorme. Uma floresta verde densa contornava as margens.

— Quando as demandas da temporada acabam, é para cá que Shane Hollander vem relaxar e se recuperar: seu chalé de 450m² que fica de frente para um lago.

Ilya endireitou a postura no sofá. Nunca tinha visto um lugar que Hollander chamasse de casa.

— Esse aqui é meu lugar favorito no mundo — disse Hollander. — Terminei a construção dele alguns anos atrás. O chalé da minha família, onde passei muitos verões quando era mais novo, fica logo ali. — Ele

apontou à direita, para fora do ângulo da câmera. — Continuei passando as férias lá até esse aqui ficar pronto.

— Ownnn, mas você é mesmo fofo pra caralho, né, Hollander — debochou Ilya, revirando os olhos.

Passaram algumas imagens de Hollander em um caiaque no lago, sozinho, parecendo sereno e idiota enquanto observava a natureza. Sua voz ressoava por cima das gravações, falando que o lugar curava sua alma ou alguma outra pau-molice do tipo.

Em seguida, vieram algumas filmagens dos quartos do chalé. Uma sala de estar espaçosa e de pé-direito alto com um sofá de couro e algumas almofadas e mantas de estampa xadrez, bem no estilo canadense; uma cozinha moderna e extensa com uma ilha grande no meio; uma mesa de sinuca e um bar; uma academia com janelas do chão ao teto e vista para o lago.

E então, sem alerta, mostraram Hollander fazendo ioga no cais.

— Comecei a fazer ioga ano passado e acho que tem me ajudado muito a me concentrar, e sem dúvidas melhorou minha flexibilidade. — A voz de Hollander narrava as imagens dele sustentando uma pose ridícula.

— Meu deus, como você é chato, porra — balbuciou Ilya.

Mas Hollander *de fato* parecia estar flexível.

A matéria se estendeu mais um pouco. Hollander falou do quanto era importante para ele ter uma casa perto dos pais. De como tinha se oferecido para construir um chalé novo para os dois também, mas que eles recusaram. O paspalho riu ao falar isso. Durante a risada, seu nariz enrugou, e Ilya sentiu um frio no estômago.

Ilya ficou se perguntando se Hollander já tinha trepado com alguém naquele chalé. Provavelmente. Talvez alguma garota certinha e good vibes que ele conheceu enquanto fazia… canoagem. Ou algo assim.

A imprensa também tinha pedido para Ilya gravar uma dessas besteiras. Ele levara a equipe de filmagem à garagem onde guardava seus carros esportivos europeus. O segmento dele definitivamente tinha tido um ar diferente do de Hollander.

Mas as coisas eram assim mesmo havia seis temporadas: Shane Hollander era o bom moço heroico e Ilya Rozanov era o rock star irritante. Os dois eram extremos opostos, de acordo com qualquer analista da NHL, e

portanto estavam destinados ao embate eterno — o que dividia bem os torcedores de hóquei.

Era exatamente como *deveria* ser. Shane e Ilya eram *mesmo* opostos em quase todos os aspectos imagináveis, mas estava ficando cada vez mais difícil para o russo negar que havia algo em seu *âmago* que o levava a Hollander. Em vez de as ficadas fazerem com que enjoasse, ele só desejava Hollander cada vez *mais*.

O que, porra, era um perigo e tanto a se correr.

Capítulo treze

Novembro de 2016
Boston

— Vai sair? — perguntou Hayden de onde estava assistindo à televisão na cama de hotel.

— Aham, coisa rápida. Marquei um negócio.

— Se você diz. — Hayden sorriu. Shane engoliu em seco e tentou não deixar nada transparecer no rosto. Suas entranhas se reviraram de vergonha, medo e ansiedade.

— Não é nada de mais — garantiu Shane.

— Não vou nem esperar acordado.

— Não é… — Shane fechou os olhos e se acalmou. — Não é esse tipo de negócio. Eu volto logo.

Hayden o analisou por um instante.

— Que pena. Você precisa transar.

— Tô de boa. — Shane vestiu a jaqueta e deu uma olhada no espelho antes de sair do quarto.

Não deveria estar fazendo aquilo.

O time tinha chegado em Boston naquela manhã e feito um treino rápido à tarde. A partida seria na tarde do dia seguinte, o que significava que teria a noite toda livre.

Rozanov morava em um prédio que ficava a uma curta corrida de táxi do hotel. Na temporada anterior, os encontros dos dois tinham evoluído de quartos de hotel para a cobertura de Rozanov. Shane fora contra a ideia na época, dizendo que não queria arriscar ser visto entrando no prédio de Rozanov. Sua preocupação tinha sido genuína, e ainda era, mas seu verdadeiro argumento contra — o que não tinha dito em voz alta — era

que não queria que o que estavam fazendo parecesse mais… pessoal. Os dois se verem em quartos de hotel ou na propriedade de investimento de Shane era uma coisa, mas todas as vezes que Shane ia aonde Rozanov morava *de verdade*, ele sentia o mundo tombando um pouco. Era uma camada extra de erro jogada em cima da montanha de ideias ruins que eles vinham escalando nos últimos seis anos.

Quando chegou nos degraus da fachada do prédio, mandou uma mensagem. Cheguei.

A porta fez um clique, e Shane entrou, depois pegou o elevador para o último andar. Disse a si mesmo que ia conversar com Rozanov naquela noite. Que ia dar um fim àquilo e depois voltar ao hotel. Fazia muito tempo que tinha perdido a conta de quantas vezes quebrara essa promessa a si mesmo ao longo dos anos.

Rozanov atendeu a porta usando uma calça de moletom pendendo nos quadris e com o torso despido. Shane praguejou mentalmente. Todas as intenções de só conversar sumiram de sua mente.

Assim que Shane entrou na cobertura, Rozanov se virou e foi até o quarto. Sem dizer nada. Shane tirou os sapatos, largou o casaco no chão e o seguiu.

— Que porra é essa? — perguntou Shane ao entrar no quarto. — Você não fala mais comigo, não? Só espera que eu te siga que nem um cachorro?

— Shhh — disse Rozanov, inclinando a cabeça de Shane para cima e o beijando com voracidade. Shane se rendeu imediatamente, enfiando a língua na boca do outro homem e passando as mãos pela parte de trás de sua calça.

Shane não conseguia pensar em um único motivo sequer pelo qual deveriam conversar. Isso tinha ficado para trás, agora que Rozanov estava chupando sua língua e subindo a camisa de Shane pelo peito.

A peça foi tirada, e Shane empurrou Rozanov para que ficasse sentado na beirada da cama. Shane caiu de joelhos e arrancou a calça do russo. Não queria perder tempo.

Rozanov não estava usando cueca, e seu pau já estava meia-bomba. Shane o botou na boca.

— Puta que pariu, Hollander — falou Rozanov, colocando a mão no rosto de Shane. — Não conseguiu esperar, hein?

Shane fechou os olhos. Era para ter se sentido envergonhado, mas amava sentir Rozanov ficando mais duro em sua língua. Nunca se sentia submisso fazendo aquilo. Amava reduzir Rozanov a gemidos e profanidades em russo. E, por deus, amava mais ainda fazer aquilo bem ali, na casa de Rozanov. Em seu *quarto*.

A relação dos dois era esquisita, óbvio. Shane sabia que nada naquilo era normal.

Os fatos eram os seguintes: eram duas das maiores estrelas mundiais do hóquei, e por algum motivo, gostavam de transar um com o outro. A outra questão era que estavam de pleno acordo com o fato de que ninguém *nunca* poderia descobrir que gostavam de transar um com o outro. Seria melhor se ninguém soubesse que os dois curtiam sexo com outros homens, mas o que não podia vazar de jeito nenhum era que os célebres rivais conheciam muito bem o pau um do outro.

Rozanov passou o polegar sobre as sardinhas na bochecha de Shane, bem debaixo do olho.

— Para — disse Rozanov com a voz baixa. — Chega. Para.

Shane tirou a boca e esperou.

— Acho que quero te olhar hoje. Fica por cima? — pediu Rozanov.

— Tá bem — respondeu Shane, mas o pedido o deixou nervoso. Rozanov costumava comê-lo de costas, em cima da cama ou contra a parede. Desse jeito, Shane conseguia fingir (ou fingir que estava fingindo) que Rozanov era outra pessoa.

Shane rapidamente tirou o resto das roupas. Rozanov levou um momento para arquear a sobrancelha para o pau rígido e ainda não tocado de Shane, que corou com o olhar do outro em seu membro.

— Quieto — murmurou.

Rozanov sorriu e recuou na cama, pelado e esparramado com as mãos atrás da cabeça. Shane não conseguiu conter o sorriso em resposta. Porra, era tudo tão estranho, mas talvez, por cerca de uma hora, pudessem fingir que não era. Talvez pudessem ser só dois caras que queriam transar.

Rozanov bateu nas próprias coxas, um convite, e Shane foi até ele.

Mais tarde, durante o sexo, Shane se apoiou com a mão no peito do russo, que a cobriu com a própria mão, o que pegou Shane de surpresa. Rozanov em momento algum tirou os olhos do rosto dele, exceto para assistir quando Shane começou a se masturbar.

Shane viu o brilho nos olhos dele, a forma como a boca de Rozanov estava aberta, e então cavalgou mais rápido.

— Caralho — grunhiu e, sem avisar, virou eles dois para ficar por cima, encarando Shane do alto enquanto segurava suas pernas e metia com força. A corrente do crucifixo balançava entre os dois, raspando no peito de Shane.

Quando o orgasmo de Shane o atingiu, foi forte e abrupto. O êxtase parecia não ter fim, acertando seu peito e subindo até o pescoço.

— Isso, meu bem — disse Rozanov, ofegante, e Shane não teve nem a chance de ficar chocado com a forma carinhosa como foi chamado antes do russo gozar também. Quando acabou, soltou o peso dos ombros em cima de Shane e lhe deu um beijo sem modos.

Os dois revezaram para se limparem no banheiro. Quando Shane voltou para o quarto, ficou parado que nem tonto no meio do cômodo, perto da pilha de roupas. Talvez fosse melhor ir embora.

Mas Rozanov estava largado na cama e deu batidinhas ao seu lado no colchão, então Shane foi. Se deitou de costas com Rozanov, sem tocá-lo, e encarou o teto até Rozanov rolar para o lado, apoiado sobre o cotovelo enquanto encarava seu corpo.

Shane sentiu a mesma ansiedade que o inundara na última vez que haviam se encontrado. A maneira como Rozanov o olhava era um tanto… carinhosa demais. E o modo como passava os dedos pelo cabelo do canadense, e então ia mais para baixo, para tracejar o conjunto de sardas que se estendiam pelo rosto de Shane, trazia uma calma intensa demais.

Shane sempre as odiara. Tinha ficado muito surpreso ao descobrir, quando ficou famoso, que muitas mulheres pareciam achá-las sexy. Ou pelo menos, fofas. Ficou ainda mais surpreso ao descobrir que, pelo visto, Rozanov parecia um tanto encantado por elas também.

Rozanov chegou mais perto e plantou beijos no cabelo, no rosto e ao longo do pescoço de Shane. Os beijos não eram para seduzir nem para esquentar o clima. Eram leves e um tanto… reverentes. Shane fechou os olhos, de repente se sentindo muito sonolento, e ouviu Rozanov murmurando algo em russo; as palavras fazendo cócegas abaixo de seu maxilar.

— Hum? — indagou Shane, já distante.

— Você poderia ficar — disse Rozanov.

— Ficar?

— Aqui. Hoje.

Shane abriu os olhos. Rozanov tinha voltado a olhar para ele com seriedade.

— Quer que eu passe a noite aqui?

Rozanov pareceu se dar conta do que tinha acabado de perguntar, porque seu rosto mudou e ele deu de ombros, forçando um meio-sorriso.

— Ainda não terminei de fazer tudo que eu quero com você.

— Ah. — Isso, sim, era mais familiar. — Não posso ficar. Você sabe.

— Mas poderia. O jogo é amanhã à tarde. E não vai ter treino de manhã.

— Falei pro Hayden que…

Rozanov revirou os olhos.

— O Hayden é sua mãe, por acaso?

— Não. Mas ele tá… me esperando. Eu disse que ia sair para resolver um negócio rápido.

Rozanov riu pelo nariz.

— Que mentira.

Shane riu também.

— Óbvio, né.

Rozanov abaixou o rosto até o nariz estar a centímetros do rosto de Shane.

— Fica, vai.

Shane não poderia ficar. Devia haver um milhão de motivos pelos quais não poderia ficar.

— Tá bom.

Rozanov sorriu e o beijou. Continuaram na cama por um tempão só… se pegando. As coisas não escalonaram, o que foi uma baita novidade. Shane gostava muito de beijar Rozanov, mas aquilo lhe batia como indulgência. E perigo.

— Tá com fome? — perguntou Rozanov.

— De quê?

— De comida.

Shane o encarou, e Rozanov riu. Ele desceu da cama e ficou de pé.

— Vamos comer alguma coisa.

Rozanov colocou a calça de moletom de novo, e dessa vez pegou uma camisa da cômoda para vestir também. Shane pegou a própria calça jeans e a camiseta do chão, e o seguiu para a cozinha.

— Eu, hum, tenho ginger ale. Você curte esse lixo, né?

— Aham. Gosto, sim. — Shane olhou torto para ele. Geralmente se abstinha de álcool porque não queria fazer nada que pudesse comprometer seu rendimento no gelo. Ao longo dos anos, tinha desenvolvido uma afinidade por refrigerante de gengibre como substituto para a cerveja. Mas não era como se fosse um tópico recorrente com Rozanov.

Em vez de perguntar a Rozanov como é que ele sabia que gostava de ginger ale, ou por que havia se dado ao trabalho de comprar, indagou:

— Quer pedir comida, ou…?

— Você gosta de tuna melt?

— Tá se oferecendo pra fazer sanduíche de atum com queijo pra mim?

Rozanov deu de ombros.

— Ué, vou fazer um para mim. Posso fazer dois. E o ginger ale está na geladeira.

Ele parecia querer muito que Shane bebesse o refrigerante de gengibre. Quando Shane pegou uma garrafa na geladeira, ficou se perguntando se a bebida poderia estar envenenada.

Rozanov estava botando as latinhas de atum, uma baguete e fatias de queijo na bancada, então Shane se recostou na geladeira e assistiu a seu colega superestrela da NHL preparando um sanduíche para ele.

— Você vai pra Flórida depois desse jogo? — perguntou Rozanov, como se não soubesse a resposta.

— Aham. Vamos ter alguns jogos por lá. Depois vamos pra Dallas e St. Louis.

Rozanov assentiu.

— A gente fica aqui essa semana, depois vai para a Costa Oeste por um tempo. O refrigerante tá bom? Bem gelado?

— Tá ótimo, valeu.

Rozanov pareceu ficar satisfeito. Shane o observou distribuindo cautelosamente a mistura de atum, maionese e suco de limão em algumas fatias de baguete. Era uma cena tão esquisita, tão doméstica. Diferente de tudo que os dois já tinham feito antes.

Os sanduíches foram para o forno, e Rozanov pegou uma lata de Coca-Cola na geladeira. Shane percebeu que sabia que Coca era a bebida favorita de Rozanov. Então vai ver eles *tinham, sim,* internalizado os maneirismos um do outro ao longo dos anos, ainda que sem tentar.

— Fica pronto em dez minutos — comentou Rozanov. Ele saiu da cozinha e foi se sentar no sofá da sala de estar. Ligou a televisão, que estava passando o jogo de Buffalo contra Chicago.

Shane se sentou na ponta oposta do sofá. Primeiro considerou a poltrona de couro, ao lado. O que quer que fossem um para o outro, *namorados* é que não eram. Ele sabia como se portar com Rozanov quando estavam nus e com os corpos colados, sabia como jogar contra ele no gelo, mas passar o tempo de bobeira e vestidos era território desconhecido.

— Meu deus — falou Rozanov quando um jogador do Buffalo foi levado ao banco de penalidade. — Sabe esse cara? O Ryan Price?

— Só conheço de jogar contra ele. E de não querer entrar em briga com esse brutamontes. — Price era gigante e esquentado demais. — Você já jogou com ele, né?

— Sim. Por uma temporada só. Ele… é bem diferente do que se espera.

— Como assim?

— Tipo… calado. Não é de fazer amizade. Mas é gente boa. Só… esquisitão. Mais ou menos.

— Bem, pelo visto ele faz a dança das cadeiras toda temporada. Deve ser difícil fazer amigos desse jeito mesmo.

— Aposto que ele está torcendo para ir para outro time de novo. O Buffalo é péssimo.

— É mesmo.

Assistiram à partida em silêncio por mais um minuto, depois Shane perguntou:

— Em qual cidade você mais curte jogar quando viaja?

Rozanov ponderou.

— Gosto de Nova York, porque é Nova York. Me odeiam pra caralho lá.

— Te odeiam em todo lugar.

— Gostam de mim na Flórida. Lá só tem torcedor de Boston. E você?

— Gosto de Ottawa, porque é onde nasci. De Toronto, por causa do histórico entre nossos times. E, sei lá, acho que em qualquer lugar quente.

— Los Angeles é legal. Tem muita mulher linda lá. — Shane percebeu que Rozanov arriscou uma olhadela para ele ao falar isso.

— Aham. Tem mesmo — concordou Shane. — Tem mulher linda em todo canto, na real.

— Para quem é rico e famoso, sim.

Passaram um tempo em silêncio. O jogo entrou nos comerciais.

— Tinha uma garota — falou Rozanov. — Em Nova York. Eu costumava sair com ela quando estava por lá.

— Costumava?

— Ela vai se casar.

— Ah. — Shane olhou para a garrafa de refrigerante de gengibre. — Você tá… mal com isso?

— O quê? Não. — Rozanov ficou genuinamente surpreso e talvez até tenha achado graça na pergunta. — Não era assim. Era só… conveniente ter uma mulher confiável com quem dormir em Nova York. Com três times a enfrentar por lá, a gente passa muito tempo na cidade.

— E você acha que ela é a única mulher em Nova York que estaria disposta a dormir com você? — provocou Shane.

Rozanov deu um sorrisinho.

— Acho que vou encontrar alguém.

Mais um silêncio recaiu sobre os dois. Shane ficou se perguntando se Rozanov esperava que ele também compartilhasse algum tipo de informação semelhante. Ele não poderia, de qualquer forma, então disse:

— Acho difícil ser tão… conhecido, sabe? É difícil simplesmente… dormir com alguém. Às vezes.

— Sim. É bom ter uma pessoa de confiança.

Shane deu um sorrisinho fraco.

— É, sim.

Rozanov assentiu e se levantou para ir à cozinha.

— Fica. Eu trago pra cá.

Shane se concentrou na televisão e não no tópico de conversa. Rozanov voltou com dois pratos, e parecia que havia se esforçado para ajeitar a disposição dos sanduíches, dos chips de batata e do picles.

— Quer mais um ginger ale? — perguntou.

— Não, tá de boa. — Shane meio que não conseguia acreditar que Rozanov tinha feito o jantar para eles dois. Um tanto horrorizado, percebeu

que tinha achado isso fofo.

— Você gosta? — perguntou Rozanov depois de um minuto comendo em silêncio.

— De sanduíche de atum?

— Não, de mulher.

Shane foi pego desprevenido.

— Ah. Claro. Gosto, sim. Claro que gosto. Com certeza. — O gaguejar não tinha nada a ver com a resposta que aparecera de pronto na cabeça de Shane, que foi: *Na real, não*.

— Nunca ouço falar nada de você com mulher — respondeu Rozanov na lata.

— Bem. É assunto particular.

— Aham. Particular.

— Eu deixo muitas coisas privadas! — disse Shane, depois abanou a mão entre eles dois e acrescentou: — Obviamente.

Rozanov passou um momento sem responder. Em seguida, se voltou à televisão e falou:

— Eu gosto de mulher.

— Sim, disso eu já sei.

— Mas também gosto de você.

— Que sorte a minha — resmungou Shane.

— Não como pessoa, é claro — provocou Rozanov. — Mas sua boca é uma delícia. — E deu uma mordida sugestiva no picles.

Naquele momento, o celular de Rozanov tocou. Ele olhou para a tela e murmurou algo em russo.

— Preciso atender. Foi mal.

— Não tem problema — disse Shane, porque era óbvio que não tinha.

Rozanov se levantou e saiu do cômodo falando em russo com quem quer que fosse. Shane ficou sozinho no sofá, com a mente a mil.

A verdade era que nunca tinha tido o que consideraria um relacionamento bem-sucedido com uma mulher. Tivera uma quantidade decente de experiências, mas não conseguia pensar em ocasiões sexuais que haviam sido de fato excelentes. E não sabia como as garotas se sentiam sobre esses casos. Vai ver a animação de dormir com uma estrela do hóquei fora tão grande que isso por si só bastou para distraí-las do quanto ele tinha deixado a desejar.

Shane não gostava de ser muito ativo na cama; o que *amava* mesmo era ser comido. Shane sempre tinha tido vergonha de pedir para que elas usassem um dildo nele, então meio que se forçava a *suportar* o ato de comer mulheres. Depois de ficar excitado o bastante, até que conseguia curtir. Era uma questão de o fim justificar os meios — o mesmo fim que ele buscava independentemente de quem era sua companhia ou do que ela estava fazendo com ele. Era óbvio que ele era bastante atlético, algo de que muitas mulheres pareciam gostar, e isso provavelmente encobria o fato de que ele queria que a coisa toda acabasse o quanto antes. Pelo menos, era o que esperava; odiaria fazer uma mulher se sentir desvalorizada. Quando achava que a parceira não estava se beneficiando da situação também, ele parava.

Sua preferência era por sexo oral. Quando uma mulher o chupava, era fácil fechar os olhos e imaginar… alguém… com os lábios no pau dele. O problema era que não era lá muito fã de retribuir. Ele *retribuía*, porque não era um babaca, mas era preciso um extenso trabalho mental, e tinha quase certeza de que era péssimo no ato. Já ouvira colegas de time falando de chupar boceta como se fosse a coisa mais próxima do céu que existia na Terra. Shane nunca havia encarado a experiência dessa forma.

Mas talvez só não tivesse conhecido a garota certa ainda. Era isso que ficava dizendo a si mesmo. Fazia total sentido; só porque nunca tinha atingido o ápice do prazer com uma mulher ainda, não significava que seria impossível. Devia haver uma garota por aí que poderia fazer ele se sentir da mesma forma que…

— Foi mal — repetiu Rozanov quando voltou a se sentar no sofá. — Era meu pai.

— Ah. — E Shane sabia que deveria perguntar se as coisas estavam bem com a família dele na Rússia ou algo do tipo, mas àquela altura estava consumido por um único pensamento: *Ninguém mais faz eu me sentir como Ilya Rozanov consegue fazer.*

E como o terror que Shane sentia provavelmente estava estampado em seu rosto, foi Rozanov quem perguntou:

— Tá tudo bem?

— O quê? Aham. Claro. Hm… seu pai tá bem?

— Sim — respondeu Rozanov, um pouco rápido demais, como se para cortar o assunto. — Bem.

— Ele…?

— Você não tá comendo — comentou Rozanov, gesticulando para o prato de comida quase intocado na mesa de centro em frente a Shane.

— Desculpa. Tá uma delícia. Eu só… fiquei distraído com o jogo.

Rozanov assentiu. Voltaram a assistir à partida e, dessa vez, Shane fez questão de comer. Ficou arriscando olhares para Rozanov enquanto comia, como se o estivesse vendo pela primeira vez.

Ai, meu deus. Que porra é essa?

O jogo acabou, e a transmissão foi para uma partida da Conferência da Costa Oeste que ainda estava rolando. Rozanov retirou os pratos e, quando voltou, se ajeitou entre Shane e o braço do sofá. Ele se virou de leve e botou o braço do redor de Shane, puxando-o para o peito. Shane ficou surpreso, mas se aconchegou de bom grado. De muito bom grado.

Estar deitado em Rozanov daquele jeito, na casa dele, assistindo a um jogo de hóquei, satisfeito com a comida que ele tinha acabado de preparar para os dois… era exatamente o que *não* deveriam estar fazendo. Era o tipo de coisa que *casais* faziam.

Só que o peito de Rozanov era tão quente e sólido, e Shane conseguia ouvir as batidas de seu coração. Os dedos de Rozanov brincavam morosamente com seu cabelo, deixando Shane sonolento e com uma felicidade irracional.

Depois de um tempo, Rozanov botou a outra mão na coxa de Shane e deu uma segurada em sua virilha por cima da calça, massageando com a mão grande e habilidosa. O pau de Shane respondeu depressa. Quando o volume ameaçava rasgar o jeans, Rozanov abriu o botão da braguilha e baixou o zíper. Shane não se dera ao trabalho de vestir a cueca de novo, então o pau pulou para fora, e Rozanov começou a masturbá-lo em um ritmo lento de dar nos nervos.

Shane estremeceu contra Rozanov, arqueando a cintura um pouco para induzi-lo a acelerar. Esfregou as costas no inchaço que sentia na calça de moletom de Rozanov, torcendo para inspirar um pouco mais de urgência no outro homem. Rozanov não mordeu a isca. Estava sendo irritantemente gentil e paciente, e até mesmo começara a plantar beijos leves no cabelo de Shane.

Shane nem sabia por que estava deixando Rozanov comandar. Se virou e o beijou com intensidade. Naquele ângulo, Shane estava mais alto, e

podia passar os dedos pelo cabelo de Rozanov, puxando sua cabeça para trás e atacando sua boca com o tanto de força que queria. Sua agressividade repentina arrancou um gemido satisfatório de Rozanov, e Shane queria mais; queria ver quantos gemidos e sibilos conseguia extrair dele.

Por isso, botou o joelho no espaço apertado entre o encosto do sofá e o quadril de Rozanov, sentando-se no colo do russo. Ele fez pressão com as coxas, prendendo Rozanov no lugar enquanto esfregava o pau na barriga dele.

— Por que eu preciso tanto disso? — murmurou Shane com a boca colada na de Rozanov, torcendo para ele não ter ouvido.

— Disso o quê? — indagou Rozanov, como se já não soubesse.

Shane não respondeu, só ergueu os quadris para que pudesse puxar o cós da calça de Rozanov e libertar o pau dele.

— Caralho, Hollander.

A cabeça de Rozanov tombou no braço do sofá, e Shane aproveitou a oportunidade para beijar, lamber e mordiscar seu pescoço. Em seguida, pegou o pau dos dois juntos na mão e começou a masturbá-los.

— Isso. Faz assim — gemeu Rozanov.

Estava seco e um pouco desajeitado, mas era exatamente o que Shane queria. Rozanov despertou na mão dele, e Shane soube que era o que ele queria também. Levou a boca de volta à do russo e o beijou, louco de tesão.

— Espera. — Rozanov segurou o punho de Shane, detendo seus movimentos. Levou a mão de Shane ao rosto e cuspiu nela. O que foi uma nojeira. Porém, em vez de fazer careta e resmungar, Shane sentiu ainda mais tesão.

A saliva não foi uma grande melhora na lubrificação, mas àquela altura o pau de Shane já estava babando o suficiente para compensar. Ele bateu mais depressa, com a cabeça apoiada no ombro de Rozanov. Shane estava muito perto de gozar, e, a julgar pela forma como Rozanov mexia o quadril e balbuciava em russo, ele também não estava muito longe.

— Tá gostoso? — grunhiu Shane. — Vai gozar pra mim, Rozanov?

— Me faz gozar, Hollander, caralho.

Shane arquejou, e os movimentos ficaram mais frenéticos e erráticos. Ele estava tão perto…

— Vamos — falou por entre os dentes.

E então, Rozanov ficou bastante imóvel.

— Ai, cacete. Shane… — disse, gozando jatadas quentes, cobrindo a mão de Shane e permitindo que ele usasse o líquido para se fazer gozar também quase que imediatamente, com o som de seu primeiro nome sendo falado em um sotaque russo ofegante ainda ecoando em seus ouvidos.

Se apoiaram um no outro, ambos com a respiração árdua, esperando o coração voltar ao ritmo normal. Só que Shane achava que seu coração nunca mais ia voltar ao normal.

Shane. Ele me chamou de Shane.

Afastou-se um pouco para conseguir ver o rosto de Rozanov, e ficou surpreso ao encontrar o loiro fitando-o com o mesmo olhar arregalado de terror que Shane sentia.

— Ilya — falou, quase que num sussurro.

Ilya não respondeu. Em vez disso, levou a boca à de Shane com ferocidade e o beijou de um jeito descarado e descontrolado que pareceu ser um pedido de desculpas.

Ah, não. Ai, caralho. Essa não.

Quando se separaram, Ilya apoiou a testa na de Shane, e eles só ficaram respirando em uníssono. Shane segurou o rosto de Ilya enquanto o russo afagava suas costas.

Será que Shane deveria dizer alguma coisa? Nada tinha sido admitido ali. Não houvera nenhuma declaração grandiosa. Nenhuma pergunta fora feita.

Shane se soltou de Ilya e ficou de pé.

— Melhor eu ir.

Era um eufemismo. Shane *precisava* dar o fora dali. O quanto antes. Meio que sem jeito, se enfiou de volta na calça jeans e cambaleou para trás, para longe de Ilya. *Merda, onde foi que deixei minha cueca?*

— Ir?

— Sim… eu… hum, não deveria ficar. Não posso. A gente não pode. Isso aqui…

Ilya se mexeu no sofá, esticando um braço pelo encosto e apoiando o tornozelo no joelho em uma pose casual.

— Isso não é nada, Hollander.

Hollander. Você me chamou de Shane.

— Eu sei. É só que… o time vai se reunir de manhã. Eu tinha esquecido.

Isso fez Ilya rir. Sem humor algum.

— *Você* se esqueceu de uma reunião do time? Conta outra.

Shane já estava à porta, enfiando os pés nos tênis. A cueca que se fodesse, ele precisava ir embora.

— Obrigado pelo tuna melt. Hum…

Ilya suspirou alto e se levantou do sofá. Shane ficou imóvel, encarando aterrorizado enquanto Ilya ia em sua direção. Quando o alcançou, puxou a camisa de Shane para baixo, alisando-a para ele.

— Boa noite, então.

Shane encontrou o olhar intenso de Ilya. Seus olhos o *desafiavam* a ficar e, cacete, como Shane queria aceitar o desafio.

— Boa noite — disse, quase num sussurro.

Os olhos de Ilya perderam o calor, e ele franziu o cenho, como se tivesse acabado de se dar conta de que Shane ia mesmo embora. Em seguida, com a mesma rapidez, forçou o rosto a voltar ao semblante de sempre, com aquela indiferença fria.

Shane queria beijá-lo, mas abriu a porta e saiu para o corredor. Passou reto pelos elevadores e foi direto para a escada para não se demorar perto da porta de Ilya. Desceu dezesseis lances de escada, tentando colocar o máximo possível de distância entre ele e a tentação. Quando chegou no térreo, se recostou na parede da escada por um momento.

O que tá acontecendo?

Aquilo era ruim. Era péssimo pra caralho. O coração de Shane estava disparado, e não era pela descida de escada. Cada fibra em seu ser queria subir todos os degraus de novo e voltar para os braços de Ilya. Se enrolar nele, ir para a cama com ele e *acordar com ele.*

E por foi isso que Shane saiu imediatamente do prédio e não parou de andar até estar em segurança de volta no quarto do hotel.

No pânico, não tomou cuidado para não acordar Hayden. Levou dez segundos para a luminária ser acesa.

— Como foi? — perguntou Hayden, sorrindo sonolento. — Tá apaixonado?

— Não! — *Não! Meu deus.* — Vou tomar banho.

— Pra quê? Pra lavar o cheiro de sexo que você não estava fazendo?

— Vai se foder, Hayden.

— Foi exatamente o que eu fiz. Algumas vezes. Valeu pelo quarto vazio.

Eca.

Shane entrou no banheiro para tomar um banho e surtar em privacidade.

Capítulo catorze

Novembro de 2016
Montreal

— **Hollander.** Que porra você tá fazendo agora?

Shane franziu o cenho para o celular. Era seu colega de time, J.J. Boiziau, quem estava ligando. J.J. *sempre* ligava e *nunca* mandava mensagem.

— Nada, por quê?

— Então acorda pra vida e vem pro centro. Meu parça François, sabe quem é, o chef de cozinha? Ele vai dar uma festinha depois do restaurante fechar, e se liga: o elenco do filme *X-Squad* que tá filmando por aqui vai estar lá, caralho!

— Todos?

— Sei lá, porra! O bastante deles! Tem umas minas gostosas *pra cacete* no elenco, cara! Entra no carro. Você sabe qual é o restaurante, né? O Djon-Djon?

— Hum, sei, sim. Você me levou lá uma vez, né?

O primeiro instinto de Shane foi agradecer J.J. pelo convite, mas dizer que ia ficar em casa. Só que ele sabia, por experiências prévias, que dizer não a J.J. resultaria em ligações de hora em hora pelo restante da noite, informando-o de tudo que estava perdendo.

Além do mais, não era como se Shane tivesse algo melhor a fazer. Nada além de assistir ao fim do jogo do Boston na TV e surtar em silêncio pelos sentimentos recém-desenterrados que estava nutrindo por Ilya Rozanov. Um pouco de distração viria a calhar.

Ele vestiu roupas melhores e foi de carro até a região de Mile End. Era tarde da noite de terça-feira, então as ruas estavam calmas. Encontrou

lugar para estacionar perto do restaurante e saiu do SUV para o frio.

A maioria dos estabelecimentos pela rua estavam fechados ou prestes a fechar, mas ele viu as luzes acesas no restaurante alternativo da esquina, inspirado no Haiti. A placa na entrada dizia que estavam fechados, mas a porta se abriu antes mesmo de ele alcançá-la.

Lá dentro, havia música, riso e calor. O espaço pequeno estava abarrotado, e tinha alguma coisa com um cheiro delicioso.

— Hollander! Boa, brother! Vem pra cá!

J.J. pairava sobre a multidão. Tinha dois metros de altura e mais de 115 quilos de puro músculo. Sua pele era escura, e ele tinha um forte sotaque francês. O contraste físico entre J.J. e Shane chegava a ser cômico. Shane era quase uma régua mais baixo, e pesava uns trinta quilos a menos.

Acima de tudo, J.J. falava *alto*. E não calava a boca. O cara socializava aonde quer que fosse. Era francês, estiloso e amava comida e vinho — a celebridade perfeita de Montreal. Todos o adoravam.

Fora mais alguns colegas de time, Shane não conhecia ninguém na festa, mas certamente reconheceu algumas estrelas de cinema. Shane era consideravelmente famoso — bastante, na escala do hóquei —, mas ainda assim foi impossível não surtar por dentro ao ver algumas das pessoas ali reunidas.

Foi até o bar, onde o bartender parecia disposto a servir clientes bem depois do fechamento. O homem esguio, atraente e de pele escura estava fazendo coquetéis elaborados para os convidados famosos.

— Pode me dar uma cerveja? — pediu Shane em francês. — A que tiver tá ótimo.

— Shane Hollander pode beber o que quiser aqui — falou o homem com um sorrisinho sexy. Serviu uma cerveja a Shane e colocou a bebida em cima de um descanso de copo diante dele.

— Valeu — respondeu Shane, passando uma nota de dez dólares sobre o balcão.

O bartender ergueu as mãos e falou:

— É por conta da casa.

— Ah. Fica pra você, então.

O cara meneou a cabeça, sorrindo.

— Que honra.

Shane devolveu o sorriso e estendeu a mão.

— Shane. Faço questão.

— Maxime — falou o homem, cumprimentando-o.

— Muito prazer, Maxime. Se divertindo esta noite?

— Essa galera é loucura, tá de sacanagem. A Rose Landry tá aqui, cara!

— É sério? — perguntou Shane, olhando para trás quase que involuntariamente, procurando a atriz famosa na multidão. Se virou de volta para Maxime na mesma hora ao perceber o que estava fazendo.

O bartender estava sorrindo. Shane deu de ombros e sorriu de volta. Adoraria avistar Rose Landry, mas meio que estava gostando de olhar para Maxime. Decidiu botar um pouco de espaço entre os dois antes de o fato se tornar óbvio.

Passou a noite conversando aqui e ali, deixando J.J. levá-lo de um canto a outro do recinto. Shane se viu em círculos pequenos e riu das piadas, mas não fez muitas. Evitou o bar e, depois de um tempo, encontrou uma mesa vazia em um canto. Estava pronto para ir embora, mas queria só se sentar por um momento.

— Por favor, me diga que está com fome — disse a voz de uma mulher. Shane ergueu o rosto e viu uma mulher magra com cabelo escuro brilhoso e um top que parecia ser bem caro acima de uma calça jeans que também devia ter custado um rim.

Rose Landry.

— O chef acabou de me dar essas iscas, que estão com uma cara ótima, mas não consigo comer tudo sozinha — falou, sentando-se no banco ao lado de Shane. Ela colocou o prato com um amontoado de iscas de bacalhau haitiano sobre a mesa. Sorriu para ele, pegou uma e botou na boca, depois arregalou os olhos de surpresa.

— Meu *deus*! Que delícia! Aqui, você tem que comer. — Ela cobriu a boca com a mão tarde demais enquanto falava, e então riu de si mesma. — Desculpa! — disse, depois de engolir. — Que nojeira. Aliás, meu nome é Rose — emendou, estendendo a mão com as unhas perfeitas.

Shane sorriu e a cumprimentou.

— Shane. Muito prazer. Sou muito seu fã.

— Bem — respondeu ela, chegando um pouco mais perto —, você ficaria surpreso se eu dissesse que *eu* sou muito sua fã também?

— Você gosta de hóquei? — perguntou Shane.

— Morei em Michigan a vida toda — falou ela. — Claro que gosto de hóquei!

— Ah! Bom… obrigado, então.

— De nada! Come uma isca, Shane Hollander.

Shane perdeu a noção do tempo enquanto conversavam e comiam as (maravilhosas) iscas de bacalhau. Era fácil falar com Rose. Tão fácil que chegava a ser surpreendente. Os dois se conectaram a partir de descrições dos chalés à beira do lago em que haviam passado os verões na infância. O irmão mais velho dela jogara hóquei na faculdade e depois virara engenheiro. Os pais dela, como os de Shane, eram funcionários públicos.

— Você já tinha vindo para Montreal? — indagou Shane.

— Uma vez só, durante as gravações de um filme horrível sobre um agente péssimo do FBI enfrentando um terrorista. Nem lembro o título.

— *Perseguição às Escuras.*

— Meu deus, não brinca. Você *viu aquilo*?

Shane deu de ombros e sorriu. Era ruim mesmo.

— Eu viajo muito de avião, então assisto a muitos filmes.

— Ainda bem que meu papel era pequeno. Mas, na época, acabei passando só uma semana em Montreal, e foi bem no verão.

— Aqui é um pouco diferente no inverno.

Ela chegou mais perto e falou em um sussurro conspiratório de brincadeira:

— Sou de Michigan, esqueceu? O inverno não me assusta.

Shane sentiu um frio na barriga e suas bochechas coraram um pouco, depois, na voz mais suave possível, perguntou:

— Mas e aí, você vai passar mais tempo aqui dessa vez?

O sorriso da atriz entregou que ela sabia o que ele estava perguntando de fato.

No fim da noite, os dois trocaram contatos e fizeram planos de marcar um jantar quando a agenda de ambos permitisse. Shane saiu do restaurante revigorado. Aquela de longe tinha sido a melhor conexão estabelecida com uma mulher… em toda sua vida. Ele gostava de Rose. Queria conhecê-la melhor. Estava animado com a ideia de passar mais tempo com ela.

E ela era linda, obviamente.

Mas, acima de tudo, Shane tinha amado a conversa. Ela era engraçada, e fazia muitas perguntas, mas nenhuma que o deixara desconfortável.

Shane gostava de uma mulher!

No carro, voltando para casa, riu do quanto sua régua era ridiculamente alta.

Dezembro de 2016
Detroit

Ilya acordou sozinho no seu quarto de hotel em… Detroit? Isso. Era em Detroit que estava.

Olhou para a cama abandonada do colega de quarto, depois para o relógio. Oito e meia.

Soltou o ar e esfregou os olhos antes de se sentar. Não era surpresa nenhuma Carmichael já ter acordado e saído. O cara era tão matinal que chegava a embrulhar o estômago.

Ilya vestiu um moletom e foi até a Starbucks do saguão para comprar café e um sanduíche de café da manhã. Dois de seus colegas de time, Cliff Marlow e Victor St-Simon, estavam sentados a uma mesa.

— Roz! Você precisa ver isso aqui. É impagável! — gritou Cliff.

Ilya não conseguia imaginar o que poderia lhe interessar tanto assim. Foi até a mesa, e Victor levantou o celular para ele ver. Havia uma manchete na tela que dizia: *Rose Landry está namorando a estrela da* NHL *Shane Hollander?*

— Não — foi a reação imediata de Ilya. Esperava que soasse mais como desinteresse do que choque.

— Né? — Cliff riu. — Ela é famosa pra caralho. Como que ele conseguiu conhecer uma mina dessas no meio da temporada?

— Ela tá gravando um filme em Montreal — leu Victor. — Eles se conheceram na festa de um amigo em comum… de acordo com fontes anônimas.

Ilya desdenhou.

— Aqui, tem fotos, ó — disse Victor.

Ele ergueu o celular de novo, e Ilya pegou o aparelho. Deslizou a tela, vendo as quatro fotos de *paparazzi* de Shane jantando com a bela estrela de

cinema morena. Em uma delas, Shane estava rindo.

Ilya fez careta e devolveu o aparelho a Victor.

— Não deve ser nada — falou.

Janeiro de 2017
Boston

Mas era, sim, alguma coisa. Com o passar das semanas, mais fotos de *paparazzi* de Shane e Rose Landry foram pipocando na internet. Fotos dos dois andando juntos, sorrindo um para o outro, saindo juntos de restaurantes, *se beijando*.

Na bochecha. Só na bochecha. Ainda podia ser que não fosse nada.

Ilya aumentou a resistência da bicicleta ergométrica. Por que ele se importava? Qual era o problema de Hollander estar namorando uma mulher linda? Ele mesmo tinha dormido com uma mulher linda duas noites antes. E uma outra na noite anterior a isso.

A questão era que… Hollander não fazia esse tipo de coisa. Ilya *deduzia* que Hollander *provavelmente* transava com outras pessoas além dele, mas não havia evidência quanto a isso. Mesmo assim, não queria ficar remoendo muito.

Só que uma coisa era certa: Hollander não era de ficar saindo várias vezes com uma mesma mulher. De ser visto tanto com alguém a ponto de a imprensa reparar.

Hollander estava namorando.

Talvez Hollander estivesse *apaixonado*.

Ilya se exauriu na bicicleta até suas coxas gritarem em protesto, depois parou e deu uma golada na água.

Sabia que aquela coisa ridícula entre eles dois não ia durar para sempre. Era só… conveniente. Então talvez tivesse chegado ao fim. E daí?

Boston ia jogar em Montreal na semana seguinte. E na próxima seria o Jogo das Estrelas. Será que Hollander ia simplesmente… ignorá-lo?

Enquanto Ilya saía da academia do time, bateu o dedo do pé em uma das outras bicicletas. Soltou uma série de palavrões em russo e tacou a garrafa na parede. Tentou controlar a respiração enquanto via a água ensopar o carpete preto e dourado.

— Caralho — disse Cliff, descendo da esteira. — O que foi que te deu, hein?

— Nada — grunhiu Ilya. — Bati o dedo. — Ele saiu depressa sem se dar ao trabalho de pegar a garrafa.

Hayley, pensou consigo mesmo. Iria mandar mensagem para Hayley e perguntar se ela já tinha planos para a noite. Ele gostava de Hayley. Ela era divertida e tinha cabelo escuro.

E sardas.

Uma semana depois
Montreal

Quando o celular de Shane vibrou uma hora depois de o jogo contra Boston ter terminado, ele esperava que fosse Ilya.

Era Rose.

Sai com a gente hoje. Vamos na Ultraviolet.

Shane sentiu uma mistura confusa de ansiedade e alívio. Não saberia o que dizer a Ilya se ele tivesse mandado mensagem. Se tivesse pedido para… vê-lo.

Porque Shane agora tinha namorada. Ou quase isso.

E sua namorada queria que ele fosse a uma balada com ela e os amigos. Shane odiava baladas. Nunca se permitia a liberdade de beber mais do que alguns drinques, o que não era nem de longe o suficiente para se sentir confortável na pista de dança.

Porém, sua namorada — gata, estrela de cinema — queria que ele saísse para dançar com ela. E era o tipo de coisa que namorados faziam. Certo?

E, se teve que aguentar os colegas de time enchendo seu saco por estar namorando com ela — na semana anterior, Shane encontrara um buquê gigante com umas sessenta rosas em seu armário no vestiário, o que foi uma pegadinha muito cara e idiota —, então deveria pelo menos tentar se divertir.

Beleza, respondeu. Que horas?

De jeito *nenhum* Ilya mandaria mensagem para Hollander. Sem chance.

O que ia fazer, pelo visto, era se afundar na fossa no hotel e discutir com seu colega de quarto sem motivo.

— Ei! — falou Ryan Carmichael depois do enésimo comentário pirracento e desnecessário de Ilya. — Vai tomar no seu cu! Qual é seu problema, cara?

Ilya suspirou e se sentou na beirada da cama.

— Nada. Quer saber? Que se foda. Preciso trepar. Bora sair.

— Pra onde?

Ilya abanou a mão em direção à janela enorme.

— A gente tá em Montreal, porra! Vamos encontrar uma balada. Bora.

Carmichael o encarou, depois sorriu.

— Aí, sim, caralho! Vou falar com o Victor e o Cliff.

Depois de seis temporadas bem-sucedidas na NHL, Shane tinha construído uma reputação por duas coisas:

Um: ser um líder nato e um jogador extraordinário.

Dois: não ser nem um pouco divertido.

Shane sentia que a segunda acusação era injusta. Ele era muito divertido. Conseguia fazer uma piada ou outra e relaxar tomando uma cerveja. Era um cara social. Ele…

Odiava baladas. Isso era inegável. Não dançava, não gostava de muvucas e não gostava da pressão de ficar com mulheres. Pelo menos, naquela noite, não tinha que se preocupar com esse último item.

Ele encontrou Rose e os amigos em uma área VIP. Ela se levantou e o cumprimentou com um beijo rápido. Ele reconhecia a maior parte das pessoas. Dois eram colegas de trabalho do filme do *X-Squad*: Miles e Jiya. Miles era um jovem ator com uma legião de fãs devido a seu trabalho em uma série de drama. Um sujeito muito atraente, de pele marrom-clara, uma barba perfeitamente aparada e os olhos mais incríveis que Shane já tinha visto. Eram cinza — tão clarinhos que quase pareciam prata. Mesmo que parecesse nem se esforçar para tal, ele estava lindo, com uma camisa preta de manga comprida, calça slim cinza e gorro de tricô preto.

Shane assentiu meio sem jeito para ele e recebeu um sorriso lento e absurdamente sexy. Shane desviou o olhar depressa e foi se sentar ao lado

de Rose.

— Parabéns pelo jogo hoje — disse Rose.

— Ah, valeu. Você viu?

Ela deu um sorrisinho de desculpas.

— Quem me dera. Acabamos a diária das gravações faz só algumas horinhas. Mas eu estava acompanhando o placar no celular!

Ela pegou a mão dele e deu uma apertada, depois a puxou para cima de seu joelho. A coisa toda devia ser natural para ela, mas Shane sentiu que todo mundo estava olhando para as mãos unidas dos dois.

Qual é o meu problema?

Um funcionário apareceu, e Shane pediu uma cerveja. Todo mundo parecia estar bebendo vodca. O tipo de coisa que ele definitivamente *não ia* encarar naquela noite.

Passaram horas bebendo e jogando conversa fora, e o estabelecimento só lotava cada vez mais. A voz de Rose ficou rouca de tanto ter que falar mais alto que a música. Shane mal disse dez palavras; só gostava de ouvir todo mundo e rir quando alguém fazia piada. Quando não conseguiu mais acompanhar a conversa, bebeu sua segunda cerveja, observou a pista de dança e arriscou alguns olhares a Miles.

O que era uma idiotice, porque Shane estava ali com *Rose Landry*.

— Vem dançar comigo! — exclamou Rose de repente, se levantando e tentando puxá-lo junto.

— Ah. Não… eu, hum…

— *Vemmm*. Nunca tenho chance de dançar!

— Que mentira. — Miles riu.

— Bem, eu quero dançar com o Shane.

Shane ouviu Miles dizer algo que soou muito como "Somos dois", mas não conseguiu ter certeza em meio ao barulho da música.

Shane se rendeu e deixou a garrafa de cerveja na mesa. Ficou de pé e permitiu que Rose o levasse à pista.

Shane precisava muito mesmo renovar seu guarda-roupa. Sair com Rose e os amigos fazia ele se sentir desleixado, e a pista de dança só enfatizava o quanto suas roupas eram sem graça. Ele tinha se esforçado naquela noite, mas a camisa polo bordô e a calça azul-marinho eram meio básicas. Por outro lado, os tênis eram legais.

Rose colocou os braços ao redor de seu pescoço, e os dois dançaram. Quer dizer, *ela* dançou. Rose estava deslumbrante, e se movia à música com uma alegria plenissima. Shane ficou absorto.

A maioria das garotas na pista de dança pareciam fazer mais… o estilo de Rozanov. Pelo menos o que Shane achava que ele curtia, com base nas fotos que via na internet totalmente por acaso e não porque às vezes pesquisava imagens de Ilya Rozanov. Não era difícil imaginá-lo flertando com alguma (ou algumas) das diversas loiras bronzeadas com cílios escuros e lábios brilhantes.

Ficou se perguntando o que Ilya devia estar fazendo. Será que tinha ficado… decepcionado… por não terem se encontrado?

Será que *Shane* estava decepcionado?

Rose jogou o cabelo escuro e riu.

— Amo essa música! — gritou.

Shane sorriu de volta. Não fazia a menor ideia de qual música era. Ficou com os dedos na cintura de Rose — sem nem a tocar direito —, e ela fechou os olhos e deslizou a mão pelo peito dele.

Shane entendia o que era para estar acontecendo naquele momento. Era para ele estar levando as coisas… mais além. Tocando ela, provocando. Fazendo Rose desejá-lo. E aí os dois se beijariam e colariam os corpos e…

Então por que é que não estava fazendo nada disso?

Ilya foi direto para a pista de dança assim que entraram na balada. Estava tarde, e o estabelecimento estava lotado. Uma olhada rápida revelou que havia muitas opções boas. Várias garotas lindas que poderiam tirar sua mente do idiota do Shane Hollander.

Espera aí.

Era impossível não ver Rose Landry na pista de dança. Mesmo na multidão, ela se destacava.

E ele só levou um segundo a mais para reparar que o homem que ela abraçava — que estava com *as mãos* na *cintura* dela — era Shane Hollander.

Puta que pariu.

Ilya fez questão de ir para o outro lado da pista. Em menos de um minuto, encontrou uma garota que se prontificou a pressionar o corpo no

dele. Quando a música seguinte começou, a desconhecida estava com a língua em sua boca.

Ilya ficou se perguntando se Hollander o tinha visto.

Miles se juntou a eles na pista de dança, e Shane soltou a cintura de Rose. Ela se virou e sorriu para Miles, depois dançou com ele um pouco. Miles ficou olhando para Shane por sobre o ombro. Parecia haver um toque de convite em seus olhos.

Shane desviou o rosto, desconfortável. Continuou na pista de dança, mal balançando o corpo, com os braços duros na lateral do corpo. Com Miles ali, ele provavelmente conseguiria sair de fininho. Voltar à área VIP, e quem sabe até ir para casa.

Avistou um cara que tinha quase certeza de que era Victor St-Simon, jogador do Boston. Ele estava sorrindo para a garota com quem estava dançando. Shane franziu o cenho e olhou ao redor. Viu Ryan Carmichael também. E Cliff Marlow.

E Ilya Rozanov.

Ilya estava dançando com uma garota. A cabeça e os ombros se agigantavam por cima de boa parte da muvuca. Shane transitou pelo mar de pessoas em direção a ele sem se dar conta do que estava fazendo.

Chegou perto o suficiente para ver a forma como o calor do ambiente fazia o cabelo úmido de Ilya cachear até mais que o normal, e a maneira como sua pele reluzia assim como durante uma partida. Só que os jogos não tinham aquela iluminação; no rinque, a música não era tão alta, o corpo de Ilya não serpenteava e o local todo não gritava "sexo".

Ilya estava usando uma camisa de gola V quase transparente, apesar da cor escura. Às vezes, a luz batia nele do jeito certo e Shane conseguia ver o contorno da tatuagem de urso e o brilho da corrente de ouro. A garota com quem ele dançava estava de costas para ele, e parecia estar esfregando a bunda em sua virilha. Ilya a observava com os olhos baixos e os lábios entreabertos. Shane o viu morder o lábio inferior e fechar os olhos antes de abaixar a cabeça para beijar o pescoço dela. A garota se virou, ficou na ponta dos pés e o beijou. Foi um beijo selvagem e obsceno. Ela havia botado as mãos na parte da frente da camisa dele.

Shane sentiu um embrulho no estômago. Precisava ir embora.

De repente, como se estivesse acordando de um sonho, percebeu que estava sozinho no meio da pista de dança… sem dançar. Só… encarando. Ilya.

Não podia deixar que o russo o visse ali.

*

Ilya interrompeu o beijo e sorriu para sua parceira tão conivente. A garota beijava muito bem. Tinha piercing na língua e tudo — ele curtia.

Ilya olhou ao redor na boate, se perguntando onde deveria ser o melhor canto para…

Puta merda.

Quando fez contato visual com Shane Hollander, os olhos do canadense estavam arregalados.

Por acaso Shane estivera… *observando* ele?

Ilya não conseguiu resistir à tentação de botar lenha na fogueira. Deu o que acreditava ser seu sorriso mais sexy e se abaixou para sussurrar no ouvido da garota:

— Quer ir pra um lugar mais calmo?

Em momento algum tirou os olhos de Shane.

— Foi mal — disse ela, pegando-o de surpresa. — Hoje não, gato. Vim com meu namorado. Ele gosta de me ver com outros caras. Fica excitado. Mas é com ele que vou embora.

Mas que caralho?

— Seu… namorado? — Ele olhou ao redor, nervoso.

Ela riu.

— Relaxa, ele não vai te bater. Ele curte, eu falei. — Ela deu um beijo na bochecha dele, se virou e foi embora.

Shane também tinha sumido.

Furioso, e ainda mais desesperado para gozar do que antes de ter saído do hotel, Ilya saiu da pista de dança e agarrou Victor pelo braço.

— Fui.

— Com aquela mina? Boa, mano.

Ilya não respondeu.

De volta no hotel, Ilya bateu uma no chuveiro antes de se jogar na cama puto da vida.

Não conseguia dormir. Deitou de lado em posição fetal e ficou vendo os minutos passando no relógio ao lado da cama.

Shane Hollander, seu idiota do caralho. Rose Landry, sua maldita.

Puta que pariu, qual era o problema dele? Por que se importava? Ilya estava pronto para deixar aquela garota do namorado fetichista fazer o que quisesse com ele. De que importava o que Shane fazia quando Ilya não precisava dele?

Só que Shane ficara *assistindo* a ele se pegando com aquela garota. E Shane estava gato pra cacete. Não em termos de roupa; o armário de Shane era tão chato quanto ele. Só que vê-lo naquele ambiente foi… euforizante.

E se Ilya tivesse conseguido chegar mais perto? Será que Shane teria dançado com ele, bem ali, naquela boate lotada em Montreal? Será que teria deixado Ilya levantar aquela camisa tosca e passar a mão em seu abdômen trincado? Será que teria tombado a cabeça para trás e respirado fundo enquanto Ilya beijava seu pescoço?

Não. Isso jamais teria acontecido. Shane estava namorando Rose. E ele e Ilya não podiam nem agir de maneira amigável um com o outro, que dirá ser vistos se esfregando em uma boate.

Carrancudo no quarto escuro, apertou a cruz presa no pescoço e a esfregou com o polegar. Nunca em sua vida ficara tão irritado por alguém estar dormindo com outra pessoa. Num geral, era indiferente à maioria das coisas.

Será que a questão era só que Ilya gostava de sexo e uma boa dose de perigo, e Shane oferecia essas duas coisas? Ou será que estava sendo infantil por ter que compartilhar seu brinquedinho favorito com uma bela estrela de cinema?

Em algum lugar, enterrado bem fundo em seu cérebro, havia um terceiro motivo que gritava por atenção.

Ilya o ignorou.

Capítulo quinze

Uma semana depois
Montreal

Shane gostava de Rose Landry. De verdade.

Era uma pessoa tão fácil conversar, e ela emanava um calor próprio que atraía os outros. Era mais famosa que ele, mas lidava superbem com isso. Ria muito, e quando fazia perguntas às pessoas — o que acontecia com frequência —, parecia se importar de verdade com as respostas. Vai ver era o fato de ser atriz, mas ela sempre demonstrava interesse nos outros. Sempre observava e se lembrava de cada detalhe.

Tinham dormido juntos algumas vezes, o que fora… ok. Melhor que o normal, na verdade. Só que Shane sabia que a fama dele não a deixaria tão deslumbrada a ponto de fazer vista grossa para seu desempenho na cama, e isso o deixara nervoso. O que, consequentemente, fizera com que fosse ainda mais difícil… comparecer na hora do vamos ver.

Ela, no entanto, tinha sido paciente e prestativa, e ele completara a tarefa duas vezes. Shane talvez tenha percebido uma certa surpresa por parte dela ao ver o quanto ele parecia ter que se esforçar para a coisa acontecer — sobretudo da segunda vez. Ele tinha certeza de que ela não estava acostumada a isso.

Naquela noite, Shane estava sozinho com Rose em uma mesa privada de uma vinícola no bairro de Old Montreal. Ficara surpreso de verdade quando chegou e a viu sozinha ali. Esperava encontrar a multidão costumeira dos amigos e colegas de trabalho de Rose.

— Achei que seria bom a gente ter um tempinho pra… conversar — explicara ela. — Só nós dois.

— Claro. — Ele assentira. — Aham. Tem razão. É bom mesmo.

Conversaram por um bom tempo, bebendo vinho e comendo frios. Em determinado momento, Rose riu de uma piada tosca que Shane fez.

— Você é tão fofo. Já te falei do quanto você é fofo?

— Não — disse Shane, corando um pouco.

— Você é. Mas vou te contar — falou ela, chegando mais perto —, Miles está *morrendo* de inveja.

— De mim?

Ela riu.

— Não, bobo. De *mim*!

— Ah. — A ficha demorou um pouco para cair. — *Ahhh*.

Os olhos de Rose deram uma arregaladinha.

— Espera… você não tinha percebido que ele é gay?

— Hum… Acho que não tinha parado pra pensar nisso — mentiu Shane.

— Bem, ele é. E meio que tá apaixonado por você.

— Ah. — Shane sabia que estava vermelho feito um pimentão, e torceu para que a luz fraca do estabelecimento disfarçasse.

— Você tá… surpreso por um ator jovem ser gay, Shane?

— Não. Quer dizer… não.

Ela se reclinou na cadeira.

— Tem algum jogador de hóquei que seja, tipo, gay? — perguntou ela. — Assim, óbvio que deve ter, né? Mas *abertamente* gay tem?

— Não — respondeu Shane. — Quer dizer, tem. Tem jogadores gays. Bissexuais. Enfim. Certeza que tem, sim. Mas ninguém nunca… se assumiu. Publicamente. — *Por que ela está me perguntando essas coisas?*

— Ah, sim.

— O que foi?

Ela deu um sorrisinho. Que ele não entendeu direito.

— Desculpa. Acho que não estou sabendo tocar no assunto.

— Em que assunto? — E de repente Shane sentiu que estava cara a cara com um gol indefensável. Se preparou para o impacto.

Ela estendeu o braço e colocou a mão sobre a dele.

— Shane. Eu gosto muito de você. Mas… tô ficando com a impressão de que talvez eu não… faça muito o seu tipo.

— Faz, sim! Claro que faz! Eu gosto muito de você também!

— Você gosta de conversar comigo.

— Sim…

— Gosta de… me *beijar*?

— Aham.

Ela riu.

— Caramba.

Ai, cacete. Ele estava pisando feio na bola.

— Quer dizer, sim… Claro que gosto de te beijar!

— Tudo bem, Shane. É só que… parece… que talvez você preferisse estar beijando… só falando por alto mesmo… o Miles, por exemplo…

Shane não sabia como responder. Nunca havia se deparado com uma acusação tão direta.

Só que não era bem uma acusação. Rose não falava com julgamento. Só estava tentando entendê-lo.

Shane encarou a taça de vinho. Sabia que já estava levando tempo demais para responder. A máscara tinha caído.

— Tá tudo bem — repetiu ela, com a voz suave e cálida. Rose esfregou os dedos na mão dele, tranquilizando-o.

— Gosto de você — disse Shane baixinho. — Gosto de estar com você. De falar com você. Mas a parte do sexo… eu sei que… é um problema.

— Não é um problema. Um problema é algo a ser resolvido. Nós somos tipo… um bloco retangular e um buraco redondo. — Ela franziu o nariz. — Eca. Não. Que nojo. Esquece que eu disse isso.

Shane riu.

— Eu entendi.

— A gente só… não se encaixa porque não é pra ser. E tudo bem. Mas não podemos continuar tentando.

Shane assentiu.

— Só pra constar, não sei direito se sou… como o Miles, exatamente.

Quando ele olhou para Rose, ela sorriu.

— Bem, não é nada que você precise desvendar hoje. — Ela deu um gole no vinho, possivelmente para tomar coragem, porque as palavras seguintes que saíram de sua boca foram: — Você já ficou com homem?

Sabe-se lá por quê, Shane não se sentiu inclinado a mentir. Tinha chegado até ali.

— Já.

— E? Foi diferente?

— Claro.

— O que eu quis dizer é… foi melhor?

A memória de Shane trouxe lampejos de cachos castanho-dourados, olhos mel reluzentes, um sorriso brincalhão, músculos rígidos e mãos fortes prendendo-o enquanto ele era penetrado e preenchido e…

— Foi — respondeu baixinho. — Sim. Foi melhor. — Ele pigarreou. — A questão é que… eu meio que prefiro ser o buraco. A ser o bloco.

— Há! — Rose jogou a cabeça para trás, extasiada. Shane riu também. De repente, se sentiu mais leve.

Mais tarde, antes de irem embora do bar, Rose lançou um olhar travesso para ele sobre a borda da taça e disse:

— Então… quer que eu passe seu número pro Miles?

— Não. Valeu, mas não. Eu preciso… me entender com algumas questões.

— Eu sei. Era brincadeira. Mais ou menos.

Foram lá para fora esperar o motorista de Rose, que disse:

— Vamos ser amigos. E não estou falando no sentido daquele papinho furado de "espero que a gente continue amigo". É sério mesmo. Vamos ser amigos. Vamos ser *melhores* amigos. Porque eu me importo muito mesmo com você, Shane. E tô com a impressão de que você não tem mais ninguém com quem conversar sobre… certas coisas.

— Eu gostaria muito. Você tem razão. Não tenho. E me importo com você também. Vamos ser amigos. Você tem meu número. Me manda mensagem. Quando quiser. Por favor.

— A gente marca de se ver sempre que estiver na mesma cidade. Prometo.

Ela o abraçou quando o motorista parou. Ele retribuiu o abraço e deu um beijo no topo da cabeça dela. Surpreendentemente, Shane percebeu que estava com lágrimas nos olhos.

Mesma noite
Boston

Svetlana era a de que mais gostava.

Ilya a observava, empoleirada na beirada de sua cama, nua, zapeando em busca do jogo de hóquei entre Vancouver e Colorado. Quando encontrou, bateu o controle no colchão e recuou até ficar ao lado de Ilya, com a cabeça encostada na cabeceira. Ela pegou o cigarro dos lábios dele e deu uma tragada.

— Achei que você tinha parado — provocou a garota.

Seus olhos eram azuis vívidos, e o cabelo liso e comprido era tão loiro que quase não tinha cor nenhuma. Em termos de aparência, não podia ser mais diferente de…

— Por que o Matheson ainda está na linha de ataque? — reclamou para a televisão, em russo. — É idiotice, o cara jogou mal a temporada toda. Deviam botar o Bogrov no lugar dele.

— Por que você não vira treinadora do Colorado, então? — perguntou Ilya, pegando o cigarro de volta.

— Eles teriam sorte de me ter.

Ilya riu. Conhecera Svetlana três anos antes, na época em que ela tinha trabalhado na concessionária da Lamborghini em Boston. Ficara surpreso ao descobrir, depois de dormir com ela pela primeira vez, que Svetlana era a filha de um jogador russo aposentado dos Boston Bears. Provavelmente entendia mais de hóquei do que o próprio Ilya.

— Que tacada foi essa?! — perguntou ela para a televisão. — Ele devia ter mirado mais alto.

— Hum. É um pouquinho mais difícil quando é você no rinque.

Ela abanou a mão, ignorando o comentário.

— Como se você soubesse — brincou ela, depois sorriu e os dois riram.

Apesar do amor por hóquei, ela nunca tratava Ilya com reverência. Talvez ser filha de uma antiga estrela do esporte a impedisse de colocar Ilya em um pedestal. Ela parecia querer exatamente o mesmo que ele: uma ficada sem expectativas de tempos em tempos. Os dois se divertiam juntos, e ela era incrivelmente linda. O fato de que Ilya conseguia conversar com ela em russo era um bônus.

— Eca. Olha lá o Matheson de novo. Ruim demais!

— Por que você liga pro Colorado, hein?

— Eu ligo pra todos os times. Não gosto de bons jogadores russos perdendo espaço na primeira linha para um canadense sem talento roubar o holofote.

— Sem talento?

— Sem talento, sim! Nenhum! Pode falar pra ele da próxima vez que o vir.

— Pode deixar.

— Que bom. Fala que a Svetlana Vetrova disse que ele é péssimo.

— Vou ver ele daqui a duas semanas no Jogo das Estrelas.

— Não acredito que o Matheson vai estar no Jogo das Estrelas. Não faz o menor sentido.

— Ele é amado.

— Ele é péssimo.

Ilya revirou os olhos e sorriu.

— Você vai jogar com o Shane Hollander esse ano, né? No Jogo das Estrelas? — indagou Svetlana, como se não soubesse a resposta.

— Sim. Ele é ruim também?

— Não! De jeito nenhum, o Hollander é incrível. Eu *amo* o Shane Hollander. — Ela meio que disse as últimas palavras ronronando.

— Traidora.

— Ele é um belo patinador. Tem mãos tão talentosas. E é um gato.

— Agora você tá tentando me tirar do sério.

— Contra fatos não há argumentos, Ilya.

— Não — falou Ilya, esfregando a bituca do cigarro no pratinho que estava usando de cinzeiro improvisado. — Não consigo rebater. Ele é muito bom.

— E gato.

— Se você acha.

Ela puxou os joelhos para o peito.

— A gente vai transar de novo, ou é melhor eu me vestir? Estou com frio.

Ilya considerou a pergunta, depois deu de ombros.

— Estou com fome. Pode se vestir.

Ela pareceu surpresa por um instante, depois seu semblante mudou para espelhar a indiferença fria dele.

— Beleza.

Svetlana se levantou e começou a pescar as roupas no chão. Ilya a observou, mas sua mente não estava no corpo esguio e perfeito dela.

Será que teria dado de ombros se fosse Shane perguntando se iam transar mais uma vez? Será que teria dispensado a chance de aproveitar o corpo dele o máximo de vezes possível? *Não se atreva a vestir as roupas, Hollander. Ainda não terminei de fazer tudo o que quero com você.*

A verdade — que ele tanto tentara ignorar — era que *ninguém* o incendiava como Shane Hollander. Todas aquelas mulheres… eram lindas. Divertidas. Gostosas. Mas ele não pensava nelas depois que iam embora. Não sentia falta. Com elas, o negócio era só se satisfazer.

Fez careta para si mesmo quando Svetlana vestiu a camisa de volta. Shane Hollander não era uma opção. Ele *nunca* era uma opção de fato. O que os dois tinham precisava acabar. Era ruim para ambos, e Ilya sabia que deviam colocar um ponto-final naquela história.

O que o assustava era seu desespero por *continuar*.

Mas não o suficiente para se envergonhar. E era por isso que nunca se dera ao trabalho de mandar mensagem para Shane quando os times se enfrentaram em Montreal na semana anterior. Não tinha o menor interesse em ser rejeitado por Shane Hollander.

Também não tivera o menor interesse em ver Shane Hollander com as mãos no corpo de Rose Landry em uma balada, mas o destino parecia determinado a esfregar o canadense em sua cara. Na porra de uma *balada*! Se não pudesse ficar seguro de Hollander lá, então onde ficaria?

Ilya se perguntou se Rose Landry iria com Shane à Flórida para o Jogo das Estrelas. Se Rose Landry iria com Shane a tudo dali em diante. Talvez os dois se casassem.

Pela primeira vez na vida, Ilya não estava ansioso para um Jogo das Estrelas.

Capítulo dezesseis

Janeiro de 2017
Tampa Bay

Shane estava nervoso. Depois de seis temporadas e meia, tinha se acostumado ao acordo caótico que tinha com Rozanov, mas agora algo parecia diferente. Talvez fosse o fato de ele finalmente ter falado em voz alta com alguém a respeito de sua… possível preferência. Ou vai ver era a forma estranha como as coisas ficaram da última vez que ele e Rozanov tinham se visto, no apartamento de Ilya. Ou talvez Shane agora simplesmente se sentisse mais seguro quanto ao que queria, depois de terminar um relacionamento que tinha sido quase perfeito.

Quase.

Ele *queria* ver Rozanov naquele fim de semana. Queria estar com ele, sozinho, detrás de portas fechadas; estava cansado de mentir a si mesmo quanto a isso.

Naquele ano, Shane até que enfim descobriria como era jogar *com* Ilya Rozanov. Já era o sexto Jogo das Estrelas deles e aquela era a primeira vez que haviam sido colocados no mesmo time. Lesões e escalações esquisitas e apelativas nas quais a liga ficava insistindo tinham impedido a parceria de acontecer antes.

Ele não era o único que estava animado por estar no time de Ilya. A imprensa toda estava empolgada escrevendo sobre esse evento monumental no qual Shane e Ilya teriam que deixar a suposta animosidade de lado e aprender a trabalhar juntos. Será que *seria* possível, era o que se perguntavam.

Shane sorriu para si mesmo ao pendurar o terno no armário do quarto de hotel. *Ah, se soubessem*.

Mas, na verdade, quem dera *ele* soubesse o que Ilya andava pensando. Não sabia se Ilya queria terminar as coisas, ou se queria ir além. Não fazia a menor ideia do que esperar de seu colega de time temporário naquele fim de semana.

Olhou para o relógio no punho. A reunião do time começaria em alguns minutos.

Shane soltou o ar, depois se deu uma olhada no espelho.

Vamos nessa.

Fazia mais de dois meses que Ilya não mandava mensagem para Hollander.

Não que antes disso os dois fossem de se falar com frequência, mas o silêncio estava ficando particularmente ensurdecedor. As semanas anteriores tinham sido a primeira vez que Ilya tivera certeza de que, se mandasse mensagem, Shane não responderia.

Shane provavelmente mostraria a mensagem para a estrela de cinema que tinha como namorada, e o casal riria do quanto Ilya era patético.

Não. Isso não ia acontecer. Era óbvio que Shane não faria algo do tipo.

Talvez.

Ilya tirou o pacote de chiclete de nicotina do bolso e botou um na boca. Será que Shane tinha levado a namorada para o fim de semana das Estrelas? Será que ele *a apresentaria* a Ilya?

Deus do céu.

Acabou o tempo de surto, porque naquele exato instante, Hollander entrou no bar. Todas as cabeças se viraram para ele. Alguns caras até tiveram a pachorra de se levantar.

Ilya se apoiou no balcão e observou Shane cumprimentando e dando tapinhas nas costas de outros caras. Ele o viu sorrir e rir com todo mundo. Parecia relaxado e autoconfiante, como um homem que tinha acertado todas as pontas da vida. Que não se questionava mais. Ele estava…

Meu deus, ele está bonito pra caralho.

Talvez Rose o tivesse levado para fazer compras ou algo do tipo. De repente, estava vestido como o milionário que era. Usava uma camisa de linho branca com os botões abertos na gola e as mangas erguidas. *Afinal de contas*, estavam na Flórida. A peça estava para dentro de uma calça azul

com caimento perfeito. Para finalizar o visual, um cinto entrelaçado e tênis cinza estilosos, sem meias.

Ilya tinha vestido shorts e uma camiseta repleta de palmeiras porque achou que seria engraçado. Estava se sentindo idiota pra caralho.

Pediu mais um drinque só para parar de ficar encarando Shane.

Xingou a si mesmo por se sentir tão cabisbaixo. Era para ser um fim de semana divertido; o hotel era a porra de um resort na praia.

Alguém surgiu no espaço entre ele e o bar. Mesmo sem olhar, Ilya sabia que era Hollander.

— E aí, companheiro de time — disse Shane.

— Olá, *capitão* — respondeu Ilya, porque Shane tinha mesmo sido escolhido como capitão do time de Estrelas. Claro que tinha.

Shane fez sinal para o garçom e Ilya reparou no relógio caro em seu punho. Presente de Rose, será?

— Vai ser divertido, hein? — comentou Shane. — Sempre quis saber como seria jogar no mesmo time que você.

— Sempre, é?

— Que bom que vai ser na Flórida esse ano, né?

— Uhum.

A cerveja de Shane chegou, e Ilya o viu dar uma longa golada na garrafa. Notou o pescoço de Shane pulsar ao engolir.

Ilya não aguentava mais.

— Você… trouxe alguém? Com você? — perguntou.

Shane sacudiu a cabeça.

— Não. Quer dizer… meus pais pensaram em vir, mas já assistiram a muitas dessas partidas, e já vão para o México mês que vem, então…

— Ah. — Rose Landry devia estar ocupada com filmagens em algum lugar.

Shane lambeu o lábio superior. Ilya podia jurar que a cena aconteceu em câmera lenta.

— Camisa legal — falou Shane, sorrindo.

— Pensei em entrar no espírito da coisa. Sabe como é.

— Você sustenta esse visual. — Ele passou os olhos pelo corpo de Ilya, cujo coração disparou. — Ficou ótimo.

Ilya provavelmente poderia ter dito algo semelhante em resposta, mas estava ocupado demais encarando o pescoço de Shane.

— Caralho, olha só pra isso aqui! Coisa linda! — Um par de braços enormes pousou com força nos ombros de Ilya e Shane. O intruso, Mike Brophy, um defensor imenso de Nova Jersey, puxou a cabeça de Ilya para perto da de Shane. — É disso que eu tô falando! Hollander e Rozanov trabalhando juntos, porra! Aí, sim!

Shane tinha conseguido afastar a cabeça do bíceps de Brophy, e deu um sorriso desconfiado para o gigante.

— É, acho que vai ser divertido — falou.

— Não escuta nada do que esse filho da mãe disser — emendou Brophy, dando uma cotovelada forte em Ilya. — Não dá pra confiar nesse arrombado. O que quer que ele te diga, vai ser pra te sacanear.

— Valeu pelo aviso — respondeu Shane.

Brophy foi embora, dando soquinho no braço dos dois.

— Acho que podemos esperar muito desse tipo de coisa esse fim de semana — comentou Shane. Ele se virou para apoiar os cotovelos no balcão do bar.

— Deviam dar uma chance para a gente se conhecer melhor — disse Ilya, chegando mais perto e abaixando o tom de voz. — Pode até ser que a gente tenha alguma coisa em comum.

Shane sorriu para o chão enquanto suas bochechas eram tomadas de cor.

— E você também tá ótimo — falou Ilya. — Alguém te levou às compras?

Shane o fitou.

— Se eu te contar uma coisa, promete não contar pra ninguém? Nem me zoar?

Ilya sentiu um pavor gélido na boca do estômago. Se preparou, e então respondeu:

— Claro.

— Eu, hum… — Ilya esperou pelas palavras. *Estou ficando com alguém. Estou noivo. Não preciso mais de você.* — Contratei uma estilista pessoal.

Por um momento, houve silêncio. E então, Ilya gargalhou.

— Tá de sacanagem! — disse, achando graça.

— Eu não deveria ter te contado.

— Não! Eu curti! Se cansou de andar todo zoado por aí?

— Eu não… — Shane tentava parecer bravo, mas Ilya sabia que ele estava relutando contra um sorriso. — É que eu só, sabe como é, costumava usar mais roupas esportivas. Sei lá. Calça e camiseta de corrida e tal. Alguns caras da liga são bem estilosos, então pensei que… uma ajuda cairia bem.

— E isso não tem nada a ver com a Rose Landry?

— O quê? Não. Quer dizer… Tá, os amigos dela sempre andavam bem-vestidos. Acho que talvez eu me sentisse meio desleixado quando a gente saía junto. Nunca fui de ligar pra roupas e pensei… Sei lá. Eu só queria ficar mais apresentável. Não me vestir o tempo todo como se estivesse indo pra academia.

O tempo verbal do que Shane dizia sobre Rose não passou despercebido por Ilya, mesmo com suas dificuldades com a língua estrangeira.

— E você e ela não estão…?

Shane fez que não.

— Não estamos. Não. Foi um lance rápido. Ela é ótima. Nós dois só não éramos… compatíveis.

Ele olhou sério para o russo. Ilya quis beijá-lo.

— Enfim — disse Shane, gesticulando para o ambiente com a garrafa de cerveja —, é melhor eu ir cumprimentar todo mundo. — E se afastou do bar.

— Beleza.

Ilya botou a mão na boca para esconder o sorriso ridículo.

Foi um fim de semana divertido. Todo mundo tinha muito tempo livre no sábado, antes da Competição de Habilidades daquela noite. Diversos caras ficaram na piscina, pegando o sol da Flórida, ou foram para a praia. Shane passou um bocado da tarde à beira da piscina.

A liga pedira aos torcedores para votarem nos capitães do time de Estrelas daquele ano, e ele fora escolhido. Shane sentira um pouco de vergonha porque, embora tivesse sido capitão dos Voyageurs pelas últimas duas temporadas e meia e aquela fosse sua sexta partida de Estrelas, a honra de ser indicado como capitão deste tipo geralmente ia para um dos jogadores mais veteranos do time. Shane só tinha 25 anos.

Mas ser escolhido como capitão em detrimento de Rozanov tinha sido bom para caramba.

Rozanov estava na piscina com alguns outros jogadores e os filhos deles, fazendo barulho e brincando. Shane estava sentado em uma espreguiçadeira com uma garrafa de água, sacudindo a cabeça e sorrindo ao vê-lo desafiar as crianças a uma corrida de nado. Ele "perdia" toda vez, e depois fingia estar indignado, acusando os pequenos de trapacearem. As crianças riam tanto que Shane ficou com receio de se afogarem.

— Última corrida! — anunciou Ilya. — É a final. O vencedor leva tudo! Nenhuma das outras vale mais!

— Não é justo! — gritou uma das crianças.

— Vamos lá. Mais uma. Se eu perder… compro doces da máquina para vocês.

E pronto, as crianças formaram fila na ponta da piscina.

— Ei! Hollander! — gritou Ilya de repente. Shane assentiu para ele.

— Fica de olho, tá? Para esses trapaceiros não roubarem.

— Tá bem.

— Vocês sabem quem aquele ali é? — perguntou Ilya.

— Shane Hollander! — disse a maioria ao mesmo tempo.

— Sério? — falou Ilya, fingindo surpresa. — Já ouviram falar dele?

As crianças riram. Uma das mais corajosas disse:

— Ele é o melhor jogador da liga!

— Chega, você tá fora. Sai da piscina. Vai embora da Flórida. Até nunca mais! Cadê seu pai?

As crianças gargalharam mais. Shane também riu, e ficou se perguntando se Ilya pensava em ter filhos. Ele levava jeito com crianças.

Finalmente, a competição começou. Ilya saiu na frente, depois fingiu ter sido atacado por um tubarão.

— Vai ter que comprar doce! — cantarolou uma das crianças.

— Ah, droga. Ô Hollander! Me empresta uns dez contos?

Shane quase mostrou o dedo do meio, mas se lembrou da faixa-etária do público.

— Boston por acaso parou de te pagar ou algo do tipo? — Ele deu um sorrisinho.

— Esqueci a carteira!

— Claro que esqueceu.

Ilya pegou impulso e saiu da piscina. Shane ficou meio sem fôlego ao vê-lo se aproximando. A sunga molhada estava agarrada nas coxas e na virilha, e as gotas de água escorriam pelo peito. Quando chegou até Shane, sacudiu a cabeça bem rápido para espirrar água em suas roupas secas.

— Ah, caral… — Shane parou de falar. — Para com isso!

Em vez de parar, Ilya se abaixou e o abraçou. Shane arregalou os olhos.

— Sai, cara! Mas que… — Ele estava chocado por Ilya fazer algo tão… *público*. Chocado e um tanto animado.

Só que, para todo mundo assistindo à cena, Rozanov só estava sendo um babaca brincalhão. Todos riam, e Shane se balançou em uma tentativa chocha de se soltar.

Quando Ilya até que enfim o largou, Shane o empurrou e tentou parecer irritado, mas sabia que seu rosto estava vermelho, e o sorriso foi inevitável. Ilya endireitou a postura, pairando sobre Shane contra o sol atrás. Cada centímetro dele reluzia em ouro.

Shane precisou de cada grãozinho de força de vontade para se impedir de tocá-lo. Rozanov estava magnífico.

Ele olhava de volta para Shane com o cabelo molhado caindo nos olhos, e Shane seguiu seu olhar até o próprio peito. A camisa estava molhada e grudada no corpo. Era uma peça de estampa quadriculada em branco e azul, e partes do tecido estavam transparentes.

— Você estragou minha camisa — falou Shane.

— Desculpa — respondeu Ilya, sem soar arrependido.

Shane lambeu o lábio inferior.

Ilya rapidamente lhe deu as costas.

— Ei! Brophy! Preciso de dez dólares. O Hollander é muito pão-duro.

Ilya deixou a posição de centro para ser ala direta no Jogo das Estrelas, de modo a poder jogar em uma linha com Hollander. Ficou feliz com a mudança; fazia tempo que queria uma oportunidade de jogar com Shane.

E jogar com ele foi tudo o que imaginou que seria.

Na verdade, se sentiu mal pelo ala esquerda, Carson. Para Ilya, não havia mais ninguém no rinque. Hollander realmente conseguia *acompanhar o ritmo* dele, e era como se os dois lessem a mente um do outro ao passarem o disco. Mal tinham tido tempo para treinar juntos; só

combinavam de uma forma que Ilya nunca havia se conectado com nenhum outro jogador. Chegava a ser eufórico.

Ilya recebeu um passe de um defensor e saiu com o disco. Quando olhou para a esquerda, viu que Shane estava bem ali com ele. Ilya cruzou a linha azul e lançou o disco para Shane, que devolveu, e Ilya passou de volta para ele no último segundo. Shane acertou bem no canto superior da rede, marcando seu quarto gol da partida.

Ele levantou os braços em comemoração, e parecia tão, mas tão *feliz*. Sorria tanto que seus olhos formaram rugas, e o rosto estava corado. Ilya o abraçou, e Shane o envolveu com os braços bem apertados ao redor do corpo. Ilya sentiu a respiração quente de Shane em seu pescoço, e viu o reluzir do suor na pele. Ilya lhe deu um beijo forte na bochecha. Ele tinha certeza de que, para a multidão, a interação não passava de mais uma de suas irritantes gracinhas de sempre, que o beijo era só mais uma forma de encher o saco de Hollander. Mas a verdade era que não conseguiu controlar — simples assim. Viu uma oportunidade e a agarrou.

— Que porra foi essa? — Shane riu.

Ilya sentiu seu rosto ruborizando também, o que era uma sensação rara e desconfortável.

— Ótimo gol — disse.

— Ótimo passe — respondeu Shane, lançando um olhar esquisito.

Ilya sorriu e deu de ombros. Deu um tapa bem de brother nas costas de Shane e patinou até o banco.

*

Na noite de domingo, depois do jogo, boa parte dos caras foi para um restaurante mexicano que um dos jogadores de Tampa Bay disse ter a melhor comida da cidade. Havia diversas festinhas rolando nos quartos do hotel também.

Shane, por outro lado, estava sentado na praia, sozinho. Estava escuro, mas algumas pessoas ainda caminhavam sob o luar. Parando para pensar, era esse o motivo pelo qual se ia à Flórida.

Ele só precisava de uma hora sozinho. O fim de semana havia sido desafiador por muitos motivos. Tinha tentado se distanciar um pouco de

Ilya, tanto porque não conseguia confiar em si mesmo para não o tocar de alguma maneira incriminadora, como também porque a imprensa estava tão obcecada com a ideia dos dois jogando juntos apesar de "se odiarem", que não queria tacar mais lenha na fogueira. E ele mesmo também não queria mudar a narrativa. A rivalidade era vantajosa para a liga, para as carreiras dos dois e, mais que qualquer outra coisa, para encobrir a verdade.

Enfiou os dedos dos pés na areia fria. Ouviu as ondas que mal conseguia ver na escuridão. Aquilo era bom. Grande parte de sua vida era passada em lugares fechados. Arenas, academias, quartos de hotel, aeroportos, aviões.

Alguém se sentou atrás dele, a alguns centímetros de distância. Ele nem precisou olhar.

— Achei você — disse Ilya.

— Estava me procurando?

— Claro que não.

Ficaram sentados em silêncio por um tempo. Ilya botou as mãos para trás, perto das de Shane na areia, e esticou as pernas compridas. Seus pés estavam descalços, como os de Shane.

— Pesquisei a palavra — falou Ilya. — *Compatível*.

— Como assim?

— Achei que sabia o significado. Mas quis conferir.

Shane pensou por um minuto, depois se lembrou do que tinha dito a Ilya sobre ele e Rose.

— Ah.

— Então, você e ela…

— Pois é. Não somos compatíveis. Não desse jeito, pelo menos.

Ilya ficou quieto. Shane olhou ao redor para ver se tinha alguém perto o bastante para escutá-los, mas pareciam estar a sós.

Estava muito escuro.

— Quando é o seu voo?

— Cedo — disse Ilya.

— O meu também. Vou pra Columbus.

— Toronto. — Quando Ilya falou, ele embolou o "r" de leve e enfatizou o segundo "t". Shane sorriu.

De repente, Ilya moveu a mão, colocando-a bem do lado da de Shane, depois entrelaçou os polegares deles dois. O primeiro instinto de Shane foi se afastar, mas resistiu. Em vez disso, fechou os olhos e tentou não criar esperança por coisas impossíveis. Também resistiu à tentação de apoiar a cabeça no ombro de Ilya.

— Em que quarto você tá? — sussurrou Shane.

— 1217.

— Quero conversar. Em algum lugar particular.

Ilya soltou o polegar do dele, e Shane quis tocá-lo de novo.

O russo se levantou e falou:

— Até já, então.

Em seguida, voltou para o hotel.

Capítulo dezessete

Ilya estava no meio do quarto de hotel. Shane queria mesmo conversar? Será que "conversar" era código para outra coisa, como sempre tinha sido? Será que Shane sentia a mesma mudança na relação dos dois que Ilya sentiu da última vez que estiveram juntos? Se sim, será que iria querer terminar tudo e fugir… ou se jogar? Ou talvez ele não soubesse ao certo o que queria, porque, porra, Ilya não sabia de merda nenhuma.

Ele também reconhecia que o que os dois queriam provavelmente nem importava.

Ilya desejou que pudessem sair para dar uma volta ou algo do tipo — uma caminhada na praia sob o luar. Estava cansado de quartos de hotel.

O celular vibrou. Tô aqui.

Ele abriu a porta imediatamente.

Shane entrou. Suas roupas estavam amassadas e um pouco cobertas de areia. O cabelo tinha sido desgrenhado pela brisa do mar.

Ele atravessou o cômodo sem dizer nada e se sentou na beirada da cama. Uniu as mãos e olhou para o chão.

— Uau — exclamou Ilya. — Parece sério.

— Não é… quer dizer… mais ou menos. Só… fica quieto por um minuto, tá bem?

Ilya se sentou na cômoda, bem de frente para a ponta da cama, e esperou.

— Não… — Shane fez careta. — Não sou só eu, né?

— Como assim não é só você?

— Quer dizer… você também sente, não sente?

— Sinto o quê?

— Puta que pariu, cara. Você sabe do que eu tô falando! A última vez que a gente ficou… junto… foi diferente.

Ilya deu de ombros e desviou o olhar. Sabia que era a reação errada, mas sentia um tenebroso rompante de emoção que não podia deixar que Shane visse.

— Não vem querer fingir que não sabe do que eu tô falando — rebateu Shane, irritado. — Já é difícil demais sem você sendo um cuzão.

Ilya deu as costas a ele; seu rosto escondia cuidadosamente tudo que estava sentindo.

— O que você quer, Hollander?

— Eu… — Shane parecia não fazer ideia do que falar em seguida.

— A gente se vê e transa. É simples — disse Ilya.

— Simples — grunhiu Shane. — Entendi.

Ilya deu de ombros de novo.

— Para mim é simples.

— Nem você acredita nisso.

Ilya revirou os olhos. Por que Hollander estava dizendo aquelas coisas? Por que naquele momento?

— Acho que sou gay — confessou Shane.

Ilya olhou para ele, assustado, por um momento. Depois riu.

— Ah, é? E o que te fez pensar isso?

Shane olhou feio, o que fez Ilya rir ainda mais.

— Da última vez que meu pau estava na sua boca, achei mesmo que talvez você fosse um pouco gay — provocou Ilya.

— Vai se foder. *Você* não é gay.

— Não — disse Ilya, sério mais uma vez. — Não totalmente.

— Bem… acho que talvez eu seja. Totalmente.

Ilya o analisou por um momento, depois disse:

— Tá. Então você é gay. E daí?

— Bem, é relevante! Pra mim, pelo menos. Desculpa se estou te entediando.

Ilya desceu da cômoda e foi para o frigobar. Pegou uma lata de Coca e uma de refrigerante de gengibre. Entregou a segunda para Shane e se sentou ao lado dele na cama.

— Por que está me contando que é gay? — perguntou Ilya baixinho.

Shane riu, mesmo sem achar graça de nada.

— Pra quem mais eu vou contar?

Ilya deu um gole na Coca.

— Você não é o único jogador gay da NHL. Provavelmente, não.

— Eu sei.

— E então?

Shane bufou.

— A questão não é só… eu ser gay — falou, sem jeito, como se estivesse se acostumando com a palavra. — É *você*. Você e eu. Ser gay é uma coisa. Ficar com seu arquirrival é outra, porra.

— Por isso é segredo.

— Eu sei, mas… — Shane passou a mão pelo cabelo, exasperado. — Da última vez que ficamos juntos foi… bom — falou baixinho.

Ilya ficou em silêncio por um momento, depois admitiu:

— Foi.

— Pareceu que a gente era… mais.

— Não podemos ser mais, Hollander.

Shane virou a cabeça abruptamente para encará-lo.

— Você ia querer ser, se a gente pudesse?

— Não podemos.

— Não foi o que eu perguntei.

Ilya ficou de pé e bateu a lata de Coca na cômoda.

— Não *importa*, porra!

Shane estremeceu, mexeu na lata de ginger ale que nem tinha aberto e, enfim, disse:

— Não consigo continuar fingindo que eu não gosto de você.

— Você *não* gosta de mim — rebateu Ilya.

— Gosto. Eu… talvez eu goste de você mais do que deveria.

Ilya sentiu um aperto no peito.

— Não — grunhiu. — Porra, Hollander. Não faz assim. Eu não…

— Você não vale a pena?

Ilya o encarou com raiva.

— … sou *gay*. Eu não sou gay! E não posso ser… nada próximo disso, está bem?

Shane riu.

— Bem, você tá fazendo um péssimo trabalho, então!

— Não em público. Não posso… eu não poderia ir para casa.

— Para a sua família?

— *Rússia*. Eu não poderia voltar para a Rússia.

Shane ficou aterrorizado.

— O que aconteceria com você?

— Não quero descobrir.

Shane pareceu pensar a respeito.

— Seus pais… ajudariam?

Ilya fez que não e se sentou no chão, recostado na parede.

— Meu pai é policial.

— Eita — disse Shane. — Caramba.

— Meu *irmão* é policial.

— E sua mãe?

— Morreu.

— Sinto muito.

— Eu era bem novo — falou Ilya, fazendo um gesto de "deixa para lá", como se a morte da mãe não tivesse impacto nenhum para ele, o que estava longe de ser verdade. — Tenho uma madrasta. Ela é… muito jovem para o meu pai. — Ele riu pelo nariz. — Minha própria *mãe* era muito mais nova que meu pai.

— Ah.

Ilya soltou o ar devagar.

— Meu pai nunca foi um homem fácil de se conviver. Ele é muito… cabeça-dura quanto aos modos antigos. Muito rígido. Meu irmão, Andrei, é bem parecido com ele. Mas agora… meu pai está doente.

— Doente? Tipo… câncer?

Ilya sacudiu a cabeça.

— Não. Alzheimer.

— Ah. Puta merda. Sinto muito.

Ilya assentiu. Pronto. Agora alguém sabia.

— Mas ele deve ter muito orgulho de você, né? Você é uma superestrela!

Ilya quase riu.

— Ele não queria que eu fosse embora. Queria que eu ficasse na Rússia.

Nenhum dos dois disse nada por um instante.

— Amo meu país — retomou Ilya. — Mas não tinha como ficar lá.

— Olha, vou te contar que teria facilitado muito a *minha* vida — brincou Shane.

Os dois riram. Shane sacudiu a cabeça e olhou para o teto. E Ilya só… o encarou. O astro estranhamente inseguro que era tão bonito e doce e que estava logo *ali*.

— Você tá muito lindo — falou Ilya.

Shane ficou de pé e botou o refrigerante de gengibre na cômoda do lado da Coca abandonada de Ilya. Ele se abaixou ao chão, sentando-se sobre as pernas esticadas de Ilya.

— Ei — disse Shane baixinho.

Ilya cedeu e o tocou. Assim que botou Shane nos braços, acabou. Ele se aproximou e tomou a boca de Shane. Dessa vez, quando envolveu as costas dele com os braços e o puxou para mais perto de seu corpo, a sensação foi diferente. As mãos de Shane acariciaram o rosto de Ilya, e ele o beijou com a força de tudo o que quase tinham dito em voz alta.

Estava tarde, e Shane sabia que precisava voltar para o próprio quarto, mas estava na cama com Ilya. Não só na cama, mas *grudados*, com Ilya fazendo cafuné. Shane estava girando o crucifixo do russo entre o polegar e o dedo indicador.

— Você é religioso? — indagou Shane. — Ou só usa isso por usar?

— Não frequento mais a igreja.

— Mas acredita em Deus?

— Aham. Acho que sim.

Shane não respondeu, apenas considerou a informação.

— Acha bobeira? — questionou Ilya.

— Não! Não, acho que eu só fiquei surpreso.

Ilya riu baixinho.

— O que foi?

— Você não acredita em Deus, mas acha que vai ter uma péssima partida se calçar o patins direito antes do esquerdo.

Shane sacudiu a cabeça e sorriu.

— É diferente. Isso é ciência.

Ilya debochou e deu um beijo no topo da cabeça dele.

— Era da minha mãe.

— Ah. — Ele parou de girar a cruz e a deixou sobre o peito de Ilya. — Quer conversar… sobre alguma coisa? Da sua família, talvez?

— Não. Hoje, não.

— Mas você sabe que pode, né? Conversar comigo.

Por um momento, Ilya ficou imóvel.

— Obrigado.

Shane se perguntou se Ilya também sentia. O peso que vinha depois dos encontros dos dois. A impossibilidade de tudo. Shane sentia toda santa vez. O intuito das ficadas era extravasarem, se libertaram, mas Shane só se sentia cada vez mais enrolado.

— Acho que é melhor eu ir — disse.

Ilya não respondeu, então Shane fez menção de se levantar da cama. Ilya o puxou de volta, e Shane se viu em cima dele, depois sendo beijado por ele, e depois debaixo dele.

— Fica — pediu Ilya.

— Não posso. — Mas amou o fato de que Ilya estava pedindo.

— Ninguém vai perceber. Esse fim de semana tá caótico.

— É arriscado demais.

Ilya balançou a cabeça.

— Quando é que vou ter você até quando eu quiser?

O coração de Shane disparou.

— Não sei. Assim que possível?

— Sim. — Ilya chegou mais perto e o beijou. — Depois que eu ganhar a Taça Stanley esse ano, a gente deveria ir para algum lugar.

Shane revirou os olhos.

— Você não vai ganhar aquela taça. E pra onde é que a gente iria?

— Não sei. Algum lugar onde ninguém nos conhece.

— Tipo a lua, então?

— Não, tipo… Fiji.

— De jeito nenhum. É só aparecer um turista canadense com iPhone, e já era.

— A gente escala uma montanha. Encontra uma caverna.

Shane deu um sorriso triste. Não iam a lugar algum juntos, e os dois sabiam disso.

— Vai voltar pra Rússia no verão?

— Sim.

— Pois então.

— Você vai para onde?

— Basicamente só pro meu chalé — falou Shane.

— Parece legal.

— E é. É meu lugar favorito. — Se bem que aquela cama estava se tornando uma forte concorrente. Indulgente, roubou mais um beijo, se movendo para cobrir o corpo de Ilya enquanto o absorvia por inteiro.

— Preciso ir. — E então tirou cachos de cima dos olhos de Ilya, que segurou seu punho e depois levou a mão de Shane aos lábios. Ele deu um beijo leve na ponta dos dedos, e a respiração de Shane vacilou.

— Precisa mesmo? — Meu deus, a voz dele era tão gostosa quando ele ficava com sono, toda áspera e rouca. Beijou a palma da mão de Shane.

Shane fechou os olhos, só para aliviar o estímulo de um de seus sentidos mais sobrecarregados. Seria tão fácil ceder e…

— Sim — afirmou. — Preciso. — Com muito esforço, saiu da cama e pegou as roupas no chão. Areia caiu da calça, no carpete do hotel, enquanto ele se vestia. Ilya ficou na cama, possivelmente o observando. Shane não podia se dar ao luxo de se virar para ele, com medo de acabar de volta em seus braços caso sequer olhasse em sua direção.

Quando chegou à porta, Shane finalmente se permitiu olhar para Ilya de novo. Ele estava se sentando, o edredom branco cobrindo os joelhos flexionados. Ilya mordiscava o lábio, como se estivesse considerando dizer ou não uma coisa. Houve um silêncio demorado e tenso entre os dois, e então Ilya disse:

— Boa noite, Shane.

Uma onda de prazer percorria o corpo de Shane toda vez que Ilya o chamava por seu primeiro nome.

— Boa noite, Ilya.

Ele conferiu se o corredor estava vazio, depois saiu do quarto. Como a barra estava limpa, ninguém viu o sorriso que quase partia seu rosto em dois.

Capítulo dezoito

Fevereiro de 2017
Montreal

Duas semanas após o fim de semana das Estrelas, Shane recebeu uma mensagem de "Lily".

Dá pra acreditar no que rolou com o Zullo?

Frank Zullo era um defensor do Nova York Admirals, conhecido por ser completamente caótico. Ele tinha sido preso na noite anterior por uma briga em um bar ou algo do tipo, e agora estava fora do time.

Shane: Pois é. Doideira. Não acredito que botaram ele em despensa.
Lily: Porra, como eu odeio aquele cara.
Shane: É, pra mim ele sempre pareceu um babaca mesmo.

Se lembrava de algumas vezes em que Zullo insultara ele ou seus colegas de time com termos homofóbicos.

Lily: Ele que se foda. O Scott Hunter deve estar feliz da vida.
Shane: Ah, sim. Dava pra ver que ele sempre odiou o cara.
Lily: Um homofóbico a menos na liga.
Shane: É, agora só falta um milhão.

Ele estava no meio do preparo de seu smoothie pós-corrida. Ligou o liquidificador e ficou olhando para o celular esperando a próxima mensagem.

Aquilo era novidade. Ficou se perguntando por que não tinham pensado em fazer aquele tipo de coisa antes: conversar sobre hóquei, nem que fosse majoritariamente fofoca. No passado, só tinham entrado em contato para marcar as ficadas no sigilo.

Shane ponderou o que podia ter feito Ilya engajar dessa vez.

Lily: Onde você tá? Em casa?
Shane: Aham. Acabei de voltar de uma corrida.
Lily: Legal. Tá suado? :p

Shane riu. Tô indo tomar banho.

Lily: A gente devia fazer chamada de vídeo enquanto isso.
Shane: Mas aí eu molharia o celular.
Lily: Por que a gente nunca fez chamada de vídeo antes?

Shane ficou surpreso com isso. Você quer?

Lily: Talvez. Você quer?

Deduziu que Ilya estivesse falando, tipo, de sexo por telefone. Ou por vídeo. Enfim. Shane nunca tinha feito nada do tipo com ninguém antes. Mas de fato *era* uma possibilidade para os dois. Se ninguém gravasse a chamada, seria seguro, certo?

Shane mudou de assunto. Belo gol ontem.

Lily: Pois é, sabe como é.

E em seguida:

Lily: Preciso te contar a história que o Hammersmith contou pra gente ontem...

Passaram quase uma hora trocando mensagens. No fim, Shane estava espreguiçado no sofá, com os polegares voando sobre o teclado do celular, e rindo com frequência no cômodo vazio. Depois de um tempo, lembrou Ilya que precisava mesmo tomar um banho, e ficou surpreso com o quanto foi difícil terminar a conversa.

Teve o impulso constrangedor de escrever "*Queria que você estivesse aqui*" ou algo do tipo, mas resistiu. Em vez isso, escreveu Até mais tarde e pontuou com um emoji sorridente usando óculos de sol. Ilya se despediu com o emoji mandando beijo.

Boston

Ilya trocou mensagens com Shane usando uma mão só.

Não contou que machucara o cotovelo no jogo da noite anterior. Só tinha dado um mal jeito ao trombar nos painéis, e agora doía para esticar o braço.

Os médicos lhe mandaram descansar, e ele estava entediado. Disse a si mesmo que o tédio era o *único* motivo pelo qual havia mandado mensagem para Shane.

Por causa da lesão, e por ser, tipo, umas nove da manhã, a sugestão de sexo por telefone tinha sido mais uma brincadeira do que qualquer outra coisa. Mas ficou se perguntando se um dia Shane toparia. Ilya não conseguia imaginar isso…

Ou talvez conseguisse, *sim*. Porque de repente estava imaginando. E de um jeito bem vívido.

Conseguia visualizar. Shane com o rostinho determinado, fingindo não estar morrendo de medo. Onde ele estaria? Na cama? Em sua cama *de verdade*? A cama em que Ilya nunca se deitara porque nunca tinha ido à casa de verdade de Shane?

Ilya fechou os olhos e se afundou nos travesseiros de sua própria cama.

Como será que devia ser o quarto de Shane? Chato, provavelmente. Paredes brancas. Um porta-retrato com foto dos pais na cômoda. Ilya a substituiu de pronto por uma foto dele mesmo. Autografada.

Shane provavelmente era do tipo de pessoa que tinha plantas. O quarto devia ter bastante luz natural. Devia haver uma pequena estante de livros com alguns títulos motivacionais bobos e algumas biografias de atletas. A roupa de cama provavelmente era azul.

Talvez ele dormisse vestido com, tipo, um conjunto completo de pijama. Com botões e tudo.

Mas talvez nem sempre abotoasse todos. Vai ver só se deitava na cama com a camisa do pijama aberta e as calças um tanto baixas. E com a luminária ao lado da cama ligada, para que pudesse ler alguns de seus livros chatos.

Em seguida, quando se cansasse de ler, ele botaria o livro direitinho na cômoda, daria um bocejo e se espreguiçaria. A camisa se abriria um tanto mais.

E talvez Shane fechasse os olhos e deixasse a mão deslizar pelo peito e o abdômen devagar. Acariciaria as coxas e suspiraria quando o volume na calça do pijama crescesse.

Ilya não estava descansando direito.

Maldita lesão no cotovelo. Por que tinha que ser justo o direito?

A parada da ligação em vídeo *precisava* acontecer. Ele faria aquela boquinha de Shane soltar umas putarias. Forçaria ele a sair de sua zona de conforto. Tornaria a coisa toda um desafio, coisa à qual Shane não conseguia resistir.

Ele pegou no pau meio sem jeito com a mão esquerda e se masturbou de leve.

Ilya queria passar um dia inteiro com Shane. Um fim de semana. Uma semana. Queria estar em algum lugar onde ninguém pudesse interrompê-los. Talvez só precisasse disso. De uma oportunidade de matar a vontade. Precisava beber sua dose para depois dar no pé.

Porque ele *ia* ter que ir embora. A coisa já estava ficando complicada demais.

Março de 2017
Boston

A coisa estava feia.

Boston e Montreal estavam cravados no empate pela primeira posição em sua divisão, e os *play-offs* aconteceriam dali a apenas um mês.

Shane queria vencer um terceiro campeonato tanto quanto Ilya queria vencer um segundo. Ganhar a Taça Stanley nas duas temporadas anteriores não tinha diminuído em nada sua sede de vitória. Sempre havia uma meta maior a alcançar.

O recorde de vezes que um mesmo jogador ganhou a Taça Stanley era de onze. Shane sabia que o número não era muito justo, já que o recorde vinha de uma época em que havia muito menos times na liga. Mas ganhar seis o colocaria no mesmo nível de alguns campeões recorrentes dos anos 1990, então essa era sua meta secreta.

Não. Sua meta secreta de verdade era sete.

Shane estava focado. Vinha jogando superbem a temporada toda e estava liderando a liga em termos de pontos por uma margem apertada acima de Rozanov. Ele sabia que isso devia estar tirando Ilya do sério.

Shane andava tentando não pensar muito nele. Geralmente, era o acordo silencioso entre os dois com a temporada já tão avançada. Transavam sempre que estavam na mesma cidade até meados de março, depois se concentravam em se odiar até a temporada seguinte.

E foi por isso que Shane ficou surpreso ao receber uma mensagem de Ilya naquela manhã.

Lily: Que horas é seu voo amanhã?

Shane encarara o celular, sem palavras. Certamente não esperava ver Ilya antes ou depois do jogo daquela noite.

Shane: Cedo, por quê?

Nada de resposta. Shane se sentiu meio mal pela pergunta no final. Tinha sido desnecessariamente maldoso de sua parte. Ele sabia o porquê.

Alguns minutos depois, Ilya respondeu. Tá fazendo o que agora?

Agora? Era uma da tarde em *dia de jogo*. Contra *Boston*.

Shane: Nada. Tô no meu quarto no hotel.

Ele se deteve de escrever "por quê?" mais uma vez.

Lily: Vem pra cá?

O coração de Shane parou. Vem pra cá? *Vem pra cá?* Agora?

Shane: Não posso! Para de idiotice.
Lily: Vem. A gente não demora. Uma horinha?

Shane de fato soltou uma gargalhada de surpresa.

Shane: Não. Qual é. Nós dois sabemos que é uma péssima ideia.
Lily: Tudo que a gente faz é uma péssima ideia. Vem pra cá.

Quando Shane não respondeu, Ilya acrescentou: Vai valer a pena. Prometo. ;)

Shane sacudiu a cabeça. Não tinha a menor chance de ir encontrar Rozanov. Poderia listar um milhão de razões para não ir, e repassou todas mentalmente enquanto pegava a jaqueta e saía de seu quarto de hotel.

— Achei que você não vinha — falou Ilya com um sorrisinho para encher o saco.

— Pois é…

O rosto de Ilya foi tomado por um sorriso genuíno e caloroso. O coração de Shane vacilou. Em seguida, estavam se beijando, puxando peças de roupas e cambaleando até o quarto, sem romper o contato.

Precisariam ser rápidos. Shane não só tinha que ir embora logo como nem sequer deveria ter ido. Ilya o empurrou para a cama e o atacou com a boca.

Shane o observou lambendo e chupando seu pau, e se permitiu um momento para refletir sobre a necessidade desesperada de Ilya de fazer aquilo *antes de uma partida*. Por que estava tão faminto por Shane a ponto de quebrar a regra sagrada dos dois?

Meu deus, como ele era bom com a boca.

Tem algo de errado com o Ilya. O pensamento avassalou Shane de repente.

O certo seria perguntar o que tinha acontecido.

Depois.

Naquele momento, no entanto, Shane abaixou a mão para acariciar o rosto do russo. Deixou os dedos se esparramarem pelo cabelo macio. Brincou delicadamente com os cachos, e Ilya olhou de baixo para ele. Seus olhos estavam escuros, mas havia mais do que tesão ali. Shane assentiu, e Ilya baixou o olhar de volta, se concentrando em fazer Shane gozar.

Não demorou, e Ilya engoliu tudo com um zunido encorajador. Quando acabou, traçou beijos pelo corpo de Shane até chegar a sua boca. Shane o

beijou com voracidade, depois trocou de posição e se abaixou para retribuir o favor.

Depois de seu próprio orgasmo, Shane conseguia sentir o pânico ameaçando tomar conta. Aquilo era estranho, ruim e *esquisito*. Eles mil por cento não deveriam *de jeito nenhum* estar fazendo aquilo.

O que já era, tipo, um por cento a mais do que o motivo de sempre pelo qual *não deveriam estar fazendo aquilo*!

Só que Ilya sussurrava o nome de Shane — o *primeiro* nome — como se fosse uma oração, e ficava olhando para ele como se estivesse tão perto quanto Shane de dizer algo verdadeiramente vergonhoso, idiota e definitivo.

Shane fincou os dedos nos músculos rijos das coxas de Ilya enquanto engolia ainda mais seu pau. Se mantivesse a boca ocupada, não poderia usá-la para estragar tudo.

Ilya o alertou, porque sabia que Shane nem sempre gostava de engolir. Só que, dessa vez, Shane queria, e chupou mais até Ilya gritar em uma mistura de russo e inglês, gozando em sua garganta.

Shane se jogou na cama ao lado de Ilya, que começou a rir.

— O que foi? — indagou Shane.

— Puta que pariu.

Shane não respondeu, mas se sentia da mesma forma.

— Preciso ir — falou, depois de um minuto em silêncio.

— Sim.

Shane se sentou, fez menção de levantar da cama, e então se lembrou:

— Ei, hum. Tá… tudo bem?

— Como assim?

— Você tá bem? Tipo… eu sei que a gente não é de… conversar. Mas se precisar…

— Tô bem — disse Ilya, com calma e leveza. Shane não acreditou.

— O… seu pai tá…?

Ilya bufou pesado e esfregou a mão no rosto.

— Meu pai tá morrendo, mas o problema não é esse.

— Ah.

— É a Polina. Minha madrasta. Ela está… — Ele girou a mão no ar, procurando a palavra.

— Triste? — Shane deu o palpite.

Ilya deu uma risada sombria.

— Não. Ela está… fazendo planos. Para o futuro. Meu pai não tem mais dinheiro nenhum.

— Ah.

— Ela tem me ligado.

— Ahh. — Agora Shane entendia.

— Ela quer dinheiro. Todo mundo lá quer dinheiro. Meu irmão. Meu pai antes de…

Shane pegou a mão de Ilya.

— Você vai mandar?

— Já mandei. Muito. Eles querem mais. — Ilya riu de novo. — Não dão a mínima pra mim ou pra minha carreira. Só sabem que ganho bem.

— Sinto muito. — Shane passou o polegar pelos nós dos dedos de Ilya.

— A última vez que falei com o meu pai no telefone foi algumas semanas atrás. Ele perguntou se eu poderia levar pão quando voltasse para casa.

Shane não sabia o que dizer. Realmente era de partir o coração.

— A pior parte é que… — falou Ilya baixinho — eu gosto mais de falar com ele. Assim. Ele era babaca pra cacete quando era… ele mesmo.

— Você vai voltar pra Rússia no verão?

Ilya deu de ombros.

— Sim.

— E você… precisa?

— É melhor você ir — falou Ilya de repente. Não com raiva nem irritação. Só cansaço, e talvez um pouco de tristeza. Ele tirou os dedos dos de Shane.

— Eu sei. Mas…

— Vai. Não te chamei pra cá pra conversar.

— Ué, mas você pode. Se um dia quiser. Pode só me ligar. Ou mandar mensagem. Ou, se a gente estiver na mesma cidade e você só quiser conversar em vez de…

Ilya abriu um sorriso.

— "Em vez de"?

— Além de?

— Melhor assim.

Ele se inclinou e beijou Shane. Foi o beijo mais suave e doce que Shane já tinha recebido na vida.

— Peço desculpas desde já por hoje à noite — murmurou Shane. — A gente vai massacrar vocês.

— Vai sonhando, Hollander.

Ilya fez com que Boston ganhasse o jogo. Não por pouco, mas com uma bela vantagem de dois gols quando o sinal final tocou para dar fim à partida. Ilya marcou duas vezes, e Shane tinha marcado uma. Era o tipo favorito de jogo para Ilya.

Ele tinha todas as intenções de encontrar Hollander naquela noite, embora já tivessem roubado uma hora juntos à tarde. Sabia, lá no fundo, que o que tinha com Shane precisava acabar. Que não poderia ser mais do que só sexo. Mas, por algum motivo, a coisa havia crescido por conta própria, e de repente ele não tinha mais medo de parecer ávido demais. Conseguia admitir para si mesmo que queria vê-lo tanto quanto fosse possível, e percebeu que não estava mais preocupado em esconder isso de Shane. Ao menos por ora. O dia em que precisariam botar um ponto-final ia chegar, mas por enquanto Ilya estava feliz em roubar tantos momentos quanto fosse possível.

Deu boa-noite aos colegas de time que ainda tinham ficado e foi embora da arena. Estava olhando para o celular quando saiu pela entrada dos jogadores, tentando decidir que mensagem afiada deveria mandar para Hollander, quando o celular começou a tocar.

Era seu irmão.

Ilya quase não aceitou a chamada, mas só conseguia pensar em um motivo pelo qual o irmão poderia estar ligando que não tivesse nada a ver com dinheiro.

Ele atendeu.

Shane ficou esperando uma mensagem de Ilya. Estava sentado sozinho no quarto de hotel — Hayden tinha saído para ligar para a esposa —, tentando não deixar os erros daquela noite o assombrarem.

Ele vai mandar mensagem, disse a si mesmo. *Você já viu ele hoje. Por que quer vê-lo de novo?*

Mas pensou que talvez Ilya se sentisse da mesma forma sobre o… bem, não *relacionamento*, mas… acordo? Que talvez Ilya *gostasse* de passar tempo com Shane. Que não estavam só tocando aquilo porque era, de uma forma especificamente bem complicada, conveniente. Ou indecente, ou errado, ou irresistivelmente gostoso. Que talvez Ilya também sentisse um frio na barriga de ansiedade todas as vezes que o time dos dois iam se enfrentar. Que, às vezes, Ilya talvez também fosse atingido pela lembrança aleatória de um comentário provocativo, ou de um sorriso, ou do toque de dedos gentis fazendo cafuné, e precisasse esconder um risinho de alegria.

Que talvez ele assistisse aos jogos de Shane e ficasse orgulhoso quando Shane jogava bem. Porque era assim que Shane se sentia quando Ilya tinha uma noite gloriosa. O que era ridículo.

Shane esperou até meia-noite, e nada de Ilya mandar mensagem. Pensou em iniciar ele mesmo o contato, mas voltou atrás. Querer ficar com Ilya duas vezes em um só dia era loucura. E, de qualquer jeito, já estava tarde demais. O time viajaria para Detroit pela manhã.

Shane passou um tempo deitado, encarando a escuridão, se perguntando se Ilya não quis vê-lo novamente ou se algo tinha acontecido para impedi-lo de mandar mensagem.

Decidiu que estava fazendo tempestade em um copo d'água e, depois de um tempo, pegou no sono.

Capítulo dezenove

O dia seguinte
Detroit

— Ficou sabendo do Rozanov?

Shane parou de amarrar o patins e olhou para o banco à sua frente, onde Gilbert Comeau e J.J. conversavam em francês.

— O que aconteceu com o Rozanov? — perguntou Shane, também em francês.

Os dois o encararam, sem dúvida surpresos com o leve pânico em sua voz. Comeau deu de ombros.

— Ele não foi para Nashville com o resto do time hoje.

— Pegou outro voo? — questionou Shane, como um idiota.

— Não — respondeu Comeau, olhando para Shane como se ele fosse meio burro. — Ele não tá em Nashville.

— Ele não se machucou ontem — comentou J.J. — Não que alguém tenha percebido, né?

— Acho que não — respondeu Shane, relembrando rapidamente os últimos momentos do jogo. Ilya parecia bem. Ele não saiu do gelo com dor em momento algum da partida.

— Vai ver ele ficou doente — ponderou Comeau. — Aposto que vamos descobrir. Por enquanto a ESPN só está dizendo que ele não foi para Nashville.

— Entendi — disse Shane, baixinho.

Sua mente conjurou inúmeros cenários alarmantes antes de ele se levantar e pegar o telefone da prateleira acima da cabeça.

Tá tudo bem?, mandou por mensagem.

Não recebeu resposta. E ficou por isso mesmo até o time sair do vestiário para ir se aquecer. Quando voltou depois, conferiu o celular depressa. Nada ainda.

Esquece isso, ordenou a si mesmo. *Tá na hora do jogo*.

Depois da partida, provavelmente descobriria o que acontecera. Com certeza seria mencionado durante a transmissão da partida entre Boston e Nashville.

Shane não teve o melhor desempenho de sua vida naquela noite. Provavelmente tinha sido um dos piores jogos da temporada para ele, mas ainda assim o time conseguiu vencer. Shane não conseguia se lembrar de já ter desejado tanto que uma partida acabasse. Quando voltaram para o vestiário, ele tirou as luvas e imediatamente pegou o celular.

Nada.

Shane se jogou no banco, encarando o celular. Abriu o navegador e pesquisou "Ilya Rozanov Nashville" para ver se mais alguma informação tinha sido publicada. Encontrou fãs especulando nas redes sociais, e viu uma matéria oficial da ESPN que só dizia "motivos não divulgados" e que não havia confirmação alguma da participação de Rozanov no jogo de seu time em Tampa Bay dali a dois dias.

Era tudo muito esquisito. Shane não conseguia *espirrar* em público sem os sites de hóquei reportarem que estava à beira da morte e dando pitaco em como isso afetaria as apostas dos torcedores. Ilya Rozanov, uma das maiores estrelas da liga, simplesmente desapareceu sem mais nem menos e repórter algum parecia estar investigando muito a fundo. Ou oferecendo possíveis razões.

O que significava… que deviam saber o motivo. E que provavelmente estavam respeitando um pedido de discrição feito pelo time.

O que significava… Shane não conseguia pensar em nada de bom.

Tomou banho e se trocou o mais depressa possível. Encontrou um canto quieto no corredor fora do vestiário e fez uma coisa que nunca tinha feito na vida: ligou para Ilya Rozanov.

Não esperava que ele atendesse, mas queria ao menos que a chamada perdida ficasse gravada no celular de Ilya. Ele queria que Ilya soubesse de sua preocupação.

Mas Ilya atendeu.

— Hollander?

— Isso. Oi.

Houve um longe silêncio.

— Tá tudo bem? — questionou Shane enfim.

Ele ouviu Ilya soltar um riso sem humor.

— Não sei.

— Onde você tá?

— Em casa?

— Em Boston? Tá doente?

— Não. Em casa. Em Moscou.

Por *isso* Shane não esperava.

— *Em Moscou?* Aconteceu alguma coisa? Puta que pariu. Seu pai?

— Sim. Morreu.

— Ilya, eu…

— O que as pessoas estão dizendo ao meu respeito?

— Nada! A imprensa tem sido bem discreta. Os Bears devem ter…

— Que bom. Volto no fim da semana — disse Ilya, com a voz rígida.

— Você deveria ficar fora mais tempo.

Ilya desdenhou.

— Você adoraria isso, né?

— Para. Tô falando sério.

Mais silêncio.

— Sinto muito, Ilya. — Ele não sabia mais o que dizer.

Ilya não respondeu, mas Shane conseguiu ouvir uma fungada forte e depois um som gutural tenso.

— Ilya…

— Volto em alguns dias. É melhor eu desligar.

— Está bem.

— Tchau, Hollander.

— Espera — pediu Shane, alto demais.

Ilya aguardou.

— Só… me liga, beleza? Se precisar conversar. Ou me manda mensagem. O que for. Mas… vou ouvir. Quero ajudar, se eu puder.

Ilya ficou em silêncio por um momento.

— Ajudou. Obrigado.

Ele desligou.

Shane se recostou na parede e soltou um suspiro.

Dois dias depois
Buffalo

Shane não esperava receber mais notícias de Ilya. Ficou surpreso quando, depois do jogo em Buffalo, o celular apitou com uma mensagem.

Lily: Tá sozinho?

Shane se levantou, balbuciou para Hayden algum motivo para sair às pressas e foi para a escadaria.

Shane: Sim.
Lily: Posso te ligar?
Shane: Pode.

O celular tocou, e Shane atendeu de imediato. A escadaria estava em silêncio e vazia. Ele se apoiou na parede do patamar abaixo de seu andar.

— Como você tá? — perguntou, sem se dar ao trabalho de dizer oi.

— Eu… sei lá. Mal.

— Como sua família tá te tratando?

Ele deu uma gargalhada sombria.

— Como se eu não devesse estar aqui.

— Que ridículo. Ele era seu pai.

— Pois é. — Houve uma pausa, e Shane esperou. — Estou pagando tudo, então isso faz com que eu seja… útil.

— Como está sua… quer dizer, como está a esposa dele?

— Aflita. Mas não por causa do meu pai. Todo mundo acha que é, mas não. Ela está com medo por si própria.

— Por que não tem mais dinheiro?

— Sim. Isso.

— E você? Você também está… aflito?

Ilya suspirou.

— Não sei. Talvez pelo motivo errado.

— Você queria que as coisas tivessem sido diferentes? — indagou Shane.

— Eu queria… Queria que ele… Não sei. — Ele suspirou de novo. — Tá difícil falar outra língua hoje.

— Desculpa. Queria saber falar russo.

— Do jeito que você é, provavelmente conseguiria aprender em um dia — grunhiu Ilya. — Um russo perfeito, sem sotaque.

Shane riu.

— Duvido muito. — Estava prestes a perguntar se Ilya tinha alguém com quem conversar lá em Moscou, mas estava óbvio que não era o caso. Que outro motivo ele teria para estar ligando para Shane?

— E onde você tá agora? — Foi o que perguntou.

— Caminhando. No parque. Eu precisava sair de lá.

— Tá frio?

— Pra caralho.

De repente, uma ideia ridícula ocorreu a Shane. Ou talvez fosse uma ideia brilhante. Decidiu compartilhá-la antes de seu cérebro ter a chance de descobrir qual das duas coisas era de fato.

— Me fala tudo que você quer dizer. Em russo. Não vou entender, mas… talvez ajude, sabe?

Houve um silêncio longo o suficiente para Shane se contorcer de vergonha de si mesmo. Estava prestes a voltar atrás quando ouviu Ilya falar baixinho:

— Está bem.

Os minutos seguintes foram preenchidos com a voz de Ilya, mais enérgico e consternado que nunca. Shane estava acostumado a ouvi-lo falar mais com um sorriso provocativo ou um olhar calculado do que com palavras de fato. Mas agora era como se uma represa tivesse explodido, e Shane se sentou nos degraus para se deixar inundar.

Sem conseguir traduzir nem uma só palavra, Shane simplesmente aproveitou o som da voz de Ilya, que mal reconhecia naquele momento. Ele falava tão rápido, com uma autoconfiança e liberdade que se ausentavam quando precisava colar frases em inglês. Para Shane, aquilo pareceu íntimo — como se estivessem compartilhando um segredo maior naquele momento do que quando dormiram juntos.

E a forma como Ilya falava com tamanha fluência em sua língua materna era inegavelmente sexy.

Quando terminou, Ilya deu uma risadinha envergonhada e falou:

— É isso.

Ouvi-lo trocando de uma língua à outra desconcertou Shane. A sensação era de que sua cabeça estava desanuviando, acordando de um sonho.

— Está se sentindo melhor?

— Sim. Obrigado.

Shane abaixou a voz e falou:

— Talvez você possa me ensinar russo um dia.

— Só frases úteis — disse Ilya. Shane quase conseguia *ouvir* o sorriso torto. Em seguida, Ilya balbuciou algo em russo.

— O que isso quer dizer? — perguntou Shane.

— Fica de joelhos.

— Ah. — Shane deu uma olhada ao redor de novo para conferir se continuava sozinho. Já estava com mais tesão do que devia depois de ouvir Ilya abrindo o coração. — E quais outras frases úteis você poderia me ensinar?

Ilya riu.

— Consigo pensar em muitas, Hollander.

Shane se remexeu no degrau.

— Queria que você estivesse aqui agora.

Shane não acreditava que tinha mesmo se permitido dizer isso em voz alta. Os dois não tinham esse negócio de *desejar* estar juntos — só ficavam, meio a contragosto, quando estavam na mesma cidade porque era o que tinham para fazer.

Sentiu o constrangimento derreter quando Ilya respondeu baixinho:

— Eu também queria.

Moscou

Quando Ilya desligou a ligação, algo lhe ocorreu: talvez Shane tivesse gravado a chamada e fosse passá-la em algum aplicativo de tradução.

Mas Shane não faria isso, faria?

Ilya parou em uma cafeteria e pediu um cappuccino. Enquanto esperava, tentou imaginar cenários em que Shane daria um jeito de traduzir cada palavra do que acabara de dizer.

Em grande parte, ele falou sobre a família, mas tinha incluído uma confissão de que queria que as coisas tivessem sido diferentes com o pai. De que sempre tivera o desejo idiota de que o pai dissesse que sentia orgulho dele.

A confissão já teria sido vergonhosa por si só, mas Ilya também acrescentara um "*e, além de tudo, tenho quase certeza de que estou apaixonado por você e não sei o que fazer a respeito disso*".

Foi dizer *essas* palavras em voz alta, até mais do que o desabafo sobre as frustrações com a família, que de fato fizera Ilya se sentir mais leve. Era um segredo que vinha carregando havia muito tempo, preso em algum lugar muito profundo, escondido até de si mesmo. Porém, assim que se deixou reconhecer o que sentia, e então externalizar, o alívio bateu. Não porque daria para fazer alguma coisa a respeito desses sentimentos, mas porque ele pelo menos se permitira aceitá-los. E tinha, do jeito mais covarde possível, falado disso em voz alta para Shane.

O canadense não traduziria nada. Não foi por isso que pediu para Ilya desabafar em russo. Ele estava sendo um amigo.

Amigo?

Claro, Ilya conseguia admitir que os dois tinham se tornado amigos. Ele certamente tinha sido a única pessoa em quem Ilya conseguiu pensar quando decidiu que precisava conversar com alguém naquele dia.

Saiu da cafeteria com o cappuccino e, relutante, caminhou em direção à casa do pai. O velório seria na manhã seguinte. Depois disso, poderia deixar o que restava de sua maldita família para trás.

O dia seguinte
Montreal

Shane mal havia passado pela porta de seu apartamento quando mandou mensagem para Ilya. Tinha pensado nele o dia todo.

Shane: Como você tá?

Ele não sabia se Ilya ia responder ou não. Talvez estivesse ocupado. O velório do pai tinha sido naquela manhã. Já era tarde em Moscou, depois das dez da noite.

Lily: Ótimo.

Shane esperou.

Lily: Um pouco bêbado, na real.
Shane: Posso te ligar?
Lily: Pode.

Quando Shane ouviu a voz de Ilya, ele soava mais exausto do que bêbado.

— Hollander.

— Como estão as coisas, Ilya?

— Excelentes. Maravilhosas. — Shane o ouviu bufar. — É quieto aqui.

— Tá sozinho? Onde você tá?

— No meu apartamento. Tenho um aqui. Em Moscou. Para passar os verões.

— Ah, sim. — Shane não gostava da ideia de Ilya estar sozinho naquele momento.

— Se estiver se perguntando se vou voltar a tempo do nosso jogo em Montreal…

— Tô pouco me fodendo pra jogo, Ilya. Você sabe que não é por isso que eu tô ligando.

Mais um suspiro.

— Você acha mesmo uma boa ideia estar sozinho agora? — perguntou Shane.

— Não estou sozinho. Você está aqui agora, sim?

A mão de Shane voou ao peito para ter certeza de que o coração continuava batendo; ele podia jurar que o órgão havia derretido e virado uma meleca pegajosa. Shane quis tanto poder aparecer do nada em Moscou. Surgir de repente no apartamento de Ilya, abraçá-lo e dizer que não tinha problema estar confuso em relação à morte do pai. Que ele não devia nada à família. Que deveria deixar todo mundo para trás, porque todos só o puxavam para baixo, e ele não precisava de nenhuma daquelas pessoas.

Em vez disso, falou:

— Aham. Tô aqui.

— E onde você tá? — perguntou Ilya.

— Em casa agora. Em Montreal.

Shane ouviu as molas do colchão rangerem porque Ilya provavelmente tinha se sentado na cama.

— Me fala da sua casa, Hollander — pediu com a voz cansada. — Como é aí? Fico tentando imaginar…

— Fica?

— Você não me deixa ver.

— Isso não… — Shane fez careta. — Não é por não te querer aqui, você sabe disso.

— Não sei de nada. Como é?

— É… sei lá… tem janelas grandes.

— O que dá para ver delas?

— Prédios, em grande parte. Um pouco da água.

— A cozinha é chique?

Shane riu.

— Aham. Provavelmente chique até demais. Mal uso. Acho que uma torradeira e um liquidificador já dariam conta do recado.

— Do que você mais gosta na sua casa?

— Não sei. A proximidade com o rinque de treino, talvez?

Ilya debochou.

— Era de se imaginar.

— É recluso. Tem uma boa segurança. Ah, fiz uma doação para a Sociedade de Alzheimer do Canadá. Pelo seu pai.

Ilya ficou quieto por um momento.

— Foi legal da sua parte. Talvez vá ser útil para mim. Pode ser… como é a palavra… de uma geração pra outra?

— Hereditário?

— Isso. Hereditário.

Nenhum dos dois disse nada por um momento.

— Escuta, Ilya…

— E seu quarto? Como é?

Shane não queria falar da porra do quarto, mas entendia o que Ilya estava fazendo. Saiu da sala de estar e foi para o quarto.

— É legal. Bem básico. Quer dizer, é enorme. Tem janelas grandes. Mas poucos móveis.

— De que cor é sua cama? O edredom?

— Azul. Azul-escuro.

— Sabia.

Shane sorriu e se sentou na cama.

— Você tem livros? No quarto?

— Alguns.

— O que você está lendo? O que tá na sua mesa de cabeceira?

— Um livro sobre a série de 1972 entre o Canadá e a Rússia.

Ilya riu.

— Você lê livros que não sejam sobre hóquei?

— Às vezes — disse Shane. — Quer dizer, não. Não com muita frequência.

— Você é obcecado.

— Claro que sou. Você não é?

— Talvez. De um jeito diferente.

Shane pegou o livro e deu um peteleco na ponta do marcador. Fazia mais de um mês que estava entre as páginas 41 e 42.

— O hóquei sempre significou tudo pra mim. Desde que me conheço por gente.

— Pra mim também. Mas está mais pra… uma fuga. Faz sentido dizer isso? Meu cérebro não está funcionando bem agora.

— Faz, sim — disse Shane baixinho. — Uma fuga. Tá certo. Nunca foi uma fuga para mim, era só o que eu amava fazer.

— Eu também amo — falou Ilya. — Hóquei é… divertido. E sou muito bom.

Shane riu. E Ilya riu.

— É doideira o tanto que me pagam para praticar esse esporte — comentou Ilya.

— Nem me fale — concordou Shane.

— Não quero voltar pra cá.

Shane ficou confuso com a mudança repentina de assunto.

— Tá falando da Rússia?

— *Da*, óbvio. Quero virar estadunidense. Ou canadense. Mas estou nos Estados Unidos, então…

Naquele momento, Shane desejou com toda a fibra de seu ser que Ilya jogasse em um time canadense.

— Você deveria — respondeu Shane. — Já procurou saber como…?

— A gente deveria se casar — disse Ilya.

— *É o quê?* — Shane corou até os dedos dos pés.

— Não um com o outro — falou Ilya, depois começou a rir e não parou mais.

— Não, eu *entendi* que você não quis dizer um com o outro — mentiu Shane.

Quando Ilya parou de gargalhar, explicou:

— Posso me casar com uma americana. Você deveria se casar, Hollander. Quer ter filhos, sim?

— Eu já te disse… não quero me casar… com ninguém.

— Tem uma russa gente boa em Boston. Estadunidense, quer dizer. Mas da Rússia. Svetlana. Gosto dela. Eu poderia me casar com ela, eu acho.

— Ah, sim.

— Ela é… como é a palavra? Sensata. O casamento pode ser como uma transação de negócios, sim? Só até eu virar cidadão.

— Então você não ama ela?

— Não — respondeu Ilya baixinho, como se estivesse pegando no sono. — Ela, não. Não.

Shane sabia que devia desligar, deixar Ilya dormir um pouco. Mas falou:

— Você deveria vir pro chalé no verão.

— Chalé? Do que você tá falando, Hollander?

— Meu chalé. Em Ontário. Você não vai voltar pra Rússia, então… vem ficar comigo no meu chalé. É tranquilo, lindo e… recluso.

Por um momento, Ilya não disse nada, e Shane pensou que ele tinha mesmo pegado no sono.

— Vou pensar — falou Ilya por fim.

— Está bem.

— Estou cansado.

— Pois é, dá pra ver. Vê se dorme um pouco, viu?

— Sim. Boa noite, Hollander.

Desligaram, e Shane ficou um tempo sentado na cama, imóvel. Se deu conta de que tinham acabado de ter toda uma conversa que não havia envolvido nada sexual, e pouquíssimo hóquei.

Também percebeu que estava com o coração disparado como se estivesse no meio de uma corrida, e com a boca seca. Ele de fato tinha acabado de convidar Ilya para o chalé! Isso por si só já era um baita absurdo, mas e se Ilya aceitasse?

E se Shane tivesse Ilya todo para si em seu lugar predileto do mundo? Se não houvesse ninguém para interrompê-los, ninguém de quem se esconder, ninguém para lembrá-los de todos os motivos pelos quais não deveriam querer um ao outro…

Seria pesado demais. Shane nunca ia conseguir conter tudo o que vinha tentando fingir que não sentia. Acabaria dizendo algo que nunca, jamais ia ter volta.

Ele nunca vai ser seu namorado, Shane.

Ai, meu deus. Era *isso* o que Shane queria, não era? Não apenas ser o segredinho sexual de Ilya. Que a relação dos dois não se resumisse a sexo. Queria confortar Ilya quando ele ficasse triste, e conversar pelo telefone, e ficar de chamego no sofá assistindo a filmes. Preferiria a conversa curta que tinham acabado de ter no telefone a qualquer um dos encontros sexuais dos dois.

Quer dizer, *quase* qualquer um dos encontros sexuais deles dois.

Shane grunhiu e jogou as costas na cama, cobrindo o rosto com as mãos. Estava *muito* fodido.

Capítulo vinte

O dia seguinte
Moscou

Ilya voltaria para Boston dali a um dia.

Andrei foi o testamenteiro do espólio do pai, do pouco que havia, e Ilya cumpriu seus deveres como filho. Seu papel estava finalizado.

Ao longo dos dias anteriores, percebera que não tinha mais motivo para voltar à Rússia. Provavelmente voltaria, um dia, mas não conseguia se imaginar passando mais um verão ali. Qualquer obrigação que já sentira tinha morrido com o pai.

Tomara a decisão impulsiva de dar o apartamento de Moscou para o irmão. Andrei poderia vendê-lo, ou usá-lo de ponto de encontro com as amantes. Ilya não dava a mínima, só não queria ter que lidar com a venda. Não havia nada ali que ele quisesse.

Estava sentado na cama do apartamento. Seria sua última noite dormindo lá.

Conseguia pensar em uma coisa que gostaria de fazer para comemorar a ocasião.

Ilya: Tá em casa?

A resposta foi imediata.

Jane: Tô.

Ilya sorriu e digitou: Chamada de vídeo?

Esperou e se perguntou se Shane entendia o que ele estava sugerindo.

Beleza, veio a resposta. Só um segundo.

Ilya tentou esclarecer um pouco as coisas para Shane, só para o caso de o canadense não ter entendido muito bem. Abriu a camisa e a largou no chão, depois empilhou alguns travesseiros em frente à cabeceira e se ajeitou no colchão. Mandou o convite de chamada de vídeo.

Shane atendeu, e ali estava ele, preenchendo a tela do iPad de Ilya. Vestindo uma blusa de moletom e… *óculos*?

— Puta merda, Hollander! Você usa óculos?

— Ah! — Shane tocou a armação, como se não acreditasse em Ilya. — Só pra ler. É, hum… novo. — Ele os tirou.

— Não! — falou Ilya, sorrindo. — Eu gostei.

— Bem… — disse Shane, e a forma como já estava corando era jogo baixo. — Eu *realmente* te enxergo bem melhor se ficar com os óculos. — Ele botou a grossa armação preta de volta no lugar. — O que foi? — perguntou, porque Ilya não conseguia parar de sorrir.

— O que você estava lendo? Aquele livro chato de hóquei?

Shane semicerrou os olhos detrás das lentes.

— Ligou só pra me zoar, é?

— Não. Não só pra isso.

Observou Shane morder o lábio inferior. *Meu deus, como ele é fofo.*

— Você estava pensando na gente… tipo… fazer coisas? — perguntou Shane, nervoso.

— Sim, mas primeiro, me mostra seu quarto. Tô morrendo de curiosidade de ver.

— É sério? Tá bem. — Shane tocou a tela e virou a câmera. De repente, Ilya estava olhando para uma cama king com um edredom azul-marinho.

— Essa é a cama — ouviu Shane dizer fora do enquadramento.

— Ah, jura?

— Vai se foder. Você que pediu. Aqui tá a cômoda, e o banheiro fica ali. E o closet. E aqui está a vista…

Ilya decidiu que não ligava mais para a vista, nem para o quarto. Era chato como ele esperava. Poderia muito bem ser um quarto de hotel.

— Por que não vai pra cama? — sugeriu.

— Jogar conversa fora já era, né?

— E tira a camisa.

— Mandão.

Ilya esperou Shane apoiar o tablet ou o que quer que estivesse usando, fazendo a tela ficar preta. Ouviu um farfalhar, depois Ilya estava olhando para o pé da cama.

— Melhor? — perguntou Shane.

— Não, vira a câmera.

— Ah, droga. Pronto. — E ali estava o rosto de Shane Hollander (com óculos) e os ombros nus preenchendo a tela.

— Agora sim.

— Como você tá? Eu ando… pensando em você.

O coração de Ilya deu cambalhota. Ele torceu para a reação não estar explícita em seu rosto.

— Estou bem. Talvez não volte mais pra cá, depois de hoje.

— Isso te assusta?

Ilya deu de ombros.

— No momento, é uma sensação… boa. Como, hum…

— Tirar um peso das costas?

— Isso. Talvez seja assim. Tem como eu ver mais de você?

— Ah. Aham… deixa só eu… espera um pouquinho.

Ilya apoiou o próprio iPad na mesa de cabeceira e se espreguiçou com as mãos detrás da cabeça. Quando Shane ressurgiu na tela, parecia ter feito algo semelhante, porque agora Ilya conseguia ver do topo de sua cabeça até o cós de elástico da calça de moletom.

Ilya queria, mais do que qualquer coisa, poder cobrir o corpo de Shane com o seu. Ir tracejando seu peito e abdômen com beijos.

Shane sorriu.

— É bom te ver de novo.

— Eu queria ver seu corpo inteiro nu, exceto pelos óculos.

— Acho que a câmera não consegue pegar tanto assim.

— Da próxima vez que estivermos juntos, então.

— É. Da próxima vez.

Ilya deixou a cabeça afundar nos travesseiros, mas a manteve virada para a câmera.

— Você lembra aquela vez, depois da Premiação da NHL em… Em qual ano foi aquilo mesmo?

— 2014 — falou Shane depressa. — Aham. Lembro, sim. Eu… eu penso muito naquela noite.

— Pensa, é?

— Foi memorável.

— Foi, sim — concordou Ilya. — Você fez um show pra mim.

— Ainda não acredito que você me convenceu a fazer aquilo.

— Acho que você gosta que mandem em você, Hollander.

Shane sugou o ar.

— Talvez. Um pouco.

— E é meio exibido também.

— Sou nada.

— É, sim. Você ama elogios. Quer que todo mundo veja o quanto você é bom.

— É, bem, você também é assim.

— Não. Eu sei que eu sou bom. Não ligo pro que as pessoas dizem.

Shane se inclinou para a frente e apontou um dedo acusatório para a câmera.

— Que mentira deslavada. Você ama as premiações. Os burburinhos favoráveis da imprensa. A torcida. Ama me derrotar.

— Amo derrotar todo mundo, mas sim. Você acima de todo mundo.

— Por quê?

Ilya deu de ombros.

— Porque você é o melhor.

— Não sou. E o Scott Hunter? Você gosta de ganhar dele também. Sempre fala mal dele.

Ilya abanou a mão no ar para discordar da afirmação.

— O Hunter é um velhote, e jogou muito mal esse ano.

— Ele é só uns três anos mais velho que a gente, e tem jogado superbem.

— Que seja. Não quero falar do Scott Hunter.

— Acho que você tem fetiche por caras bonzinhos.

Ilya riu.

— É isso que você é?

— É o que *você* diz — falou Shane. — O que todo mundo diz.

— Hmm. Mas sei a verdade sobre você. Era eu que estava naquele quarto de hotel em Las Vegas com você, sim? Mais ninguém.

— É — sussurrou Shane em um suspiro. — Só você.

— Tá duro agora, Hollander?

— O que você acha?

Ilya sorriu.

— Me mostra. Ajoelha. De frente pra câmera. Me mostra.

Shane obedeceu imediatamente, o que Ilya achou um tesão. A cabeça saiu do ângulo, mas Ilya conseguia ver o abdômen e a forma como o tecido da calça estava elevado por cima do volume óbvio quando Shane abriu os joelhos sobre o colchão.

— Você também — disse Shane, fora da câmera. — Quero ver.

Ilya copiou a posição de Shane, mostrando exatamente o quanto já estava excitado. Puta merda, como queria que estivessem juntos em algum lugar.

— Queria você aqui — falou Shane antes que Ilya tivesse a chance.

— Sim. O que faria?

— Tiraria a sua calça.

Ilya sorriu, embora Shane não pudesse ver daquele ângulo. Ele enfiou os polegares debaixo do elástico da calça de corrida e as arrancou. Quando ergueu o olhar, viu que Shane estava se apalpando por cima do moletom.

— Sem cueca — observou Shane. — Estava planejando isso, é?

— Talvez. — Ele botou a mão no pau e se masturbou de leve. — Tirei a calça. O que você faria agora?

Shane se abaixou em frente à câmera. A cabeça estava inclinada, e o cabelo, caído para o lado. Uma gracinha do caralho. Ele sorriu para Ilya.

— Acho que, depois desses anos todos, você sabe exatamente o que eu faria.

— Ainda assim quero te ouvir dizer.

O rosto de Shane saiu da tela. Ele segurou o pau com mais força por cima da calça e gemeu.

— Eu te botaria na boca. Te chuparia até o talo. Caralho, eu… Eu queria tanto. Agora mesmo.

— Hmm. Eu também. Amo sua boca, Hollander. — Ilya amava muitas coisas nele. — Quer que eu foda a sua boca? Ou quer que eu fique parado e te deixe fazer o que quiser?

— Fica parado. Deixa comigo. Quero fazer você se sentir tão bem.

Ilya soltou um gemido.

Shane arrancou a calça e a cueca, deixando-as estendidas entre as coxas abertas. Se masturbou, passando o polegar na ponta do pau. Ilya

sabia que Shane devia estar molhado; ele sempre babava gostoso.

Os dois bateram uma sem dizer nada por um ou dois minutos, depois Ilya viu a mão de Shane parar e cair para o lado.

— Ei, hum, Ilya?

— Sim.

Ele viu a mão de Shane se erguer para fora do ângulo, provavelmente para afagar o cabelo, nervoso. Ilya parou também.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou ele.

— Não. Mas… acho que prefiro ver seu rosto.

Ilya se sentiu grato por Shane não conseguir ver seu rosto naquele exato momento, porque teve certeza de que estava com o semblante mais manteiga derretida do mundo.

— Claro, Hollander — falou, com a voz tranquila.

Shane se reclinou na cama com a cabeça apoiada em um dos travesseiros. Puxou o tablet para mais perto do rosto e deu um sorrisinho tímido. Ilya se derreteu mais um pouco e se ajeitou da mesma forma na cama, puxando o próprio iPad para mais perto.

— Eu já tinha me esquecido dos óculos.

— Você gostou mesmo deles?

— Gostei.

Shane sorriu. Ilya não conseguiu conter um sorriso de volta. Era como se estivessem mesmo deitados juntos, cara a cara. Conversando depois de um longo dia.

Shane foi fechando os olhos devagar, e Ilya sabia que ele tinha retomado a punheta. E Shane estava certo mesmo — era muito melhor assim. Ver o rosto de Shane tão de perto enquanto se masturbava era muito mais íntimo do que se Ilya o estivesse vendo com a mão no pau. Não conseguir ver o que Shane estava fazendo para se fazer gemer e suspirar era incrivelmente excitante.

— Você é muito lindo — falou Ilya.

Shane sorriu sem abrir os olhos.

— Para.

— É a verdade. Suas sardinhas. — Ilya passou o dedo na própria bochecha. — Elas me deixam louco.

— Não sei por quê. Eu odeio.

— Nãooo — gemeu Ilya. — Hollander. Elas são estonteantes.

— *Estonteantes?*

— Sim. Não estou usando a palavra direito? Muito lindas. Hm… de tirar o fôlego?

— Uau. Tudo bem. — A pele sob as sardas de Shane ficou muito, muito rosada.

— Quando eu vi você pela primeira vez, essas sardas…

— Pela primeira vez? Tá falando do Campeonato Mundial Júnior? Em Saskatchewan?

— Sim.

Shane deu uma gargalhada de surpresa.

— Você foi tão babaca comigo.

— Hmm. Eu não gostava de você. Só das suas sardas.

Shane meneou a cabeça de leve no travesseiro.

— Hmm, valeu, eu acho.

— Eu te disse… — Ilya sorriu. — Você ama elogios.

Quando Shane não respondeu, Ilya falou:

— E gosta de monopolizar tudo só para você. Seu cuzão.

Shane riu, franzindo o nariz. As sardas se aglomeraram debaixo dos óculos, e Ilya quase morreu.

— Você é *muito atraente*, Ilya — falou Shane, em um tom exagerado e apaziguador.

— Isso não basta. Quero detalhes.

Shane abriu os olhos e os revirou. Mas emendou:

— Esse seu sorrisinho torto. Porra, não tenho nem palavras… ele me assombra.

— Te assombra? Que nem um fantasma? Não me parece uma coisa boa.

— Mas é. E seus olhos. Eu amo seus olhos.

— Que romântico, Hollander.

— Vai se foder. Você pediu elogios. Tá fazendo alguma coisa aí embaixo, ou eu sou o único?

Ilya riu.

— Não, você não é o único.

— Que bom.

Fora da câmera, Ilya terminou de tirar a calça.

— Espera — falou Shane. — Preciso pegar o lubrificante.

Ilya aproveitou a oportunidade para fazer o mesmo.

— Me admira você precisar — falou. — Você baba tanto.

Shane debochou.

— Até parece.

Ficaram em silêncio por um minuto, só encarando um ao outro enquanto se masturbavam com os dedos melados.

— Você pensa em mim? — indagou Shane. — Quando faz isso sozinho? — Corou bastante assim que perguntou. Fofo pra cacete.

— Sim.

— Eu também. Muito. O tempo todo. Talvez… todas as vezes, pra ser sincero.

Ilya arqueou uma sobrancelha.

— Todas as vezes?

Ele viu Shane discretamente dar de ombros na cama.

— Eu nunca… tive nada. Assim. Com ninguém.

— Você nunca ficou com outro cara? — Ilya talvez tenha prendido a respiração enquanto esperava a resposta.

— Fiquei.

Ilya soltou o ar. Claro que sim.

— Quem? — Não tinha sido sua intenção perguntar na lata, mas era tarde demais para voltar atrás.

Shane pressionou os lábios juntos.

— Ninguém. Para de me distrair.

Mas agora Ilya estava curioso. Shane era tão cauteloso. Com quem ele arriscaria transar?

— Me conta. Foi outro jogador?

— Não.

Ilya decidiu que a única maneira de extrair a informação de Shane era com uma abordagem de putaria.

— Você foi pra um bar, viu alguém e não conseguiu resistir?

— Eu fui… *porra*… eu fui pro México com o Hayden e alguns outros caras. Alguns… *ai, caramba*… anos atrás. Saímos uma noite e, sim, eu estava morrendo de medo, mas… caralho, fazia tanto tempo.

— Você se limita muito, Hollander. Não sei como aguenta passar tanto tempo sem se aliviar.

Shane deu uma risada um tanto sombria.

— Não gozei desde a última vez que te vi, sabia?

Ilya respirou fundo e acelerou os movimentos da mão. Lembrou que ele próprio também não gozava havia alguns dias, o que era uma seca e tanto para si mesmo.

— Me conta desse homem no México.

— Não tem muito pra falar. Ele era grande. Parecia, sei lá, ser o que eu estava procurando.

— Um ativo alto e forte? — Shane ficou com vergonha; Ilya se compadeceu. — E ele era mesmo? O que você precisava?

— Não. Quer dizer, mais ou menos. Mas…

— Ele te machucou?

— Não. Ele só não era…

Ilya precisava ouvir.

— Não era o quê?

Shane fechou os olhos e disse:

— Você. Ele não era você.

Ilya quase perdeu a compostura. Shane ia acabar com ele se ficasse falando assim.

— Foi só esse? — Ilya não conseguia impedir as perguntas de saírem de seus lábios.

— Teve um cara em Los Angeles, numa balada. Saí sozinho e estava desesperado.

— E?

— A gente se mamou, mas passei o tempo todo nervoso.

— Own.

— Foi só isso. Dois caras. E você.

Meu deus.

— O ativo mexicano. O mamador de Hollywood. E eu.

Shane riu.

— Isso. E várias mulheres decepcionadas.

— Várias?

— Algumas. *Enfim*, tô tentando bater uma aqui, então…

Ilya riu. Eles voltaram ao trabalho.

— Ei — disse Ilya, balançando as sobrancelhas de um jeito brincalhão. — Acha que consegue ser mais rápido que eu?

Shane levou um segundo para entender, e então riu.

— Quer *ver quem é mais rápido*?

— Bora, Hollander. Vamos ver qual é a sua.

Shane sacudiu a cabeça, mas estava sorrindo.

— Seu idiota — falou com afeição. — Tá bom. Bora.

E essas palavras de desafio fizeram um choque de desejo percorrer o corpo de Ilya. Não ia ter dificuldade nenhuma para ganhar aquela batalha.

— Acho… — disse Shane, com a voz já tensa — Acho que o vencedor devia ser quem aguenta mais. É mais impressionante assim.

— Claro que não. Você ia trapacear.

— *Ia nada!* Trapacear como?

— Não consigo ver sua mão, você poderia simplesmente parar.

— Mas não vou.

Ilya deu de ombros.

— Beleza, então. Você sempre goza rápido mesmo. Vai ser moleza pra mim.

Shane franziu o cenho, mas então algo fez seus olhos fecharem, e ele soltou um arquejo baixinho.

Ilya riu.

— Você não tem jeito mesmo — falou.

Em seguida, Shane abriu os olhos, e definitivamente havia certo perigo neles.

— Lembra daquela noite da escalação, na academia do hotel?

Ilya grunhiu. *Caralho.*

— Eu queria que você me prendesse no chão — confessou o russo. — Não conseguia parar de olhar pra sua boca. Achei que você fosse perceber.

— Não percebi. Eu estava ocupado demais me controlando pra não sentar no seu colo e te beijar.

— Puta que pariu, Shane.

— Não dava pra acreditar no tanto que eu queria. Aquilo me assustou. Eu nunca tinha…

— Nunca tinha desejado um homem? — perguntou Ilya, bufando.

— Não. Pelo menos, eu achava que não. Mas você… caralho, Ilya. Voltei pro quarto e gozei pensando em você.

Agora Ilya fechou os olhos. Se masturbou mais depressa. De repente, não ligava mais para ganhar essa competição idiota. Ofegante, falou:

— Eu também.

Shane grunhiu, e os dois aceleraram, preenchendo o quarto com os sons de seus suspiros.

— Mal posso esperar pra te tocar de novo — murmurou Shane. Em seguida, puxou o ar e soltou um som agudo, maníaco, e Ilya soube que, caso se segurasse por só mais um minuto, sem dúvidas iria ganhar, porque Shane com certeza estava prestes a gozar.

— Ai, caralho. Puta que pariu. Tô quase — gemeu Shane.

Ilya nem conseguiu responder. Forçou as pálpebras a se abrirem para conectar o olhar com o de Shane.

— Ai, cacete — disse Shane baixinho. — Vou gozar.

E, geralmente, Ilya ia querer ver, mas, naquele momento, não conseguia pensar em nada mais sexy do que ver o rosto de Shane Hollander enquanto ele gozava. Ilya sentiu o prazer inundando cada parte de seu corpo enquanto o orgasmo vinha intenso, cobrindo sua mão e o abdômen com os jatos.

— Puta que pariu — falou Shane, ofegante. — Gozei pra caralho. Fiz uma lambança aqui.

Ilya virou de costas e encarou o teto.

— Tô fodido — murmurou em russo. — Tô apaixonado pra cacete e isso é horrível.

Quando voltou a olhar para a tela, viu os olhos de Shane, embebidos de tesão, observando-o por trás dos óculos.

— É tão gostoso quando você fala russo. Sabia disso?

— Porque assim não pareço ridículo? Com o sotaque?

— Posso contar um segredo? Seu sotaque não é nada ridículo. Nem um pouco.

— Não? Você gosta?

— Gosto. E quero aprender russo. Eu não estava brincando.

— Eu te ensino.

Shane abriu um sorriso tão largo e iluminado que Ilya quase precisou desviar o olhar.

— É melhor eu deixar você dormir — falou Shane.

— *Da*. Sim. Está bem.

E então…

Shane beijou a ponta de dois dedos e tocou a tela.

Porra, o coração de Ilya *parou*.

— Boa noite, Ilya.

Ilya sentiu um nó terrível na garganta. No dia anterior, havia enterrado o pai, mas não tinha chorado. Fazia mais de dez anos que não chorava. Mas sabia, naquele momento, que *precisava* terminar as coisas com Shane. Essa história não era para ter chegado àquele ponto. Não era para ele ter *se apaixonado* por Shane Hollander. Devia ter terminado tudo muito antes, porque agora ia doer pra caralho.

O que mais poderiam fazer? Se continuassem daquele jeito, era uma mera questão de tempo até serem pegos, o que seria um desastre do caralho. Ilya não achava que a NHL tinha uma regra oficial a respeito de envolvimentos românticos com um jogador rival, mas só porque a liga não podia imaginar que fosse necessário implementar esse tipo de norma. Seria um choque e tanto se Ilya e Shane fossem descobertos. O maior medo de Ilya era ser expulso da NHL — ou pelo menos não receber mais nenhuma proposta em nenhum time —, e então talvez tivesse que voltar para a Rússia, e não queria pensar no que aconteceria com ele nesse caso.

Os riscos eram mais altos para Ilya, mas ele sabia que o relacionamento dos dois teria um impacto exclusivamente negativo na carreira de Shane também. E, apesar do que o mundo do hóquei achava, Ilya não queria isso.

— Boa noite, Shane — falou, mantendo a voz o mais estável possível. Assim que fechou a janela, cobriu o rosto com as mãos e soltou toda a angústia, a frustração e o medo no apartamento solitário.

Capítulo vinte e um

Abril de 2017
Montreal

Shane conseguia ver Ilya perto da linha de centro enquanto ambos os times se aqueciam antes da última partida da temporada. Sem capacete, o russo conversava com um dos colegas de time; seu cabelo ainda estava sedoso e seco ao redor do rosto.

Shane não tinha visto nem falado com ele desde a chegada do time de Ilya em Montreal. Haviam trocado algumas mensagens depois de Ilya ter voltado de Moscou, mas não tinham se visto cara a cara depois da memorável chamada de vídeo, se é que isso contava.

Ele estava no gelo agora, na beirada da linha de centro que servia como barreira entre os dois times durante o aquecimento. Shane viu a ponta do patins de Ilya alcançando a linha vermelha ampla do rinque. Parecia um desafio — ou um convite.

Shane patinou pelo perímetro do lado do Montreal e parou devagar bem na frente de Ilya.

— Oi.

Ilya olhou para ele e assentiu.

— Hollander.

Shane virou o taco para fingir inspecionar a fita na lâmina.

— Ainda tá de pé hoje à noite? Depois?

Ilya fez que sim, sem tirar os olhos do canto da arena.

— Lugar de sempre?

— Sim.

Shane viu a tensão no maxilar de Ilya.

— Ei — falou, o mais baixo que pôde. — Tá tudo bem?

Ilya se virou e fez contato visual com Shane, que sentiu uma pontada de desejo no coração. Estavam tão próximos, mas, debaixo do microscópio em que se encontravam, não podiam ir mais além.

— A gente conversa mais tarde — prometeu Shane.

— Sim. Mais tarde.

Ilya saiu patinando. Shane o observou, depois sentiu a cotovelada de Hayden em seu braço.

— O que o Rozanov queria?

— Nada — disse Shane, piscando e virando o rosto para Hayden. — Eu só… estava dando meus sentimentos. Pelo que aconteceu.

A notícia da morte do pai de Rozanov tinha se espalhado. Shane torcia para a imprensa não fazer muitas perguntas a Ilya a respeito de sua perda.

— Ah. Sim. Legal da sua parte — comentou Hayden. — Eu deveria ter pensado em fazer isso. É só que… é o Rozanov, né?

— Ele não é má pessoa — disse Shane, um tanto ousado. — Na maior parte é pura fachada.

— E muito convincente.

— Pois é, bem… — Shane quase disse "*todo mundo tem segredos*", mas se deteve. Em vez disso, falou: — Vamos só garantir que a gente ganhe hoje, beleza?

— Aí sim, porra.

Ilya adorava jogar contra Hollander quase tanto quanto adorava transar com ele.

Estava no canto com ele agora, duelando para ver quem pegava o disco, e essa era sua parte favorita de qualquer jogo.

Hollander ganhou e saiu patinando com seu prêmio. Ilya sorriu para si mesmo e disparou correndo atrás dele. Shane era melhor com o taco, mas Ilya patinava mais rápido, e logo o alcançou, arrancando o disco de sua lâmina por detrás.

Ilya ficou em posse do disco por um máximo de três segundos antes de Shane forçá-lo a bater nos painéis e roubá-lo de volta. Em seguida, saiu de perto de novo, com um olhar de desafio (e um tanto de flerte) para Ilya, que sorriu e se lançou atrás dele. Porém, dessa vez Shane estava *voando* e Ilya estava se esforçando para encurtar a distância entre os dois, e então…

Ai, meu deus. Não.

Aconteceu tão rápido que Ilya mal conseguiu processar. Em um segundo, Shane estava correndo pelo gelo, e no seguinte batendo nos painéis depois de ter colidido com Cliff Marlow.

E então, estava encolhido e imóvel no gelo, e Ilya não soube o que fazer.

— Shane?

Formas turvas e brilhantes e um som estridente.

— Não se mexe, está bem? Fica parado. A gente vai te tirar do gelo.

Gelo?

— Hollander?

Uma voz diferente?

— Ilya? — *Eu falei isso mesmo?* Shane ouviu a própria voz, mas será que tinha mexido os lábios? Piscou, tentando fazer a visão focar.

— Ele tá bem? — Sem dúvidas era a voz de Ilya. Mas estava diferente… instável. Em pânico.

— Tô bem — balbuciou Shane. Não fazia ideia se era verdade, mas não queria mais ouvir a preocupação na voz de Ilya.

— Vamos te botar na prancha de resgate, Shane. Fica com a cabeça parada, por favor.

Prancha de resgate?

— Ilya, por favor, se afaste — mandou uma voz autoritária. E o borrão escuro que pairava sobre Shane desapareceu.

— Não estamos sozinhos — falou Shane com a voz arrastada. — Ilya. Estão vendo a gente.

Sentiu mãos em seus braços e suas pernas. Depois vieram as alças, prendendo-o à prancha.

— Ele tá bem? — indagou Ilya de novo.

Ninguém respondeu.

— Fala pra ele — pediu Shane. — Fala pra ele que eu tô bem.

Ele queria virar a cabeça para olhar para Ilya, mas não conseguia.

De repente, Shane estava no ar. Observou as luzes e as vigas e as flâmulas suspensas nelas passarem em frente aos seus olhos enquanto era tirado do rinque. Ouviu aplausos.

Ai, meu deus. E se eu não estiver bem?

E se eu nunca mais andar?

— O que aconteceu? — perguntou por entre os dentes.

— Você levou uma pancada na cabeça. Bateu nos painéis.

Caralho.

— Tem uma ambulância esperando.

Shane franziu os lábios. Seus olhos ardiam. Estava *com medo.*

— Meus pais. Eles estão no jogo.

Shane viu os paramédicos trocando um olhar, depois um deles assentiu.

— Vamos avisar para onde estamos te levando.

Ele fechou os olhos, porque mantê-los abertos era difícil demais.

— Precisamos que você fique acordado, Shane. Está bem?

— Sim. Claro — disse Shane. À medida que a confusão começou a desanuviar, conseguiu se concentrar na dor que o invadia.

Sentiu o ar frio nos pés quando alguém removeu os patins.

— Consegue mexer os dedos pra mim?

Merda. Ele esperava muito que sim. Mas sentir o ar gelado só podia ser um bom sinal, né?

— Que bom — disse o paramédico, porque pelo visto Shane tinha mexido os dedos de maneira satisfatória.

Graças a deus. Graças a deus. Graças a deus.

Os paramédicos se atarantaram ao redor dele e conversaram uns com os outros, relembrando Shane de ficar acordado toda vez que ele fechava as pálpebras.

Shane pensou nos pais. *Devem estar tão preocupados.*

Pensou em Ilya. Queria poder mandar mensagem. Queria poder dizer que mexeu os dedos dos pés.

O que será que o atingira? Não se lembrava.

Deviam estar mostrando imagens do impacto diversas vezes na televisão.

Aquilo nunca tinha acontecido com Shane. Por algum motivo, em todos os seus anos jogando, ele nunca tinha apagado.

Basta uma única vez.

Sua visão ficou turva de novo, mas agora foi por causa das lágrimas que se formaram em seus olhos.

O jogo estava quase no fim, certo? Shane não conseguia se lembrar, mas tinha quase certeza de que era o terceiro tempo. Montreal estava ganhando.

E se eu não conseguir jogar nos play-offs*?*

Shane estava dois gols à frente de Ilya na pontuação, com uma semana restante na temporada regular. Ele podia dizer adeus à liderança.

— Shane? A gente precisa que você fique de olhos abertos, está bem?

— Desculpa.

Ilya teve que esperar até de manhã para poder ir ao hospital. Seu time ia para o aeroporto dali a duas horas.

Ele era o capitão. Não era atípico que o capitão do time adversário fosse ver se o oponente que seu colega de time baqueou estava bem.

Marlow, seu filho da puta. Ele sabia que Cliff se sentia mal. Não tinha sido sua intenção bater em Shane com tanta força, muito menos em um ângulo tão esquisito. Mas ainda assim Ilya queria acabar com a raça dele.

Uma mulher superinteressada na recepção do hospital passou o número do quarto de Shane para Ilya. Ela parecia impressionada com a camaradagem esportiva do russo.

A porta estava entreaberta, então Ilya a empurrou de leve. Hollander estava um pouco elevado na cama do hospital, quase que em uma posição sentada. O quarto, para o alívio de Ilya, estava vazio.

— Ilya! — exclamou Shane. O braço esquerdo estava em uma tipoia.

— Oi — disse Ilya, meio sem jeito. — Eu só precisava… Você tá…?

— Eu tô bem — falou Shane, dando um sorrisinho tímido, e Ilya sabia que ele estava feliz em vê-lo. — Quer dizer, tô com uma concussão e uma clavícula fraturada. Tô fora dos *play-offs*. Mas…

— Podia ter sido pior.

— Isso.

— O Marlow… Ele tá se sentindo mal — disse Ilya, inutilmente. — Ficou muito… irritado com ele mesmo. E eu também fiquei.

Shane debochou.

— Faz parte do jogo. Sei que não é um jogador maldoso. Todo mundo passa por isso, né?

Shane devia ter recebido uns medicamentos *dos bons*. Estava sorrindo e tudo.

— Mas acho melhor ele não dar de cara com a minha mãe em um beco escuro — brincou. — Ela tá com sangue nos olhos.

— Vou avisar.

Ilya queria tocá-lo e saber que *de fato* estava tudo bem. Passara quase a noite inteira em claro, doido de preocupação e atualizando sites de esportes em busca de notícias sobre as lesões de Shane. Não conseguia pregar os olhos sem ver o corpo inerte de Shane caído no gelo.

A preocupação provavelmente transpareceu nos olhos de Ilya, porque Shane estendeu a mão boa e disse baixinho:

— Ei.

Ilya fechou a porta e foi para o lado da cama. Passou os dedos de leve no rosto de Shane, que olhou para ele e sorriu.

— Você me assustou — admitiu Ilya.

— Me assustei também.

— Mas vai ficar tudo bem?

— Vai, vai ficar tudo bem. Eu queria te contar ontem à noite. Queria ter te mandado mensagem. Eu…

— Shhh.

Shane fechou os olhos, sentindo os dedos de Ilya em seu cabelo.

— Eu estava tão animado pra ontem à noite — murmurou Shane.

— Sim.

— Tô mais puto pelo Marlow ter estragado *essa* parte da noite do que por isso aqui.

Ilya riu.

— Quando a gente vai poder de novo? — perguntou Shane.

E, a despeito de si mesmo, naquele momento Ilya queria dizer que ia ficar com Shane. Que ia se mudar para o apartamento dele, ajudá-lo na recuperação, fazer sanduíches, assistir aos *play-offs* com ele e ler aquele livro chato de hóquei para ele.

Mas, é óbvio, não podia.

— Agora vou ficar meio enrolado. Ganhando a Taça Stanley e tal — disse Ilya com um sorriso forçado.

Shane fez careta.

— Sinto muito — falou Ilya, com sinceridade.

Shane fechou os olhos de novo.

— Que droga, viu.

— Pois é.

— Queria ter falado com você ontem à noite, antes de isso acontecer.

Ilya também queria conversar, mas tinha certeza de que Shane não gostaria do que ele planejava dizer. Havia se convencido de que a única coisa sensata a fazer era botar um fim definitivo no que existia entre eles dois. Aquela história não poderia acabar bem. O coração de Ilya tinha entrado em jogo, e isso mudava tudo. Não era mais emocionante nem divertido — era tortura. Ele ia dizer isso a Shane na noite anterior, mas então…

— Shane — disse, suspirando.

Shane levantou a mão e pegou a de Ilya, entrelaçando os dedos e segurando firme.

— Você vai pro chalé?

— E-eu… não sei. — Não. Não, Ilya não podia fazer isso de jeito nenhum. Não podia passar tanto tempo assim sozinho com Shane. Não se quisesse se libertar daquilo.

— Podemos tirar uma ou duas semanas, Ilya — disse Shane. — Você sempre quis ter mais tempo, né?

Um embrulho no estômago. Era melhor dizer não e pronto. Deixar Shane acreditar que Ilya não queria dele mais do que uma ou duas horas roubadas de tempos em tempos ao longo de cada temporada.

Porém, em vez disso, roçou o polegar no dorso da mão de Shane e falou:

— Claro.

— Então vamos. Por favor. Vai ser só nós dois, totalmente sozinhos pelo máximo de tempo que você quiser ficar.

E, deus, parecia uma ideia tão perfeita. Além do mais, Shane olhava para Ilya como se seu coração fosse cair aos pedaços caso ele dissesse não.

Então Ilya escolheu a covardia.

— Talvez.

Shane sorriu para ele como se não fosse um homem em uma cama de hospital com lesões graves.

A maçaneta da porta girou, e Shane soltou a mão depressa. Ilya deu um sobressalto para trás e se virou para a enfermeira que tinha entrado no

quarto.

— Epa, epa — falou com um sorriso. — Não tá tentando sufocar ele com um travesseiro, né, Rozanov?

— Não — respondeu Ilya, dando um sorriso trêmulo em resposta. — Eu só estava… indo embora, na verdade.

— Obrigado por aparecer — disse Shane em um tom profissional. — Agradeço muito.

Ilya assentiu.

— Boa recuperação, Hollander.

Saiu rápido do quarto de hospital do homem que ele amava e forçou a si mesmo a se concentrar em vencer a Taça Stanley.

Capítulo vinte e dois

Maio de 2017
Ottawa

— O Rozanov se machucou.

Shane virou a cabeça de onde estava deitado no sofá para olhar para a mãe.

— O que te faz dizer isso? — perguntou ele.

— Ele não tira a mão das costelas. Dá pra ver pela posição do corpo dele. Olha só — indica a mãe, apontando para o replay em câmera lenta na TV. — Aqui, olha. Ele se esquiva. Podia ter roubado o disco do Hunter, mas amarelou.

A mãe tinha razão, é claro. Shane já sabia que Ilya estava jogando a segunda rodada dos *play-offs* escondendo uma lesão nas costelas.

Montreal tinha sido derrotado na primeira rodada, contra Detroit, e Shane se sentia péssimo por isso. Detroit entrou nos *play-offs* por pura sorte, e era para ter sido fácil para Montreal. Mas Shane não conseguira jogar, e o goleiro deles tinha pegado uma gripe, então o time sofreu e sofreu até, no fim das contas, perder.

Shane *deveria* estar lá, ajudando a equipe, mas estava se recuperando na casa dos pais em Ottawa. As dores de cabeça estavam melhorando, mas ele ainda continuava muito cansado. A clavícula já tinha quase sarado.

Ilya não falava com ele tanto quanto Shane teria gostado, mas sabia que ele estava ocupado. E focado.

— Acho que Nova York vai ganhar a Taça — comentou a mãe.

— Nova York, é?

— Sim. O Scott Hunter tá determinado. Dá pra ver. Nove temporadas sem uma taça! Ele vai fazer de tudo pra ganhar dessa vez. — Yuna

Hollander raramente errava quanto a essas coisas.

— Bem — disse o pai, animado —, pelo menos não vamos ter que ver o Rozanov erguendo a taça.

— Mas foi gentil da parte dele ir ver o Shane no hospital — concedeu a mãe. — Quanto a isso não posso discordar. — O pai fez um som de concordância.

Shane queria se lembrar dos detalhes da visita no hospital. Seu cérebro estava atordoado por causa da lesão e mais turvo ainda por causa dos remédios. Se lembrava dos dedos leves de Ilya em seu rosto e no cabelo. Se lembrava de ter ficado feliz ao vê-lo. Mesmo agora, só de saber que Ilya tinha ido até o hospital, já sentia um calorzinho formigar pelo corpo inteiro.

Shane estava tão apaixonado. Se fosse preciso, bateria a cabeça quantas vezes mais fosse preciso para estar a sós com ele naquele quarto de hospital quieto com aqueles dedos cautelosos e os olhos preocupados.

Estava apaixonado e nunca poderia dizer isso a Ilya.

Mas talvez… talvez pudesse ao menos contar aos pais… parte da verdade?

Jesus, mas como? Só… colocar tudo para fora? Como que as pessoas faziam esse tipo de coisa?

Certamente não era enquanto assistiam a uma partida de hóquei juntos.

— A Rose Landry por acaso falou com você? — perguntou a mãe, do mais absoluto nada. Que baita sinal, hein?

— Aham, ela me mandou mensagem quando eu estava no hospital. Viu que me machuquei.

A mãe ficou parecia satisfeita com isso.

Bem, a melhor hora é o agora.

— Nós não… nós somos só amigos, mãe.

— Eu sei. As agendas de vocês dificultam muito um relacionamento. Mas outros jogadores conseguem. Olha só o Carter Vaughan e aquela Gloria sei-lá-o-quê da TV.

— Não, é… — Shane ajeitou a posição para se sentar um pouco, e fez careta quando sentiu uma pontada de dor na cabeça. — Não é questão de agenda. Quer dizer, sim, isso dificultaria as coisas, mas não é esse o motivo.

A mãe olhou para ele com empatia.

— Quando for pra ser, você vai saber — disse ela.

E Shane deu para trás. Porque não podia contar aos pais que o que era para ser *já tinha* sido, e era justamente o russo de pavio curto que naquele momento estava indo para o banco de penalidade na televisão.

— É. Eu sei.

Shane teve o impulso ridículo de mandar uma mensagem para Ilya só dizendo "eu te amo". Estava com as palavras entaladas, preenchendo cada parte dele, e a força de impedi-las de sair estava ficando cada vez mais difícil de suportar.

Em vez disso, mandou mensagem para Rose.

Shane: Minha mãe tá querendo saber quando a gente vai voltar.

Ela respondeu alguns minutos depois. Hahah!

Em seguida:

Rose: Foi mal. Não é engraçado. Como você tá? E sua cabeça?
Shane: Tá melhorando. Agora já consigo ver tv sem óculos escuros.
Rose: Mas ver tv de óculos escuro fica TUDO!

Shane respondeu com o emoji de óculos de sol.

Rose: Tem um enfermeiro gostosão cuidando de você?

Shane riu, o que fez os pais olharem para ele de repente.

Shane: Não. Tô na casa dos meus pais.
Rose: Que pena.
Shane: E se eu pedir pra eles contratarem um enfermeiro gostosão pra mim? Seria um jeito bom de me assumir pra eles?
Rose: Sem brincadeira, dei uma gargalhada aqui.

Shane também riu.

— Tá falando com quem? — perguntou a mãe.

— Ninguém — falou Shane depressa. — Só o Hayden. — *Mentiras e mais mentiras.*

— Como tá a bebê?

Bebê? Ah!

— Tá ótima! Sabe como eles são. O Hayden e a Jackie estão totalmente apaixonados por ela. — *Devem estar.*

— Você não deveria ficar olhando tanto pro celular. Não faz bem pra concussão.

— Eu *sei*, mãe! — rebateu Shane.

Ela levantou as mãos, fazendo cena.

— Desculpa se eu me preocupo com a saúde do seu cérebro!

Ele revirou os olhos.

— Vai por mim, tem *muita* gente preocupada com a saúde do meu cérebro.

Shane vinha ficando com os pais desde que saiu do hospital, e a companhia estava começando a se desgastar. Era sortudo por tê-los, e não conseguia imaginar como seria ter que suportar a recuperação sozinho, mas sentia falta da independência.

Se bem que havia *uma* pessoa com quem ele não se importaria de estar. Mas o dito cujo estava puto da vida na televisão.

Mas também estava um gostoso. Ilya tinha deixado a barba crescer para os *play-offs* — o tipo de barba que Shane sempre invejara. Até mesmo quando Shane tinha chegado nas finais concorrendo pela Taça Stanley, o máximo que conseguira era chegar a alguns tufos de barba patéticos, espaçados feito ilhas pelo rosto. Ilya tinha uma barba cheia e escura que emoldurava seus lábios carnudos e, ai, deus. Agora Shane só conseguia pensar em sentir aquela barba roçando sua coxa.

A questão sobre a qual vinha tentando não se preocupar demais — porque sua situação já era deprimente o bastante — era que não tinha lá tanta convicção de que um dia voltaria a sentir *qualquer* parte de Ilya tocando-o mais uma vez. Seria a piada mais triste do mundo, não? Assim que Shane enfim admitira para si mesmo que *queria* ficar com Ilya, podia ser que o acordo conturbado dos dois acabasse de uma vez por todas.

Não que alguém tivesse dito algo específico quanto a terminar as coisas. Não tinham se falado muito desde o dia em que Ilya fora ao hospital. Era só uma impressão de que talvez a coisa toda tivesse ficado intensa demais. Mais difícil de conter ou de fingir que não significava nada. A única opção segura era voltar atrás.

Shane esperava que Ilya lhe dissesse isso assim que os *play-offs* acabassem. E, pelo visto, com os minutos finais da partida no relógio, a temporada acabaria para Ilya naquela noite mesmo.

A parte idiota de Shane queria lutar por Ilya. Por *eles dois*. A parte sensata, no entanto — a que estava no controle da maior parte das questões de sua vida —, sabia que não poderia haver um futuro com Ilya. Não poderia haver um *presente* com Ilya. Precisavam terminar as coisas depressa e de uma vez, sem nunca olhar para trás. O outro caminho só levava a sofrimento, escândalo, tristeza e… palavras russas suaves sendo sussurradas na pele de Shane. Levava a cair no sono com braços fortes ao redor dele, e acordar com um sorriso moroso e torto e beijos que faziam cócegas. Levava a sanduíches de atum caseiros e aos preciosos momentos em que Ilya lhe oferecia pedacinhos de si que ele geralmente resguardava tanto.

O jogo acabou. A temporada de Ilya tinha terminado. Era só questão de tempo antes de tudo ter fim também. E Shane não sabia o que poderia fazer para prevenir que isso acontecesse.

Mas sabia que queria.

Junho de 2017
Boston

Jane: Não acredito que Nova York finalmente vai levar a taça.

Ilya também estava incrédulo. O infeliz do Scott Hunter ia ser um campeão da Taça Stanley dali a cerca de quarenta segundos.

Ilya: Odeio o Hunter.
Jane: Odeia nada.
Ilya: Odeio, sim.
Jane: Para. Vou ficar com ciúmes se você continuar falando assim.

Ilya riu. Sozinho em sua cobertura em Boston, ele riu.

Os últimos segundos da partida final da última série de *play-offs* se esgotaram, e o jogo acabou. O gelo foi tomado por homens animados com

camisetas azuis, e Ilya voltou sua plena atenção ao celular, para não ter que sentir tanto a pontada de inveja.

Estava *entediado*. Os *play-offs* tinham acabado para ele havia semanas. Sem saber o que fazer ou aonde ir, tinha se enfurnado em Boston. Agora, era o único lugar que chamava de casa, embora não tivesse amigos de verdade lá. Havia colegas de time que passavam o verão na cidade, mas nenhum com quem tivesse intimidade.

Porém, sua coleção de carros ficava ali, o que já era alguma coisa.

Se bem que, da última vez que visitara a garagem, três dias antes, meio que não tinha sido nada de mais.

E já não chamava mais Svetlana porque… porque não.

Então, estava assistindo ao jogo de hóquei, sozinho, e trocando mensagens com o homem com quem desejava desesperadamente estar passando o verão.

Ilya: Acha que o Hunter vai beber chá com a taça?
Jane: Cafeína? De jeito nenhum. O Hunter não é tão ousado assim.

Ilya riu de novo.

Ilya: Leite, então.
Jane: Quente. Depois, já pra cama!

Ilya olhou para a televisão e viu a Taça Stanley sendo entregue para um Scott Hunter sorridente.

Jane: Estou feliz por ele.
Ilya: Claro que está.

Tivera toda a intenção do mundo de terminar com Shane. Mas não havia conseguido. Ainda não. Por ora, podiam trocar mensagens, se provocar e fingir que eram só amigos ou sei lá.

O convite de Shane para Ilya ir ao chalé ainda existia. Shane não estava forçando a barra, e Ilya não tocava no assunto, mas o convite existia. Se não fosse a pior ideia do mundo, Ilya já estaria a caminho de Casa do Caralho, Ontário.

Os jogadores na TV estavam beijando as esposas e pegando os filhos no colo. Seria legal, pensou Ilya, ter alguém para beijar depois de ganhar a Taça.

Talvez esse pudesse ser seu objetivo para o ano seguinte: esquecer Shane e encontrar uma mulher de quem pudesse gostar o suficiente a ponto de ficar com ela até o fim dos *play-offs*.

Ilya se esticou para pegar o controle, e estava prestes a desligar a televisão, quando…

Puta merda.

Puta. Merda.

O puto do Scott Hunter estava *beijando um homem*. Não dando um beijo na bochecha de um colega de time no estilo "te amo, mano". Scott Hunter estava beijando um homem vestido com roupas comuns *bem na boca*. E parecia ter línguas envolvidas.

O celular de Ilya vibrou.

Jane: Puta que pariu.
Jane: Tá vendo isso?
Jane: Caralho, o que é isso?!!!? Eles estão namorando???!!!!!

Ilya só encarou a televisão, observando Scott Hunter e seu provável namorado. Ou Scott Hunter e o bonitão aleatório que ele tirou da multidão. Ilya não conseguia processar o que estava vendo. Como é que aquilo poderia ser real?

Mas ali estava Hunter, sorrindo para o homem misterioso como se ele fosse a única coisa que importava nesse mundo. E segurando seu rosto ao se inclinar para beijá-lo novamente. Para Ilya, a sensação era de que estava vendo as piores coisas de sua vida sendo sugadas por um tornado.

E então, a câmera cortou para cena, e Ilya olhou para o celular.

Jane: O que tá rolando??!!! Ele acabou de fazer isso mesmo???!!!

Ilya pressionou o botão de ligar.

Houve um único toque, e então:

— Puta merda, Ilya! Você acre…

— Eu vou pro chalé.

PARTE QUATRO

Capítulo vinte e três

Julho de 2017
Ottawa

Ansioso, Shane tamborilava os dedos no volante.

Queria ter ido ao aeroporto para receber Ilya direito, mas *um* deles sozinho no aeroporto já chamaria a atenção demais — os dois juntos seria um pandemônio.

Abaixou mais ainda a aba do boné e olhou no retrovisor.

Ainda estava em choque por Ilya ter aceitado o convite — embora talvez o crédito devesse ir todo a Scott Hunter, que se assumiu *bem* publicamente na noite em que ganhara a Taça Stanley. Ele também tocara no assunto nas entrevistas daquele dia, e ainda mais em seu discurso na Premiação da NHL na semana anterior. Shane assistira ao discurso… algumas vezes. Queria muito ter ido na cerimônia para ver pessoalmente, mas viajar para Las Vegas parecia um esforço desnecessário para seu corpo recém-curado.

Ainda assim, teria gostado de trocar um aperto de mão com Hunter.

Em vez disso, mandou um e-mail. Escreveu diversos rascunhos antes de enviar um que simplesmente reconhecia a coragem de Hunter. Shane escolhera as palavras com cautela, porque não tinha a coragem de Hunter. Pelo menos ainda não.

Mas talvez Hunter acabasse entendendo o que Shane queria dizer de verdade.

Um jogador da NHL se assumir gay pela primeira vez era emocionante, mas um jogador de cada time da liga poderia fazer o mesmo e ainda assim a situação de Shane continuaria na mesma. Ser gay — ou o que quer que fosse — não era bem o que criaria um escândalo. Transar com seu maior

rival ao longo de *toda a carreira na liga* era algo que ninguém entenderia. Ninguém mesmo. Shane tinha a impressão de que até mesmo Scott Hunter, o novo garoto propaganda de aceitação e tolerância da NHL, se assustaria se soubesse o que ele fazia com Ilya.

Os dois virariam uma piada. Se o mundo descobrisse, nunca deixariam de ser o seguinte: os jogadores de hóquei depravados que transavam em segredo. E Shane não queria ser isso. Nem um pouco. Só queria ser o melhor jogador do mundo e estar em um relacionamento com o homem por quem até que enfim conseguia admitir que estava apaixonado, sem vergonha e sem medo.

Mas isso não era possível. Tudo o que poderia ter era duas semanas com Ilya, escondidos onde ninguém os encontraria.

Ouviu as rodinhas da mala antes de ver Ilya no espelho, atravessando a entrada de carros.

Shane considerou sair do carro, mas decidiu ficar onde estava. Quando chegassem no chalé, estariam seguros, mas não havia motivo para estragar as coisas agora. Só precisava sair de Ottawa sem que ninguém percebesse que Shane Hollander e Ilya Rozanov estavam juntos em julho.

À medida que Ilya se aproximou, Shane viu que ele também estava com o boné baixo, usando óculos aviador grandes. Shane ficou se perguntando se alguém o havia reconhecido dentro do aeroporto.

Ele abriu o porta-malas do SUV para Ilya guardar a bagagem. Não trocaram uma palavra sequer até Ilya entrar no banco do carona.

— Que porra é essa que você tá dirigindo, Hollander?

— Um Jeep Cherokee.

Ilya riu pelo nariz.

— O que foi? É prático, ué!

— Você é milionário.

— E qual é o problema de um Cherokee? — indagou Shane, dando partida. — É bom na neve. Cabe uma penca de coisa também. É um carro bom.

— Pra um pai que mora no subúrbio.

— Antes isso que um carro esportivo onde meus joelhos ficam acima da cabeça.

— Hm.

Só voltaram a se falar quando Shane saiu do estacionamento.

— O voo foi bom?

— Aham.

— Leva umas duas horas pra chegar no chalé.

— Beleza.

— Você tá com fome ou algo do tipo? A gente pode parar e um de nós pode…

Ilya deu de ombros.

— Acho que você vai gostar do chalé. É bem relaxante.

— É isso que a gente vai fazer? — perguntou Ilya. — Relaxar?

Shane engoliu em seco e virou para pegar a estrada.

— Espero que sim — respondeu por fim. — Eu gostaria de relaxar com você. Pela primeira vez na vida.

Por um instante, olhou para Ilya, que estava com a cabeça virada para a janela do banco do passageiro.

— Fiz compras ontem — comentou Shane. — Acho que a gente não vai precisar… sair. Não com muita frequência.

Seguiram em silêncio por alguns minutos. Shane ficou se perguntando se Ilya estava tão em pânico quanto ele de repente tinha ficado. Duas semanas. Sozinhos juntos. Talvez constantemente sozinhos juntos.

O que tinha passado pela cabeça dele quando sugeriu isso?

— Obrigado — falou Ilya. — Por ter me convidado.

Shane sentiu o pânico dar uma acalmada.

— Fico feliz que você tenha vindo.

— Eu também. Mas… apavorado, né?

Shane riu, aliviado.

— É, eu também.

Os dois sabiam que, se passassem desse ponto, não haveria como voltar atrás. Ainda mais do que quando se beijaram pela primeira vez, ou transaram. Aquilo era uma fronteira desconhecida, um novo nível de intimidade.

— Alguém te reconheceu no aeroporto?

— Não, acho que não.

Shane assentiu.

— O chalé fica no fim de uma estrada privada. Vamos estar totalmente sozinhos lá.

— Nenhum parente vai te visitar?

— Não, eu, hum, disse que precisava de algumas semanas sozinho. Falei que era, sei lá, uma parada psicológica. Tipo um esquema de treino mental de meditação.

— Que esperto.

— Ninguém vai nos incomodar.

Ele reparou que Ilya estava roendo a unha.

— Eu, hm, não via a hora — comentou Shane.

— Sim. Eu também.

Shane sorriu e tirou uma das mãos do volante. Ilya rapidamente entrelaçou os dedos dos dois e apertou.

Duas semanas. Por duas semanas, poderiam fingir que a situação não era impossível.

Ilya foi atingido com uma onda abrupta de "puta que pariu, isso está mesmo acontecendo" quando Shane estacionou o carro de frente para a imensa casa do lago que ele vira naquela matéria de TV.

Tinha quase certeza de que chalés costumavam ser bem menores do que aquela casona de fachada de pedra, mas era de fato, como Shane prometera, remota. Ilya não se lembrava de já ter ido a algum lugar parecido com aquele; um lugar onde realmente poderia baixar a guarda e não se preocupar em ser reconhecido.

Não era de se admirar que Hollander o adorasse.

Hollander, percebeu ele, tinha tirado a bagagem de Ilya do porta-malas e a estava carregando em direção à casa, como se Ilya fosse uma tia de visita ou algo do tipo.

— Eu dou conta de levar as minhas coisas.

Shane só continuou andando.

— Como estão as costelas? — indagou.

— Estão bem. Posso levar a mala.

— Não acredito que você jogou com as costelas machucadas.

— Ah, não acredita?

Shane lançou um sorriso por sobre o ombro.

— É, acho que acredito, sim.

Abriu a porta, e eles entraram. Era uma casa espetacular. Aberta e espaçosa, com pé-direito alto e vigas expostas. A parede oposta era de

janelas que iam do chão ao teto e tinham vista para o lago. Ilya conseguia ver um cais enorme com uma piscina e uma jacuzzi. Mais ao longe, havia uma doca e uma casa de barcos.

— Fica à vontade — falou Shane.

Ilya entrou na sala de estar. Tirou os óculos de sol e os prendeu na frente da camisa. E ali estava tudo que tinha visto na TV: o sofá modular de couro, a vista espetacular e os travesseiros e as mantas de estampa xadrez em estilo canadense.

Meu deus do céu. Ele estava na *casa* de Shane Hollander.

— Posso te dar um tour, se quiser — ofereceu Shane. — Ou, se estiver com fome… como eu disse, dei uma reforçada nas compras. Tem um frigobar com cerveja na sala de jogos ao lado da mesa de sinuca…

Shane estava a uns bons dois metros atrás de Ilya, que deu as costas ao lago para encará-lo.

— A água da torneira aqui é ótima — prosseguiu Shane, nitidamente nervoso. — Tem uma fonte natural por perto e…

Ilya foi até ele com passos lentos e deliberados. Shane ergueu a cabeça, e Ilya conseguiu vê-lo engolindo em seco.

Ficaram assim por um momento, um olhando para o outro em silêncio, esperando o que quer que estivesse prestes a acontecer. Por fim, Ilya levantou a mão para roçar a parte de trás dos dedos na bochecha de Shane, que inconscientemente lambeu o lábio, e Ilya chegou mais perto para beijá-lo.

Assim que a boca de Shane se abriu na dele, tudo fez sentido. Todo o nervosismo de Ilya foi embora, e ele agarrou a camiseta de Shane e o puxou mais para perto. Shane soltou um gemidinho e enfiou as mãos debaixo de seu boné, derrubando-o no chão. Emaranhou os dedos no cabelo do russo e começou a levá-lo de costas para o sofá de couro.

Fazia meses que não ficavam. A coisa mais ridícula era que Ilya não tinha ficado com *mais ninguém* esse tempo todo. Pela primeira vez na vida, *não quisera* ficar com mais ninguém.

Só que, naquele momento, a sensação era de que ia explodir se Shane não o tocasse bem do jeitinho no qual não conseguira deixar de pensar.

Ilya se abaixou para o sofá de bom grado quando Shane o empurrou, sem tirar a mão da camisa dele para que Shane imediatamente caísse em

seu colo. Ilya fez careta quando os óculos de sol fizeram pressão em seu peito, depois os arrancou e os jogou em algum lugar pelo chão.

Ilya beijou Shane com voracidade, arqueando a cintura para aumentar a fricção no seu pau, e ficou satisfeito ao sentir que Shane estava tão duro quanto ele.

Arrancou a camisa de Shane e desceu as mãos para abrir o zíper da calça dele.

— Merda. — Shane ofegava. — Eu… Meio que faz muito tempo… Talvez eu não dure muito.

— Aham. Eu também. Mas temos duas semanas, né?

Shane riu.

— Isso. — Em seguida: — Espera… "Eu também"?

— Hm?

— Você disse "eu também". Você não… ficou com ninguém? Nesses últimos tempos?

Ilya fez careta. Talvez tivesse sido melhor não admitir isso. Mas…

— Não.

— Tipo, desde…

— É. Desde aquele dia. Agora a gente pode voltar a…?

— É sério? — Shane se afastou para olhar bem nos olhos de Ilya. Ele parecia surpreso e muito, muito feliz.

— Não é nada de mais, Hollander. Relaxa.

— Mas já faz uns…

— Meses. Sim. E por isso eu gostaria muito que você…

— Eu também não — acrescentou Shane depressa. — Não desde a última vez que a gente ficou. Em Boston.

— Bem, então… — falou Ilya, movendo a mão para continuar a abrir a calça de Shane. Porém, Shane não voltou a roçar a virilha na dele nem a atacar a boca de Ilya com beijos safados e desesperados. Em vez disso, levantou a mão e, com delicadeza, afastou uma mecha do rosto de Ilya, que só conseguia encarar, admirado, o rosto de Shane, que o olhava com tamanha… ternura.

— Tenho uma ideia — falou Shane, passando o polegar sobre o lábio inferior de Ilya.

— Qual? — indagou o russo, com mais coragem do que realmente sentia.

— Vamos ser sinceros um com o outro. Durante essas duas semanas, vamos só… dizer o que estamos pensando. Talvez… dizer como a gente se sente.

Não posso, Ilya quis dizer. *Não posso porque, se eu fizer isso, você vai me achar patético, ou pior, vai dizer que sente a mesma coisa, e aí o que caralhos a gente faz?*

— Vou tentar — foi o que respondeu.

— Vai? — questionou Shane, desconfiado.

— Vou! Faço o que for preciso pra você tocar agora na minha pica!

Shane riu e revirou os olhos, mas deslizou pelo corpo de Ilya, puxando os shorts e *graças a deus*.

Shane o botou na boca, e tudo voltou a ser simples. Ilya sentiu uma onda de prazer misturado com alívio, e conseguiu relaxar e aproveitar a determinação com a qual Shane sempre o chupava.

Ilya trapaceou e murmurou em russo:

— Eu ficaria pra sempre aqui se pudesse.

Sentiu Shane suspirar com a boca ao redor dele, mas soou mais sonhador do que exasperado. Talvez ele entendesse o significado. Talvez sentimentos não pudessem ser escondidos detrás de palavras estrangeiras.

Como esperado, Ilya não durou muito. Nem Shane, quando Ilya prontamente retribuiu o favor. Mas a coisa mais surpreendente era que as chupadas não foram a melhor parte da tarde. Depois de já terem quebrado o gelo inicial, só ficaram relaxados e encostados um no outro no sofá. As roupas que tinham continuado em seus corpos estavam amassadas e abertas; os dois com o cabelo bagunçado. Conversaram baixinho enquanto — não havia outra expressão para definir — *ficaram de chamego* por mais de uma hora. Shane enrolava mechas do cabelo de Ilya nos dedos e as soltava devagar; Ilya passava os dedos sobre as sardas de Shane. De vez em quando, Ilya beijava o maxilar de Shane, ou o pescoço — ou, uma vez, a ponta do nariz.

Ilya não conseguia acreditar no ponto em que havia chegado. Estava… *enfeitiçado*. Era de se embrulhar o estômago.

Mas era difícil ligar para isso quando Shane estava deitado em cima dele, com o peito e o abdômen lisinhos tocando cada centímetro dos de Ilya. A franja caindo, fazendo cócegas no nariz de Ilya. Os olhos escuros, as

sardinhas, o *sorriso*. Shane parecia estar tão feliz. Por algum motivo, Ilya o fazia feliz.

Ilya queria sempre fazê-lo feliz.

Ilya não se surpreendeu nem um pouco ao descobrir que Shane tinha um ambiente interno para treino de hóquei no chalé.

Animado, Shane o levara até o anexo ao lado da construção principal e abrira a porta, revelando um grande rinque de plástico sintético, uma rede com alvos de tiro, alvos de passe e um monte de equipamentos de exercício também. A parede de frente para o lago era só de janelas.

Então agora estavam de tênis no "gelo", passando um disco de um para o outro.

— Não te contei — comentou Ilya — do que aconteceu depois da Premiação da NHL.

— Depois?

— Sim. Eu saí. Com o Scott Hunter.

Shane perdeu o passe seguinte.

— Como assim?

— Uma balada estava fazendo uma noite temática do Scott Hunter, seja lá o que isso signifique.

— Uma balada? Tipo…?

— Balada gay. Isso. Então pensei em ir.

— Peraí. Você foi pra uma *balada gay* em *Las Vegas* com o *Scott Hunter*?

— E o namorado dele. Isso. Gente fina.

Shane franziu o cenho.

— Por que não me contou antes?

Ilya deu de ombros.

— Esqueci. — O que não era verdade. Ele só queria ver exatamente *aquela* expressão no rosto de Shane. Em segredo, Ilya a chamava de "cara amassada de confusão".

— Foi… Como é que foi?

— De boa. Meio chato, mas, sabe como é, era o Scott Hunter, né. Não dava pra esperar muita coisa. — Ilya pegou um novo disco da pilha ao lado dele com a lâmina do taco e o jogou para Shane. Dessa vez, Shane o pegou com o taco sem problemas.

— Então o Hunter sabe que você…?

— Não falei nada. Talvez ele tenha adivinhado alguma coisa. — Ilya sorriu. — Tinha uns caras bem gostosos lá.

E assim o rosto de Shane mudou para a expressão que Ilya chamava "cara franzida de reprovação".

— Que bom que você se divertiu — disse Shane, rígido.

— A questão é que fui pra um bar gay com jogadores da NHL e foi… divertido, sabe?

Shane assentiu, depois devolveu o disco para Ilya.

— Aposto que sim.

— Encho o saco do Hunter, mas o que ele fez foi corajoso. Beijar o namorado na TV daquele jeito… E o discurso na premiação também.

— Foi mesmo. Me deu… muita esperança. De que as coisas talvez estejam mudando.

Ilya devolveu o disco para Shane.

— Eu senti foi inveja — admitiu.

Shane riu.

— Você quer me beijar na televisão?

— Quero. Depois de ganhar a Taça Stanley.

Shane abriu os braços.

— Ah, então nesse seu cenário romântico, você acabou de me derrotar?

— Sim. Foi mal.

— Não vou estar no clima de te beijar se tiver acabado de perder a Taça Stanley, Rozanov.

— Mas você estaria tão orgulhoso de mim!

Shane revirou os olhos.

— Você é a pessoa mais irritante da face da Terra. Não sei por que eu… — Ele se deteve bem a tempo. — … por que eu ainda te aguento.

Ilya empurrou o gelo com os pés e deslizou até Shane. Quando o alcançou, estalou um beijo alto na bochecha.

— Tô com fome — grunhiu Shane. — Bora. Vamos ver o que tem na geladeira.

— Você vai me mostrar onde fica meu quarto em algum momento ou…?

Ilya estava apoiado em um pilar no meio da sala de estar, com aquele maldito sorriso torto que sempre fazia Shane perder a compostura.

— Bem, tenho quatro quartos de hóspede — disse o canadense, entrando na brincadeira. — Quer ficar no que tem vista?

— Preciso do que tenha a cama king.

Shane foi até Ilya e sorriu.

— Todos têm cama king.

— Fico com a suíte, então.

— Ah — disse Shane com uma preocupação fingida. — Infelizmente, só tem um quarto com banheiro.

— Tenho necessidades bastante específicas.

— Vou tentar te acomodar.

Ele suspirou as últimas palavras nos lábios de Ilya e depois o beijou. Foi lento e maravilhoso.

— Quero dormir na sua cama, Shane Hollander — murmurou Ilya.

— Quero fazer muitas coisas na minha cama.

— Me mostra. Me leva pra cama.

Shane o levou ao quarto que ocupava metade do segundo andar. O sol tinha se posto, mas, pela manhã, teriam a vista do lago pelas janelas que envolviam duas das paredes.

Ele observou Ilya assimilando o cômodo, examinando as fotos nas paredes e os itens na cômoda.

— Este é o seu quarto — falou Ilya, talvez mais para si mesmo do que para Shane.

— É. Provavelmente ainda mais do que meu quarto em Montreal. Aqui é… meu lugar.

— Esses são seus pais — disse Ilya, apontando para uma foto emoldurada na cômoda.

— São.

Com um sorriso zombeteiro, Ilya virou a foto para deixá-la tombada sobre a cômoda.

— Não quero chocar os dois — brincou. Shane riu.

Ilya foi até a cama e se sentou na beirada. Shane se sentou ao lado dele.

— É meio surreal. Ter você aqui.

— Sim. Bom ou ruim?

— Bom — falou Shane depressa, pegando a mão de Ilya e apertando de leve. — Muito bom.

— Que bom. — E então, sem alerta, Ilya se virou e pulou nele, fazendo Shane se deitar com as costas no colchão. Shane não teve tempo de se sentir surpreso antes de a boca de Ilya encontrar a sua.

Shane gemeu sem conseguir se controlar e arqueou o corpo em direção ao de Ilya. Envolveu a perna nas coxas do russo para puxá-lo mais para perto.

O beijo foi estranho, e Shane percebeu que era porque nenhum dos dois conseguia parar de sorrir.

— Você tá aqui — murmurou ele.

— Sim. Agora tira a roupa.

Shane riu e se despiu depressa. Jogou cada peça na direção geral do cesto de roupa suja, depois se esparramou na cama e viu Ilya tirando as roupas também.

Ilya deslizou a mão pelo próprio peito nu como se fosse um stripper. Parou no botão do shorts e arqueou uma sobrancelha para Shane.

— Que surto de Magic Mike é esse? — indagou Shane, sorrindo.

Ilya respondeu levando as duas mãos ao próprio cabelo e tombando a cabeça para trás de um jeito dramático. Deu uma sarrada, e Shane não segurou a risada.

— Aqui, deixa eu te ajudar. — Ele engatinhou na cama até alcançar o abdômen de Ilya com a boca. Lambeu as linhas dos músculos, depois ouviu Ilya soltando um suspiro trêmulo.

— Não me provoque — falou Ilya. — Esperei demais por isso.

— Hmm. — Shane abriu a frente dos shorts de Ilya e ficou beliscando seu peito de brincadeira. — Meses.

— Anos — corrigiu Ilya, suspirando. — Faz anos que eu queria te pegar em uma cama de verdade.

Shane ficou paralisado.

— Anos?

Ilya botou os dedos compridos no maxilar de Shane e subiu a cabeça dele para fazer contato visual.

— Sim.

Shane engoliu em seco.

— Tira logo esses shorts — conseguiu falar.

Ilya mal tinha tirado as últimas peças de roupa quando Shane o tocou. Precisava sentir o peso dele. Precisava beijá-lo e tocá-lo e senti-lo ficando duro encostado nele (se bem que, pelo que parecia, já era um tanto tarde demais para isso).

Ilya estava ali, e Shane finalmente descobriria como era ficar com ele quando tinham todo o tempo que quisessem. Ilya prometera duas semanas, e Shane estava feliz com a vastidão do tempo que se dispunha adiante.

Ilya o beijou devagar, mas com urgência. Sua ereção roçou a barriga de Shane, que mexeu o corpo para dar o máximo de fricção a Ilya quanto fosse possível. Ilya respondeu agarrando os dois punhos de Shane e os prendendo no colchão.

— Ah — arquejou Shane. Descaradamente jogou a cabeça para trás para dar total acesso a seu pescoço. Ilya aproveitou a oferta generosa chupando o espaço sensível logo abaixo da curva do maxilar de Shane.

Ilya ia deixar uma marca — um *chupão* — se continuasse o chupando no pescoço, mas Shane percebeu que não importava. Pela primeira vez na vida, não tinham que se preocupar com evidências. A respeito de nada. Ninguém nunca saberia o que tinha acontecido ali.

— Mais forte — pediu. — Quero ver depois.

Ilya grunhiu e fez ainda mais pressão com a boca. Chupou tão forte que, por um segundo hilário, Shane se perguntou se ele poderia ser um vampiro de verdade.

Será que existem vampiros russos?

Não, idiota. Vampiros não existem.

Bem quando a dor começou a beirar o desconfortável, Ilya o soltou. Shane foi inundado por alívio e aquela queimação deliciosa que pulsava do lugar onde Ilya o marcara.

Ilya deu uma lambida de leve, e Shane se contorceu de prazer.

— Meu. — Com essa única palavra, o fôlego do russo fez cócegas na pele de Shane.

— Seu — respondeu Shane, como se estivesse em um sonho.

— Tudo isso aqui. Por duas semanas. É meu.

Pra sempre, Shane quis dizer. *Pra sempre, se você pedir.*

Ele sabia que era impossível, mas, naquele momento, faria de tudo para que desse certo. *Tinha* que haver uma solução para o problema deles.

No entanto, por ora, só disse:

— Me come. Por favor.

Ilya se sentou, virou Shane de bruços e plantou um beijinho entre suas escápulas.

Cacete, como Shane queria aquilo. Queria empinar a bunda e mandar Ilya ir logo, mas Ilya estava fazendo uma jornada lenta por seu corpo, dando um beijo leve em cada nó da coluna. Sem pressa alguma.

— Lindo — sussurrou Ilya entre os beijos. A palavra, em seu sotaque, soou obscura e opulenta. O som deslizou pela pele de Shane, e, naquele momento, ele *se sentiu* lindo.

Ilya chegou à base da coluna de Shane, que esperou que ele fosse se afastar para talvez pegar o lubrificante. Porém, Ilya fez algo que nunca tinha feito antes: continuou descendo.

Sua língua deslizou pelo meio da bunda de Shane enquanto as mãos enormes a abriam. Shane prendeu a respiração. Não dava para acreditar que Ilya estava mesmo prestes a…

— Ai, meu deus. *Ilya*.

Shane sentiu o calor úmido da língua de Ilya lambendo seu cu. *Nunca* tinha sentido nada do tipo. Era impossivelmente íntimo. Tão ousado e destemido e tão… *Ilya*.

A língua parou por um momento, e Ilya perguntou:

— Bom?

— Caralho, *ótimo*.

Ouviu Ilya soltar uma risadinha lá atrás, e depois as lambidas voltaram. Shane revirou os olhos e gemeu. Como é que algo podia ser tão relaxante e excitante ao mesmo tempo? Por pouco não sentiu raiva por Ilya tê-lo privado daquilo por tanto tempo. Mas não seria justo; Shane apreciava o momento pelo presente que era.

Estava selvagem de tanto que queria. O pau, rígido, pressionava o colchão, e ele precisou de toda sua força de vontade para não começar a roçar a cama. Shane não queria se mexer nem um pouco porque talvez isso fizesse Ilya parar. E não sabia quanto tempo mais Ilya ia continuar fazendo aquilo, mas…

Ai.

A língua de Ilya estava *dentro dele*.

Quente, escorregadia e invasiva. Num lugar em que certamente *não* deveria estar. Mas era tão, tão, tão, tão gostoso.

— Caralho. *Puta que pariu.* Ilya… meu deus. Que delícia. Obrigado. Porra.

O "obrigado" foi constrangedor, mas Shane não ficou remoendo. Assim como se recusou a sentir vergonha pelos sons desesperados que Ilya estava arrancando dele enquanto *comia seu cu com a língua*.

Shane ia gozar. A ficha caiu de repente e, em pânico, levantou o quadril da cama para tirar qualquer fricção de seu pau latejante. Infelizmente, o movimento também o fez acertar o rosto de Ilya com a bunda.

— Ai! Que porra foi essa, Hollander?

— Foi mal!

Ele se virou para olhar por sobre o ombro, e Ilya estava esfregando o maxilar com o cenho franzido.

— Desculpa! — pediu Shane. — É só que… Eu não queria gozar ainda.

Ilya revirou os olhos, mas seus lábios se repuxaram para cima.

— Acho que é um elogio.

— É, sim — concordou Shane depressa. Ele se deitou de costas — Estava muito gostoso.

— Que bom.

— Você… gostou de fazer?

Ilya assentiu.

— Gostei. Sim. Até você acertar minha cara.

Shane mordeu o lábio para conter o sorriso, mas Ilya percebeu. Com um ronco nada irritado, Ilya se abaixou até os rostos deles ficarem a centímetros de distância.

Shane inclinou o queixo para cima para beijá-lo, mas então se lembrou de onde a boca de Ilya tinha acabado de sair. Será que ligava para isso?

Não.

Levantou o corpo e o beijou, e, na real, não sentiu gosto de nada. Era só o calor familiar da boca de Ilya na dele. Sentiu a pressão do pau duro de Ilya na cintura e a necessidade de tê-lo dentro de si incendiou Shane novamente.

— Por favor.

Ilya olhou ao redor, e Shane apontou para a cômoda à direita da cama. Ilya abriu a gaveta e pegou uma bisnaga de lubrificante e uma camisinha, mas não fechou a gaveta imediatamente.

— O que foi? — perguntou Shane.

— Estava torcendo para ter brinquedinhos.

— Aqui não tem.

— Você tem um acervo enorme em Montreal?

Shane corou.

— Não!

— Não? Continua sendo só um dildo solitário?

Sim.

Shane bateu a cabeça no travesseiro. Não descartava choramingar àquela altura.

— Por favor, cala a boca e me come.

Ilya não perdeu tempo, se posicionou no meio das pernas de Shane e meteu. Shane não sabia se o russo estava tentando dizer "cuidado com o que deseja", mas Shane não estava nem um pouco arrependido.

Shane gritou. Se permitiu fazer todo barulho que quisesse ali em seu quarto, porque *podia*.

— Caralho, Shane. Isso. Quero ouvir.

Ilya meteu sem parar, fazendo a cabeceira da cama bater na parede. Shane levantou a mão para fazer o barulho parar, mas Ilya só a cobriu com a dele, se segurou na parede e fodeu com ainda mais força.

Shane levantou as pernas e apoiou os tornozelos nos ombros de Ilya, que rosnou e foi para a frente, dobrando Shane ao meio e entrando mais fundo.

O rosto de Ilya estava úmido de suor, e seus olhos estavam devassos.

— Shane. Puta que pa… eu… porra. Você é incrível, Shane. Gostoso do caralho.

Shane só conseguia soltar gemidos agudos em resposta. Ele ia gozar. Não tinha nada tocando seu pau, mas o orgasmo estava chegando. A qualquer momento.

— Parece que… Você vai gozar, Hollander?

— Vou — respondeu Shane em um arquejo.

— Isso, porra. Vai. Goza.

Ilya meteu mais forte, sem tirar os olhos do pau de Shane, que gozou. Shane gritou e arqueou o corpo, vendo junto com Ilya sua pica lançar jatos sobre o estômago e o peito.

— Shane… — Foi a única palavra que Ilya conseguiu expulsar por entre os dentes antes de ficar imóvel e gozar dentro dele.

Por longos instantes, nenhum dos dois se mexeu. Ambos ofegaram e se olharam, e havia palavras que Shane estava perigosamente perto de dizer. Ele as sentia, reverberando lá dentro, desesperadas para sair, mas as conteve à força.

E então Ilya apoiou a mão do lado do rosto de Shane na cama e simplesmente *olhou* para ele. Por um segundo ensandecido, Shane pensou que *Ilya* era quem iria dizer as palavras proibidas.

Mas não aconteceu. Em vez disso, Ilya saiu de dentro de Shane e caiu no colchão perto dele. Shane rolou para o lado, e Ilya fez o mesmo; ficaram um de frente para o outro. Shane sorriu, porque da última vez que tivera aquela visão, Ilya estava em Moscou e ele, em Montreal.

— A gente podia passar duas semanas nessa cama — sugeriu Shane.

Ilya sacudiu a cabeça.

— Não. Quero te comer em cada cômodo dessa casa.

Shane se remexeu e corou.

— Tenho uma jacuzzi, sabia?

Ilya fez careta.

— Jacuzzis são péssimas para transar. Já tentou?

— Não.

— É horrível. Quente demais. Desconfortável.

— Ah, também tem a piscina…

Ilya chegou mais perto e brincou com o nariz debaixo do queixo de Shane. Shane subiu a cabeça para Ilya traçar beijos em sua pele corada.

— E uma *mesa de sinuca* — murmurou Ilya.

Ai, meu deus.

— O feltro é bem delicado — protestou Shane.

Ilya desdenhou.

— Caramba, você não relaxa nunca.

Shane se afastou para olhar feio para ele.

— Ah, vai me zoar agora, é? Enquanto tá de hóspede na minha casa? Deitado *na minha cama*?

Shane foi atacado por um sorriso torto e moroso.

— Não — disse Ilya. — Gosto de você, Hollander.

Não era uma confissão arrebatadora, mas as palavras ainda assim comoveram muito Shane.

— Também gosto de você, Rozanov.

Capítulo vinte e quatro

Na noite seguinte, Ilya se apoiou no guarda-corpo do cais e observou Shane virando hambúrgueres na grelha. Shane parecia muito empolgado com o churrasco. Tinha seguido uma receita da internet e tudo.

Ilya deu um gole na cerveja.

— Por que caralhos você tá fazendo oito hambúrgueres? — indagou.

— Era o tanto que a receita rendia!

— E você não sabe fazer conta? Cortar pela metade?

— Me deixa em paz.

Em vez disso, Ilya foi para trás de Shane, passou o braço ao redor de seu peito e depois deu um beijo atrás da orelha.

— Não — murmurou.

Shane tombou a cabeça para trás, e Ilya conseguiu ver a cor que invadira suas bochechas.

Era empolgante estar do lado de fora daquele jeito, e poderem se tocar livremente como bem entendessem.

Meu deus. Não fazia nem dois dias que estava ali e ele já não fazia ideia de como ia conseguir voltar ao mundo real.

— Eu até levaria alguns pro chalé dos meus pais, mas isso arruinaria a mentira que contei de não poder ser atrapalhado porque estou meditando.

Ilya beijou o pescoço de Shane.

— Você já mentiu pros seus pais antes?

Shane estremeceu.

— Acho que sim. Quer dizer… devo ter mentido. Mas não com frequência.

— Você ama seus pais. É um bom filho.

— Tento ser.

— Eles nem imaginam como você é capaz de ser levado.

— Para.

— Qual o nome da sua mãe?

Shane se afastou e se virou de frente para ele.

— O que você tá fazendo? Com essas perguntas todas? — Ele estava franzindo o cenho, como se suspeitasse que Ilya o estivesse ridicularizando.

— O quê? Quero saber da sua família! Só sei que sua mãe é japonesa ou algo assim. Provavelmente você puxou a ela.

— Em partes, sim.

— E seu pai é… chato? Foi dele que você herdou essa chatice?

Shane fez que não, mas estava sorrindo um pouco.

— Se tem uma coisa que meu pai *não* é, é chato.

— Ele é divertido?

— Ele é… normal. Trabalha para o Tesouro Público do Canadá.

— Divertido pra caramba, hein.

— Ele jogou hóquei na McGill.

— Uau. McGill é uma cidade? O que raios é McGill?

— Um faculdade! Uma universidade de Montreal! Muito famosa.

Ilya deu de ombros e tomou um gole da cerveja.

— Meus pais são incríveis — disse Shane, voltando a atenção à grelha. — Sério, são os melhores do mundo.

— Quem sabe eu não conheço eles um dia.

Shane ficou paralisado. Ilya viu a tensão tomar conta de suas costas e dos ombros.

— Relaxa — disse Ilya. — Foi brincadeira. Sei que eu não…

— Eu gostaria — falou Shane baixinho. — Quer dizer… eu queria que você pudesse. Sabe como é. Se as coisas fossem… diferentes.

Ilya estendeu a mão e deu uma batidinha no ombro de Shane, que se virou para ele.

— Eles sabem?

— De você?

— Não — respondeu Ilya. — De *você*.

Shane abaixou a cabeça e fez que não.

— Eles não… aceitariam? Se você contasse.

— Não sei.

— Você disse que eles são os melhores do mundo.

Shane ergueu a cabeça.

— E são. Assim… acho que aceitariam numa boa. Sei que sim, na verdade. Eles me amam. Sempre me apoiaram. Não são nem um pouco homofóbicos, acho. É só que a gente nunca tocou no assunto de fato.

— Talvez você devesse.

Shane se virou e pegou um prato para empilhar os hambúrgueres.

— Às vezes penso que a esta altura já teria contado pra eles. Se não fosse…

Ilya arqueou uma sobrancelha, o que Shane não viu.

— Isso é culpa minha?

— Não. Sim. Mais ou menos. Só acho que… se eu tivesse uma vida social *normal* ou sei lá. Tipo, ainda assim saindo com homens, mas não… fazendo o que a gente tá fazendo. Com *você*, sabe?

— Você não quer contar pros seus pais que tá dando para o Ilya Rozanov?

Shane riu.

— Não. Definitivamente não quero ter que explicar *essa parte* pra eles.

— E por que explicaria?

— Como assim?

— Você pode só contar pros seus pais que é gay, eu acho, sem dizer os nomes dos homens com quem você transa. Disso tenho quase certeza.

— Eu sei! Sei disso. Mas… — Shane suspirou. — Esquece. Não importa. Vamos comer antes que esfrie.

Ilya queria forçá-lo a dizer mais, mas só seguiu Shane para a mesa.

A verdade era que Shane pensava *muito* em Ilya conhecendo seus pais.

Tinha uma certa obsessão pela ideia.

Não conseguia nem formar um pensamento coerente para justificar a importância que aquilo tinha para ele. Para começo de conversa, era uma ideia absurda e horrível, e não havia motivo nenhum para querer que acontecesse.

Shane tinha até imaginado cenários inofensivos em que estão em um evento — talvez a Premiação da NHL — e ele simplesmente diz, todo casual, "Mãe. Pai. Já conheceram o Ilya Rozanov?". E aí todos se conheceriam. Trocariam apertos de mão, e Ilya assentiria educadamente e

diria que era um prazer conhecê-los. E então acabaria, e os pais cumprimentariam a pessoa seguinte que os abordasse sem fazer ideia — a *menor* ideia — do alívio que seria para Shane ter presenciado aquele simples contato. Saber que as duas pessoas que ele mais amava tinham tocado a pele de Ilya Rozanov, e olhado em seus olhos, mesmo que só por um segundo, e que Shane agora tinha provas concretas de que todos os três existiam no mesmo mundo.

Esses eram os pensamentos que mantinham Shane desperto de madrugada. Uma loucura total. Seu desejo mais profundo e oculto era nada mais, nada menos, que seus pais fizessem contato com o homem com quem ele transava em segredo havia sete anos. Parte dele sentia que, se acontecesse, *alguma coisa* se esclareceria. *Alguma coisa* até que enfim faria sentido.

A verdade *real oficial* — a qual Shane pisoteava mentalmente toda vez que ousava chamar sua atenção — era que ele queria que Ilya conhecesse seus pais pelo mesmo motivo que qualquer pessoa queira que o namorado conhecesse os pais: ele o amava, e queria que os dois o amassem também.

Só que Ilya *não era* namorado de Shane. E, mesmo se fosse, se Shane apresentasse Ilya como namorado, os dois ficariam confusos. Porque, acima de tudo, ele supostamente odiava Ilya Rozanov. E *seus pais* odiavam Ilya Rozanov. E todo mundo na bolha do hóquei sabia que Shane Hollander odiava Ilya Rozanov. Então até mesmo apresentar os três formalmente na Premiação da NHL seria uma situação esquisita.

Seu maior pesadelo era que ele e Ilya fossem pegos juntos, de alguma forma. Por *paparazzi* ou qualquer outra coisa. E aí o mundo todo saberia, mas mais importante ainda, seus *pais* saberiam. Descobririam que o filho era gay e que estava *sendo gay* com Ilya Rozanov.

Ilya Rozanov, que, naquele momento, estava sentado no pátio de frente para Shane na mesa, comendo a comida que Shane preparara para ele. Com o canto da boca sujo de mostarda.

Se Shane tirasse todas as complicações do relacionamento — a rivalidade, as expectativas para os dois, o fato de Ilya ser meio babaca —, poderia sentir orgulho pelos simples fato de que o cara era *muito* gostoso. Tipo, Shane de fato conseguira um 10/10.

Naquela manhã, Shane acordara cedo porque não fechara as persianas na noite anterior. A luz do dia entrava no quarto, refletindo na roupa de

cama branca e no homem lindo enrolado nela.

Com Ilya ainda adormecido, Shane aproveitara o momento para apreciar a cena o tanto quanto quisesse. Ilya estava de barriga para cima, com o braço sobre a testa e agarrando o travesseiro com os dedos compridos. Shane não se aguentou; passou o dedo pelo braço, sobre o volume do bíceps de Ilya. A luz da manhã tornava tudo lindo, e Shane estava apaixonado, então chegou mais perto e beijou o punho de Ilya.

Quando os olhos de Ilya se abriram, o rosto de Shane estava a centímetros de distância. Ele viu a confusão inicial no semblante de Ilya, que então se transformou em um sorrisinho tímido.

E tinha sido a manhã perfeita.

O dia todo foi perfeito, na verdade. Treinaram de maneira *muito* competitiva na academia de Shane, depois ficaram de boa à beira da piscina, e então foram para a casa de barcos. Shane sugeriu que pegassem os caiaques, mas a ideia morreu assim que Ilya viu os jet skis. O restante da tarde foi só de corridas ao redor do lago, rindo e molhando um ao outro. Nada fazia Ilya mais feliz do que controlar um veículo de alta velocidade.

Se bem que ele teve muito motivo para ficar feliz depois, quando Shane o prendeu contra a parede dentro da casa de barcos e eles tiraram a roupa de banho para tocar um no outro…

Tinha sido um dia muito bom.

E agora estavam comendo hambúrgueres nos quais Shane tinha arrasado na preparação, bebendo cerveja no cais ao pôr do sol, e era tudo que ele sempre quis. Imaginou uma vida inteira assim, com os dois passando os verões juntos no chalé. Sua intenção era morar ali de forma permanente depois da aposentadoria. Ficou se perguntando se Ilya gostaria de morar ali quando…

Qual foi, Hollander? Não acha que tá botando a carroça nas frentes dos bois, não?

Mas esses eram os pensamentos que o consumiam naqueles dias: Ilya conhecendo seus pais, Ilya passando os verões com ele, Ilya formando um lar com ele.

Faria de tudo para voltar à simplicidade dos primeiros dias, quando tudo que o consumia era o desejo confuso de ter o pau de Ilya na boca.

Durante sete anos, vinham se safando com esse lance. A sorte uma hora ou outra ia acabar, não?

Ilya encarou a fogueira porque não sabia exatamente o que mais deveria fazer. O entretenimento proporcionado por uma fogueira parecia se resumir a isto: ela queimava e você olhava.

Tinha sido ideia de Shane, é claro. Ilya conseguia pensar em coisas melhores a fazer com a noite a sós que não envolviam assistir a pedaços de lenha virando cinzas, mas Shane tinha ficado empolgado pra caramba com a ideia.

Mas era uma noite linda — o ar estava um tanto frio, e o fogo estava quente, e Ilya estava encostado em Shane no banquinho feito de tronco de árvore.

Poderia ser pior.

— Como tá sua cabeça? — indagou Ilya. Shane tinha reclamado de dor à tarde. Disse que havia se tornado frequente depois da lesão.

— Ah, tá melhor. Obrigado.

Boas notícias, porque Ilya queria muito transar mais tarde.

O celular de Shane acendeu de repente, o brilho surpreendentemente forte na escuridão que os cercava. Quando Shane conferiu o aparelho, seu rosto se iluminou quase tanto quanto a tela.

— O que foi? — perguntou Ilya, sem conseguir evitar.

— Ah — disse Shane, distraído enquanto digitava algo. — Nada. Só uma mensagem da Rose.

Ilya desdenhou. *Rose*.

— O que é que a *Rose* quer?

— Só saber como eu tô. Ela… Ei, você não tá *com ciúme*, tá?

— Não. — A mentira menos convincente do mundo.

— Ilya, eu sou *gay*.

— Não gay demais a ponto de não comer a Rose Landry.

Shane abaixou o celular e o encarou.

— Ai, meu deus. Eu só *dormi com ela* duas vezes, e ambas foram desastrosas. Vai por mim, ela *não* tá querendo repetir a dose.

Ilya conteve o sorriso.

— Desastrosas?

— Não vou te dar os detalhes, não, então pode ir tirando o cavalinho da chuva — grunhiu Shane. Ele cutucou o fogo pela centésima vez. Ilya não tinha certeza se isso servia de alguma coisa, mas Shane parecia gostar.

Era meio sinistro ficarem sentados nesse pontinho de luz em meio à escuridão total. O silêncio era bizarro — só o crepitar do fogo, um ou outro barulho do movimento da água do lago e…

A porra de um lobo. Isso foi o uivo de um lobo, caralho.

— Puta que pariu, o que foi isso? — perguntou Ilya, sem conseguir esconder o terror na voz. Mas e daí que estava assustado? Estavam cercados por lobos famintos, porra!

Shane riu.

— É uma mobelha.

— É o quê?

— Uma mobelha. — Shane estava gargalhando. — Um pássaro. Parece um pato, mais ou menos. Meu deus, você achou que era um lobo!

— Que tipo de pássaro faz um barulho desse?

— Uma mobelha, ué! — repetiu Shane, curvando o corpo de tanto rir. Ilya sentiu vontade de jogá-lo no fogo.

— Vão se foder você e sua mobelha! — disse Ilya. — Pássaro-lobo canadense idiota.

Shane olhou para ele, ainda rindo. O rosto estava todo franzido, os olhos, o nariz, as sardinhas. Ilya queria pegar as cinzas do fogo e enfiá-las nos próprios olhos, porque não aguentava olhar para aquele rostinho adorável, amassado e feliz.

— Olha — disse Shane. Ele fez um túnel com as mãos, as levou a boca e…

Imitou o som do pássaro-lobo.

Humano nenhum deveria conseguir fazer aquele barulho.

— Agora você fala a língua dos pássaros também? — indagou Ilya.

Shane voltou a rir e o empurrou. Ilya tentou com todas as forças, mas cedeu à risada também.

— Sou fluente em passarês. Sem sotaque! — vangloriou-se Shane.

— Eu te odeio pra cacete.

Shane se apoiou nele.

— Odeia nada.

Ilya suspirou. Não. Não odiava mesmo.

Pegou a lata de Coca que estava sobre uma mesa de tronco de árvore do lado do banco e deu um gole. Em seguida, passou para Shane seu refrigerante de gengibre.

Ficaram sentados em um silêncio confortável por um bom tempo.

— Você chegou a falar com a sua família na Rússia?

A pergunta veio do nada, o que significava que era algo que estava na mente de Shane havia um tempo. Além do mais, provavelmente não era a pergunta que ele queria fazer *de verdade*.

— Não. Só sobrou meu irmão lá agora. E ele é um idiota.

— Ah, sim.

Um silêncio bem menos confortável recaiu.

— Sinto muito — disse Shane, sem motivo algum.

— Por quê?

— Pela sua família. Meus pais são tão ótimos. Eu só… queria que você também tivesse isso.

Ilya deu de ombros.

— Minha mãe era ótima.

Ele sabia que não deveria ter dito isso, porque só levaria a…

— Como foi que ela morreu?

Fazia catorze anos, quase, mas um nó se formou na garganta de Ilya mesmo assim.

— Acidente — disse, com sarcasmo, porque foi o que o pai falara para todo mundo. Foi o que contara para Ilya, de maneira bem firme, mesmo que o garoto, já aos doze anos, soubesse que não era verdade. *Ela sofreu um acidente, Ilya. Você entende, sim?*

— Acidente? — perguntou Shane, com a mão no braço de Ilya, apertando por cima da manga da blusa de moletom com capuz.

— Sim — falou Ilya com um sorriso tenso e sem humor. — Ela engoliu um frasco inteiro de remédios acidentalmente. Ops.

Ele sentiu o corpo de Shane enrijecendo. Tinha certeza de que Shane não conseguia nem imaginar algo do tipo. Não em sua família perfeita.

— Ilya — disse Shane, baixinho. — Eu sinto muito.

Ilya franziu os lábios e sacudiu a cabeça. O fogo tinha ficado turvo.

— Quantos anos você tinha? — perguntou Shane.

— Doze. — E então, por alguma razão, palavras que Ilya nunca havia compartilhado com mais ninguém escaparam de sua garganta. — Eu que encontrei ela.

Sua voz falhou na última palavra, e então Shane se levantou, puxando Ilya para si. Shane o acolheu nos braços e o segurou firme, deixando Ilya

enterrar o rosto em seu ombro.

— Não quero que você pense que ela era fraca — falou Ilya. — Ela não era. Ela era… incrível. Mas era muito triste. E meu pai era tão duro com ela e…

Ilya não chorou. Não exatamente. Secou os olhos depressa para remover a umidade e só ficou sentindo o cheiro de Shane — fumaça de lenha, porque tudo ao redor deles estava com cheiro de fumaça de madeira, o que fez Ilya querer um cigarro.

No entanto, mais que isso, só queria abraçar Shane bem forte naquele lugar onde ninguém os encontraria. Queria ficar naquele holofote da fogueira debaixo das estrelas infinitas e sentir os dedos de Shane afagando seu cabelo, sem pensar no pai horrível nem na mãe maravilhosa e irremediavelmente triste. Não queria pensar em hóquei, nem em rivalidades, nem no que ia acontecer quando as duas semanas chegassem ao fim.

— Você é tão forte — murmurou Shane no ouvido dele, depois beijou sua têmpora. — Você é incrível. Eu…

Ilya prendeu a respiração.

Foi então que mais uma maldita mobelha fez barulho bem acima da cabeça deles. E os dois perderam a compostura. Ficaram se abraçando, chacoalhando de tanto rir. Era um alívio maravilhoso poder sorrir depois de tudo aquilo.

Voltaram a se sentar, mas dessa vez Shane puxou as pernas para cima do banco e se aninhou em Ilya, que colocou o braço do redor dele e beijou o topo de sua cabeça.

— Tem mais lenha pra fogueira? — questionou o russo.

— Sim, tem bastante.

— Que bom.

Capítulo vinte e cinco

— Qual foi? Você não pode escolher o Montreal!

— Acabei de escolher — indicou Ilya, apontando o controle do PlayStation para a televisão.

— Bom, então… eu vou escolher o Boston.

— Ótima escolha.

— Vou acabar com você.

— Eu *sou* você.

— Não é nada — grunhiu Shane.

Ilya riu e jogou o corpo contra o dele com força.

— Eu tô na capa do jogo.

Shane o empurrou para o braço do sofá.

— Grande coisa.

Mal tinham passado da primeira largada do disco quando o celular de Shane tocou.

Shane olhou para o aparelho e franziu o cenho.

— É o Hayden. Melhor eu atender.

Ilya revirou os olhos e pausou o jogo.

Hayden.

Não sabia nada a respeito de Hayden Pike. Só sabia que ele era um atacante mediano, extremamente qualquer coisa em termos de aparência e o melhor amigo de Shane.

Shane deu alguns passos para trás do sofá, parando entre a sala de estar e a cozinha.

— E aí, Hayden. Como tá, hm… a bebê?

Ilya sorriu para si mesmo. Shane tinha se esquecido do nome da filha de Hayden.

— Amber. Isso. Ela tá… bem?

Hayden devia ter dado uma resposta bem longa para a pergunta, porque Shane passou um tempo em silêncio. Ilya aguentou uns cinco minutos sem Shane dizer nada além de "Ah, é?" e "Que legal" e "Aham" antes de ficar de pé e lançar um *olhar* para Shane.

Shane deu de ombros. *O que você quer que eu faça?*

Ilya teve uma ideia.

Atravessou o cômodo até ficar bem de frente para Shane. Deu um sorrisinho, e Shane franziu o cenho para ele.

O olhar de Ilya foi para a virilha de Shane, depois subiu de novo. Shane balançou a cabeça sem dizer nada.

— E como a Jackie tá? — perguntou Shane ao celular. — Muito cansada?

Ilya abriu o botão dos shorts de Shane, que voltou a sacudir a cabeça, com mais vigor dessa vez.

Mas ele também não estava, tipo, *detendo* Ilya.

Por isso, o russo abaixou o zíper devagar e foi presenteado com um suspiro forte de Shane.

Os shorts caíram ao chão, e Ilya ficou de joelhos.

Levantou o olhar e viu Shane dizendo "não" com os lábios, os olhos arregalados.

Ilya forçou uma cara de confusão exagerada. *"Não" o quê?*

Com cuidado, tirou a cueca de Shane e a deslizou pelas coxas até ela se juntar à bermuda no chão.

Para ser justo, o pau de Shane estava mole, então talvez ele realmente *não* quisesse que Ilya fizesse aquilo. Ilya se sentou sobre os calcanhares e levantou o rosto para Shane, tentando avaliar se ele estava ou não curtindo a brincadeira.

Shane mordeu o lábio inferior ao encará-lo de volta, e Ilya soube que tinha a permissão.

— Hm, só um segundo, Hayden. Minha mãe tá ligando. Um segundo.

Ele silenciou o celular e rosnou para Ilya:

— Mas que *porra* é essa? Para com isso.

— Acho que você quer.

— Eu… assim…

— Não?

— É estranho pra caralho.

— Mas dá tesão, sim?

Shane bufou uma risada.

— Mais tarde, tá?

— Talvez mais tarde eu não queira.

— Ilya…

— Não vou te tocar. Se você não ficar duro, não faço nada. Combinado?

O queixo de Shane caiu.

— Eu *não* vou ficar duro.

— Ok. Sem problemas então.

Shane fez cara feia e voltou para a ligação.

— Foi mal, Hayden. Minha *mãe* às vezes consegue *me tirar do sério*.

Ilya sorriu para ele, ainda agachado, e fez cena botando as mãos para trás. Shane o fulminou com os olhos, depois fitou o teto.

— Minha cabeça tá bem melhor. Sarou de verdade, acho. Ainda fico com dor às vezes, mas… é, exatamente… Sim, tenho treinado.

Ilya observou o pau de Shane com curiosidade. Ele conhecia Shane. Francamente, era uma das poucas vezes que tinha visto a coitada daquela pica pouco usada mole. Na maioria das vezes, ficava dura feito pedra toda vez que Ilya estava por perto.

O pau de Shane era como o resto dele: bem-aparado e macio. E ávido. As bolas quase que não tinham pelo nenhum, e Ilya tinha quase certeza de que, assim como no peito de Shane, isso era natural. A rola aparentemente desinteressada pairava sobre elas, aninhada em um tufo baixo de pelo preto.

Ele queria enfiar tudo na boca. Queria fazer Shane ficar duro em sua língua.

Mas tinha feito uma promessa, e poderia esperar.

Subiu os olhos para o rosto de Shane, e o pegou olhando do alto. Ilya lambeu os lábios.

— Hm… ah, sério? Que legal. Quando foi que isso aconteceu? — Shane pressionou os lábios juntos, e as bochechas coraram.

Ilya sorriu porque, dito e feito, o pau de Shane tinha dado uma pulsada e estava começando a crescer.

Ilya o observou por um minuto, aproveitando o espetáculo raro e íntimo. A mão de Shane se cerrou em punho na lateral do corpo. Ele

fechou os olhos com força, como se estivesse tentando se impedir de ficar duro na base da concentração.

Não estava funcionando. Nem um pouco.

Shane ficou totalmente duro em menos de um minuto, com a cabeça do pau balançando animada diante dos lábios de Ilya.

— Uau — falou Shane, a voz ficando agarrada. — E aí você acha que ela vai… ah. Sim. Entendi.

Ilya ignorou a cabeça do pau de Shane e abaixou ainda mais para pegar as bolas com delicadeza, e depois levar os lábios a elas. O corpo de Shane estremeceu, mas ele não se afastou.

— Foi mal — disse Shane para Hayden, com a voz incrivelmente estável —, o Mark é marido da sua irmã? Ah, tá. Saquei.

Ilya sugou uma das bolas de Shane, curtindo o peso denso. Shane soltou um gemidinho diminuto.

Que delícia. Ilya amava brincar assim. Nem sabia ao certo qual era o objetivo desse jogo, mas o fato de que Shane não tinha encerrado a ligação levava Ilya a crer que ele estava gostando do desafio de ficar em silêncio. Em sua defesa, mal deu para ouvir o gemido de Shane quando ele começou a brincar com o dedo atrás das bolas.

Ilya estava orgulhoso, mas não ia facilitar as coisas.

Começando pela base, deu uma lambida pelo pau de Shane, terminando com a língua na gotinha de baba que vazava na ponta.

— Huummm — falou Shane, depois fez careta.

Ilya botou suas habilidades consideráveis de mamada à obra, engolindo Shane e balançando a cabeça enquanto fincava os dedos nos músculos das coxas dele.

— Ah… ah, é? Que… que legal — gaguejou Shane no celular.

Ilya ergueu o rosto para ele. Shane o fitou de volta, com as bochechas coradas e os olhos desafiadores. Ilya não conseguia acreditar que Shane ainda não tinha desligado. Será que queria mesmo que Ilya o fizesse gozar enquanto estava ao telefone?

Ilya continuou, e a voz de Shane ficou mais e mais tensa. Como é que Hayden não estava percebendo?

As coxas de Shane tremeram sob as mão de Ilya, os músculos do abdômen foram flexionando, e Ilya ficou fascinado para ver como Shane ia lidar com aquilo, porque sem dúvida alguma estava prestes a gozar.

Shane afastou o celular da orelha e deu um apertão no botão de mutar.

— Ai. Caralho! — Com a mão livre, agarrou o ombro de Ilya, tensionando os dedos quase que ao ponto de causar dor enquanto sentia espasmos e se esvaziava na boca de Ilya.

Shane tomou e soltou o ar e, quando o orgasmo acabou, ligou o som da chamada de novo.

— Tá aí? Desculpa, às vezes o sinal fica meio ruim.

Ilya correu para o sofá para abafar a risada com uma almofada.

Shane devia ter desligado, porque de repente estava em cima de Ilya, no sofá, batendo nele com outra almofada.

— Vai se foder, seu cuzão! Aquilo foi muito jogo baixo!

Ilya tirou a almofada que estava segurando no rosto.

— Foi nada.

— Caralho, vai tomar no cu. Por que me deu tanto tesão?

— Porque você gosta de fazer coisa errada, Shane Hollander.

E eita. Dizer aquelas exatas palavras fez algo se contorcer dentro de Ilya. Ele estava só provocando Shane, mas ficou pensando se haveria alguma verdade nessa história. Será que talvez aquilo tudo não passava disso para Shane: rebelião? Era só isso que *ele* significava?

Sua preocupação devia ter ficado aparente em seu rosto, porque Shane parou de golpeá-lo com a almofada. Levou a mão de Ilya à boca e beijou a palma.

— Não é por esse motivo que eu faço isso. Com você. Talvez fosse, no começo, sei lá, mas agora não é mais, e já faz tempo.

Ilya puxou a mão que Shane estava segurando para tirar o cabelo da frente dos olhos do canadense.

— Tá bem.

E qual é a razão de você continuar até agora, então?, queria perguntar, mas tinha medo da resposta, então só puxou Shane para um beijo.

— Então — falou Ilya despretensiosamente quando se afastaram —, como o Hayden tá?

Shane caiu no peito dele, e Ilya o abraçou enquanto tremiam de tanto rir.

Ilya vinha formulando um plano.

Estava nos estágio iniciais, e provavelmente era ruim, mas era incapaz de impedir o cérebro de confabular.

Não conseguia visualizar um cenário realista em que ele e Shane fossem mais do que eram naquele momento. Nem sabia o que queria que se tornassem. Quando sua imaginação era imprudente a ponto de conjurar imagens deles dois juntos, como casal — morando juntos? *Casados?* —, porra, era ridículo.

— Tá tudo bem?

Ilya recuperou a atenção e viu Shane — usando apenas uma sunga — de frente para a cadeira em que estava sentado. Estava com um livro na mão e óculos no rosto, franzindo o cenho para Ilya feito um salva-vidas ou bibliotecário preocupado.

— Sim — falou Ilya, abanando a mão. — É uma bela vista. A do lago.

— Parecia que você estava pensando em algo pesado.

Ilya deu de ombros. Shane se sentou na cadeira ao lado dele e esperou.

— Queria ter sido escalado por um time canadense — falou Ilya.

— O quê? Por quê?

— As coisas ficariam mais fáceis.

— Coisas? Espera, tipo… Tá falando de… Como assim?

Ilya bufou. O que exatamente ele queria dizer?

— Assim… os Estados Unidos não estão sendo um bom lugar para russos agora. E a Rússia não é um bom lugar para… russos como eu.

Shane ficou quieto por um instante.

— Você tá correndo algum risco?

— Não. Acho que não. Mas tomo muito cuidado. Eu gostaria de… não precisar fazer isso.

Shane assentiu.

— Acho que as coisas vão melhorar nos Estados Unidos, né? E talvez na Rússia também?

— É, quem sabe.

— Você ainda quer ter cidadania estadunidense?

— Não sei. Tô pensando em… outro lugar, talvez.

— Ah.

— Tenho pensado… — disse Ilya. Ele nunca tinha dito nada daquilo em voz alta. Talvez nem tivesse formado a ideia por completo na cabeça. — Depois da próxima temporada, meu contrato vai se encerrar.

Ele definitivamente tinha capturado a plena atenção de Shane ao dizer isso.

— Você deixaria Boston?

— É só uma coisa em que venho pensando. Quem sabe… um time canadense.

— Puta merda, sério mesmo?

— Sim.

— Tipo onde? — Ilya conseguia ver os pensamentos se manifestando no rosto de Shane como se fosse um filme: *E se a gente jogasse junto em Montreal? Não. Os Voyageurs não teriam dinheiro para custear ambas as nossas contratações.*

— Montreal, não — falou Ilya.

— Não. Eu sei.

Mas, pelo amor de deus, agora Ilya estava imaginando isso. Os dois jogando juntos, morando juntos, *estando* juntos.

Isso nunca ia acontecer.

Mas era legal de se imaginar.

— Eu poderia me casar com a Svetlana — disse Ilya, do nada. Foi na noite seguinte, enquanto jogavam sinuca.

Shane franziu o cenho para a bola três que tinha acabado de passar reto pelo buraco lateral. Teria acertado se Ilya não tivesse *jogado seu pior pesadelo no colo dele sem mais nem menos.*

— Ah, é? — perguntou Shane, calmo.

— Ela é estadunidense, o que viabilizaria minha cidadania, e ela toparia.

— Toparia?

— Acho que sim. Aham. Ela é filha do Sergei Vetrov. Sabia?

— O quê? É sério?

— Sim. Ela me ajudaria.

Shane viu Ilya enterrar a bola doze. Depois a bola catorze. Ele estava com vontade de quebrar o próprio taco no joelho.

— Você… quer dizer… ela é alguém com quem você… gostaria de se casar?

Ilya endireitou a postura e olhou para ele.

— Eu gosto da Svetlana, sim. Mas seria pela cidadania.

— Mas — disse Shane. Tinha que dizer essa próxima parte. Era algo que vinha devorando-o por dentro havia tempo demais. — Você quer se casar, certo? Com uma mulher, no caso. Você não é… como eu. Você gosta de mulher. E tenho certeza de que… a *Svetlana* é maravilhosa e divertida e… coisa e tal. Né?

— Sim — disse Ilya. — Quero. E ela é tudo isso. Mas…

— Mas?

Ilya deu de ombros, e parecia talvez estar *corando*.

— Tenho um problema — balbuciou ele.

Shane esperou.

— Gosto de mulher. Sempre pensei que me casar seria legal. Ter filhos. E essas coisas. Um dia. Mas… esse problema não vai passar.

Shane mordeu o lábio.

— Me fala desse problema.

— É irritante. — Ilya suspirou, e Shane conseguiu ver que ele estava contendo um sorriso. — Estou sempre rodeado de mulheres lindas. Maravilhosas. Por toda parte.

— Que barra, hein.

— Sim. Escuta. Essas mulheres são gostosas e divertidas, mas não importa. Não consigo parar de pensar no infeliz de um jogador de hóquei baixinho com umas sardinhas idiotas e um *backhand* de dar dó.

— Um *backhand* de dar dó? — ecoou Shane, sem conter o sorriso apesar da crítica que Ilya fez à sua habilidade de acertar o disco com a parte de trás da lâmina do taco.

— Sim. E ele é tão chato, e dirige um carro horrível e… meu problema é esse. Tanta mulher linda, e eu sempre desejando que elas fossem ele. — Ilya se abaixou para dar sua terceira tacada. — É um problema terrível.

Puta que pariu. Shane ia começar a chorar bem ali na sala de jogos. Ele engoliu em seco e se firmou.

— Quer que o problema saia da jogada?

— Não — respondeu Ilya, sério, encarando Shane bem no fundo dos olhos. — Não quero que o problema saia nunca da jogada.

— Não se case com a Svetlana — falou Shane de repente.

Ilya arqueou uma sobrancelha.

— Só… não faz isso. Sei que nem seria… por amor nem nada do tipo. Mas não casa com ela, não. Eu não… A gente pode bolar alguma outra coisa, tá bem?

Ilya pareceu surpreso, mas fez que sim.

— Tá bem.

— Eu estava pensando… — comentou Ilya. Era tarde da noite do dia seguinte, e estavam sentados no cais tomando café. — Se eu jogasse para um time que não fosse o Boston, talvez na Costa Oeste, a rivalidade não seria grande coisa.

Shane pareceu considerar.

— É verdade. Nós só jogaríamos um contra o outro duas vezes no ano.

Shane franziu o cenho, e Ilya soube que o canadense detestou essa ideia tanto quanto ele. *Nós só nos veríamos duas vezes por ano.*

— É… tipo, sacrifício. Para um bem futuro, sim?

Shane se animou.

— Um bem futuro?

— Sim. Nossa rivalidade é gigante. Mas talvez a gente possa fazer alguma coisa para ajudar a… dar uma aliviada? Um pouco?

— É… — disse Shane, ficando entusiasmado. — É mesmo! Não gosto da ideia de você ficar tão longe, mas a gente poderia fazer as pessoas se esquecerem dessa rivalidade, e talvez um dia ninguém ligue pra nós.

— Um dia. Sim.

Shane deu um sorrisinho tímido para ele, e Ilya sorriu de volta. Os dois ficaram sentados, sorrindo que nem bobos um para o outro enquanto pensavam na possibilidade de *um dia*.

— Tenho outra ideia — propôs Shane. Ele passara o dia todo pensando no que Ilya tinha proposto e criara um plano próprio. Apoiou-se em um cotovelo e cutucou o russo sonolento no ombro.

Ilya se virou.

— Que ideia? Sobre o quê?

— E se você jogasse no Ottawa?

— Ottawa? É quase tão ruim quanto jogar em Boston. Nós continuaríamos sendo rivais.

— Tá, mas me escuta. Pra começo de conversa, o Ottawa precisa muito de uma estrela no centro, então espaço tem. Mas e se você jogasse lá e nós… mudássemos a narrativa um pouco?

— A o quê? Puta que pariu, Hollander, que palavras são essas? Tô cansado.

— Foi mal. Eu só quis dizer… que podemos continuar sendo rivais no gelo, mas não precisaríamos fingir ser inimigos. Assim, diversos caras têm amigos por toda a liga. Mas nós somos, tipo, os únicos que têm toda uma história construída ao nosso redor que dita que não nos suportamos e que não existe nada mais que a gente ame do que destruir um ao outro toda vez que nossos times se enfrentam.

— Essa história meio que foi verdade por um bom tempo, Hollander.

Shane deu um sorrisinho.

— Tá, até foi. Mas não é verdade agora. Acho que dá pra dizer que não, né?

— Claro.

— Vão chegar novos jogadores, mais novos, inclusive, e novas rivalidades vão se formar. A gente precisa mesmo manter essa pose até nós dois nos aposentarmos?

Ilya franziu o cenho.

— É muito tarde, Hollander. É língua estrangeira demais pra mim. Qual é sua ideia?

— Você joga no Ottawa, eu jogo no Montreal. Essas cidades ficam a duas horas de distância. Inauguramos uma instituição de caridade juntos, eu e você. Algo que beneficie ambas as cidades. E aí agora as pessoas nos veem trabalhando juntos ou algo do tipo. Inventamos histórias sobre como eu te abordei com a ideia e…

— Ou eu te abordei.

— Que seja. A questão é que a gente conta pra imprensa, pros fãs, pra todo mundo, que, trabalhando juntos na causa que significa tanto pra nós dois, a gente acabou criando um respeito mútuo um pelo outro…

— Sim. E que estamos transando. Alguma pergunta?

— Para, *porra*! É uma ótima ideia, Rozanov.

Ilya riu. Shane bateu nele com um travesseiro.

— Não é ruim — concedeu Ilya por fim. — Então a gente inaugura essa instituição de caridade…

— E nem seria mentira também. Já faz um tempo que penso em fazer isso mesmo. Escolhemos algo que signifique muito para nós dois.

— Sim. Ok.

— A gente continua sem pegar leve um com o outro no gelo, óbvio. Quer dizer, nunca vou deixar de gostar de te botar no chinelo.

Ilya desdenhou.

— Claro que não.

— E… como eu disse, ficaríamos a duas horas de distância um do outro. O ano todo.

Queria que Ilya visualizasse esse cenário tão bem quanto ele. Parecia tentadoramente possível. Fácil, até.

— E você estaria no Canadá. Depois de um tempo, daria pra tentar conseguir a cidadania.

— Sim. Essa parte eu entendo.

— E quem sabe… um dia. Quando a gente se aposentar. Nós possamos… ficar juntos. De verdade.

Ilya pareceu ficar atônito com essa parte.

— Sério que você pensa longe assim, Hollander?

— Quanto a isso, penso.

— E você quer? Ficar comigo?

— Quero. Quero tanto que me assusta.

Ilya virou o rosto para longe de Shane, e ficou em silêncio. Um pânico gélido inundou o estômago de Shane; ele tinha admitido demais.

Porém, Ilya se virou de volta e rapidamente subiu em Shane. Beijou e beijou ele enquanto ficava murmurando a mesma coisa em russo sem parar até se afastar e traduzir:

— Eu te amo.

Shane ficou paralisado. E então foi a vez de Ilya.

— Puta que pariu — sussurrou Shane. Não era a resposta que deveria dar.

— Eu… — Os olhos de Ilya estavam tão arregalados e tão assustados.

— Eu também te amo — disse Shane.

Ilya deu um sorriso trêmulo e soltou o ar.

— Graças a deus.

— Isso… também é uma agonia pra você?

Ilya começou a concordar, depois parou e sacudiu a cabeça devagar.

— Agora não é mais.

Para Ilya, a sensação era de que seu sorriso ia partir o rosto no meio. Estava tão feliz que quase não dava conta.

Shane estava sorrindo para ele, com os olhos reluzentes e as sardinhas franzidas, e Ilya o amava. E Shane o amava também.

Puta que pariu.

Shane Hollander está apaixonado por mim.

Queria beijá-lo, mas não conseguia parar de olhar para ele.

— Como foi que a gente deixou isso acontecer? — indagou Ilya, com a voz um tanto mais trêmula do que gostaria.

— Não sei. Somos muito idiotas e irresponsáveis.

— Muito burros, sim. Meu deus, Hollander. — E em seguida, ele o beijou de verdade. Como poderia não fazer isso?

Ilya sentiu o impulso de imobilizá-lo, como se Shane fosse desaparecer se ele não o agarrasse. Colocou os dedos ao redor dos punhos de Shane e os segurou no travesseiro de cada lado da cabeça do canadense.

— Isso é real, sim? — indagou Ilya. Precisava ter certeza.

— É real — falou Shane, com a voz baixa e rouca de um jeito adorável.

— Parece que eu… Eu tô sonhando?

— Não tá. Eu te amo.

Ilya não sabia se seu coração conseguiria aguentar mais. Era como se estivesse pressionando os pulmões, fazendo com que fosse difícil respirar. E pensar. E fazer qualquer coisa a não ser segurar Shane e beijá-lo sem parar.

As costas de Shane arquearam no colchão, e ele esfregou o pau duro na coxa de Ilya.

— Quero ficar o mais perto possível de você — disse, sem fôlego.

— Você está.

— Não. Eu quero…

— Me conta.

— Quero ficar no seu colo enquanto você me come. Cara a cara. Te abraçando. Eu… ahh. Caralho, isso…

Perdeu o fio da meada quando Ilya envolveu o pau dos dois com a mão.

— Também quero — falou Ilya. — Eu te amo.

Se moveram depressa; Ilya se sentou com as costas na cabeceira e Shane montou em seu colo. Passaram um bom tempo se beijando assim, enquanto Ilya masturbava os dois juntos ao mesmo tempo.

— Ai, porra… — Shane estremeceu. — Eu preciso… você tem que parar. Preciso de você dentro de mim.

— Hmm. Ainda não. Bate uma pra eu ver.

— Não dá. Ilya, eu vou gozar. Eu juro que…

— Bate uma. Só um pouco. Acho que você consegue bater e não gozar.

Ilya não fazia ideia de por que se divertia tanto deixando Shane consternado daquele jeito. Amava vê-lo agitado e lutando para se controlar.

— Se você me ama… — acrescentou, irritante.

Shane semicerrou os olhos.

— Estou começando a reconsiderar isso.

Ilya sacudiu a cabeça, sorrindo.

— Você me ama. Me mostra o quanto. Bate uma, que talvez eu te coma.

Como se houvesse mesmo alguma chance de Ilya não fodê-lo.

Shane colocou os dedos trêmulos ao redor do pau e, com muito cuidado, subiu e desceu a mão. Ilya arquejou com essa demonstração de obediência. Sabia que Shane não estava mentindo a respeito do quanto estava perto de gozar. A cabeça reluzia com baba.

— Eu amo o quanto você baba, Shane.

— C-cala a boca. — O corpo todo de Shane tremia. — Tô tentando me concentrar.

Ilya riu.

— Seu pau quer que você vá mais rápido.

— Não consigo ir mais rápido — protestou Shane por entre os dentes.

Ilya agarrou de leve o saco de Shane, fazendo com que ele sibilasse um suspiro e soltasse uma série de palavrões.

— Tão cheio, Hollander. Continua.

Shane gemeu.

— Idiota. Você precisa me comer.

— Já, já.

— *Agora*.

Uma nova gotinha de baba saiu, e Ilya a pegou na ponta do dedo. Shane observou com os olhos arregalados quando Ilya botou na boca.

— Puta que pariu. Você é… *caralho.* Porra, será que dá pra me comer, *por favor*? — pediu Shane, ofegante.

Certo. Já bastava, então. Ilya pegou o lubrificante e uma camisinha da mesa de cabeceira e se preparou.

E, meu deus, quando Shane se abaixou nele, com o corpo todo bambo de necessidade, foi a coisa mais incrível que Ilya tinha sentido na vida. Ele se ajeitou no corpo de Shane enquanto Shane segurava seu rosto e o beijava.

Ele sentia Shane *em todo lugar.*

Shane se segurou com uma das mãos na cabeceira e a outra no ombro de Ilya, usando toda sua força considerável para cavalgar. Prendeu os quadris do russo entre as coxas fortes e bateu aquela bunda perfeita no colo de Ilya diversas e diversas vezes e *puta que pariu*.

Shane jogou a cabeça para trás, e Ilya viu o pau dele pulando no espaço entre os dois. Será que Shane gozaria instantaneamente se ele o tocasse?

Será que Shane gozaria de qualquer jeito, sem nem tocar no pau babado?

— Que delícia, Ilya. Puta que pariu. *Caralho.* Eu tô quase, porra.

E, de repente, Ilya percebeu que *também* estava. Tinha a resistência de um cavalo com a maior parte das pessoas com quem ficava, só que, quando se tratava de Shane, nem parecia estar em controle do próprio corpo.

— Vai, caralho. Goza pra mim, Hollander. Eu tô quase também.

— Eu te amo. Eu te amo. Ai, porra. Vou gozar…

Os dois gritaram quando o êxtase de Shane espirrou no peito de Ilya. Seu corpo tremeu ao redor do pau do russo, que foi lançado ao limite, gozando muito enquanto arfava um "eu te amo".

— Meu deus — disse Shane, quase sem fôlego, botando a testa no ombro de Ilya. — Foi perfeito.

— Sim. Perfeito. — Ilya colocou os braços ao redor dele e o segurou firme. *O mais próximo possível.*

Depois de um tempo, Shane saiu de cima dele, e Ilya descartou a camisinha. Ficaram de chamego na cama, ambos em silêncio e sonolentos, mas tomados por uma felicidade delirante.

— Qual era o nome da sua mãe? — perguntou Shane de repente, passando os dedos pela corrente ao redor do pescoço de Ilya.

— Irina. — Fazia muito tempo que não dizia o nome dela, e soou estranho em sua boca. — Por quê?

— Eu estava só pensando. — Ele se apoiou sobre um cotovelo. — A instituição de caridade que a gente vai abrir podia ser uma escola de hóquei. Tipo colônias de férias de hóquei em Ottawa e Montreal.

— E aí a gente doa o dinheiro?

— Doa. Acho que poderia ser para organizações de saúde mental. Talvez… prevenção ao suicídio?

Shane estava desviando o olhar, como se estivesse envergonhado, mas Ilya segurou o queixo dele e o guiou rosto para mais perto.

— Foi só uma ideia — falou Shane baixinho.

E Ilya *não* ia chorar naquele momento.

— Shane. Eu amei.

— É mesmo? — Shane sorriu.

— Sim. É muito… — Porra. Como era a palavra mesmo? *Será* que existia uma palavra para tudo que Ilya estava sentindo naquele momento? Não conseguia pensar em nenhuma, então falou: — Ela teria amado você.

— Queria ter tido a oportunidade de conhecer ela.

— Sim. Eu também.

Shane bocejou e se aninhou no peito de Ilya.

— Foi mal. Estou exausto.

— Culpa minha, acho.

— Com certeza é culpa sua. Mas eu te perdoo — disse Shane, bocejando mais uma vez.

— Boa noite, Hollander.

— Eu te amo.

— Eu também te amo.

— Hmm. Pode falar em russo de novo?

Ilya puxou a mão de Shane para os lábios e beijou seus dedos.

— *Ya lyublyu tebya*.

— Ia-lia-blúti-biá — murmurou Shane de volta.

Ilya riu e apagou a luminária.

Capítulo vinte e seis

Ilya balançou nos calcanhares e sentiu o cais oscilar na água embaixo dele.

— É aqui que você faz ioga? — perguntou.

— Não, não faço ioga aqui. Foi a equipe de filmagem que me pediu pra… Espera. Você *assistiu* àquilo?

— Sim. Foi ótimo. Eu estava com dificuldade de pegar no sono.

— Cuzão.

Observaram em silêncio um par de patos nadando por perto. Ali, no meio do nada, o entretenimento era isso.

Era fim da manhã, e o dia já estava quente. Shane, assim como Ilya, estava apenas de bermuda. Os dois tinham dormido até tarde depois de terem passado boa parte da noite se mantendo acordados.

O sol brilhava em cada centímetro de Shane: sua pele, seu cabelo, suas *sardinhas*. Ele estava tão lindo e feliz que chegava a doer.

Uma pena que Ilya ia ter que estragar tudo. Uma pena mesmo, mas não havia escolha: Shane Hollander estava à beira de um cais, de costas para Ilya. Feito um idiota.

— Como tá a água?

— O quê?

Foi o máximo de aviso que Shane recebeu antes de Ilya jogá-lo no lago com as duas mãos. Shane soltou boa parte de um "seu filho da puta" antes de a cabeça ficar submersa na água escura.

Quando voltou, continuou tossindo e xingando enquanto Ilya se contorcia de tanto rir.

— Vai. Se. Foder! — gritou Shane, batendo o braço e lançando uma onda de água em Ilya, que bateu principalmente em suas panturrilhas. — Seu cuzão!

Ilya correu até a beirada e mergulhou como uma perfeita bola de canhão, bem ao lado de Shane. Assim que sua cabeça voltou à superfície, molhou Shane bem no rosto, só de pirraça.

Shane tentou socá-lo no ombro, mas Ilya agarrou seu punho e o puxou para perto. Ele o beijou depressa, e Shane lhe deu um empurrão no peito.

— E se meu celular estivesse no bolso? — reclamou Shane.

— Não estava. Você deixou na mesa. No cais.

— Mas…

Ilya o beijou de novo. Foi meio sem jeito, porque os dois estavam na água. Shane tinha um gosto gelado e fresco.

Como se para provar que estava perfeitamente seguro e funcionando, o celular de Shane tocou ao longe.

— Epa. — Ilya deu um sorrisinho.

— Tudo bem. Não preciso atender.

— Não mesmo.

Ele voltou a beijar Shane, e dessa vez os virou para que Shane ficasse de costas na beira do cais. Provavelmente estava desconfortável, mas ele parecia não ligar. Os dois se beijaram com entusiasmo, e Ilya botou as mãos na madeira de cada lado dos ombros de Shane — que, para a surpresa de Ilya, envolveu sua cintura com as pernas e colou mais ainda o corpo no dele.

Ilya amava esses raros momentos em que Shane deixava as paranoias de lado e se soltava. Amava que conseguia fazê-lo relaxar assim.

Amava Shane. Cacete, como amava Shane.

Se agarraram por um tempo antes de Shane botar as duas mãos para trás e se levantar da água. Ilya o seguiu depressa. Se jogou em cima de Shane, beijando-o e forçando-o a apoiar as costas, depois abaixou o braço para pegar a ereção de Shane por cima dos shorts molhados.

— Alguém pode ver. De barco — protestou Shane, ofegando.

— Então fica de olho. — Ilya enfiou a mão nos shorts e foi recompensado com um gemidinho delicioso.

O celular de Shane tocou de novo.

Ele inclinou a cabeça para trás para olhar na direção de onde o aparelho estava.

— Me deixa em paz — gritou para o telefone.

Ilya riu e continuou masturbando Shane, se esfregando na coxa dele. O cais balançava com força na água.

Ele mordiscou o maxilar de Shane e beijou seu sorriso. Não achava de jeito nenhum que Shane estivesse de olho para ver se algum barco se aproximava.

— Tá gostando, Hollander?

— Tô. Sim, eu… Eu quis isso por tanto tempo.

— Quis o quê? Me conta.

— Você. Aqui. Do lado de fora, assim.

Ilya puxou o ar.

— O que você quer que eu faça?

— Qualquer coisa. Sei lá. Tudo.

— Me fala uma. — Ilya se esfregou com mais vigor e rapidez no músculo rígido da coxa de Shane.

— Eu… pensei em você… me comendo. Do lado de fora. No cais. Ou… a gente encostado em uma árvore. — Ele corou, mas Ilya sorriu.

— Porra, Hollander. Era só pedir.

Shane arquejou e arqueou as costas. Ilya acelerou a punheta.

— E se a gente for de canoa ou algo do tipo pra alguma dessas ilhazinhas? — sugeriu Ilya, roçando os lábios na orelha de Shane. — Sozinhos, e aí eu te como lá, em um espaço aberto onde ninguém vai ver.

— Ai, caralho. Porra. Ilya.

— Talvez alguém te escute. De algum barco.

— Ahh.

O calor do orgasmo de Shane se misturou com o tecido gelado e úmido dos shorts. Ilya roçou a perna dele mais algumas vezes e gritou quando seu próprio pau pulsou e lançou jatos em sua bermuda.

Ele caiu em cima de Shane, ofegante.

Shane riu sem ar.

— Caralho. Que porra foi essa?

Ilya sorriu e brincou com o nariz no pescoço de Shane.

— Não sei. Não deu pra segurar.

— Eu nem lembro por que a gente desceu pra cá.

— E importa?

Shane virou a cabeça e o beijou depressa.

— Não.

Depois de um minuto, Ilya fez posição de flexão em cima de Shane e lhe deu um beijinho antes de voltar para a água. Shane foi atrás, pensando em limpar os shorts pelo menos um pouco.

Nadaram por um tempo até decidirem que estavam com fome e voltarem para a casa. Shane estava prestes a passar pela porta de correr quando Ilya agarrou seu punho e o puxou de volta para si.

— Tudo bem se eu disser que te amo mais uma vez? — indagou Ilya, com o sorrisinho torto ganhando uma nuance adorável de timidez.

Shane deu um sorriso de volta. Bem grande.

— Tudo bem.

Em vez de dizer as palavras, Ilya o beijou. Lento e deliberado, foi pressionando a língua na de Shane, os dedos gentilmente sobre a cintura dele. Shane sentiu que as pernas iam bambear de vez e ceder. Soltou um sonzinho de satisfação e chegou ainda mais perto para sentir Ilya tocando cada centímetro de seu corpo. Suas mãos deslizaram sobre a pele gelada das costas de Ilya por causa da água do lago, encontrando depois de um tempo o cabelo úmido.

Ilya riu e tombou a cabeça de Shane para trás, beijando-o com mais intensidade e possessividade. Shane se sentiu tonto de felicidade. Ser abraçado daquele jeito e beijado pelo homem que amava — o homem que também o amava — ali no lugar que ele amava mais que qualquer outro no mundo…

Ouviram um barulho.

E viraram a cabeça na direção do som.

E viram o pai de Shane parado dentro da casa, imóvel e de olhos arregalados para eles abraçados no cais.

Por um instante, ninguém se mexeu. Ninguém fez barulho nenhum. Todos. Apenas. Olharam.

Em seguida, bem depressa, o pai de Shane se virou e foi em direção à frente da casa. Shane soltou Ilya e falou:

— Merda!

— Seu pai, sim?

— Sim! Porra. Merda. Ok…

Shane levou as duas mãos à cabeça.

— *Puta que pariu!*

— Não é melhor você…?

— Aham. Ok. Eu vou só… Você espera aqui.

Shane andou depressa pela casa até a porta da frente, e a abriu bem a tempo de ver o carro de seu pai sumindo pela estrada arborizada.

Ficou parado por alguns minutos, usando apenas os shorts molhados nos quais tinha acabado de ejacular e com um semblante do mais puro pânico.

— Shane?

Ele ouviu Ilya o chamando, mas não conseguiu encontrar a voz para responder.

— Hollander? — Ele sentiu um toque em seu cotovelo. — Ele já foi?

— Já.

Os dois ficaram em silêncio. Shane presumiu que Ilya também estava deixando a grandiosidade do momento tomar conta.

— Isso é péssimo — falou Shane por fim.

— Você deveria ir falar com ele.

— Sim. Merda. É, eu deveria mesmo. É melhor fazer isso agora.

Ouviu Ilya rindo atrás dele.

— *Não tem graça!* — rebateu Shane.

— Um pouco de graça.

Shane se virou, pronto para olhar feio, mas quando viu a cara de Ilya, começou a rir também.

— Jesus Cristo — falou. — Aquela ideia de ir contando aos poucos já era, né.

Ilya riu ainda mais.

— Vai ver ele nem percebeu…?

Os dois gargalharam. Foi por puro nervosismo, mas Shane riu até os olhos lacrimejarem. Seu plano tinha sido contar — logo — aos pais que era gay. Ele planejara dar tempo para que digerissem a informação, e depois — de um bom tempo — contar que estava em um relacionamento. Que estava *apaixonado*.

E, só aí, depois de terem se acostumado a *essa* ideia, soltaria a verdadeira bomba.

Só que agora tudo estava acontecendo exatamente na ordem oposta.

— Porra, o que é que eu vou falar pra eles? *Ah, vocês devem estar se perguntando por que me pegaram aos beijos com o Ilya Rozanov…*

— Quer que eu vá com você?

Shane se surpreendeu com a proposta. *Será* que queria? Será que isso só deixaria as coisas ainda mais estranhas? Para ser sincero, o apoio moral viria a calhar…

— Não sei. Você iria mesmo comigo?

Ilya pegou a mão dele e deu um apertinho.

— Sim, se for ajudar.

Shane assentiu.

— Talvez ajude. Vai ser esquisito pra cacete, mas… acho que eu gostaria que você estivesse comigo.

— Está bem.

— Mas acho melhor a gente se vestir antes.

— Sim.

Se vestiram depressa. Shane botou uma camisa de um acampamento de hóquei de caridade que tinha ajudado como treinador no verão anterior, só para lembrar aos pais de que era uma pessoa boa e normal.

Ilya estava usando a camiseta dos Boston Bears. Shane fez careta.

— *Isso aí* é que não vai ajudar.

— Ah, eles não sabem que eu jogo pros Bears?

Shane revirou os olhos.

— Bora, vai. Vamos acabar logo com isso.

O caminho até o chalé dos pais de Shane levava uns dez minutos de carro, mas dessa vez pareceu ser bem mais demorado.

— Certo — disse Shane quando estacionou logo atrás do carro do pai. — Só… deixa que eu falo.

— Sem problemas.

— Droga, talvez seja melhor você esperar no carro.

Ilya arqueou uma sobrancelha para ele.

— Não — falou Shane. — Não, esquece isso. Vem comigo.

Saiu do carro e Ilya foi atrás. Shane ficou se perguntando se os pais estavam observando os dois de uma janela.

Não se deu ao trabalho de bater. Com os pais, nunca fazia isso. Abriu a porta e disse, com o máximo de calma que pôde:

— Oi? Sou eu. É… o Shane.

Os pais se levantaram do sofá. Estava evidente que o pai tinha contado à mãe o que vira.

— Shane? — disse a mãe, como se nunca tivesse ouvido o nome antes.

— Mãe. Pai. Acho que… que a gente devia conversar.

— Esquecemos de comprar detergente pra máquina de lavar louça — falou o pai, que ainda parecia estarrecido. — Eu só queria ver se podia pegar um pouco emprestado. Não sabia que você estava… acompanhado.

— Pai, tudo bem. Desculpa. Você… não devia ter descoberto dessa forma.

— Descoberto o quê, exatamente? — perguntou a mãe, com olhos fixos em Ilya, logo acima do ombro de Shane.

— Bem, eu… eu sou gay. O que eu ia contar a vocês. Em breve. Eu só… sinto muito. Queria ter contado.

Os pais não disseram nada. Ambos estavam encarando Ilya como se ele fosse um leão da montanha prestes a atacar.

— Hm, e esse aqui é… o Ilya Rozanov. Vocês provavelmente sabem disso.

— Oi — disse Ilya.

— E ele está… de visita. Ele… nós somos, hm…

O que *eram*, exatamente? Ocorreu a Shane que ele e Ilya ainda nem tinham decidido com qual rótulo se sentiam mais confortáveis.

— Amantes — ofereceu Ilya.

Porra, tinha que escolher a palavra mais nojenta possível, Ilya?

Bem, depois dessa não tinha mais como voltar atrás mesmo. Shane só podia esperar para ver no que ia dar.

— Mas… você odeia ele — disse a mãe.

— Não, eu… Não odeio. Quer dizer. Às vezes meio que odeio, sim. Mas no geral, eu… amo ele. Na verdade.

— Você… *o quê?*

O coração de Shane estava disparado.

— Será que a gente não pode… se sentar, talvez? Eu sinto muito. Sei que é coisa demais pra digerir de uma só vez. Não queria ter contado assim. Mesmo.

Ninguém falou nada por um momento, depois o pai assentiu e gesticulou para os móveis da sala de estar. Os pais se sentaram juntos no sofá, enquanto Shane e Ilya ocuparam cadeiras separadas de frente para eles.

— Shane… — começou a mãe. — Acho que nós dois… suspeitávamos… de que talvez você fosse… gay.

— Sério? — Por essa Shane não esperava.

— Bem, sim. Não tínhamos certeza, é óbvio. Só achávamos que talvez fosse uma possibilidade.

— Meu deus. Não fazia ideia de que vocês pensavam isso.

— Nós te conhecemos bem — falou a mãe, dando um sorrisinho, e aquele singelo gesto fez Shane querer chorar de alívio.

— O que nós *não* suspeitávamos — acrescentou o pai — era sua… *amizade*… com o sr. Rozanov aqui.

— Ilya — disse o russo.

— Ilya, então.

— É… uma longa história. E não faz sentido nem para nós — explicou Shane.

— Nenhum — concordou Ilya.

— Quando foi que isso aconteceu? — perguntou a mãe. — Espera, foi no Jogo das Estrelas? Quando vocês estavam no mesmo time e…

— Não — respondeu Shane. — Já… estava rolando naquela época.

O pai soltou um suspiro.

— Vocês enganaram bem a gente. E… todo mundo.

— Então quando? — indagou a mãe. Parecia desesperada para decifrar a cronologia daquilo. Shane conseguia ver que ela estava revivendo diversas temporadas em sua mente.

— Desde, hm, nosso ano de estreia — balbuciou Shane.

Ele não achava que tinha como os pais ficarem *mais* chocados, mas de fato a nova informação os surpreendeu mais ainda.

— Não dá pra ter sido… desde *a temporada de estreia*? — conferiu a mãe, arquejando.

— Não — falou Ilya. — Não foi, não. Foi antes disso.

Não tá ajudando, Ilya.

— *Antes* disso? — disse a mãe.

— Um pouco só — esclareceu Ilya. — No verão anterior.

— Vocês estão… *apaixonados* esse tempo todo?

— Não! — respondeu Shane.

— Meu deus, não — falou Ilya ao mesmo tempo.

— Mas então… — começou a mãe. — Ah. — E corou. — Entendi.

— Enfim — retomou Shane, ainda mais vermelho do que a mãe. — A questão é que estamos… juntos. Mais ou menos. Gostaríamos de estar,

melhor dizendo. Se não fosse basicamente impossível.

Pela primeira vez, o olhar de choque deixou o rosto dos seus pais e foi substituído por algo parecido com empatia.

— Eu só não entendo — falou a mãe. — Como foi que isso aconteceu entre vocês? Não tinha caras legais em Montreal, Shane?

— Provavelmente — murmurou Shane.

— Seus colegas de time sabem… disso? — questionou o pai.

— Não! Não, ninguém sabe. *Ninguém*. Isso aqui é segredo total, tá bom?

O pai se levantou.

— Alguém quer uma cerveja? Preciso de uma cerveja.

— Sim — disse Ilya.

— Com certeza — falou Shane.

— É a coisa mais forte que a gente tem? — perguntou a mãe.

Shane aproveitou a trégua na conversa para olhar para Ilya, que pareceu sentir a mirada de Shane e se virou imediatamente para lançar um semblante inquisitivo.

Você acha que está indo bem até agora?

Mal não tá, né?

É, mal não tá.

Sem dizer nada, o pai entregou uma lata de cerveja a cada um. Ficou parado na frente de Ilya, mas voltou a se sentar sem dizer nada.

— Eu só… — falou a mãe. — Não acredito que essa história seja real.

— Eu sei — concordou Shane.

— Esse tempo todo — disse o pai, baixinho, quase que para si mesmo. — Você estava guardando esse segredo. O tempo todo.

— Você nunca… — De repente, a mãe soava horrorizada. — Você nunca *deixou* ele ganhar, né, Shane?

— Meu deus, mãe! Claro que não!

Ilya riu.

— Ele não precisa *me deixar* ganhar.

— Eu jamais faria isso — acrescentou Shane depressa. — O time vem em primeiro lugar, sempre. Além do mais, gosto de ganhar dele.

A mãe estava franzindo o cenho, sem acreditar nas palavras do filho.

— Quando jogam Yahtzee, você deixa *ele* ganhar? — perguntou Shane, desesperado.

— Nunca. — A mãe sorriu, talvez entendendo, porque pareceu relaxar.

— Seu plano é continuar assim? Mantendo o segredo até a aposentadoria? Para sempre? — perguntou o pai.

— Talvez. Quer dizer, sim. Provavelmente.

— Ah, Shane. — A mãe parecia desolada.

O pai sacudiu a cabeça.

— Sinceramente? Não vejo outra saída. Eu bem queria.

— Eu sei — disse Shane, triste. — *Nós dois* sabemos. Não é uma coisa que a gente pode anunciar.

— Preciso dizer — falou o pai. — Estou surpreso com você, Ilya. Você sempre teve uma reputação tão forte de *mulherengo*.

— Não deixa de ser verdade — respondeu Ilya.

— Ele gosta dos dois — explicou Shane.

— Ah — falou a mãe.

Os pais trocaram um olhar de preocupação. Shane estava prestes a mudar de assunto — porque a coisa estava ficando desconfortável *demais* — quando Ilya falou.

— Já fiquei com muitas mulheres. E nunca foi… falso. Mas… — Ele olhou para Shane, que prendeu o ar. — Na vida inteira, só me apaixonei por uma pessoa.

E, de repente, a imagem de Ilya ficou bastante turva nos olhos de Shane, que engoliu a vontade de chorar e disse:

— Eu também. Só uma.

A mãe de Shane cobriu a boca com a mão. Batucou os dedos no lábio superior, e Shane sabia que ela estava prestes a dar uma de Yuna Hollander na situação.

Dito e feito, um momento depois ela bateu as mãos e se levantou.

— Certo, então qual é o plano? — perguntou. — Temos um problema, então vamos resolvê-lo.

Shane lançou um olhar desvairado a Ilya, que deu um sorrisinho para ele. Agora tinham Yuna do lado deles, e Shane não conseguia pensar em uma aliada melhor.

— Antes de tudo — disse Yuna —, você conversou com o Scott Hunter? — Ela falou como se lhe causasse dor física dizer o nome do homem mau que roubou o ouro Olímpico de seu amado filho.

— Falei — disse Ilya —, mas não sobre… nós.

— Mandei e-mail pra ele — acrescentou Shane. — Eu só, sabe, disse que respeitava a coragem dele ou algo do tipo. Não falei nada de mim também, nem do Ilya.

Yuna estava batendo o dedo no lábio de novo.

— Ele provavelmente não conseguiria ajudar. Não com essa situação.

— Acho que ele ficaria muito confuso sobre nós — comentou Ilya.

— "Confuso" é certamente uma palavra a se usar para essa situação — falou o pai. Seu choque parecia ter sumido de vez e sido substituído por algo que parecia diversão.

— Uma coisa eu digo: o que o Scott fez quando, hm, beijou o namorado… — Shane não conseguia acreditar que estava dizendo aquilo. Não tinha dito nem para *Ilya*. — Aquilo mudou alguma coisa dentro de mim. Foi… gigante. Me fez… querer tentar. Me fez querer ser mais corajoso e tentar ser feliz.

Ele olhou para o chão até não conseguir mais aguentar, depois olhou para Ilya, cujos olhos estavam mais suaves do que nunca.

— Sim — concordou Ilya. — Eu também.

Shane deu um pigarro.

— Temos uma ideia. — Ele contou aos pais o plano de Ottawa/Montreal que explicara para Ilya na noite anterior.

— Isso — respondeu o pai, contemplativo — não é má ideia.

— Você deixaria Boston? — perguntou Yuna, chocada. — Pelo Shane?

Ilya nem pestanejou.

— Sim.

Ela franziu o cenho, como se não conseguisse acreditar em nem uma palavra que saía da boca dele.

— Ai, meu deus! — exclamou Shane. — Você tá com o pé atrás, não tá, mãe?

— Do que você está falando?

— Você se incomoda com a falta de lealdade dele com o time!

— Ué! — disse a mãe, como se fosse uma maneira perfeitamente razoável de reagir ao fato de que Ilya estava tão apaixonado pelo filho a ponto de se dispor a jogar a vida toda pelo ar.

Shane se virou para Ilya.

— A propósito, minha mãe se importa *um pouco demais* com hóquei.

Ilya riu pelo nariz.

— Agora entendi a quem você puxou.

Shane estava prestes a dar o dedo do meio, mas se lembrou dos pais. E então a ficha caiu: seus pais estavam ali. Com Ilya. O segredo tinha sido revelado e eles estavam conversando sobre Shane e Ilya como um *casal*.

E, de repente, Shane se sentiu um pouco tonto.

Tudo estava acontecendo tão rápido: as confissões de amor, a descoberta por seus pais, os planos para o futuro.

Meu deus meu deus meu deus.

— Shane? — Era a voz de Ilya, carregada de preocupação. Shane sentiu um toque no ombro e percebeu que estava com a cabeça entre os joelhos. — Tá tudo bem?

Shane respirou fundo e soltou o ar lentamente, mantendo a cabeça baixa.

A mão de Ilya pousou em seu joelho, e ele se agachou ao seu lado, procurando seus olhos.

— Shane?

— Eu tô bem — falou Shane, com a voz fraca. — Só tô… surtando. Não se preocupa comigo.

Ilya pegou as mãos dele e esfregou os polegares no dorso.

— Está tudo bem, sim? Sua família está aqui. E seu namorado. E nós estamos bem.

Shane ergueu a cabeça um pouco.

— Namorado?

Que palavra ridícula. Tão ridícula que chegava a ser maravilhosa.

Ilya deu de ombros e sorriu.

— Eu acho, sim?

— Sim.

Pena que estavam na sala de estar dos pais e que os dois definitivamente os estavam encarando, porque Shane queria pular no colo de Ilya e beijá-lo até caírem no chão.

— Desde a temporada de estreia dos dois… — Shane ouviu a mãe murmurando. — Não acredito.

— Olhando pra eles agora, até que consigo acreditar, sim — respondeu o pai.

Capítulo vinte e sete

Foram embora do chalé dos pais de Shane com a promessa de que voltariam para jantar na noite seguinte.

Ilya não sabia como Shane se sentia sobre o que tinha acabado de acontecer, mas *ele* achava que tudo correra surpreendentemente bem.

— Puta merda — disse Shane. Não tinha nem dado partida no motor; estava só sentado no banco do motorista com a testa no volante.

— Foi ok, sim? — ofereceu Ilya.

— Não sei. Você acha que foi? Porra. Foi esquisito demais.

— Bem, agora eles sabem.

Shane soprou o ar.

— É.

— A gente devia ir pra casa.

Shane assentiu ainda colado no volante antes de endireitar a postura e clicar no botão da ignição.

Ilya passou o caminho curto inteiro pensando se tinha sido estranho chamar o chalé de Shane de *casa*. Ele sabia que seu inglês tinha ressalvas, mas se referir a um lugar onde estava ficando por duas semanas de "casa" não era estranho, era?

Se fosse, Shane não estava dizendo nada a respeito.

Na verdade, ele não abriu a boca durante a viagem, fora balbuciar alguns palavrões. Suas mãos estavam firmes no volante. Quando chegaram no chalé, ele largou as chaves numa tigela e foi até a sala de estar com a mão no cabelo.

— Preciso tomar um ar — falou e foi até o pátio, deixando Ilya sozinho.

Por sorte, Ilya tinha levado exatamente o que precisavam naquela situação.

Foi até o congelador e pegou a garrafa de vodca que tinha guardado no dia em que chegou. Era das boas, destilada em pequenos lotes e impossível de comprar fora da Rússia. Pegou dois copos e os levou com a garrafa para fora.

— Talvez seja uma boa hora para isso — sugeriu, erguendo a garrafa.

Shane se virou com cautela e riu quando viu a vodca.

— A última vez que bebi esse troço foi em Las Vegas, lembra?

— Sim — respondeu Ilya, servindo com cuidado alguns dedinhos em cada copo. — Mas você nunca bebeu *isso* aqui. Essa vodca é especial. — Ele entregou um dos copos a Shane.

Ilya fechou os olhos e deu o primeiro gole, aproveitando o contraste da temperatura frígida do líquido e o fogo do álcool que escorria por sua garganta. Perfeito.

Abriu os olhos quando ouviu Shane se engasgando e tossindo.

— Ai, caramba. Que coisa *forte*. Talvez eu precise de um suco de cranberry ou algo do tipo.

— Se misturar isso aí com suco de cranberry, eu te afogo no lago.

Porém, Shane, aparentemente sem conseguir se concentrar, já estava dando um segundo gole.

— Esse está sendo o dia mais estranho da minha vida.

Ilya queria dizer a Shane que tinha sido um dos *melhores* dias da vida *dele*. Esquisito, é claro, mas Ilya sentia que, se já não tivesse sido, então *seria* bem recebido na família de Shane, e isso não era pouca coisa. Na verdade, para Ilya, que mal tinha sido bem recebido na própria família, era um acontecimento e tanto.

Queria dizer que o mais perto que sentia de ter um lar era quando estava com Shane. Não importava se fosse um quarto de hotel, o apartamento de Ilya, aquele prédio escondido que Shane comprou em Montreal ou ali no chalé; Ilya era ele mesmo quando os dois estavam juntos. Tinha ido embora da Rússia, ficava inquieto nos Estados Unidos e passara a vida adulta inteira indo de um continente para o outro, de uma transa a outra.

Mas, agora, tinha sido fisgado por aquele canadense irritante, e tudo o que sabia era que queria ficar. Queria se ancorar a Shane e só… ficar.

Não dava para *dizer* nada disso — literalmente, Ilya não conseguia pensar nas palavras estrangeiras para articular o que estava sentindo no

momento. Então, em vez disso, pegou o copo de vodca da mão de Shane e o colocou na mesa ao lado de seu próprio. Vai ver *não era* de álcool que Shane estava precisando.

Ele o envolveu nos braços e o segurou. Brincou com o nariz no cabelo de Shane e sentiu seu cheiro.

— Eu te amo — murmurou, porque *isso* ele conseguia dizer. Depois de tanto tempo, finalmente conseguia.

Shane inclinou a cabeça para cima e estudou o rosto de Ilya com uma pergunta nos olhos.

— Eu também te amo. Você está bem?

Ilya assentiu e se inclinou adiante para beijá-lo.

Era exatamente como, em segredo, Ilya sempre quisera beijar Shane: numa demonstração descarada de adoração e cuidado. Com as línguas se acariciando devagar enquanto Ilya segurava o rosto de Shane nas mãos e alisava seu cabelo com a ponta dos dedos.

Seu coração deu uma cambalhota e ficou cambaleando, desgovernado pelo peito. Agora não tinha volta. Nada daquilo tinha volta.

— Fico pensando na logística — comentou Shane quando se afastaram, como se Ilya não tivesse acabado de colocar todo o coração em jogo no beijo. — Tipo, o mais cedo que você conseguiria ir para o Ottawa seria na temporada seguinte a essa, né, que é quando seu contrato com Boston acaba?

Ilya *não* queria falar de nada disso naquele momento.

— Sim. Provavelmente. — Ele mordiscou atrás da orelha de Shane, na intenção de distraí-lo.

— Então falta um pouco mais de um ano pra você talvez ir pra Ottawa, e aí a gente espera, o quê, mais uma temporada inteira pra anunciar a caridade? Teria que levar mais ou menos esse tempo, né?

— Hmm — respondeu Ilya. Ele não se importava muito.

— Então um ano e meio até a gente poder anunciar a caridade. O que é o mesmo que anunciar nossa amizade — considerou Shane enquanto Ilya botava as mãos na parte de trás de sua bermuda e o puxava mais para perto.

— E depois? — continuou Shane. — Por quantos anos mais você acha que vai jogar?

— Porra, Hollander — grunhiu Ilya. — Não sei, caralho.

— Só tô tentando ter uma ideia de quando tempo a gente… O que você tá fazendo?

Ilya tinha ficado de joelhos, e sentia que o que estava fazendo era bastante óbvio.

— Tô comemorando — disse Ilya, puxando os shorts de Shane até eles caírem na madeira do cais. — Você devia comemorar também.

— *Agora?* Minha cabeça tá a mil! Como você consegue pensar em sexo agora?

— Porque é um dia lindo. E nós estamos sozinhos. E conheci seus pais. E quero que você sossegue o facho. E eu te amo.

— Ah.

Ilya chegou mais perto e botou tudo na boca, aproveitando a nova sensação do membro flácido em sua língua.

— Ai, caralho, Ilya — disse Shane, arquejando.

Assim que eu gosto.

Queria comer Shane. Bem ali no cais. Mas para isso precisaria parar e entrar para pegar o lubrificante e uma camisinha. E parar não parecia nenhum pouco atrativo.

Por ora, dedicou seus esforços a desmantelar Shane.

— Você é bom demais nisso — suspirou Shane.

Ilya zuniu, concordando.

A ficha caiu de que era aquilo. Aquela seria sua vida sexual dali em diante. Era o fim dos casos insignificantes — mas inegavelmente gostosos — de uma noite. Era o fim do sexo casual enquanto estava na estrada. Ele ia ter que abrir mão de tudo pela chance de ter algo duradouro. Pela chance de segurar o coração do homem lindo que suspirava seu nome como se fosse a palavra mais importante do mundo.

Ilya não tinha problema algum em abrir mão disso tudo. Renunciaria a muito mais, se fosse preciso.

— Ilya. Caralho, *Ilya*. Que delícia. Não para. Eu te amo.

Em resposta, Ilya levantou a mão para pegar a de Shane e entrelaçou seus dedos. *Eu te amo tanto. Não me deixe.*

— Ai. *Isso.* Porra, isso. Eu vou… ai, puta que pariu, Ilya. Caralho, *caralho*…

Ilya apertou a mão dele enquanto Shane pulsava e gozava em sua boca. Ilya engoliu e limpou o pau com lambidas demoradas.

— Cacete. Sobe aqui — pediu Shane, ofegante.

Ilya se levantou, puxou os shorts de Shane consigo e o atrelou em um beijo molhado.

Quando se separaram, Shane ergueu os olhos inebriados de sexo para ele.

— Caramba. A gente vai mesmo fazer isso, né?

A declaração era vaga, mas Ilya entendeu.

— Sim. Se quiser tentar, vou fazer o que for preciso.

— Eu também. Qualquer coisa. Eu quero isso. Quero *nós dois*.

Ilya tirou o cabelo de Shane da frente de seus olhos.

— Então acho que vou me mudar para Ottawa.

— E vamos inaugurar uma instituição de caridade.

— E virar amigos.

— E nos ver o tempo todo. Tanto quanto for possível. E passar os verões juntos. Aqui.

— Sim.

Se beijaram de novo. Ilya não conseguia acreditar que tinham solucionado aquele problema impossível. Talvez as coisas não corressem com a tranquilidade que imaginavam, mas tinham um plano.

— E quando eu me aposentar — disse Ilya — depois de ter ganhado doze Taças Stanley e treze prêmios como MVP…

— É o cacete.

— … e de você já ter se aposentado há uns oito anos porque ficou ruim no hóquei…

Shane riu.

— Então, tá.

— … aí eu vou te trazer aqui pra fora, botar centenas de velas no cais…

— Perigando um incêndio.

— É na água, Hollander. Cacete, relaxa. Vai ficar lindo, e você vai amar. As velas. O lago. A lua cheia.

— Ah, é uma noite sem nuvens?

— Sim. É claro. E então eu vou me ajoelhar…

— Ilya…

— E dizer: "Shane Hollander, quer por favor se casar comigo para eu me tornar um cidadão canadense mais rápido?"

Shane caiu na gargalhada e deu um empurrão em Ilya.

— Você é muito babaca, cara.

— E você vai dizer sim, porque é um bom garoto que ama ajudar.

— Não — protestou Shane, pegando as mãos dele. — Vou dizer sim porque ainda vou estar loucamente apaixonado por você. E vou querer passar o resto da minha vida do seu lado.

E, caramba, Ilya não merecia mesmo Shane, mas não se importava. Era egoísta mesmo.

— É sério — disse Shane baixinho. — Quero ter uma vida com você. Sei que vai ser esquisito e a gente ainda vai precisar ficar se escondendo por um tempo, mas estou pensando a longo prazo. Então, sim. Custe o que custar, eu tô dentro.

Ilya ergueu as mãos unidas dos dois aos lábios e beijou os nós dos dedos de Shane.

— Então vou poder conhecer seu apartamento de Montreal? O verdadeiro?

— Você pode deixar uma escova de dente lá e tudo. Vou vender aquele outro lugar. Eu estava sendo paranoico quando comprei. Foi mal.

Ilya sorriu.

— Comprar um prédio inteiro em um surto de nervosismo é sua cara.

Shane sacudiu a cabeça.

— Sinto muito mesmo. Só queria proteger o que a gente tinha. Eu devia ter te convidado pro meu apartamento de verdade antes. Quero você lá. Quero você na minha vida. Nela toda.

Meu deus, será mesmo que iam conseguir manter aquilo em segredo até a aposentadoria? Agora que estavam sendo honestos quanto ao que significavam um para o outro, Ilya tinha medo de que isso fosse tornar impossível esconder o relacionamento do mundo.

Ainda mais quando Shane o olhava como estava fazendo naquele momento — como se valesse a pena passar por todo aquele perrengue *por Ilya*. Como se ele fosse digno de amor.

— Quero contar pra todo mundo — disse Ilya. — Agora.

Shane arregalou os olhos de pânico.

— Não! Não faz isso. A gente precisa seguir o plano.

Ilya suspirou, dramático.

— Você e seus planos. E se eu só tascasse um beijo na sua boca no próximo Jogo das Estrelas?

— Eu soco a sua cara. Juro por deus.

— Até parece. Não se eu te beijasse assim.

Ilya segurou o rosto de Shane com uma mão, afagou sua bochecha com o polegar e o beijou. Ele se demorou e terminou mordiscando o lábio inferior de Shane, que, já bambo por causa da mamada, caiu no peito de Ilya.

— Se você me beijasse assim eu ia te jogar no gelo e começar a tirar seus equipamentos — murmurou Shane, num tom sonhador.

— Isso seria muito interessante. — O pau de Ilya de repente ficou *muito* interessado nesse cenário imaginado.

— E se nós só contássemos a amigos? — sugeriu Shane. — Minha família já sabe. A gente podia… só deixar rolar com o restante.

— Hmm — disse Ilya. — E o que seu melhor amigo Hayden Pike diria?

— Provavelmente acharia que eu estava tirando uma com a cara dele.

— De fato, você tem *muita* fama de pregar peças.

Shane riu.

— Quero contar pra ele. Quero que ele te conheça como eu.

— *Sério?* — Ilya falou a palavra do jeito mais sugestivo possível. — Acha que ele gostaria de um a três? Uma noite longe das crianças, quem sabe?

Shane escondeu o rosto no ombro de Ilya, provavelmente para esconder o rubor.

— Ou talvez se a Rose Landry quiser uma experiência sexual com você que não seja desastrosa…

— Nada de marmitas! — disse Shane. — Essa regra pra mim é lei.

— Você nunca experimentou — debochou Shane. — Talvez goste.

— Na minha vida inteira, por acaso alguma vez acabei amando uma coisa que achei que odiaria? — disse Shane, seco.

Ilya riu e deu um beijo no topo de sua cabeça.

— Vamos pra cama.

— São quatro da tarde.

— Sim, mas quando eu tiver terminado tudo o que quero fazer com você, já vai ser hora de dormir.

— Quantas promessas.

Ilya segurou a mão de Shane e o puxou para a casa. Com a mão desocupada, pegou o copo de vodca do canadense — não tinha por que desperdiçar.

— E amanhã vou passar o dia todo na cama com você.

— O dia todo, é?

— Aham. Traz a garrafa pra dentro, sim? E quem sabe até o dia seguinte também.

— Por duas semanas?

Ilya deu de ombros.

— Talvez eu possa ficar mais um pouco.

Shane bateu a garrafa de vodca na bancada da cozinha.

— Você pode?

— Um pouco. Sim. Se você quiser.

— Olha, tem mais alguns outros russos gostosos vindo ficar comigo daqui a algumas semanas…

Ilya arquejou.

— Shane Hollander! Você nunca tinha me chamado de gostoso.

Shane franziu o cenho.

— Não?

— Não. Eu me lembraria.

— Bem, quer dizer… obviamente você é gostoso. Gostoso do tipo "não acredito que eu posso beijar esse cara".

— Vamos lá pra cima. Você pode me beijar e me contar sobre Ottawa. E talvez me fazer gozar, porque eu tô morrendo de tesão aqui.

Shane saiu correndo na frente e passou por ele nos degraus.

— Só se você ganhar de mim.

Ilya riu.

— Fechado, Hollander.

Epílogo

Dezesseis meses depois
Montreal

— Ele botou o pé pra eu tropeçar! Ei, qual foi, juiz? Ele me fez cair de propósito!

Shane olhou feio para o árbitro, depois para a Ilya, que pairava sobre ele com sua camisa de Ottawa.

— Você caiu — disse Ilya.

— Eu não *caí*. Me fizeram *tropeçar*.

— Sim. *Seus próprios patins* te fizeram tropeçar.

— Vai se foder, Rozanov.

Os lábios de Ilya se curvaram para cima.

— Mais tarde vou mesmo.

E agora Shane teve que conter um sorriso. Se ajoelhou e depois se pôs de pé, ainda fulo da vida. Ilya com certeza tinha feito ele tropeçar.

A multidão vaiava, xingando o nome de Ilya, e Shane foi confrontá-lo.

— Para de ser cuzão.

— Para você de cair.

Shane enfiou o dedo enluvado no peito dele. Ouviu a torcida rugir em aprovação.

— Você não consegue ganhar de mim sem *trapacear*.

Ilya arqueou uma sobrancelha.

— Ah, você acha mesmo?

Alguém agarrou o braço de Shane e o puxou.

— Depois resolvam isso entre quatro paredes. Eu, hein.

— Oi, Hayden — disse Ilya, sorrindo.

— Ainda não gosto de você, Rozanov — respondeu Hayden.

— Ah, não! — Ilya zombou dele. — Como é que eu vou conseguir impressionar o décimo quinto melhor jogador de Montreal?

— Shane, eu vou meter porrada nele.

— Não.

— Juro que vou esmurrar esse cara.

— Não vai, não — repreendeu o árbitro. — Voltem pros bancos, vocês três. Está no intervalo comercial. Vão lá esfriar a cabeça.

Ilya deu uma piscadinha para Shane e patinou até o banco. Shane sentiu as bochechas queimando.

— Ainda não acredito que ele é seu… você sabe — grunhiu Hayden enquanto seguiam para o banco.

— Para.

— Eu sei, eu sei. É só que… quando paro pra pensar, minha cabeça dá tilte.

— Então não fica pensando!

— Assim, a gente podia ter encontrado um cara legal pra você, se você tivesse…

— Para.

Chegaram ao banco e, embora Shane tivesse se assumido para os colegas de time na temporada anterior, não tinha contado a ninguém sobre Ilya. Hayden tinha juntado dois mais dois e sacado tudo cerca de um mês depois de uma viagem para Boston dois meses antes.

— Ei, posso fazer uma pergunta? — indagara quando estavam indo para seus carros depois de chegarem em casa de uma viagem. — Lembra de quando você ia encontrar um alguém misterioso toda vez que a gente jogava em Boston? Mas agora não faz mais isso?

— Hm… A gente, hm… terminou — respondera Shane depressa, de um jeito nada convincente.

— Ah, tá. Mas você tem ido muito de carro pra Ottawa essa temporada.

— É, meus pais moram lá. Eu ando, hum… visitando bastante eles.

— Seus pais sempre moraram lá, e eles vêm pra Montreal muito mais do que você vai pra Ottawa. Então, tenho outra teoria. Acho que seu alguém misterioso é o Ilya Rozanov.

Naquele momento, Shane fora tomado por uma mistura de medo e vergonha, mas também de alívio. Não disse nada até chegarem ao carro de

Hayden, e então suspirou e assentiu.

Hayden empalidecera.

— Puta que pariu. Eu meio que estava brincando. Você tá mesmo… fazendo coisas… com o Rozanov?

— Tô.

— Espera, sério mesmo? Ele assinou o contrato com Ottawa para ficar *mais perto de você*? O que caralhos tá acontecendo?

— Esse foi um dos motivos, sim.

Depois, Hayden se virou, colocou as mãos em cima do carro e se inclinou para a frente como se estivesse tentando respirar apesar da dor de uma cãibra.

— Shane, isso não é bom, cara.

— Não é ideal, eu sei. Mas… eu amo ele.

Hayden o encarara depois disso como se Shane tivesse criado asas e ganhado uma cauda, e naquele momento Shane teve certeza de que tinha perdido seu melhor amigo. Porém, em vez de gritar ou de entrar no carro e sair às pressas, Hayden só tinha assentido e falado:

— Acho que preciso conhecer ele direito, então.

Desde esse episódio, ele e Ilya *tinham* se visto oficialmente duas vezes, mas nenhuma delas tinha ido lá muito bem. Hayden só conseguia pensar em Ilya como o inimigo, e Ilya respondera com seu sarcasmo incansável. Por isso, eles não eram o que se chamaria de amigos.

— Tem certeza de que quer fazer aquela coletiva de imprensa amanhã? — perguntou Hayden. — Assim, ninguém sabe que agora vocês são amigos. Você poderia manter as coisas como estão.

— Tenho, sim. — Shane tinha certeza absoluta. Ele e Ilya vinham se preparando para o dia seguinte havia mais de um ano.

Ele tinha vendido o prédio das ficadas, e Ilya vendera (boa parte de) sua coleção de carros. Com os ganhos combinados, inauguraram a Fundação Irina. No dia seguinte, na sala de conferência de um hotel no centro, iam anunciar e, mais importante ainda, explicar a fundação que tinham criado juntos.

— É uma boa causa, acho — falou Hayden em um suspiro. — Peço desculpas desde já se Rozanov aparecer com um olho roxo na coletiva de imprensa.

— Por favor, não soque ele.

— Vamos fazer um acordo: se ele parar de ser um arrombado, não meto um murro na cara dele.

Shane fez careta. Ilya com certeza ia dar as caras com um olho roxo no dia seguinte.

Ilya encontrou Shane no banheiro ao fim do corredor da sala de conferência. Estava agarrando a bancada e encarando uma das pias.

— Relaxa, Hollander — disse Ilya, que provavelmente estava tão nervoso quanto, só que Shane era muito pior em esconder. Ilya botou as mãos nos ombros de Shane e esfregou de leve, tomando cuidado para não enrugar o paletó cinza-claro.

— Tô nervoso — comentou Shane, sem precisar.

— Eu sei.

— A gente tem planejado esse dia há mais de um ano e agora chegou e tô com medo. Não sei nem por quê!

— Nosso plano funcionou superbem até aqui — disse Ilya.

— Bem demais. Fico esperando alguma coisa dar errado.

De fato, as coisas tinham *mesmo* parecido fáceis demais até então. Quando o contrato de Ilya com Boston acabou, Ottawa teve o prazer de contratá-lo. Ilya havia comprado uma casa enorme e reclusa à beira do Rio Ottawa, com uma garagem para quatro carros. No momento, ela estava ocupada com dois carros esportivos e um Mercedes SUV bastante sensato de se ter. ("Ele é bom pra dirigir na neve", explicara Ilya acanhado quando o mostrara a Shane pela primeira vez. "Para ir de Ottawa para Montreal.")

Tinham concordado que seria mais fácil continuar em segredo se ambos não morassem em apartamentos, então Shane comprou uma casa em Brossard que ainda assim era próxima da instalação de treino do time.

Ilya colocou os braços ao redor do namorado para puxá-lo para o peito. Shane fez contato visual no espelho.

— Sua bochecha está bem melhor do que eu pensei que estaria.

— Ainda dói.

— Bem feito. Você foi muito cuzão com o Hayden.

— O Hayden é um cuzão *comigo*.

Shane bufou.

— Tenho péssimo gosto pra homem. Amigos *e* namorados. — Ele fechou os olhos e tombou a cabeça para o ombro de Ilya.

— Você vai ficar bem — disse Ilya, beijando a têmpora de Shane e dando um cheiro em seu cabelo.

— Ei, não estraga meu cabelo — murmurou Shane, mas ele estava sorrindo.

— Meu deus. — Ilya virou a cabeça e viu Hayden plantado à porta com a mão sobre os olhos. — Ainda não me acostumei. Vocês sabem que isso aqui é, tipo, um banheiro *público*, né?

Ilya baixou os braços, e Shane se afastou. Hayden tinha razão. Shane e Ilya ainda nem eram assumidos publicamente como gay e bissexual, muito menos como casal. Tinham concordado que queriam que suas vidas particulares fossem deles próprios, e que só contariam às pessoas que queriam incluir nessa vida. Por enquanto, era um círculo bastante diminuto. Um círculo pequeno que, para a tristeza de Ilya, incluía Hayden.

— Enfim — disse Hayden, ainda olhando para a parede e não para eles —, Shane, sua mãe me pediu para te procurar. Consertaram a parada do áudio, então vocês podem começar quando quiserem.

— Ok, valeu. A gente já vai.

Hayden assentiu.

— Vou ficar aqui fora da porta, mas vocês têm, tipo, no máximo uns dois minutos, beleza? Não… comecem nada.

Ilya sabia que Shane estava revirando os olhos.

— Não vamos. Meu deus, Hayden.

Quando a porta se fechou, Ilya riu.

— Ele acha que você não consegue gozar em dois minutos?

— Ah, cala a boca, vai.

Ilya pegou a mão de Shane e o puxou para perto.

— Antes de fazermos isso, quero te dizer que eu estou… muito feliz hoje. Minha mãe teria adorado isso. E acho que ela está comigo hoje. E orgulhosa.

Ah, ops. Agora os olhos de Shane estavam brilhando.

— Ela tem tantos motivos para ter orgulho de você, Ilya.

Ilya sorriu para ele.

— Preciso te beijar aqui, senão vai acabar sendo lá fora.

— Tá bem.

Ele segurou o rosto de Shane nas mãos e o observou por alguns segundos antes de se esticar e beijá-lo até perder o ar.

— Eu te amo — disse Ilya.

— Eu também te amo.

Ilya assentiu.

— Lembra disso quando eu estiver sendo um babaca com você lá fora.

Shane sorriu e o beijou mais uma vez.

— Não esquenta, tô acostumado.

A sala estava repleta de pessoas morrendo de curiosidade para descobrir qual era o anúncio que Shane Hollander e Ilya Rozanov estavam prestes a fazer juntos. Shane não sabia quais boatos tinham surgido com a divulgação daquela coletiva de imprensa, mas era chegada a hora de botar um fim no suspense.

Tinham concordado que Shane seria quem mais ia falar. Ilya não era nem um pouco tímido, mas Shane sabia como ele ficava desconfortável dando discursos longos em uma língua estrangeira. Além do mais, Shane queria que tudo fosse dito tanto em inglês quanto em francês, já que tanto Montreal quanto Ottawa eram cidades bilíngues.

— O Ilya e eu competimos um contra o outro há mais de seis temporadas. Muita coisa foi dita e escrita sobre nossa rivalidade. Sobre o que nos difere como jogadores e como pessoas. Mas não falo com muita frequência do tamanho do meu respeito pelo Ilya, não só como um dos melhores jogadores da NHL, mas também como pessoa. Ele é um excelente líder, um ótimo competidor e um estupendo marcador de gols. Porém, ao longo dos anos, também pude conhecê-lo fora do rinque, e o considero um amigo.

Essa declaração por si só já criou uma onda de burburinhos pela sala.

Shane leu as palavras novamente, dessa vez em francês, e então prosseguiu:

— Quando o Ilya foi contratado pelo Ottawa, começamos a falar de criarmos uma instituição de caridade juntos. Hoje esse sonho se torna realidade. A Fundação Irina vai arrecadar dinheiro e chamar atenção para organizações que dão apoio, acompanhamento e assistência a pessoas que sofrem de depressão e outros transtornos mentais que podem levar ao

suicídio. É uma causa importante para nós dois, e fico muito feliz e orgulhoso por estar trabalhando com o Ilya para criar algo que esperamos que ajude muitas pessoas.

Ele traduziu para francês e, ao terminar, ouviu Ilya pigarreando.

— Ah, eu só consigo dizer minha parte em inglês. — Ele sorriu, o que fez o público rir. — Isso não está nas anotações, mas queria dizer que a Fundação Irina ganhou esse nome por causa da minha mãe. Ela lutou contra a depressão sem ajuda por muitos anos. Sem apoio, sem tratamento médico. Quando ela…

Shane nem parou para pensar. Só esticou a mão e a colocou sobre o antebraço de Ilya em cima da mesa. Não tinha esperado que Ilya fosse se abrir assim, mas, só de olhar para ele, Shane soube que o russo *precisava* dizer aquilo.

— Minha mãe morreu quando eu tinha doze anos. Ela perdeu a batalha. Essa fundação é para ela. É para ajudar pessoas como ela, para que não tenham que lutar sozinhas.

Ilya baixou o olhar para a mesa e fungou. Shane deu batidinhas em seu braço, querendo poder segurar sua mão ou beijar seu cabelo. Sentia um aperto no peito, e seus olhos ardiam.

Após um longo momento em que daria para ouvir uma agulha caindo no chão da sala abarrotada, Shane falou.

— Obrigado, Ilya.

Shane continuou explicando os acampamentos de hóquei que sediariam em Montreal e em Ottawa no verão, com todos os lucros indo diretamente à fundação. Listou algumas das organizações em que planejavam se concentrar quando fizessem as primeiras doações e anunciaram sua mãe, Yuna, como a diretora e tesoureira da fundação. Nem ele nem Ilya conseguiram pensar em alguém melhor para o posto.

Concluiu o discurso falando do site, onde as pessoas poderiam fazer doações virtualmente, e depois abriu a rodada de perguntas.

Quando acabou, Shane puxou Ilya da sala, e mandou mensagem para Hayden. Preciso que você fique de tocaia na porta de novo.

Shane guiou Ilya para o banheiro e o prendeu contra a porta assim que ela se fechou. Confirmou que estava tudo vazio e então disse:

— Meu deus. Vem cá. — Shane ficou na ponta dos pés e o beijou. — Não achei que você fosse dizer nada daquilo.

— Nem eu.

Se beijaram mais uma vez, totalmente desapressados, e Shane torcia muito para que Hayden tivesse recebido a mensagem.

— Eu queria te beijar lá fora — disse Ilya.

— Eu queria *sentar no seu colo* lá fora. Porra, tô tão orgulhoso de você, Ilya. Eu tô… orgulhoso de *estar com* você. Quero que você saiba que, mesmo se a gente mantiver isso em segredo, é uma honra estar com você.

— Eu sei. Eu também. Quando chegar a hora certa, vamos deixar de ser segredo.

Shane ainda não tinha certeza de quando isso seria. Haviam falado de esperar até que um deles ou os dois tivessem se aposentado, mas parecia tempo demais. Shane sentia que poderia jogar por pelo menos mais dez anos sem problema algum.

— Tem certeza de que precisa voltar pra Ottawa hoje?

— Sim. E seu voo pra Chicago é à noite.

— Eu sei. — Shane suspirou.

— Por isso quero tirar licença de piloto. Seria mais rápido.

Shane grunhiu.

— Por favor, não tire licença de piloto. Vou ficar muito puto se você bater o avião em uma montanha e morrer.

— Ah, que fofo.

Houve uma batida na porta, seguida pela voz de Hayden.

— Ei, hm, será que vocês podem encerrar por aí? Meio que preciso usar o banheiro por motivos legítimos.

Ilya bufou e deu licença. Shane abriu a porta.

— Boa coletiva, pessoal — falou Hayden, zarpando para os mictórios. — Sinto muito pela sua mãe, Ilya. Que história triste.

Ilya olhou para Shane como quem diz "esse aqui é seu melhor amigo?". Shane o ignorou.

— Acha que correu tudo bem? — perguntou Shane a Hayden.

— Com certeza. É, tipo, um lance forte, né? Dois rivais se juntando em prol de uma causa maior. Assim, ninguém naquela sala sabe que vocês estão apaixonados e tal. — Ele terminou o que estava fazendo e foi lavar as mãos. — Mas, pela forma como você estava olhando para o Ilya, Shane, achei que iam descobrir. Na real, achei que você fosse chupar a língua dele na frente do mundo inteiro. Que nem o Hunter fez.

— Para, vai — disse Shane.

— Nós temos mais autocontrole que o Scott Hunter.

Hayden balançou as mãos para tirar o excesso de água, depois as esfregou na calça.

— Mas teria sido memorável, viu.

— Não era nisso que nós queríamos focar hoje — falou Shane.

— Beleza, eu preciso que levar as gêmeas pra uma festinha de aniversário, então tenho que ir nessa.

Hayden foi dar um abraço em Shane, e depois, com certa hesitação, estendeu a mão para Ilya, que o cumprimentou e então lhe deu um tapinha nas costas.

— Obrigado, Hayden.

— Pois é, hm… desculpa pelo seu rosto, acho. Não que você não tenha merecido.

— Tudo bem. Meu rosto consegue sarar. Agora *o seu*…

— Tá bem — interrompeu Shane. — Já chega. Tchau, Hayden. — Ele empurrou o amigo pela porta, depois se virou para Ilya. — Vou encontrar minha mãe. Vai lá me procurar já, já, tá bem?

— Sim. Eu vou.

Ilya se pegou na mesma posição em que Shane estivera mais cedo: agarrando a bancada do banheiro, encarando a pia, imerso em pensamentos.

Sua vida estava tão próxima da perfeição, mesmo com os segredos que guardava. Segredos que ele estava soltando, feito bexigas, um de cada vez. Naquele momento o mundo todo sabia que ele e Shane eram amigos. Naquele momento o mundo todo sabia a verdade sobre a morte de sua mãe. Imaginava que logo, logo Andrei entraria em contato por causa disso, mas não dava a mínima. Seu irmão só lhe ligara algumas vezes desde o velório do pai, e só para pedir dinheiro, o que Ilya negara.

Andrei que se fodesse. Ilya tinha uma família melhor agora.

Os pais de Shane tinham aparecido para jantar com eles na casa de Shane na noite anterior, e houve um momento — quando Ilya derramou um pouco do vinho que estavam usando na receita e Shane lhe entregou um pano sem dizer nada — que Ilya foi atingido por uma forte sensação de

que tudo estava onde deveria estar. Ele estava com o homem que amava, cozinhando juntos para a família de Shane. A família que fora tão calorosa e acolhedora com Ilya depois de a poeira do choque inicial ter baixado.

Ilya não brincou quando disse que queria se casar com Shane. E não pela cidadania, é claro. Queria ser marido de Shane, e morar com ele, e talvez até que os dois criassem filhos juntos. Não tantos quanto Hayden tinha, mas um número tolerável.

Ilya fizera comentários maldosos quanto à falta de autocontrole de Scott Hunter, mas às vezes morria de vontade de fazer o mesmo. Fantasiava sobre agarrar Shane no fim de um jogo e beijá-lo, bem ali no rinque, na frente de todo mundo. Resolver a situação de uma vez, e qualquer um que achasse ruim que se fodesse.

Um passo de cada vez, Ilya relembrou a si mesmo.

Só que o Jogo das Estrelas estava chegando, e ele e Shane estariam no mesmo time de novo. Ilya só tinha uns sessenta por cento de certeza de que não beijaria Shane contra os painéis se marcasse um gol depois de um passe dele.

Ilya sorriu para seu reflexo no espelho e alisou a gravata. Teria que alertar Shane quanto à possibilidade de ser beijado no Jogo das Estrelas, só para estressá-lo.

Pegou o celular do bolso para conferir a hora, e uma mensagem apareceu. Não vá embora sem se despedir.

Ilya respondeu na mesma hora. Nunca.

Na verdade, tinha uma surpresa para Shane. Reservara um quarto naquele mesmo hotel. Os dois tinham menos de duas horas antes de Ilya precisar pegar a estrada, mas, depois de anos de prática, tinham pegado o jeito de aproveitar uma ou duas horas de privacidade.

1126, mandou por mensagem, e esperou a resposta de Shane.

Shane: Sério?! Melhor notícia do mundo. Até já.

Ilya riu, ligou um alarme no celular e foi encontrar seu namorado.

Agradecimentos

Antes de tudo, quero agradecer à minha editora, Mackenzie Walton, que melhorou tanto essa história esquisita. Também quero agradecer ao meu marido, Matt, que me ouviu fazendo uma leitura nervosa deste livro em voz alta e respondeu com nada além de entusiasmo e apoio.

MEU JANTAR COM HAYDEN

Esta história bônus acontece três semanas antes do epílogo em Rivalidade Ardente*, então é um... epílogo-prólogo? Aqui está o que acontece quando Ilya e Shane tentam receber Hayden e Jackie para um jantar. Aproveitem!*

Novembro de 2018
Montreal

Ilya abriu a porta da casa de Shane para receber Hayden e sua esposa (Jessica?). Até *poderia* ter esperado Shane terminar de lavar as mãos na cozinha para se juntar a ele à porta, mas era mais divertido assim.

— Ô, meu deus — falou Hayden assim que viu Ilya. — Acho que não vou conseguir.

Ilya sorriu, abrindo espaço para que passassem.

— Por favor, entrem.

Hayden passou por ele, a esposa logo atrás. Ela, pelo menos, deu um sorrisinho amigável, talvez em pedido de desculpas, ao entregar a garrafa de vinho que o casal tinha levado.

— Shane! — gritou Hayden. — Não quero te assustar, mas o Ilya Rozanov tá na sua casa.

Shane saiu da cozinha, secando as mãos no pano de prato. Estava usando calça escura e uma camisa de botão azul aberta na gola. Ilya ficou surpreso, não pela primeira vez naquela noite, pela beleza de Shane, e pelo tanto que tudo aquilo lhe parecia certo. Shane e Ilya, em casa, recebendo amigos para um jantar.

Mesmo que os amigos meio que fossem um pé no saco.

— Você prometeu que não ia ser cuzão, Hayd — reclamou Shane.

— Verdade — confirmou a esposa de Hayden. — Prometeu mesmo. — Ela ofereceu a mão a Ilya. — A propósito, meu nome é Jackie.

— Jackie — repetiu Ilya. — Muito prazer em te conhecer. Seu marido… não sei ainda.

— Ele vai se comportar. — Jackie era uma mulher belíssima de cabelo escuro, olhos verdes brilhantes e um corpo atlético. Areia demais para o caminhãozinho de Hayden.

Shane dirigiu todos à sala de estar espaçosa. Ilya foi até a cozinha para guardar a garrafa que ganharam de presente e pegar o vinho (melhor) que já tinham aberto. Ele com certeza precisava de vinho. Quando entrou na

sala de estar, as coisas já estavam tensas; Jackie estava puxando papo com Shane a respeito da lareira elétrica enquanto Hayden encarava o chão com as mãos fechadas entre os joelhos.

Ilya dispôs quatro taças de vinho na mesinha de centro, depois imediatamente pegou uma e serviu com abundância. Sem dizer nada, entregou a Hayden, que parecia estar precisando. Hayden aceitou com um balançar cauteloso de cabeça, e, como não tinha classe nenhuma, deu um golão. Depois de ter engolido, secou a boca com o dorso da mão, fez menção de colocar a taça na mesa, depois pareceu pensar melhor e a levou de volta aos lábios para beber mais uma vez.

— Eu estava dizendo ao Shane o quanto esta casa é linda — comentou Jackie.

Ilya lhe entregou a próxima taça de vinho, pela qual ela agradeceu antes de dar um gole curto e sensato.

— Sim — concordou Ilya. — Querem fazer um tour? O banheiro master tem um chuveiro ótimo. — Ele olhou diretamente para Hayden e deu uma piscadinha. — Cabem duas pessoas.

Hayden travou o maxilar e voltou a pegar a taça de vinho que tinha acabado de deixar sobre a mesa.

— Como estão as crianças? — indagou Shane depressa. — Como está a Amber?

— Ótima! — falou Jackie, animada. — Ela gosta de fazer tudo, é claro, agora que começou a andar.

Ilya considerou suas opções de onde se sentar. Shane e Jackie estavam ocupando as duas poltronas mais próximas da lareira. Hayden estava sentado na ponta do sofá de frente para eles. Ilya podia se sentar na outra ponta, mas escolheu a opção mais irritante, empoleirando-se no braço da cadeira de Shane. Em vez de entregar o vinho a Shane, Ilya colocou o braço ao redor dos ombros dele e pairou a taça em frente a seus lábios. Shane tombou a cabeça para trás para olhar para ele de um jeito mais irritado que encantado, depois pegou a bebida.

— Eu adoraria conhecer os filhos de vocês — falou Ilya. — O Shane me contou muitas histórias sobre eles. — Não era necessariamente verdade. Não a parte das histórias. Mas Ilya gostava mesmo de crianças, e os Pike tinham mais que o suficiente. Ele deu um sorriso caloroso para Jackie, que retribuiu.

— Que fofo — disse ela. — Quem sabe na próxima vez que estiverem na cidade vocês não dão uma passadinha lá à tarde. As crianças amam o tio Shane.

Ilya cutucou o namorado.

— *Tio Shane*.

— Não tenho sido um bom tio nesses últimos tempos. Ando tão ocupado.

— A culpa é minha — confessou Ilya.

— Deus do céu — murmurou Hayden.

Jackie olhou feio para o marido, e Shane se levantou.

— Melhor a gente comer.

Hayden se pôs de pé com a mesma rapidez.

— Aham. Com certeza. Bora comer.

Enquanto Ilya seguia para a sala de jantar, Shane puxou o braço dele para segurá-lo.

— Para com isso — sibilou.

— Isso o quê? — indagou Ilya, fingindo inocência.

— Você está perturbando o Hayden de propósito.

— Tô nada. Nem perguntei pra Jackie o que ela vê nele! Eu tô sendo um anjo.

O rosto de Shane ficou sério e adorável.

— Se comporta — alertou.

Em resposta, Ilya beijou a testa dele.

— Sempre, *moy lyubovnik*.

Ele levou um momento se deliciando com o rubor que sempre aparecia nas bochechas de Shane quando Ilya usava termos carinhosos em russo. Definitivamente ia precisar manter a taça de Shane cheia naquela noite. Queria que ele se soltasse e se divertisse, para depois ficarem de chamego na cama.

Shane convidou Hayden e Jackie para se sentarem à mesa de jantar antes de correr para a cozinha. Ilya encheu novamente as taças dos convidados antes de dizer:

— Desculpem deixar vocês sozinhos, mas vou lá ajudar ele.

— Claro — disse Jackie. Hayden assentiu com a boca cheia de vinho.

Ilya foi para a cozinha, mas parou por um momento para se apoiar na entrada e observar Shane botando uma colher em uma panela grande no

fogo e a levando aos lábios para experimentar. Ele soprou de leve algumas vezes antes de enfiar a colher na boca. Franziu o cenho em concentração enquanto considerava se estava bom o suficiente para servir seus melhores amigos. Foi fofo, e Ilya o amava.

— Como está? — perguntou Ilya, se afastando da entrada para ir ficar desnecessariamente perto de Shane na cozinha espaçosa.

— Acho que tá bom — falou Shane, embora não soasse tão convicto. — Acha que está salgado demais?

Ilya o beijou, sentindo apenas o restinho do *coq au vin* em sua língua.

— Está uma delícia — falou ao se afastar.

— Para de graça — disse Shane, inquieto. Ele deu um pigarro e acrescentou: — Experimenta direito.

Ilya revirou os olhos e pegou uma colher limpa, que enfiou na panela, depois fez cena levando-a à boca. Passou a colher por entre os lábios e sugou as bochechas, gemendo ao chupar e saborear o caldo encorpado. O ensopado estava até que bom. Já a cara de tesão de Shane, deliciosa.

— Está bom — disse Ilya depois de tirar a colher da boca com um estalo molhado. — Onde tá a salsinha que cortei?

Cozinhar tinha sido um hábito que ele e Shane haviam criado juntos. Era divertido encontrar receitas e aprender novas técnicas na cozinha. Trabalhar em conjunto em uma coisa, em vez de competir (não que *nunca* fosse competitivo). Além do mais, quando acabavam, tinham comidas maravilhosas para comer. E Ilya tinha quase certeza de que a sensação de missão cumprida dava tesão em Shane. Só vantagens.

Usaram uma concha para colocar o caldo em tigelas brancas; Ilya ia limpando quaisquer gotas respingadas nas bordas com um pano. De um jeito artístico, jogou um pouco de salsinha em cima de cada um, depois roubou um beijinho rápido antes de levar a comida para as visitas.

— Caramba! — exclamou Jackie, entusiasmada, quando Ilya botou uma das tigelas diante dela. — Vocês que fizeram?

— Foi — respondeu Ilya. Olhando para a comida agora, ficou um tanto orgulhoso. Shane levou as duas tigelas restantes, depois voltou para a cozinha para pegar uma cesta cheia de pão que tinha comprado na padaria pela manhã.

— O que é isso? — Hayden cutucou o ensopado com a colher como se suspeitasse que Ilya tinha colocado navalhas no preparo.

— *Coq au vin* — disse Shane, todo orgulhoso de si (e em um sotaque perfeito) ao voltar com o pão.

— É francês — acrescentou Ilya, para ajudar. Hayden o olhou feio.

Todos comeram sem falar por algumas colheradas. Ilya ficou se perguntando quem ia ceder primeiro. Com zero surpresa, foi Shane.

— Ouviu falar da suspensão do McFarland?

Hayden ergueu os olhos, e Ilya conseguiu ver o alívio neles.

— Ouvi! Puta que pariu, né?

Os dois fofocaram sobre a mais recente suspensão por conduta fora do gelo, e Ilya aproveitou a oportunidade para dar a Jackie um sorrisinho de empatia. Ela devolveu o gesto e revirou os olhos. Quando Shane tocou no assunto das novas regras propostas acerca das mudanças na linha de defesa, Ilya decidiu intervir e bancar o herói.

— Que tal não falarmos de hóquei hoje? — sugeriu, num tom ameno.

— *Obrigada* — disse Jackie.

Infelizmente, ninguém deu indícios de ter um tópico alternativo a se discutir, então os quatro voltaram a um silêncio constrangedor.

— Bem, precisamos falar sobre *alguma coisa* — reclamou Shane depois de um minuto ter se passado.

— Podemos falar de como o Hayden tá empurrando os cogumelos no prato como se tivesse cinco anos de idade — ofereceu Ilya.

Hayden baixou a colher com um tilintar alto.

— Podemos falar do que caralhos o Shane vê em você.

— *Hayden* — repreendeu Jackie.

— Ah. — Ilya assentiu, como se tivesse entendido algo. — Você tá com ciúmes.

— O quê? Não! — retrucou Hayden. — Não estou com *ciúmes* de você. Eu não… Shane, eu te amo, você sabe disso, mas eu não… — Ele se virou para Ilya, que agora estava se divertindo como nunca. — Meu deus, minha esposa tá *bem aqui*, seu infeliz de merda. E você sabe que não foi isso o que eu quis dizer.

Ilya só deu de ombros. Tinha falado da boca para fora, mas agora estava começando a se perguntar se podia ter um fundo de verdade.

— A comida está maravilhosa — elogiou Jackie, provavelmente querendo desviar a conversa de se o marido tinha ou não uma crush enorme em Shane. — Eu nem sabia que você cozinhava, Shane.

— É, ele é cheio de surpresas mesmo — resmungou Hayden.

Ilya conseguia ver a tensão no maxilar de Shane e em seus olhos.

— Comecei a gostar de cozinhar nesse último ano — contou Shane, depois de um gole na água. Ilya reparou no leve tremor em seus dedos ao baixar o copo. — É algo que fazemos juntos, quando dá.

— Que legal isso — disse ela, e pareceu falar de coração. — Nós deveríamos cozinhar juntos qualquer hora, Hayden.

— Sou péssimo na cozinha.

— Você é péssimo no hóquei — indicou Ilya. — Mas ainda assim joga.

Hayden lançou um olhar suplicante a Shane.

— É sério? *Esse cara* aqui? Não tenho problema nenhum com você ser gay, mas…

— Que herói — ironizou Ilya.

Hayden se virou para ele.

— O Shane pode sair com o cara que ele quiser! Mas *você* é um babaca insuportável e nunca gostei de você.

— Meu deus, Hayden — murmurou Jackie.

Ilya arqueou uma sobrancelha.

— Guarde um pouco dessas palavras para um discurso no nosso casamento.

— Porra, você nem pense em… — Hayden sacudiu a cabeça, depois voltou a jogar os cogumelos na tigela de um lado para o outro.

Houve um minuto tenso em que ninguém disse nada, depois Jackie perguntou, com uma quantidade perceptível de animação forçada:

— Então, Ilya, você chegou a voltar pra Rússia nas férias?

Meu deus, que pesadelo.

— Não — respondeu Ilya, sem pensar em mais nada a acrescentar, então se calou.

— Ele passou a maior parte do tempo no meu chalé — explicou Shane. — Depois, resolvendo as burocracias da mudança pra Ottawa.

— Ah, sim — falou Jackie. — E você está gostando de Ottawa?

— É ok — disse Ilya. — O time é péssimo, mas a cidade não é ruim.

— Não entendo por que você abandonaria um time forte como o Boston para jogar pelo Ottawa — comentou Hayden.

— Tenho certeza de que tem muita coisa que você não entende mesmo.

— Ilya — repreendeu Shane, exausto.

— O que vai acontecer quando vocês terminarem, Rozanov? — prosseguiu Hayden, balançando o garfo entre Shane e Ilya. — Vai assinar um contrato com Anaheim ou algo do tipo?

Shane devia ter pressentido que Ilya estava prestes a dizer algo que quase certamente teria feito Hayden bater a taça de vinho na mesa e atacar o rosto do russo com o caco, porque botou a mão no antebraço de Ilya e disse:

— Será que vocês podem dar um tempo? Por favor?

— Sim, Hayden. Vê se cresce — reclamou Jackie. — Além do mais… — Ela chegou mais perto, botando as mãos na taça de vinho, seus olhos reluzindo. — Quero saber como foi que vocês se conheceram.

Ilya riu pelo nariz, sem conseguir evitar.

— Quer dizer — falou Jackie, abanando a mão no ar para se corrigir —, não como vocês *se conheceram*. Todo mundo sabe essa parte, óbvio. Mas a primeira vez que vocês… sentiram uma faísca?

— Aposto que o Shane estava bebaço — grunhiu Hayden.

— Nem todo mundo precisa usar álcool para fazer alguém cair na nossa lábia — disse Ilya. Hayden corou, provavelmente percebendo que Shane devia ter contado a Ilya de como ele e Jackie tinham se conhecido em uma boate anos antes.

— Eu não estava bêbado — falou Shane baixinho. — Nem tinha idade pra beber legalmente.

— Espera — falou Hayden. — Dá uma segurada aí. Você me falou que isso vinha rolando há um tempo. Achei que estivesse falando de uma, duas temporadas no máximo. Não de… Porra, vocês eram novinhos assim quando… Quer dizer. Da primeira vez que vocês… Ah, caralho, não dá. Vocês entenderam o que quis dizer.

— Dezenove — falou Ilya.

Ao mesmo tempo, Shane disse:

— Dezoito.

Ilya olhou para ele com curiosidade.

— A gente tinha dezenove da primeira vez que…

— Ah — disse Shane. — Achei que a pergunta fosse a primeira vez que nós sentimos, hm, faíscas. — Suas orelhas estavam muito vermelhas, e Ilya queria mordê-las.

— Sim — concordou Ilya. A voz tinha ficado mais suave, mas ele não ligava. — Dezoito, então. Tem razão.

O semblante com que Shane o encarou em resposta foi tão caloroso e fascinado que Ilya ficou se perguntando se seria muita grosseria de sua parte empurrar Hayden e sua querida esposa porta afora naquele exato instante.

— Então, onde vocês estavam? — indagou Jackie, acabando com o momento. — Quando vocês tinham dezoito anos?

— Foi em, hm… — começou Shane, mas depois pareceu ser sufocado pelo constrangimento da lembrança.

— Uma academia de hotel — completou Ilya. — Na noite em que nós dois fomos escalados.

— Uma academia *pública*? — Hayden estava com cara de quem ia desmaiar. — Antes mesmo de vocês serem estreantes? Tão zoando comigo, né?

— Não aconteceu nada aquele dia! — explicou Shane depressa. — Não foi assim. Eu só… senti uma coisa.

— Tesão — respondeu Ilya.

— *Não*. Talvez. Cala a boca. — Shane bufou. — Será que a gente pode parar de falar disso?

— Com certeza — falou Hayden.

Os quatro se calaram. Comeram em silêncio por mais vários minutos desconfortáveis antes de Hayden colocar a colher ao lado da tigela de cogumelos e falar:

— Você vai pra Ottawa amanhã, Rozanov?

— Sim. Mas não se preocupe. Volto em duas semanas.

Essa visita, como ele suspeitava que a maioria delas fosse ser durante sua primeira temporada morando a poucas horas de distância, seria curta. Ele tivera o dia de folga, então fora para Montreal imediatamente depois de jogar em Ottawa na noite anterior. Chegara depois da meia-noite, e, apesar de Shane ter que se levantar cedo para o treino, tinham passado horas acordados juntos. Na tarde do dia seguinte, Ilya ia pegar um avião para Vancouver e só voltaria para Ottawa dali uma semana. Ia ter um dia de folga quando retornasse, mas infelizmente Shane estaria viajando quando isso acontecesse.

Não ia ser fácil, mas com certeza era melhor do que antes. A temporada anterior tinha sido pura agonia. Ilya ainda jogava em Boston na época, e saber que Shane estava *apaixonado* por ele dificultou muito guardar o segredo. Antes de admitirem os sentimentos um para o outro, Ilya sempre gostara de fazer tudo por baixo dos panos. Gostava de que Shane Hollander fosse seu segredinho sexy. Porém, aqueles últimos quinze meses não tinham sido nem um pouco divertidos.

Por isso Ilya não tinha ficado lá tão animado quando Shane sugeriu que recebessem Hayden e Jackie para um jantar. As noites juntos eram tão poucas e esparsas que Ilya não queria compartilhar nem uma com mais ninguém. Muito menos com o infeliz do Hayden Pike.

Hayden tinha descoberto a verdade ao acaso uma semana antes, quando brincou que Shane estava namorando Ilya em segredo. Shane, que Ilya sabia que só estava esperando o momento certo para contar ao melhor amigo que era apaixonado por Ilya Rozanov, aproveitara a oportunidade e contara tudo. Hayden, como esperado, havia ficado abismado.

Aquele jantar era importante para Shane, e Ilya sabia que o propósito da noite era fazer Jackie, e sobretudo Hayden, entenderem o que Shane via nele. Ilya certamente não precisava convencer ninguém de que era digno da afeição de Shane. Eles que fossem à merda. Não era dever dele, nem de Shane, explicar o relacionamento a ninguém.

Depois do jantar, se retiraram para a sala de estar. Fora um comentário ocasional sobre um móvel em específico ou uma pergunta sobre os pais de Shane (ambos vindos de Jackie), o cômodo se manteve em silêncio. Ilya decidiu botar uma música para tocar baixinho para que não parecesse que estavam em uma sala de espera de hospital. Depois de mais quinze minutos de conversas tênues com Post Malone cantando ao fundo, ele foi para a cozinha pegar mais vinho.

Por um instante, considerou a vodca, mas decidiu que não seria a melhor escolha por terem que acordar mais cedo no dia seguinte. E pelo fato de que preferiria Shane meio carente do que enjoado demais.

Quando Ilya voltou, Shane e Jackie estavam perto do corredor que levava às escadas.

— Vou mostrar a casa pra Jackie — falou Shane. Ilya conseguia muito claramente ler a mensagem oculta nas palavras de Shane: *Fica aqui e conversa com o Hayden*.

Caralho. Era melhor ter pegado a vodca.

Encheu a taça de Hayden, depois sua própria, e então se sentou no canto oposto do sofá.

— Então… — disse Ilya.

— O que está fazendo com ele? — perguntou Hayden de repente. — O que você tá aprontando?

— Aprontando?

Hayden ficou de pé e pairou sobre Ilya no que provavelmente era para ser uma tática de intimidação.

— Isso aqui é piada pra você? Ou você só curte ficar brincando com a cabeça dele?

— Olha, de fato curto muito brincar com a cabeça dele. Sim.

Hayden cerrou as mãos em punho.

— Não foi o que eu quis dizer e você sabe disso! O Shane é, sei lá, proibido. É esse o apelo pra você?

Ilya arqueou as sobrancelhas.

— Você menospreza muito seu melhor amigo.

— É *você* que eu menosprezo.

Ilya suspirou e cruzou as pernas com indiferença.

— E *com quem* o Shane deveria estar, então?

— Com um cara legal! Alguém que… sei lá! — Hayden jogou as mãos no ar. — Alguém que de fato *se importa* com ele?

Certo, bastava então. Ilya ficou de pé, o que o deixava quase que uns vinte centímetros mais alto que Hayden. No espaço apertado entre o sofá e a mesinha de centro, Hayden teve que levantar o rosto para continuar encarando-o.

— Você acha que sabe o que é melhor pra ele?

— Sim. Eu o conheço desde que éramos estreantes.

Os lábios de Ilya curvaram para cima.

— Não sei se você estava prestando atenção no jantar, mas eu também.

— Bem, eu não teria como saber! Ele nunca nem falou de você, cacete.

— Que engraçado. Ele também não falava muito de você.

— Sou o melhor amigo dele.

— E eu sou o namorado dele.

— Você também já dormiu com umas mil mulheres!

Ilya franziu o nariz.

— Mil acho que não.

Ele começou a fazer alguns cálculos mentalmente, mas foi interrompido quando Hayden disse:

— Quem você acha que tá enganando? Você obviamente não é, você sabe, *gay*.

— Nunca ouviu falar em bissexuais?

Hayden semicerrou os olhos.

— Ah, bissexual, é?

Ilya assumiu um tom demasiadamente entusiasmado e educativo:

— Algumas pessoas gostam de maçãs. Outras gostam de laranjas. *Algumas* gostam de maçãs *e* de laran…

— Ah, vai se foder. Eu sei que o que significa.

— Então sabe que posso dormir com um milhão de mulheres e ainda assim me apaixonar pelo seu brother Shane.

Hayden sacudiu a cabeça, parecendo mais frustrado que nunca.

— Você faz *alguma* ideia do que vai acontecer com ele se esse segredo vazar?

Ilya bufou.

— Sim. Já me passou pela cabeça uma ou duas vezes.

— Não vou deixar você machucar ele.

— Ok.

— É sério. — Ao dizer isso, Hayden empurrou o peito de Ilya com as duas mãos.

— Vocês estão de brincadeira comigo, né, porra? — Ambos os homens viraram a cabeça para Shane, parado na entrada da sala. — É sério mesmo?

— Ele que começou — disse Ilya. Aquilo soava idiota até para ele mesmo.

Shane apontou para Ilya.

— Sabe quanto tempo esperei para fazer isso? Apresentar você aos meus amigos como meu namorado? O Hayden e a Jackie são meus *melhores amigos* e você tá sendo um babaca.

— Tá mesmo — concordou Hayden, convencido.

— E você! — acrescentou Shane, direcionando sua fúria a Hayden. — Você tá agindo como se eu tivesse conhecido o Ilya ontem ou algo do tipo. Só porque você acabou de descobrir da gente não quer dizer que nosso

relacionamento seja novo. Nosso lance é sério pra caralho, mesmo se você não quiser acreditar. Mesmo se não quiser considerar o fato de que estamos guardando isso em segredo há quase dez anos, porra!

— Shane — gaguejou Hayden. — Eu…

— Você faz ideia do *medo* que eu senti esse tempo todo? Sabe o quanto é assustador sentir atração pelo seu arquirrival quando você tem só *dezoito* anos e esse rival por acaso ser um *cara*?

Certo, talvez Ilya não devesse ter enchido a taça de Shane tantas vezes quanto tinha feito.

— Porra, faz tanto tempo que vivo assustado e solitário, e hoje era para acabar com parte disso, mas vocês estão agindo feito crianças. Vão se foder vocês dois.

Houve um silêncio *ensurdeceder* que pairou no cômodo pelo que pareceu uma hora, e então Hayden disse, bem baixinho:

— Você podia ter me contado, Shane.

— O quê?

Dessa vez, a voz de Hayden saiu mais forte.

— Você podia ter me contado. Odeio o fato de você ter escondido isso de mim esse tempo todo. De ter achado que precisava.

Caramba, pior que foi muito legal da parte dele falar isso.

— Dói, sabe? — concluiu Hayden.

A boca de Shane estava aberta, e Ilya estava indeciso entre falar em nome dele e esperar para ver o que ele ia dizer. E acabou que a curiosidade falou mais alto.

— Não dava — disse Shane por fim. — A gente não tinha nem falado *um pro outro*. Levamos anos para entender o que sentíamos. Eu mesmo levei um tempão para entender que sou gay. Mas quando botamos os pingos nos is, eu quis te contar. E contei. Depois de um tempo.

— E — emendou Ilya, porque não conseguia se segurar — você tá aceitando superbem.

Shane lançou um olhar de alerta para ele. Ilya desviou o rosto.

— Achei que você odiasse ele — disse Hayden. — Nós sempre falamos do quanto odiávamos ele. Anos e anos! E aí do nada eu descubro que você não só não odeia ele como… Assim, você deve amar esse cara pra caralho, né? Só pode, pra passar por tudo isso.

A forma inabalável com a qual Shane fitou os olhos de Hayden ao responder um mero "Sim, eu amo mesmo" deixou Ilya sem fôlego.

— Caramba — falou Jackie, lembrando Ilya de que ela também estava presente. De que havia outras pessoas na terra naquele momento além dele e de Shane.

— Sim — murmurou Ilya, sem conseguir tirar os olhos do queixo erguido em determinação de Shane.

— Me desculpa. — Hayden parecia ter perdido as forças de brigar. — Estou me colocando como protagonista dessa história, mas não sou. Esse jantar era importante pra você, e fiz merda.

Shane pareceu ter sido pego de surpresa, porque abriu a boca e a fechou algumas vezes antes de enfim assentir e dizer:

— Tudo bem. Obrigado por reconhecer.

— E — Hayden se virou para Ilya — se o Shane te ama ou sei lá o quê, então acho que você não deve ser tão ruim assim.

— Tem coisas boas em mim, eu acho.

Hayden esfregou a mão no rosto.

— Como é que vocês vão continuar escondendo isso? Vocês pelo menos têm um plano?

— Na verdade — disse Shane —, temos. Vai lá se sentar e o Ilya vai buscar os cookies que comprei de sobremesa. — Ele fixou o olhar em Ilya, que assentiu. — E aí vamos te contar sobre a Fundação Irina.

Duas horas depois, Shane estava fechando a porta atrás de Hayden e Jackie. Ilya botou uma mão de leve na lombar de Shane, que deu meia-volta e foi pisando duro para a cozinha.

Xiii.

— Shane? — chamou, mas ele sabia que Shane não ia se virar, nem responder, então Ilya seguiu o namorado fulo da vida e o encontrou botando a louça na máquina, furioso.

— Você ainda tá bravo — observou Ilya.

Em resposta, Shane mexeu no rack inferior da lava-louças com tanta força que ela bateu nos fundos da máquina, provocando um tilintar alto de pratos e talheres.

— Comigo? — perguntou Ilya.

— Sim — respondeu Shane por entre os dentes. — Não. Não sei. — Ele cruzou os braços sobre o peito e encarou a janela. — Odeio isso.

— A janela?

— Não. Tudo isso. — Gesticulou entre ele e Ilya, que sentiu um aperto no peito.

— Você odeia… nós?

Shane fechou os olhos com força. Quando os abriu de novo, seu olhar estava mais triste que bravo. Ilya preferia o bravo.

— Odeio que a gente precise se esconder. Odeio só ter esses momentos roubados com você. Tantos anos nessa já, e tô cansado.

O coração de Ilya relaxou. Ele deu um passo em direção a Shane, querendo tocá-lo, mas não que ele saísse bravo de novo.

— Eu sei.

— Não é justo! O Hayden e a Jackie podem, sabe, só *existir*. Na noite em que se conheceram, vi os dois se pegando na pista de dança.

— Pervertido — provocou Ilya.

— Tô falando que *vi* acontecendo. Não *fiquei olhan…* Ah, quer saber, cala a boca. A questão é que eles tinham acabado de se conhecer e já puderam ficar se pegando pro mundo inteiro ver, sem que precisassem se preocupar por um segundo sequer com a possibilidade de alguém ver.

— Ou de o amigo esquisito deles estar observando.

Shane franziu os lábios, e Ilya sabia que ele estava tentando não sorrir. Tomou isso como vitória.

— Eles começaram a namorar, e então noivaram alguns meses depois e todo mundo no time parabenizou o Hayden. Tiveram um puta casamento e ninguém ficou, tipo, horrorizado nem abismado por eles estarem juntos. — Ele soltou o ar. — Como é que é isso?

— Você deve ter tido um gostinho disso quando estava saindo com a Rose Landry.

Shane grunhiu.

— Meu deus, Ilya. Faz uns dois anos. Esquece isso.

Ilya amava provocá-lo por causa de Rose Landry, então, não. Não ia esquecer. Depois de tudo, Rose tinha se tornado uma das amigas mais próximas de Shane, e era uma das poucas pessoas que sabia sobre eles dois. Ilya gostava muito dela, na verdade.

— Eu queria me sentir *normal* hoje — Shane suspirou.

— Quer um relacionamento normal? — Ilya torcia para que não, porque isso com certeza era algo que ele nunca poderia oferecer a Shane, por mais que quisesse.

— É que não é justo, só isso. O Hayden não para de te criticar, e de botar bedelho no nosso relacionamento, como se não passasse de uma piada ridícula. E você não ajuda *em nada*. Assim, quero muito que as pessoas entendam por que eu te amo, mas você é péssimo pra caralho em mostrar isso a elas.

Ah.

— Quer que eu seja diferente?

Shane deixou os braços caírem nas laterais do corpo.

— Quero que você não seja babaca o tempo todo.

— Desculpa — disse Ilya, torcendo para a sinceridade transparecer em suas palavras.

Shane riu sem humor e se virou para a pia. Mexeu em algumas panelas, obviamente fingindo estar ocupado, até Ilya pará-lo ao colocar a mão em seu braço.

— Sabe o que eu fiquei pensando a noite toda? — indagou Ilya, a voz suave. — Enquanto estava sendo cuzão?

Os ombros de Shane enrijeceram.

— O quê?

— Fiquei pensando — Ilya chegou mais perto, alinhando o corpo com o de Shane. Deixando o peito roçar nas costas dele — no quanto eu amei. Estar em casa com você. Até receber amigos. Ser um casal.

Os ombros de Shane relaxaram, e ele soltou o ar, bem forte.

— Também amo. Só queria que pudéssemos ter mais. — Ele se virou para Ilya, e seus olhos estavam tristes demais.

Ilya colocou a mão na lateral do rosto de Shane, passando o polegar sobre as sardinhas.

— Talvez eu não pense no quanto isso é injusto porque… — Ele parou por um momento, tentando escolher as palavras estrangeiras com cuidado. — Me sinto sortudo. Isso é mais do que já tive na vida.

O rosto de Shane ficou amassado de confusão. Para Ilya, aquela cara sem dúvidas entrava no top 3 de expressões de Shane Hollander.

— Como assim?

Ilya deu de ombros.

— Amor. Família. Tudo isso.

O semblante de Shane se suavizou. Por um momento, Ilya podia jurar ter visto um tremor em seu lábio, mas então Shane encostou a testa no peito de Ilya.

— Por que você é assim? — gemeu Shane na camisa de Ilya. — Será que não pode me deixar ficar irritado com você? Tem que estragar tudo falando coisas românticas assim?

— Achou romântico? Pra mim foi é patético.

Shane sacudiu a cabeça encostada no peito de Ilya, que o envolveu com os braços.

— Eu te amo — murmurou Shane.

Ilya beijou o topo de sua cabeça. Ele nunca se cansava de ouvir Shane dizer isso. Nada tinha ficado enjoativo entre os dois, mesmo que já tivesse se passado mais de um ano desde que trocaram aquelas palavras transformadoras pela primeira vez. Talvez fosse porque o tempo juntos sempre era curto e precioso. Quem sabe, um dia, quando estivessem velhos e aposentados e cozinhando juntos o jantar pela milionésima vez, o sangue de Ilya não fervesse com o som da voz de Shane.

Mas esse dia não tinha chegado.

Ilya entrelaçou os dedos no cabelo de Shane e puxou de leve, tirando o rosto de seu peito e o inclinando para cima de modo a encará-lo nos olhos.

— Você não tem nada pra me dizer? — perguntou Shane, sarcástico.

Os lábios de Ilya curvaram para cima, e em vez de repetir aquelas palavras, ele se abaixou e deu um beijo lento em Shane. Carinhoso. O tipo de beijo desapressado e cauteloso que Ilya sabia que Shane não suportaria por muito tempo. Dito e feito, depois de um minuto, Shane grunhiu e assumiu o controle. Beijou Ilya com voracidade, botando um tornozelo ao redor da parte posterior da perna de Ilya e colando ainda mais seus corpos.

Esse era o homem que Ilya amava. Bem ali. Gostoso, desafiador e descaradamente em chamas por Ilya. Sem nem olhar para o que talvez estivesse no caminho, Ilya puxou Shane para cima e o botou sentado na bancada. Algo fez barulho na pia e alguma outra coisa caiu no chão, mas nenhum dos dois reagiu. Continuaram se beijando e arrancando a camisa um do outro de dentro da calça. Shane puxou a camisa de Ilya para cima, amassando-a debaixo das axilas, depois passou as mãos sobre o peito de Ilya. Por cima da tatuagem de urso que cobria boa parte do peitoral

esquerdo do russo — que, àquela altura conseguia admitir para si mesmo que era um tanto exagerada, mas ele tinha dezoito anos quando fez, e, como Shane podia usá-la para provocá-lo, não a conseguia odiar.

Ilya interrompeu o beijo e se afastou um pouco, sorrindo enquanto Shane buscava sua boca, faminto, se esgueirando demais à frente e quase caindo da bancada. Ilya o estabilizou com uma das mãos, mas Shane apertou as pernas ao redor da cintura de Ilya e o puxou de volta, agarrando a nuca de Ilya e prendendo a boca dos dois. Ilya respondeu erguendo Shane da bancada e pegando forte em sua bunda. Ele os girou até que as costas de Shane estivessem coladas na parede ao lado da porta e continuou o beijo.

Shane estremeceu, encostado na parede, enquanto Ilya descia os beijos por seu pescoço.

— Quarto — pediu em um arquejo. — Preciso de você dentro de mim.

Ilya sorriu com os lábios no pescoço dele. Amava quando Shane pedia o que queria.

— Posso te comer bem aqui, *moy vozlyublenniy.*

— Não. *Porra*, talvez — respondeu Shane, ofegante. — O que isso significa?

— Meu animal tarado — mentiu Ilya.

— Vai à merda. — Shane soltou as pernas da cintura de Ilya e botou os pés no chão. — Quarto. Vem.

Passou por Ilya e foi direto para as escadas. Ilya o alcançou no patamar da metade do caminho. Agarrou o braço de Shane e o girou, prendendo-o contra a parede com as mãos em seus bíceps. Os lábios de Ilya pairaram a um suspiro de distância dos de Shane.

— O que quer que aconteça, eu… — Ilya bufou em frustração, o inglês falhando com ele mais uma vez.

— O quê? — Shane arregalou os olhos.

Ilya afrouxou a força no braço dele e baixou as mãos para segurar as de Shane.

— Vou contar pro mundo todo agora, se for o que você quiser.

Shane franziu o cenho.

— Faria isso mesmo?

— Sim.

Shane apertou as mãos de Ilya.

— Tô com medo — admitiu ele. — Eu só queria… ficar com você. Mas também não quero ter que lidar com tudo com que a gente tem que lidar. E não quero te perder.

— Você não vai me perder.

— E se ninguém mais quiser contratar a gente? E se você for *deportado*?

— Finjo minha própria morte e a gente se muda pra uma cabana nas montanhas.

Shane sacudiu a cabeça.

— Eu tô falando sério.

— Eu também. Quer a gente precise se esconder pra sempre ou contar pro mundo agora, de qualquer forma, estou com você. Largo o hóquei ou luto para ficar. O que você quiser.

— Não deveria ser uma decisão exclusivamente minha.

Ilya suspirou.

— Assim… Eu sou seu, sim? Para proteger isso, faço o que for preciso.

Os olhos de Shane lacrimejaram.

— Você é meu. Sim.

— Então… — Ilya afastou a franja de Shane. — Deixa eu te mostrar.

Quando chegaram ao quarto, ficaram na ponta da cama, se beijando por longos minutos. Depois de um tempo, Ilya começou a tirar a roupa de Shane. Com cuidado, tirou cada peça, cobrindo a pele recém-exposta com beijos leves e mordidinhas enquanto Shane estremecia. De manhã, Ilya iria embora, e só voltariam a se ver em algumas semanas, mas ele faria questão de que Shane não duvidasse de sua devoção enquanto estivessem longe. Passaria o resto daquela noite venerando ele. Ilya poderia muito bem dormir no voo.

— Seu — disse Ilya mais uma vez, ficando de joelhos. Deu beijinhos ao redor do umbigo de Shane e nas linhas de seu abdômen. Ergueu o rosto para fazer contato visual com Shane e encontrou um desejo ardendo em seus olhos. Ele estava lindo, iluminado por trás pelo brilho suave da luminária que ficava do lado da cama. Sombras se formam nos contornos rígidos de seu peito e abdômen, acentuando a definição dos músculos.

— Seu — sussurrou Shane de volta.

Ilya assentiu devagar, depois puxou a calça de Shane até o chão. Depois de a roupa ter sido chutada para um canto do quarto, Ilya botou a boca no

volume da cueca de Shane. Deu uma fungada ali, por cima do tecido preto, depois lambeu o contorno da ereção e baixou a cabeça para as bolas.

— Puta que pariu, que delícia — disse Shane, arquejando. Ele botou os dedos no cabelo de Ilya, segurando firme, mas sem assumir o controle. Ilya continuava no comando. Com o corpo, convenceria Shane de que tudo ficaria bem. Que estavam bem. Que sempre ficariam bem.

Quando a cueca de Shane já estava úmida e agarrada à ereção, Ilya a baixou e a tirou, depois a jogou em cima da calça no canto. O pau pulava na frente de seu rosto, mas Ilya o ignorou, voltando a atenção às bolas. Ele *amava* as bolas de Shane. Eram naturalmente lisas e tinham o formato perfeito. Amava a sensação de colocá-las na boca, o peso da necessidade de Shane de se aliviar.

— Caralho, Ilya. Uma noite dessas você vai me fazer gozar só assim, juro.

Ilya subiu e desceu as sobrancelhas.

— Poderia ser hoje.

Shane grunhiu, mas estava sorrindo.

— De jeito nenhum. Preciso que você me coma hoje. Por favor.

— Bem… — Ilya passou a mão pela extensão do pau de Shane. — Como você disse "por favor"…

— E pode tirar suas roupas? Por favorzinho?

Ilya se levantou e deu um beijo rápido em Shane antes de soltar os botões da própria camisa amassada apenas o suficiente para conseguir tirá-la pela cabeça.

— Na cama — instruiu ele. — E tira as porras das meias.

Em menos de um minuto, Shane estava deitado de barriga para cima e Ilya estava esticado sobre ele, nu, beijando-o e afundando-o no colchão.

Havia muitos motivos pelos quais seria péssimo se o mundo pudesse vê-los naquele momento, mas *se* fosse possível, as pessoas acabariam entendendo, né? Seria impossível não ver que o que ele e Shane tinham juntos era real e *bom* e irrefreável. Ele sabia que seria um choque para o mundo do hóquei quando finalmente fizessem a coletiva de imprensa que haviam planejado. Só anunciariam a inauguração da instituição de caridade conjunta e o fato de terem se tornado amigos, mas mesmo esses fatos básicos iam causar certo rebuliço.

Poderia beijar Shane na coletiva. Simplesmente puxá-lo e beijá-lo na frente das câmeras e dos repórteres. E fim.

Ilya pegou o lubrificante na gaveta da cômoda e se sentou sobre as coxas de Shane, passando o gel na mão e nos dedos.

Ilya Rozanov e seu namorado, Shane Hollander.

Ilya amava a sonoridade disso. A ideia de os comentaristas de hóquei dizendo essas palavras.

Ilya Rozanov e seu marido*, Shane Hollander.*

Ahhh. Ainda melhor.

Hollander passa o disco para seu marido sexy, Ilya Rozanov…

Certo. Talvez Ilya tenha pegado um pouco pesado no vinho.

Ele não se apressou relaxando Shane com os dedos, saboreando cada arquejo e gemido que seu namorado maravilhoso lhe dava. Shane se abria para ele de um jeito lindo, recepcionando os dedos de Ilya dentro de si. Ilya sempre ficava embasbacado com a facilidade com que Shane se entregava para ele; o quanto confiava que Ilya lhe daria exatamente o que precisava. Mesmo quando eram inimigos declarados, Shane confiava que Ilya não ia machucá-lo.

— Por favor. Ilya. — A voz de Shane estava fina. Decidindo que já o havia torturado demais, Ilya se esticou de novo para a cômoda.

Shane o deteve com o punho.

— Hoje não.

Ilya perdeu o ar. Tinham deixado as camisinhas de lado algumas vezes durante o último ano, mas Shane não gostava de lambança e geralmente preferia usar proteção.

— Tem certeza? — perguntou Ilya.

A determinação de Shane ficou clara em seus olhos, da mesma forma de quando ele dissera a Hayden que sim, amava Ilya demais.

— Tenho.

Bem, Ilya é que não ia reclamar. Tirou a mão do móvel e a colocou na bochecha de Shane, que lhe deu um sorrisinho lindo de partir o coração, e então Ilya o beijou com intensidade.

Entrar em Shane era o encaixe perfeito. A sensação sempre era maravilhosa, mas desse jeito, sem nada entre eles, era euforia pura. Antes de Shane, Ilya nunca tinha transado sem camisinha, e a adrenalina quase o desmontava toda vez que tentavam.

O rosto de Shane foi tomado por relaxamento e êxtase.

— Caralho, que delícia — murmurou. Ele abriu as pernas ainda mais e trouxe os joelhos mais para perto, implorando com sua linguagem corporal para Ilya ir mais fundo. Ilya agarrou as coxas de Shane, empurrando-as para trás de forma impressionante para poder meter o máximo possível.

Cacete. Ilya precisaria comprar um presente de agradecimento para a instrutora de ioga de Shane.

— Tá gostoso? — perguntou Ilya, só para garantir.

— Tá maravilhoso — confirmou Shane.

Ilya sorriu. Ainda se lembrava com carinho da primeira vez que Shane o chupara — que chupara alguém num *geral* — quando tinham dezenove anos e Shane morria de medo dos próprios desejos. Tinha ficado tão incerto quanto ao que fazer, mas tão determinado a fazer direito.

A verdade era que, na época, Ilya provavelmente estava tão assustado quanto Shane. Só soubera esconder melhor.

A primeira vez que Ilya comera Shane tinha sido alguns meses depois disso, e Ilya se preocupara demais em fazer parecer que não era nada de extraordinário. Como se estar dentro de Shane não tivesse sido uma revelação. Quando acabou, saíra do quarto de hotel o quanto antes, com medo do que poderia dizer ou fazer se passasse mais um minuto lá dentro.

Agora, até que enfim podia dizer ou fazer o que quisesse. Não havia mais por que esconder seu coração.

— Amo isso, Shane. Te amo tanto. Você é lindo. Perfeito. — Ele virou a cabeça e beijou o tornozelo de Shane. — Perfeito — repetiu.

— Eu te amo. Amo você dentro de mim. Porra, que delícia. É sempre tão gostoso, Ilya. Quero que você goze aí dentro.

Ilya grunhiu em resposta e aumentou a velocidade das metidas, querendo dar a Shane o que ele precisava. Querendo preenchê-lo. Shane estava batendo uma, o que Ilya sempre gostava de ver. Seus dedos fortes voavam sobre o pau, e ele estava com as costas arqueadas sobre a cama. Caralho, ele era espetacular.

Shane gritou quando seu orgasmo lançou jatos sobre seu peito, o cu apertando ao redor da pica de Ilya.

— Vou gozar — alertou Ilya, porque puta que pariu.

— Isso — falou Shane, a voz rouca. — Goza pra mim. Vai.

Mais duas metidas e Ilya se aliviou dentro de Shane. Tentou manter o contato visual enquanto o prazer percorria seu corpo, impossibilitando sua fala. Quando a onda do orgasmo enfim baixou, ele puxou Shane para cima e o beijou, abraçando-o bem forte.

— Caralho — disse Shane, ofegante. — A gente é muito bom nisso.

— Os melhores — concordou Ilya.

Mais tarde, depois de terem se limpado e se deitado para ficarem aninhados debaixo das cobertas, Shane falou:

— Então… Duas semanas?

— Duas semanas.

O tempo que levaria até seus times se encontrarem para uma partida em uma noite de sábado. Decidiram que a coletiva de imprensa aconteceria na manhã seguinte à partida.

Um silêncio denso se estendeu entre os dois. Quantas mudanças os aguardavam? Será que seria muito mais difícil manter a relação verdadeira em segredo? Seria fácil se esconderem às claras, fingindo ser amigos? Amigos que passavam o verão juntos? Que se visitavam mesmo durante as temporadas? Que inauguraram uma caridade juntos?

Ilya supunha que nada disso importava de fato. Iam agir e lidar com as consequências quando elas chegassem.

— Tô pronto — disse Shane, a voz límpida e firme.

— Sim — respondeu Ilya, tranquilo. — Eu também tô.


#81
#24

Confira nossos lançamentos, dicas de leituras e novidades nas nossas redes:

editoraAlt

editoraalt

editoraalt

editoraalt

Copyright © 2019 by Rachelle Goguen
"My Dinner With Hayden" Copyright © 2023 by Rachel Goguen
Copyright da tradução © 2026 by Editora Globo S.A.

Esta edição foi publicada mediante acordo com a The Knight Agency, por meio da International Editors & Yáñez Co' S.L.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Título original: *Heated Rivalry*

Editora responsável **Paula Drummond**
Editora de produção **Agatha Machado**
Assistentes editoriais **Giselle Brito e Mariana Gonçalves**
Preparação de texto **João Pedroso**
Revisão de texto **Ana Sara Holandino e Paula Prata**
Diagramação **Guilherme Peres**
Projeto gráfico original **Laboratório Secreto**
Ilustração e design de capa **Mika Serur**
Editora de livros digitais **Anastacia Cabo**
Produção do e-book **Ranna Studio**

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R284r

Reid, Rachel
Rivalidade ardente / Rachel Reid ; tradução Carlos César da Silva. - 1. ed. - Rio de Janeiro [RJ] : Globo Alt, 2026.

Tradução de: Heated rivalry
ISBN impresso: 978-65-5226-130-4
ISBN digital: 978-65-5226-134-2

1. Ficção canadense. I. Silva, Carlos César da. II. Título.

25-102425.0

CDD: C813
CDU: 82-3(71)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

1ª edição, 2026

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.
Rua Marquês de Pombal, 25
20.230-240 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
www.globolivros.com.br